PÁG. 3: «A UNIVERSIDADE, O LICEU, A ESCOLA — UNIVERSOS FECHADOS»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUARTA-FEIRA, 31 DE DEZEMBRO DE 1969 N.º 16 893 ANO 49.º PREÇO 1$50

TAPETES ✱ CARPETES

Carpélio

UM PRODUTO DA CARPÉLIO MALHAS, S.A.R.L. TROFA

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO ÉLIO AMORIM & FILHO, LDA.

Suspense

— no final da viagem das vedetas israelitas esperadas hoje em Haifa

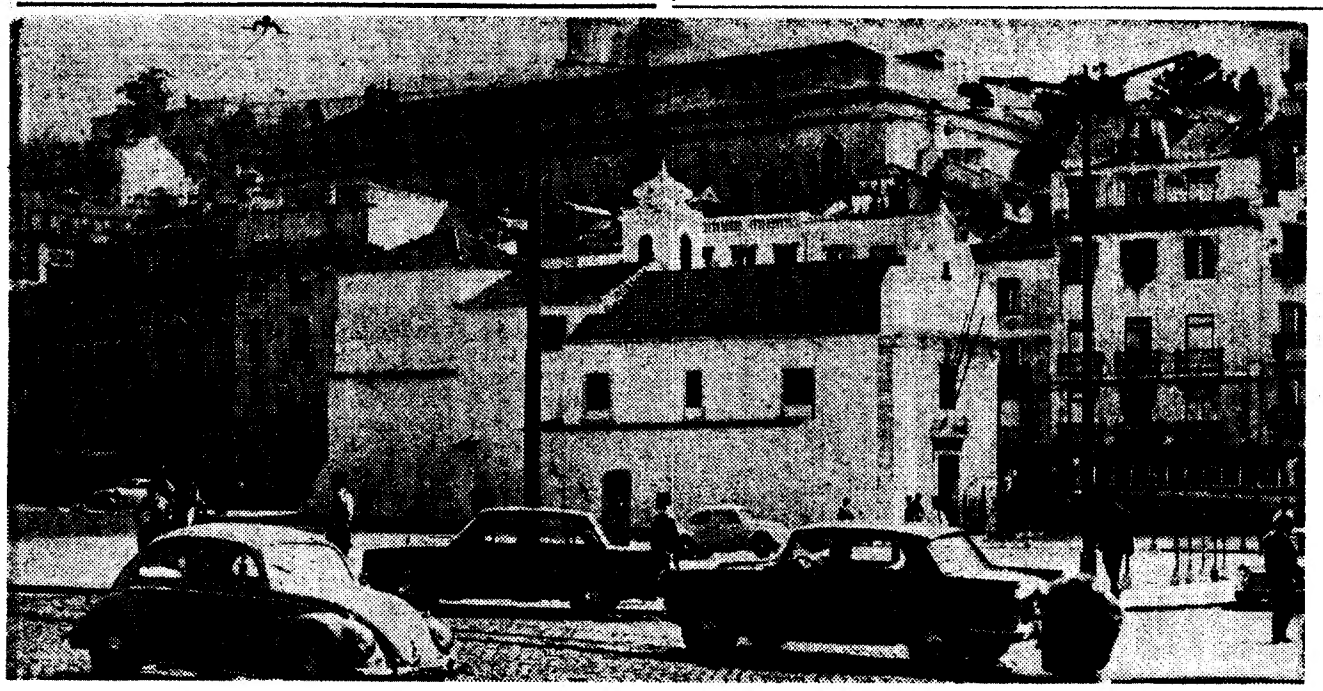
HAIFA, 31 — (R.) — As cinco vedetas que saíram de Cherburgo no Natal devem chegar hoje á tarde a Haifa, anunciaram círculos geralmente bem informados desta cidade.

(Continua na 18.ª página)

SUPLEMENTO ESPECIAL EM QUE COLABORAM

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS • MARIA JUDITE DE CARVALHO • SILVA COSTA • URBANO TAVARES RODRIGUES • MANUEL DE AZEVEDO • MÁRIO CASTRIM • NUNO VIEIRA • E. M. DE MELLO E CASTRO • ROCHA DE SOUSA • «EL TERRIBLE PEREZ» • JOAQUIM BENITE • NEVES DE SOUSA • ENCARNAÇÃO VIEGAS • LUIS FILIPE DE ABREU • LAURO ANTÓNIO • CARLOS FERNANDES • VÍTOR SILVA • ZÉ MANEL

'70



Neste sítio se elevava no século XVI (1506) uma ermida de invocação de S. Sebastião, advogado contra as pestes, construção que foi da iniciativa dos artilheiros de Lisboa. Em 1596, por deliberação do Arcebispo D. Miguel de Castro, a Igreja converteu-se em paroquial de S. Sebastião (Mouraria) e, assim, o bairro tomou a independência como freguesia. Só em 1662 passou a ter a denominação que ainda hoje conserva. A ermida (pois muitos ainda assim a consideram) constitui uma imagem piedosa da Lisboa velha. Oferece uma certa ingenuidade. Lembra, talvez, uma capela de aldeia. Dali sai, anualmente, a procissão da Saúde, um dos mais curiosos espectáculos da Lisboa religiosa, realizada pela primeira vez em 1570. Interrompida durante alguns anos, voltou a realizar-se e a ser o que era: um quadro de costumes lisboetas dos mais sugestivos — porque a Mouraria sempre foi plebeia, original, bairrista e enternecedora. (Reportagem na 2.ª página)

O autor de «A Banda»:

«NA HORA DE COMPOR É QUE ME SINTO COMUNICANDO»

«Bate-papo» com Chico Buarque de Holanda na 27.ª pág na

PUBLICAMOS NA 2.ª PÁGINA A GRAVURA N.º **21** DO NOSSO CONCURSO

A nossa iniciativa atinge a mais larga popularidade

UMA PARTICULARIDADE distingue Lisboa de outras cidades europeias, talvez mais belas e certamente mais ricas e também privilegiadas pela natureza e distinguidas pela história. Em Lisboa, o imprevisto contemplativo, o inesperado monumental, o inédito pitoresco, não se sucedem como em dioramas estáticos. Sobrepõem-se. E na sobreposição cenográfica não há atropelos. Lisboa não é uma cidade-exposição ordenada minuciosamente nem uma cidade-museu catalogada por espécies. É uma metrópole sugestiva, tecida de instinto, teatro não apenas na obra dos homens mas, também do seu destino de cidade universalista, com uma fisionomia que a distingue de todas as outras cidades da Europa. Por isso o nosso Jornal tomou a cidade como tema do concurso «Album de Lisboa» que ràpidamente interessou muitos milhares de leitores espalhados

(Continua na página seguinte)

QUAIS OS ASPECTOS MAIS NEGATIVOS DE 1969?

Respondem, na página central, Gilberto [illegible], Paulo Rocha, Álvaro Guerra, Luís Francisco Rebelo, Manuel de Lima, Rui Mário Gonçalves, Vítor Santos e Luna Adermatt.

Amanhã, como em igual dia dos anos anteriores, encontram-se fechados os nossos escritórios e oficinas, pelo que não se publica o «Diário de Lisboa».

HOJE 64 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

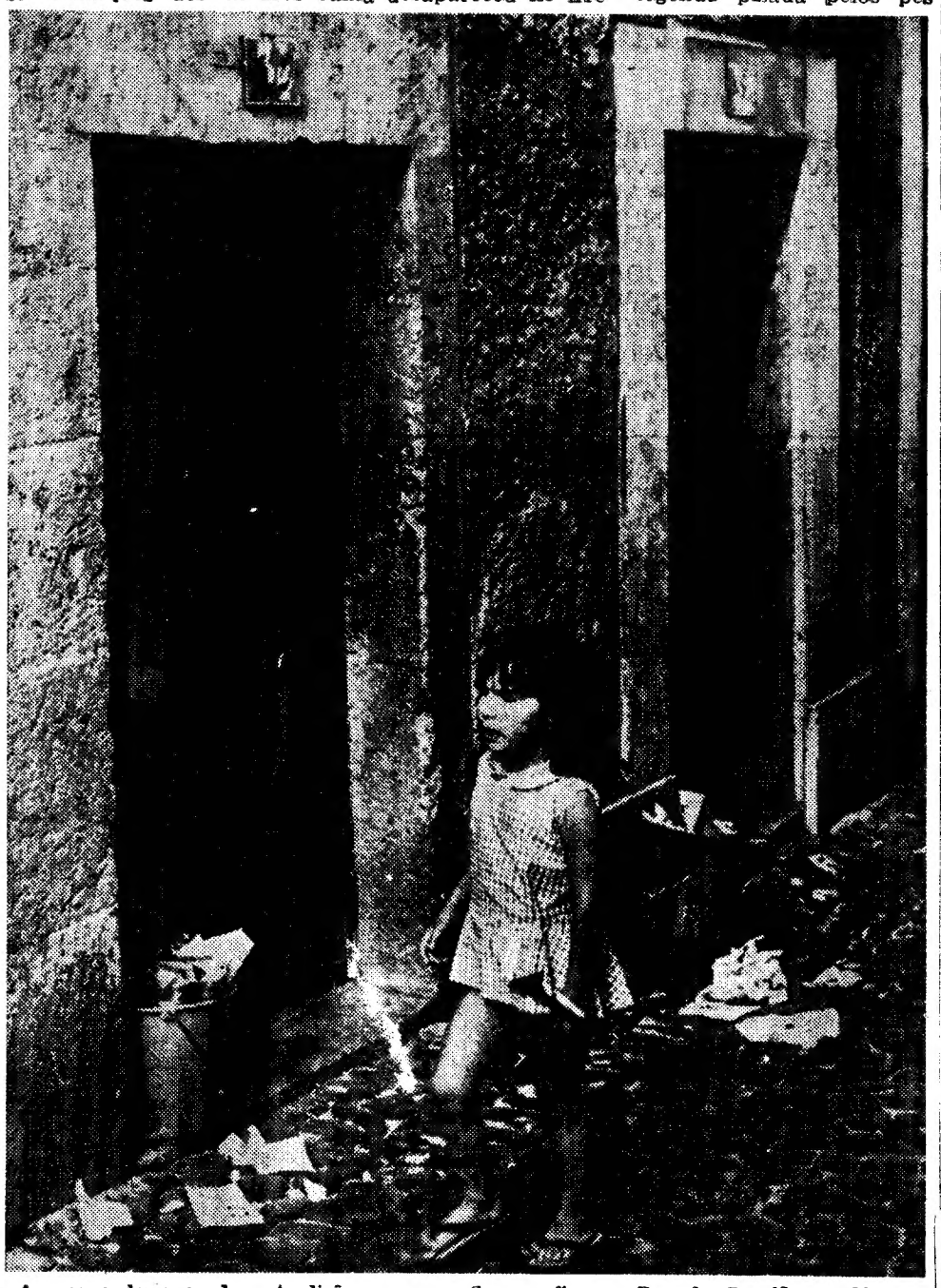
«ÁLBUM DE LISBOA» A MOURARIA A SEVERA E A PROCISSÃO DA SENHORA DA SAÚDE

A MOURARIA foi zona da cidade concedida por D. Afonso Henriques aos mouros «forros». É tão velha como a Sé e Alfama, embora só tomasse expressão cristã no século XII. Apesar de a civilização nela ter entrado há alguns séculos, ainda ali se distinguem curiosidades, certo pitoresco pobre e alguns traços do que foi durante séculos velhos. As Ruas da Mouraria e do Capelão a dédalo de becos e vielas, os cunhais tristes, alguns eirados e muros floridos e dois ou três vestígios de casas religiosa estabelecem um conjunto que merece um passeio vagaroso. A Mouraria é hoje muito diferente do que era no princípio do século. Existem, ali, no entanto, um carácter e um pitoresco a subsistirem inocentemente.

A Mouraria, aristocrática, religiosa, burguesa, popular, fadista, tumultuosa e delicada, evocadora e objectiva, turbulenta e poética, num mundo de contradições, a Mouraria ainda existe. E este «ainda» acaba por consolar os que querem uma Lisboa saudável e moderna, embora com medo que lhe levem quanto lhe resta de pitoresco e não faz mal a ninguém.

Cronistas do fim do século passado, mesmo escritores de sentido olisiponense, não se cansaram de exaltar a Mouraria — difamando-a. A Mouraria — para eles — era a Rua do Capelão. Este conceito errado criou escola. Rufiões e cantadeiras «severas» anónimas, constituíam, para esses, a glória exclusiva do bairro. O povo circunscrevia-se aos habitantes das sórdidas lojas e das casas equívocas, aos frequentadores de baiucas, de boné de oleado e calça à boca de sino. Profunda injustiça. Tomada a parte pelo todo, aquela Mouraria fez carreira. Uma Rua era tomada pelo bairro inteiro. Hoje, essas ruas de triste reputação perderam o seu carácter e a Mouraria é outra. A antiga, traria, aliás, os dias contados. O torvelinho asfixiante começava ali, no Poço do Borratém e alongava-se pelo funil do Arco do Marquês do Alegrete. Um verdadeiro caudal humano acotovela-se em passeios de dois palmos e tudo se perdia numa barafunda de fetra. O Arco e a velha Rua dos Canos cederam ao camartelo municipal e, paralelamente, o troço da Rua da Palma. E hoje já se pode ver o primeiro bloco de grandes edifícios que farão a majestosa praça. Com a Rua dos Canos desapareceu a popular Adega do Saloio, a mais famosa e mais típica casa de iscas e de caldinhos de camarão. Foi esta adega a herdeira da tradição famosa das «iscas com elas», que se vendiam em pires com duas rodelas de batata e um cheirinho que se espalhava pelas redondezas.

Como se disse, a fisionomia citadina da Mouraria só tomou expressão um século depois da conquista de Lisboa. Tinha sido a parte destinada por Afonso Henriques aos mouros levados para fora da cidade. Naturalmente, a moirama desapareceu no irremediável das idades — «a sigla moura sumiu-se como legenda pisada pelos pés do Tempo». Mas, para vingança dos mouros, ficou-lhe o nome. Já sem mouros, a Mouraria dos séculos XV e XVI conservava o seu medievalismo. Apesar de a civilização já no bairro ter penetrado, manteve-se, assim, oferecendo uma expressão de curiosidade histórica.



A casa onde, segundo a tradição, morou a Severa, fica na Rua do Capelão n.º 34, no prédio de esquina com o Beco do Forno. A rua é, ainda hoje, mal empedrada. Por ali brincam crianças, descuidadamente — que a rua é estreita e não permite a entrada de automóveis

A Severa e a Rua do Capelão

A Rua do Capelão existe ainda, estreita e pequenina, sem nunca ter sido, talvez juncada de rosmaninho... É, como sempre foi, mal empedrada e sombria, com expressão popular desgrenhada e gritante, humilde e pitoresca. Ali viveu a Severa — Maria Severa Oonofriana, de seu nome completo — no rés-do-chão (ou no primeiro andar, segundo outra versão). Ali também terá morrido aos 26 anos, mas não da indigestão de borrachos, boato maldoso posto a circular quando a infeliz agonizava. Fica a casa no prédio de esquina do Beco do Forno com a Rua do Capelão e tem o n.º 34. Quando morreu, aos 26 anos a Severa constituía uma das figuras mais populares de Lisboa. Luís Augusto Palmeirim dedicou-lhe uma crónica nos «Excêntricos do meu tempo». Foi intérprete extraordinária do fado, despertou paixões sem conta, escandalizou a cidade com a sua esturdia e a sua boémia gritante. Celebrizou-se também, e, talvez, principalmente, pela paixão que a ligou ao Conde de Vimioso — então Par do Reino e famoso cavaleiro tauromáquico.

Lisboa, cidade de certos preconceitos, nutria, ainda que o não revelasse, viva simpatia por este romance da Severa e do Vimioso. Estava nos costumes do tempo. A Severa ia com o Conde às esperas de toiros, «á garupa dum lazão tostado — de raça como ela — com a chimela a bailar-lhe na ponta do pé e a guitarra a gemer-lhe na ponta dos dedos». A Severa e o Vimioso pareciam nascidos do mesmo beijo e criados um para o outro. Completavam-se e compreendiam-se. Não estavam apenas unidos pela mesma paixão: eram dois símbolos que se abraçavam — o fado e a tourada, a ternura e a força, o cavalo e a guitarra.

O povo, o bom e generoso povo de Lisboa, apaixona-se fàcilmente pelas heroínas de Amor, prende-se nos contrastes, impressiona-se com os sentimentalismos, ferve com as aventuras destemidas, vibra chocado pelas desventuras que o destino impõe. Não admira pois, que a Severa tivesse arrebatado o coração do Povo de Lisboa. É que a Severa viveu cativa do Fado, dos versos em que o sofrimento trá-

(Continua na 4.ª página)

Album de Lisboa

Diário de Lisboa

Recorte e cole a gravura n.º 21 no espaço marcado na caderneta

Todos os assuntos referentes ao Concurso deverão ser tratados na RUA CASTILHO, 185-1.º — Telefs.: 65 45 33/65 45 34

A nossa iniciativa atinge a mais larga popularidade

(Continuação da pág anterior)

pelo País inteiro. No «Album de Lisboa» documentam-se aspectos históricos, pitorescos, tradicionais e, também, as suas expressões de cidade cosmopolita. A iniciativa do «Diário de Lisboa» visa, assim, o encontro da capital com os que dela pouco conhecem ou nem sequer a viram nunca através dos seus múltiplos aspectos. O «Album de Lisboa», que ficará sempre propriedade do concorrente, custa apenas 2$50 e está à venda em todos os pontos do País. Ainda é tempo de participar nesta sensacional iniciativa: basta adquirir um «Album de Lisboa», no revendedor habitual ou pedindo-o directamente aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, onde podem, também solicitar-se jornais atrasados que, por se terem esgotado, justificaram novas tiragens.

Prémios magníficos estão ao alcance dos concorrentes do «Album de Lisboa», iniciativa que tem o patrocínio da Cidla e se integra na campanha «Gazcidla no seu bairro». São prémios do maior valor e utilidade, onde se salientam: um apartamento completamenente mobilado, num dos blocos de prédios já construídos em Miratejo, a cidade-panorama, pela Realimo, S. A. R. L.; um magnífico automóvel «Toyota», modelo Corolla 1100, representado por Salvador Caetano, S. A. R. L. e distribuído em Lisboa e no Porto por Transmotor, S.A.R.L., cinco excelentes televisores Siemens, entre os quais o modelo «Estoril», homenagem da Siemens a Portugal; máquina de lavar, frigoríficos, radiorreceptores, muitos aparelhos electrodomésticos, todos da marca Siemens — a qualidade alemã vem da Siemens —, e duas dezenas de álbuns de discos «long-play», com peças de alguns dos maiores compositores, interpretados por famosas orquestras para a etiqueta Philips.

Uma lista de prémios aliciante justifica a expectativa do sorteio do «Album de Lisboa» em que podem ainda participar muitos concorrentes. Esses, não têm mais do que dirigir os seus pedidos aos nossos serviços da Rua Castilho, 185-1.º, em Lisboa, com a certeza de serem prontamente atendidos.

OS «STANDS» GAZCIDLA DE LISBOA

Os «stands» da Cidla, integrados na campanha «Gazcidla no seu bairro», e as zonas que servem:

ALCANTARA	— Largo do Calvário, 12-C
ALECRIM	— Rua do Alecrim, 77
ALFAMA	— Rua de S. Miguel, 5
ALVALADE	— Rua José Duro, 27-C
ARROIOS	— L. Mendonça e Costa, 9-C
AVENIDAS NOVAS	— Av. Miguel Bombarda, 56,A
BAIRRO ALTO	— Rua da Atalaia, 131
BENFICA	— Rua Emília das Neves, 4-B
BOA HORA	— Trav. da Boa Hora, 30-D-E
CAMPO DE OURIQUE	— Rua Infantaria, 16-57-A
CAMPOLIDE	— Rua de Campolide, 94-C
GRAÇA	— Largo da Graça, 63-D
LUMIAR	— Pr.ª Alexandre Ferreira, 32
MADRAGOA	— Rua da Esperança, 134
OLIVAIS	— Rua Cidade de João Belo, lote 86-Lj. B
REGO	— Rua da Beneficência, 61 (a inaugurar brevemente)
24 DE JULHO	— Avenida 24 de Julho, 94-A

Em todos estes «stands» encontrará pessoal especializado para prestar assistência técnica, exposição permanente dos mais modernos modelos de material de queima e pronto fornecimento de gás — com rapidez, eficiência e simpatia.

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

«A UNIVERSIDADE, O LICEU, A ESCOLA CONTINUAM A SER UNIVERSOS FECHADOS»

— afirma o director-geral da UNESCO na proclamação de «1970 — Ano da Educação»

PARIS — «Neste primeiro dia do ano — afirma René Mahen, director-geral da UNESCO, em documento datado de amanhã — dirijo-me a todos os países do mundo para recordar-lhes que a Assembleia Geral das Nações Unidas, por proposta da UNESCO, proclamou 1970 o Ano Internacional da Educação e que os convida, desde já, a pôr em jogo todos os seus recursos para que este ano se caracterize por importantes progressos, qualitativos e quantitativos, na esfera da Educação».

O director-geral recorda que a educação se encontra em julgamento, das suas formas e do seu conteúdo, e vale a pena compreender e enfrentar uma crise, com valentia, já que nesse julgamento se devem articular todas as promessas de um ressurgimento necessário.

O Mundo está em plena mutação devido á sua explosão demográfica, a independência de muitas novas nações, ás transformações económicas e sociais dimanadas da evolução tecnológica, são outras tantas forças a empurrar a democratização do ensino. As condições tradicionais de comunicação e de educação não podem limitar-se a criar modelos predeterminados de estruturas, necessidades e ideias, nem a preparar os jovens para um certo tipo de existência, quando a aceleração do progresso científico supõe a utilização cada vez mais rápida do saber e, sobretudo, quando os meios de comunicação ás massas e as técnicas audiovisuais alteraram, por completo, as condições da educação.

A educação já não é mais um privilégio de minorias selectivas, nem corresponde a uma idade determinada, pois que ela tem que estender-se á totalidade das comunidades e ao longo da existência do individuo.

«Como pode a Educação — pergunta René Mahen — alcançar essa amplitude se continua fragmentada na sua organização, isolada do conjunto da sociedade e da vida? A Universidade, o Liceu, a Escola, continuam a ser, em muitos casos, universos fechados.»

Não é sequer admissível que um estabelecimento escolar seja utilizado no máximo de 200 dias por ano e em oito horas por dia e, por outro lado, constitui um desperdício ver estudantes, que passaram muitos anos em aulas, não poderem tirar o merecido proveito na sua vida de trabalho só porque fracassaram num exame ou num concurso.

Sobretudo, não se pode aceitar este prejuizo em países em via de desenvolvimento e por isso — disse — «convido toda a comunidade mundial, tomando como motivo o Ano Internacional da Educação, a tratar de encontrar soluções originais e atrevidas».

E acrescentou: «A tarefa é imensa, pois consiste em englobar o ensino de todos os graus no sentido de o tornar coerente e organico com a educação extra-escolar e a educação dos adultos».

A terminar, o director-geral da UNESCO, na sua mensagem sobre o signo da «revolução», afirma: «Declaro aberto o Ano Internacional da Educação e faço uma chamada á generosa emulação dos povos e á benéfica cooperação dos Estados para o seu êxito total.»

RECTÂNGULOS DA VIDA

A ARTE DE NÃO FAZER NADA

Por MARIA JUDITE DE CARVALHO

Não sei como passar o tempo, ouvimos dizer alguém em férias forçadas porque adoeceu ou atingiu o limite de idade — há quem ultrapasse essa terrível fase, essa terrível fase que já é por si mesma um fim, um limite —, que a atingiu e de súbito se encontra perdido num mundo estático, cheio de horas vazias e de relógios desnecessários.

A pessoa não sabe, portanto, como parar o tempo, e isso porque não a ensinaram a não fazer nada, porque os pais não tinham posses para tanto, e não fazer nada é o cimo da escada e precisa de um grande treino, de uma especialização, de talento também, e, claro está, de enormes possibilidades económicas. Não, não é nada fácil, porque se trata de não fazer nada, activamente. Em suma, praticar «sky» em Saint Moritz, jogar no Mónaco, nadar em duas ou três praias do Mediterraneo, andar de «iacht» em cruzeiro, fazer «surf» nas ondas australianas, ter avião particular, casar de vez em quando. É certo que em tudo isto, a pessoa em questão consome muito, portanto dá dinheiro a ganhar a muita gente. Isso deve alegrá-la, tirar-lhe algum possível complexo, fazer quase com que se sinta benemérita. Não era, porém, disso que se tratava, mas da arte de não fazer nada, que ela, a pessoa em questão, leva com perfeição louvável às suas últimas consequências.

Por isso, quem se lamenta de não saber em que gastar o tempo, dá logo (a quem esteja de pé atrás), a impressão de um burro de carga a quem, por qualquer motivo, tiraram a carga. E isso é muitíssimo deprimente. É certo que há milhões de burros de carga para um só gozador (de pé atrás a escutá-lo). É o que vale. O que vale? Enfim, é um modo de dizer.

ECOS

A ânsia de possuir e a incapacidade para protelar a satisfação dos desejos têm sido consideradas características do homem dos nossos dias por filósofos como Bergson e Max Scheler. Aldous Huxley, nos seus romances, e especialmente em «O Admirável Mundo Novo», faz ressaltar o paralelismo entre a necessidade de consumo imediato dos bens materiais, típica da sociedade da produção pela produção, e a necessidade de imediata satisfação dos desejos eróticos. Problemas relacionados com a conservação do par amoroso e com o seu estatuto moderno têm vindo a preocupar pensadores do nosso tempo como Jean Baby, Erich Fromm, Karl Miller e outros. O assunto é vasto e fascinante. Até que ponto está o homem de hoje condicionado pelos meios de comunicação de massa mesmo nos seus impulsos mais íntimos?

★

ENTRE o movimento beat, **profundamente individualista, e o movimento** hippy, **já com certas características de tribalismo, embora ambos contestem o** statu quo **norte-americano, há profundas diferenças.** Nas artes, o **jazz** moderno era a música quase exclusiva da geração **beat**, bem como a poesia era a sua literatura até ao aparecimento dos romances de Jack Kerouack. A esse respeito escreveu John Clellon Holmes: «Se ouvem os lamentos de um saxofone com a mesma devoção com que antigamente os homens costumavam ouvir as palavras e os exemplos dos sábios, é porque o **jazz** é antes de tudo a música da liberdade interior, da improvisação, do poder criador mais do indivíduo do que do grupo. É a música de um povo submerso que se sente livre: e é exactamente assim que se sente o jovem de hoje». Estas palavras reportavam-se ao mundo do poeta Dylan Thomas, do actor James Dean, do saxofonista Charlie Parker, jovens dos anos cinquenta que em nenhum ponto abdicaram da sua liberdade e que tão depressa viveram que se auto-destruiram. Três mitos. Mas não podemos ignorar que uma ponte passa dessa década da velocidade frenética, da ousadia sem limites para a da curiosidade pelos entorpecentes, pelo êxtase budista, etc., a que se está encerrando com os sinos do Ano Novo. **É que os hippies** da década de sessenta também fizeram, ou tentaram, uma perigosa e radical devassa: a do universo interior. Eis uma frase de um deles: «Fui tão longe que entendi tudo. Entendi o porquê das coisas».

LICEU
CICLO LICEAL COMPLETO
CICLO PREPARATÓRIO — LÍNGUAS
CURSO COMERCIAL — INSTITUTOS
Nocturno: das 19 às 24 h.
Diurno: das 9 às 19 h.
- ESCOLA SÃO VICENTE: Rua do Paraíso, 28 — Telef. 86 59 04
- EXTERNATO MARQUÊS DE POMBAL: Rua Edith Cavell, 8 (ao Chile) — Telef. 82 02 21
- EXTERNATO ÁLVARES CABRAL: Av. Grão Vasco, 1 (fte. á Igreja de Benfica) — Tel. 70 69 74

MODERNOS LABORATÓRIOS

CAFINA
COMÉRCIO, INDÚSTRIA E REPRESENTAÇÕES, LDA.
COMUNICA QUE ENCERRA NOS DIAS 2 E 3, PARA BALANÇO, OS SEUS ESCRITÓRIOS E SECÇÕES COMERCIAIS NA RUA PEDRO NUNES, 2, 3.° ESQ. E R/C ESQ.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

GRIPE
Na profilaxia das epidemias gripais use
ARGOTONE
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

CIDLA
TESOURARIA
Para efeitos de Balanço e como habitualmente, não estará aberta ao público a Tesouraria da CIDLA desde 2 a 8 do mês de Janeiro de 1970.

HOTEL
EMBAIXADOR
TRADICIONAL «RÉVEILLON» COM UM MAGNÍFICO «SHOW»
ANNIE BRIGHT
SINO • LÍDIA RIBEIRO
STARLIGHT SHOW com GEORGE ANTHONNY
Música constante por três conjuntos, um dos quais privativo do «Terraço das Estrelas», com MANUEL VIEGAS
PREÇOS: Restaurante e boite — Ceia, com reserva de mesa, 300$00. (Taxas e impostos não incluidos). No Rés-do-chão — Entrada 150$00 (com direito a 50$00 de bebidas, acrescidos das taxas regulamentares)
AMANHÃ, DIA DE ANO NOVO
Jantares com ementa especial ao preço de 130$00. (Taxas e impostos não incluídos)

DE ONTEM PARA HOJE

A DURAÇÃO DA GUERRA

Altas patentes do Exército e da Armada apresentaram cumprimentos aos titulares daquelas pastas e ao subsecretário de Estado da primeira. Na cerimónia realizada no Ministério do Exército, o general Andrade e Silva, chefe do Estado-Maior, recordou as missões mais importantes que incumbem ás Forças Armadas. Disse que apesar da situação política difícil que Portugal atravessou em 1969, o Exército continuou a enfrentar os problemas inerentes á acção a seu cargo. Afirmou, nomeadamente, referindo-se á guerra no Ultramar: «Esta guerra é de todos e não apenas das Forças Armadas, com a característica de se poder perder no campo militar, sempre que a ideia contrária tenha existência, e de se não poder ganhar no campo político (negociação), não havendo por isso para ela outra alternativa que a de «continuar» ou «abandonar». E terminou: «A guerra terá de durar o tempo que for necessário, até que os nossos adversários desistam, pois estamos em nossa casa e em nossa casa continuaremos». Em resposta, o ministro disse: «Não resisto a sintetizar numa palavra a apreciação que me merece a actuação do Exército em 1969: cumprimos». E recordou algumas visitas feitas pelos Chefe do Estado e Presidente do Conselho, durante o último ano, a unidades do Exército, considerando-as «muito honrosas».

PRODUTORES DE TRIGO

Empregados da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, há mais de vinte anos, foram ontem homenageados durante uma cerimónia, na sede daquele organismo, presidida pelo eng. Santos e Castro, que foi distinguido com a medalha de ouro. Falaram o presidente da direcção da Casa dos Empregados, sr. Manuel Rosa Nunes, que evocou a memória do saudoso eng.º Quartin Graça, e o eng.º Santos e Castro, para agradecer a distinção.

ODYLO EM LISBOA

O escritor Odylo Costa Filho, agora director da sucursal da Editora Abril, no Rio de Janeiro, está em Lisboa, onde ficará cerca de uma semana, vindo de uma visita ás principais capitais europeias. O antigo adido cultural á Embaixada do Brasil em Lisboa afirmou, á chegada, que vai escrever, para a revista «Realidade», uma história ilustrada sobre o fado.

IMPRENSA E ARTES GRÁFICAS

A direcção da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas apreciou a possibilidade da extensão do regime da pensão de sobrevivência a todos os beneficiários da Caixa de Previdência do Pessoal de Fábrica de Papel da Matrena, emitindo parecer favorável. Resolveu, ainda, adirecção manifestar regozio pelo doutoramento «honoris causa», na Universidade do Porto, do dr Augusto de Castro ex-presidente da Corporação.

CUMPRIMENTOS

Oficiais da Guarda Fiscal apresentaram cumprimentos de fim-de-ano ao respectivo comandante-geral. Falou, em nome da oficialidade, o 2. comandante coronel Patrício Calado. Em resposta, o general Mário Silva afirmou continuar a lutar no sentido duma melhoria crescente das condições de trabalho do pessoal sob o seu comando.

POSSE

Dois novos chefes de divisão da Emissora Nacional foram ontem empossados: o dr. João Carlos Beckert de Assunção, para a divisão de programação, e a dra. Maria da Paz de Barros Santos, para a de coordenação e condução de programas. Conferiu a posse o dr. Sollari Alegro, presidente da direcção da E. N.

QUATRO MORTOS

Mais quatro pessoas perderam a vida em acidentes de viação. Ocorreram eles: entre as povoações de Escalos de Cima e Alcains, numa passagem de nível a que imprevidentemente não haviam sido fechadas as cancelas á passagem da automotora, pelo que esta destruiu totalmente o automóvel conduzido pelo sr. Joaquim Coelho Sousa Martins, de 30 anos, casado, motorista de uma fábrica em Alcains que teve morte horrorosa; na estrada nacional Esposende-Póvoa de Varzim, tendo sido mortalmente atropelada por uma camioneta de passageiros a sr.ª D. Ana Alves, de 72 anos, solteira; e em Montemor-o-Velho, num choque entre um automóvel e um camião, tendo perecido os srs. Fernando Rodrigues Azenha, de 42 anos, solteiro, comerciante, e Carlos Jorge Alves, de 34, casado.

«ÁLBUM DE LISBOA»

(Continuação da 2.ª página

gico, a rua sem sol transpareciam entre vagas de angústia de que poucos chegavam a compreender a humana realidade — como se não fosse ela mas a outra que o Destino não tinha querido que fosse. São bem diferentes a Severa da lenda e a Severa da realidade.

Vai passar a procissão

A Mouraria sempre foi plebeia, original, bairrista e enternecedora. E, também devota. A ermida da Senhora da Saúde fica a dois passos da Rua do Capelão e daí sai anualmente, a procissão que constitui, hoje ainda, uma das mais fervorosas devoções da cidade.

A primeira procissão da Senhora da Saúde realizou-se no dia 20 de Abril de 1570, numa quinta-feira, em acção de graças à Virgem por ter debelado o grande surto da peste que, em 156? havia surgido em Lisboa. Tm gratidão por tão grande mercê se tomou a deliberação de a efectuar todos os anos e, precisamente, na quinta-feira mais próxima daquela data. Separada, a Igreja do Estado, de 1910 a 1940, a procissão não se efectuou. Mas já em face do trânsito intenso, era difícil realizar o cortejo numa quinta-feira, como dittava a tradição, pelo que, em princípio, se assentou promovê-la no domingo mais próximo do dia 20 de Abril, assim se procedendo durante alguns anos. Contudo, no mês de Abril, o tempo é, por vezes, inconstante e, algumas vezes a procissão se efectuou sob chuva abundante, pelo que, conservando-se em parte a tradição, se decidiu transferi-la para o ultimo domingo do mês de Abril, já nas proximidades de Maio, com um tempo de feição mais regular.

Em dia de procissão, braçadas de alecrim, rosmaninho e alfazema espalham-se pelas ruas do Bairro, impregnando o ar de suaves aromas. E paira em tudo um sortilégio de apelos e de sugestões.

A procissão foi também imortalizada por Gabriel de Oliveira num poema delicioso: «Há festa na Mouraria / É dia de procissão da Senhora da Saude / E até a Rosa Maria / da Rua do Capelão / parece que tem virtude».

A Mouraria foi fadista? Quem o nega? É-o ainda. De socalco em socalco, no decorrer dos séculos e de degrau em degrau, na evolução dos costumes — nunca deixou de haver em bairro algum de Lisboa, bocas que cantem e rezem, braços que briguem e que trabalhem.

Uma fábrica de celulose próximo de Viana do Castelo

VIANA DO CASTELO, 31 — A Celnorte, empresa que vai estabelecer em Deucriste, a dez quilómetros da cidade, em plena Ribeira Lima, uma unidade industrial para a produção de celulose, decidiu, na sua ultima e recente reunião da assembleia geral, fixar a sede social em Viana do Castelo.

Foi resolvido, também, elevar o capital para 280 mil contos e desenvolver esforços no sentido de que a construção do importante complexo fabril se inicie, pelo menos, em meados de 1970 — portanto, daqui a cerca de meio ano. Prevê-se que a construção demore cerca de dois anos e meio.

Reunião sobre problemas cinegéticos

Graças a uma louvável iniciativa da Comissão Venatória Concelhia, houve um colóquio sobre a situação presente da caça, não apenas no Alto Minho mas no País. Presidiu o chefe do distrito e esteve presente o presidente da Câmara.

Depois de saudado pelo secretário da comissão local, o sr. dr. Babo de Magalhães, vice-jresidente da Comissão Venatória Regional do Norte, falou largamente sobre o importante assunto, apontando males e sugerindo soluções. Diversos caçadores presentes formularam perguntas ás quais o sr. dr. Babo de Magalhães respondeu, assim esclarecendo dúvidas e satisfazendo o natural espírito de curiosidade dos intervenientes.

Este encontro findou com um jantar num dos restaurantes típicos da cidade, durante o qual foi entregue uma significativa lembrança ao chefe de secretaria da Comissão Regional, sr. Vítor Hugo de Magalhães, numa afirmação de apreço pela obra que, a favor das actividades cinegéticas, o dedicado funcionário tem desenvolvido.

A criação da diocese

Aumenta, na cidade e na região, o interesse pela criação do bispado ou diocese de Viana. A comissão-executiva, à qual preside o sr. dr. António Paula Santos, avistou-se com o arcebispo de Braga, D. Francisco Maria da Silva, a quem expôs a antiga pretensão das populações de Viana e do Alto Minho. O prelado bracarense ouviu atentamente a exposição e concluiu que, se a pretendida diocese tem em vista a salvação das almas, merecerá, por certo, o acolhimento necessário por parte do papa, ao qual compete decidir. Assim, a referida comissão fará transitar o importante assunto espiritual à Comissão Episcopal e à Nunciatura as quais segundo se espera, não deixarão de o transmitir ao mesmo pontífice.

PILHAS
GATO BRANCO

Vende-se terreno para hotel residencial

NO MELHOR LOCAL DO ESTORIL, COM 154 QUARTOS, COM PROJECTO E CADERNO DE ENCARGOS APROVADOS E PRONTO A INICIAR CONSTRUÇÃO. RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 394.

S/AUTOMÓVEIS PARTICULAR
Empresto em 1/2 hora s/ Hedor s/ hipotecar s/ vender. Facilito seguro até 40 meses. R. Arco São Mamede 18, 2.º. Telef. 663697.

LOPES & LOPES, LDA.
PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C
Deseja a todos os seus estimados Clientes e Amigos
UM FELIZ ANO NOVO

Em ALMADA, o «DIARIO DE LISBOA» é vendido por Amadeu & Veríssimo, Praça da Restauração, 12.

VINHO DO PORTO
KOPKE

HÁ MAIS DE 300 ANOS

MAIS VIOLENTO!
MAIS DURO!
James Bond 007
VOLTOU!

ALBERT R. BROCCOLI
HARRY SALTZMAN
APRESENTAM
JAMES BOND 007
NA OBRA DE IAN FLEMING
007 AO SERVIÇO DE SUA MAJESTADE
ON HER MAJESTY'S SECRET SERVICE

COM
GEORGE LAZENBY · DIANA RIGG · TELLY SAVALAS
GABRIELE FERZETTI E ILSE STEPPAT
PRODUÇÃO ALBERT R. BROCCOLI E HARRY SALTZMAN
REALIZAÇÃO PETER HUNT ARGUMENTO RICHARD MAIBAUM MÚSICA JOHN BARRY · PANAVISION® · TECHNICOLOR®
United Artists
ADULTOS

SÃO JORGE

AMANHÃ
SENSACIONAL ESTREIA

ÀS 15 HORAS
SESSÕES ÀS 18.15 E 21.30

ÀS 15.15
SESSÕES ÀS 18.30 E 2130

ROMA

Veja este filme, nos cinemas São Jorge ou Roma
ou, ainda, em breve no São João ou Aguia de Ouro
do Porto, e candidate-se a um
AUTOMÓVEL Ford Escort Modêlo DeLUXE !

ANO NOVO

Passe as suas férias e os fins-de-semana na

COSTA DO SOL

A 20 Km DE LISBOA

CARCAVELOS - ESTORIL
CASCAIS - GUINCHO

●

HÓTEIS DE LUXO, DE 1.ª E DE 2.ª
ESTALAGENS E PENSÕES

CASINO MONUMENTAL, COM VARIEDADES INTERNACIONAIS, JOGOS DE ROLETA, BACARÁ, BANCA FRANCESA, CRAPS, SLOT MACHINES, ETC.

TEATRO E CINEMAS
EXPOSIÇÕES PERMANENTES
BOITES E RESTAURANTES TÍPICOS
TODOS OS DESPORTOS

E UM SEM-FIM DE ATRACÇÕES QUE LHE PROPORCIONARÃO UMA ESTADIA AGRADÁVEL

●

INFORMAÇÕES:
JUNTA DE TURISMO DA COSTA DO SOL
ESTORIL TEL. 260113

ESTA NOITE HÁ FESTA...

Todas as agremiações populares de Lisboa promovem, esta noite, os seus tradicionais bailes de passagem de ano. Além dos «réveillons» que decorrem, como é costume, nas casas de espectáculos (com especial relevo para o Teatro Monumental e o Cinema Mundial), também as colectividades regionalistas (Casa do Minho, Casa do Algarve, Centro Espanhol, etc.) os promovem, esperando-se que, por toda a parte, haja grande animação.

No Teatro Maria Matos, a passagem do ano será festejada em cena aberta, com a participação de todo o elenco que interpreta a notável obra de Aquilino Ribeiro «Tombo no Inferno». Para a saudação serão convidados todos os colaboradores do Teatro Maria Matos, assim como representantes dos espectadores.

O FORNO
BAR — BOITE
SESIMBRA
PASSAGEM DO ANO 1969/70
M/ 17 ANOS

■ **Intitula-se «Popcorn» uma película em rodagem em Hollywood, na qual aparecem os «Rolling Stones», os «Bee Gee», Jimi Hendrix, Traffic, Eric Burdon, Otis, Redding, Procol Harum e Joe Cocker.**

Perdido de riso, VASCO MORGADO apresenta

AR CONDICIONADO
TEATRO VILLARET
o mais moderno e confortável de lisboa

HOJE, 2 SESSÕES
Às 21 h. e às 23 h.
ADULTOS
DIA DE ANO NOVO
«Matinée», às 16 horas

ACABE O ANO EM ALEGRIA!

IO APOLONI e ARTUR SEMEDO
FERNANDA BORSATTI VASCO DE LIMA COUTO
YOLA DAVID SILVA
GEORGINA CORDEIRO ROLANDO ALVES
MARIA e a colaboração de MARIA PAULA

ESCULTURAIS BELEZAS FEMININAS
NÚ ALEGRE ESPECTÁCULO DE
G A R G A L H A D A S

SÃO JORGE
PROGRAMAÇÃO RANK

COMPROMISSOS INADIÁVEIS OBRIGAM A RETIRAR DO CARTAZ — EM PLENO ÊXITO — A FAMOSA COMÉDIA

DR. AGORA É QUE SÃO ELAS!...

ESTE FILME CONTINUA, PORÉM, EXCLUSIVO DO CINEMA SÃO JORGE ONDE, OPORTUNAMENTE, CONTINUARÁ A SUA SENSACIONAL CARREIRA

HOTEL
ESTORIL-SOL

GRANDIOSO «RÉVEILLON»
MÚSICA CONSTANTE PELOS CONJUNTOS
LEO TINO
«ZOO»
«BEATNICKS»
«EMOTIONS»

Entrada, sem mesa, com direito a 50$00 de bebidas ..... 150$00
Entrada, com mesa e direito a ceia de Fim de Ano e a uma garrafa de espumante para quatro pessoas... 300$00
Taxas não incluidas (Maiores de 15 anos)

Bico Dourado
BICO DOURADO
BOITE DE NUIT
REVEILLON
MARCAM-SE MESAS — T. 368649

teatro VARIEDADES
HOJE
ÀS 20,45
E 23 HORAS

ENTRE O ANO COM O PÉ DIREITO
AMANHÃ
DIA DE ANO NOVO: Matinée às 16 horas. À noite, às 20.45 e 23 horas

A REVISTA POPULAR DE GRANDE ESPECTÁCULO!

RIA COM:
AIDA ● C. COELHO
ELOINA ● SPINA
MAX ● ANITA CARDINALI
ESPADINHA
M. FRANCO
e a grande atracção nacional ANTÓNIO CALVÁRIO
à frente de um grande elenco

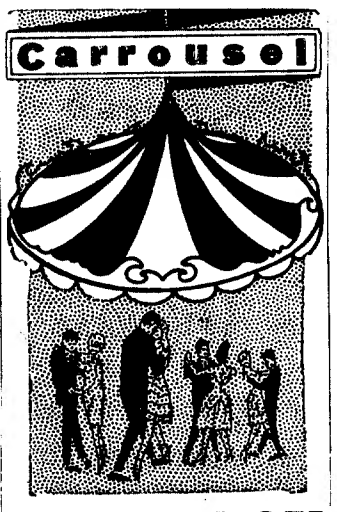
Um sensacional «BALLET» internacional

GRAÇA! CRÍTICA! MONTAGEM DESLUMBRANTE LINDAS MULHERES

ADULTOS

Uma produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado

Carrousel



REVEILLON

com a tradicional ceia da noite de «São Silvestre»

RUA CASTILHO, 77-E
TELEF. 68 15 71
(maiores de 15 anos)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
(M/ 15 anos)
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE

RESTAURANTE
antónio
COZINHA PORTUGUESA
Diàriamente açorda de lagosta
AR CONDICIONADO
ABERTO AOS DOMINGOS
R. TOMÁS RIBEIRO, 63

POPFADO
Encerrado aos domingos
UM RESTAURANTE EM QUE SE OFERECE QUALIDADE
BAR-BOITE
A PARTIR DAS 23 HORAS
(M. 17 anos)
COM O CONJUNTO DE
HELDER REIS
Rua Ferreira Lapa, 38-D
(à Av. Duque de Loulé)

TONI DOS BIFES
AMANHÃ
EMENTA ESPECIAL
SEXTA-FEIRA
ARROZ DE PATO NO FORNO
Av. Praia da Vitória, 50-E
(Junto do Monumental)
Tel. 536080

TARANTELA
RESTAURANTE ● SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 a 27
Telef. 535203
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

NOVO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETÚBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZÍVEL PARA ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
REVEILLON 1969/1970
VARIEDADES
INFORMAÇÕES PELO TELEF. 790211
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(Maiores de 15 anos)

CHOUPAL
CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ ÀS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

COMECE COM ALEGRIA 1970!

20th CENTURY-FOX

BARBRA STREISAND · WALTER MATTHAU
MICHAEL CRAWFORD

Produção de
ERNEST LEHMAN
HELLO, DOLLY!

Com
LOUIS ARMSTRONG

Produtor ERNEST LEHMAN · Director GENE KELLY · Associado ROGER EDENS · Bailados MICHAEL KIDD · Musica JERRY HERMAN

3! SEMANA NO TIVOLI

TODD-AO 70mm Cor DeLUXE

MAIORES DE 12 ANOS

Frank Mimita e o seu conjunto típico, em interpretações do folclore cabo-verdiano, apresentam-se esta noite na «Sanzala» perante um público em grande parte constituído por estudantes ultramarinos radicados em Lisboa

Teatro Maria Matos

AV. FREI MIGUEL CONTREIRAS (à av. ROMA) TELEF. 717017

— Maiores 17 anos —

HOJE, ÀS 21.45 HORAS
AMANHÃ, Dia de Ano Novo À TARDE E À NOITE
Quase com 100 representações
SÓ ATÉ DOMINGO
A CORAJOSA PEÇA
de AQUILINO RIBEIRO
TOMBO NO INFERNO
com direcção de Igrejas Caeiro

HOJE À MEIA-NOITE A 1.ª PASSAGEM DO ANO NO T. M. M. será festejada com uma saudação em cena aberta

SÁBADO
Última tarde a preços POPULARÍSSIMOS

Domingo à tarde e à noite, aos jovens dos 17 aos 24 anos, desconto de 50 %

BREVEMENTE
a teatralização de
Sttau Monteiro e Artur Ramos
«A RELÍQUIA»
de EÇA DE QUEIROZ

COLISEU

HOJE, ÀS 21.30
(Maiores de 6 anos)
NOITE DE FIM DE ANO
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
A FESTA DE TODO O PÚBLICO

AMANHÃ
DIA DE ANO NOVO
2 Espectáculos á tarde 2 às 14.30 e 17.15
com entrada gratuita ás crianças até 10 anos
À NOITE às 21.30
(M. 6 anos)

CAPITÓLIO
Tel. 32 03 79

Hoje não há espectáculo
AMANHÃ, ás 16 e ás 21.45 h
(M. 17 anos)
O PECADO DE JOÃO AGONIA
de BERNARDO SANTARENO
Sábado e Domingo
Tarde ás 16 horas
ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

ADULTOS

● ACABE O ANO NOVO COM ALEGRIA! VÁ HOJE, ÀS 20,45 OU 23 HORAS, AO ▶ MARIA VITÓRIA VER A COLOSSAL REVISTA:

ESPERTEZA SALOIA

UM ESPECTÁCULO DE GIUSEPPE BASTOS E VASCO MORGADO

O TRIUNFO DE UM ÓPTIMO ELENCO COM:
SALVADOR ● JOSÉ VIANA ● MARIEMA BARROSO ● DORA LEAL
VÍTOR MENDES ● DINA MARIA ● CRISTINA CASSOLA
A ATRACÇÃO NACIONAL
A ATRACÇÃO FILIPINA
HELENA TAVARES
«THE MELODIES»
À FRENTE DE UMA GRANDE COMPANHIA

SALVADOR e JOSÉ VIANA nos «Senhoras Vizinhas»

● AMANHÃ, GRANDIOSA «MATINÉE», ÀS 16 HORAS ●

Nos palcos do Mundo

Jean Mercure designou os principais intérpretes de «Edipo», de Vercors, que se estreará a 20 de Janeiro no «Theatre de la Ville» de Paris: José Maria Flotats será o protagonista, Jean-Pierre Jorris, desempenhará o papel de Thiresias e Jandeline o de Jocasto. Encenador: Rafael Rodriguez.

★

No «Tehatro Lucernaire», de Paris, está em cena a peça do escritor romeno Marin Sorescu «Jonas», interpretada pelo actor Roland Husson.

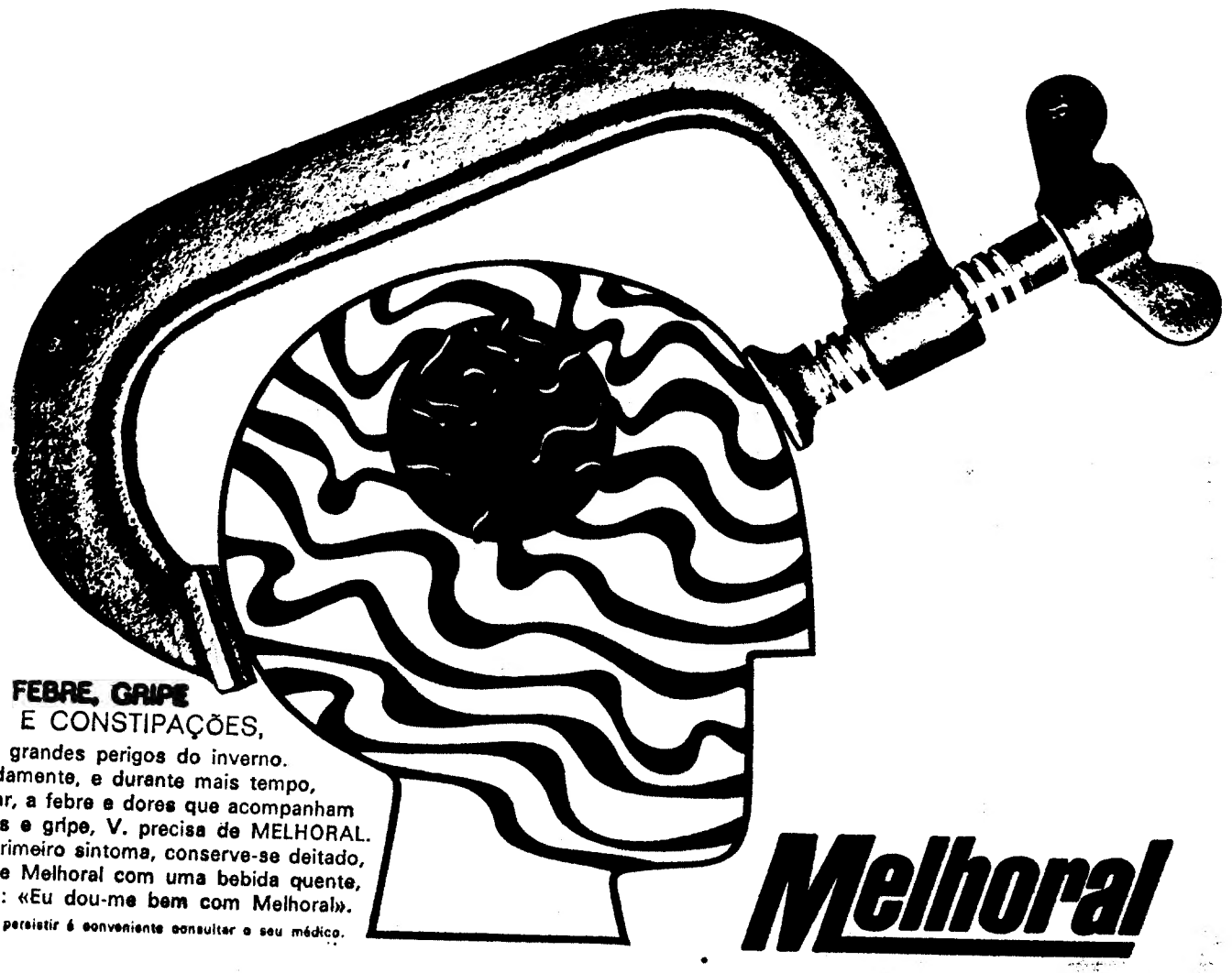
★

Iniciaram-se os ensaios do novo espectáculo de Manuel Paz e Garcia Morcillo, com que Zori e Santos se vão apresentar no «Teatro Alcazar» na primeira quinzena de Janeiro. Intitula-se «Esto no Tiene Truco» e no elenco figuram Ethel Rojo, Regine Gabin e a «Estrela» Carmen de Lírio

★

Um certo numero de directores de teatros particulares («Bouffes Parisien», «Edouard VIII», «Nouveautes», «Vieux-Colombier») decidiram recusar o pagamento do «aumento» da taxa parafiscal prevista pelo decreto de 14 de Novembro, que devia ter sido posta em prática a partir de 1 de Dezembro

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO



FEBRE, GRIPE
E CONSTIPAÇÕES,
são os grandes perigos do inverno.
Para combater ràpidamente, e durante mais tempo,
o mal-estar, a febre e dores que acompanham
as constipações e gripe, V. precisa de MELHORAL.
Por isso ao primeiro sintoma, conserve-se deitado,
tome Melhoral com uma bebida quente,
e depois dirá também: «Eu dou-me bem com Melhoral».
* Se o mal-estar persistir é conveniente consultar o seu médico.

Melhoral

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE
MAIORES DE 21 ANOS

"REVEILLON" com

CHICO BUARQUE DE HOLLANDA

PATRICIA HARRISON

The Kims

DORISS DANCERS

CONJUNTO BOBBY CAMPOS com ERIKA HOLM
FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE e sua orquestra

TAMARA KISS
SÓ NO WONDER BAR

No Salão Restaurante (Trajo de noite) Entrada 400$00 com direito a ceia ou 300$00 com direito a 100$00 de consumo. O show começa às 0 horas. M 17

No Wonder BAR Entrada 300$00 com direito a 100$00 de consumo. O show começa a 1 e 30. M 21

No Bar Americano Entrada 150$00 com direito a 50$00 de consumo.

TAXAS E IMPOSTOS NÃO INCLUIDOS

a reserva de mesas só é respeitada até as 24 horas do dia 30

NO CINE[illegible] HORAS
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
(M. 12 ANOS)

Ponto final no incidente em «Zip-Zip»?

FILIPE DE BRITO:

«O MEU REPTO NÃO É DIRIGIDO AOS MAESTROS DE NOME FIRMADO»

A respeito do incidente ocorrido no decorrer da gravação do ultimo «Zip-Zip», procurou-nos novamente o maestro Filipe de Brito que solicitou tornássemos publica a seguinte afirmação:

— *O problema (da rejeição como maestro) existe unicamente em relação a um musico que contesta a minha capacidade para dirigir uma orquestra quando, afinal, ele próprio já foi dirigido por mim em duas ocasiões. A essa, ou a qualquer outra pessoa que me julgue suficientemente louco para me colocar á frente de uma orquestra sem saber o que estou a fazer, é que eu dirijo um repto para uma discussão publica sobre a matéria em causa.*

«*Não pretendo, porém, provocar qualquer celeuma ou a minima controvérsia com os maestros de nome firmado, em relação aos quais qualquer comparação seria despropositada.*

A encerrar esta pequena «guerra de alecrim e manjerona», Filipe de Brito diz-nos:

FILIPE DE BRITO

— *A verdadeira escola de orquestração é o contacto com a orquestra. Portanto, não posso fazer «ondas»: o essencial é continuar a aprender e aceitar respeitosamente todos os conselhos dos bons musicos.*

Artes plásticas

Exposição de pintura em Leiria

LEIRIA, 31 — Continua patente ao publico, até ao dia 6 de Janeiro, na Galeria de Arte da Comissão Regional de Turismo de Leiria, a exposição de trabalhos do pintor António Sampaio, que inclui três tapeçarias, onze óleos e seis aguarelas.

O certame tem sido muito visitado, e o catálogo dos trabalhos expostos apresenta belo aspecto gráfico.

NATAL E ANO NOVO

Horario dos comboios

Por motivo das Férias do Natal e Ano Novo efectuar-se-ão os desdobramentos que se reconhecerem necessários aos comboios regulares de longo curso

IMAGEM DO DIA

Entra esta noite em 3.ª SEMANA no TIVOLI, a superprodução em TODD-AO Cor de Luxe de «HELLO, DOLLY», uma das maravilhas cinematográficas que está a dar que falar pela sua grandeza, alegria e graça — além de um elenco magnífico, encabeçado pela fabulosa BARBRA STEISAND, o grande ídolo actual do mundo.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

ADEGA

MESQUITA

TIA ADELINA e D. MESQUITA

Desejam aos seus estimados Amigos e Clientes um Ano Novo cheio de prosperidades.

N. B. — Fechámis em beleza com o jantar de despedida do Sr. R. Zuidhof, da Shell, que, dentro de dias, parte para a Holanda.

REVEILLON - CASCAIS
NA BOITE CATO VELHO
À RUA VISCONDE DA LUZ
UM AMBIENTE SELECCIONADO
PARA SI E SUA FAMÍLIA
TELEF. 284060 — M/17 ANOS

RÉSTAURANTE-TÍPICO
TIMPANAS
GRANDE REVEILLON
MÚSICA — FADOS — ALEGRIA
MARCAM-SE MESAS — T. 676655

Grande Reveillon nas Belas-Artes
Organização da secção de luta do Ateneu Comercial de Lisboa
2 — conjuntos — 2
e + surpresas
OS FACHOS E OS YAKS (M/15 anos)

PHILIPS

Philips Portuguesa, S. A. R. L. comunica a todos os seus clientes e amigos que encerra todos os seus serviços, hoje, às horas habituais, reabrindo-os na próxima segunda-feira, dia 5 de Janeiro de 1970.

N-I-N-A
NIGHT CLUB — Maiores de 21 anos
GRANDIOSO REVEILLON
ATRACÇÕES EM SEXY
EM AMBIENTE DE FESTA

EXTERNATO NUN'ALVARES
DIURNO — NOCTURNO
Primário - Liceal
LÍNGUAS — LABORATÓRIOS — MÚSICA — TRANSPORTES
PRAÇA JOÃO DO RIO, 2
TEL. 722461

Tique taque
BOLO-REI
FABRICO «TIQUE-TAQUE»
BRINDE ZIP-ZIP
Pastelaria — Sala de Chá — Snack-Bar
SERVIÇO DE RESTAURANTE
AV. DE ROMA, 29-B — TELEFONES 77 77 23 · 77 03 25

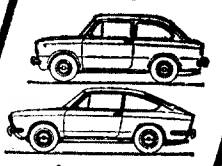
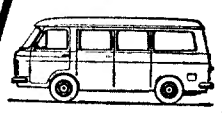
SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FIAT em Portugal desde 1902

A FIAT PORTUGUESA

mais uma vez em primeiro lugar com sete mil quatrocentas e noventa e nove viaturas produzidas e vendidas, na metrópole, em 1969, agradece a todos os seus clientes, fornecedores e indústrias nacionais, que lhe permitiram manter a posição alcançada.

7499 VIATURAS

BERLINA	FIAT 600 D	1310
BERLINA SPECIAL	 BERLINA COUPÉ SPORT	FIAT 850	3017
BERLINA	COMERCIAL	FIAT 124	1606
BERLINA	FIAT 124 SPECIAL	481
BERLINA	FIAT 125	1011
OUTROS MODELOS E	FIAT 238	 FURGON	74

A FIAT PORTUGUESA, S.A.R.L. e os seus Concessionários desejam um Feliz Ano Novo

«A Caçada do Malhadeiro» distinguido com o «Prémio João Ortigão Ramos»

A direcção da União de Grémios dos Espectáculos acaba de proceder á verificação e á contagem dos votos conferidos aos filmes portugueses estrados na temporada de 1968/69, para efeitos de atribuição do «Prémio João Ortigão Ramos».

O resultado da votação, facultada pelos jornais diários de Lisboa, foi o seguinte: 1.º «A Caçada do Malhadeiro», de Quirino Simões (34 votos); 2.º, «Estrada da Vida», de Henrique de Campos (29); 3.º, «Bonança & C.ª», de Pedro Martins (19); e 4.º, «O Ladrão de quem se fala», de Henrique de Campos (12).

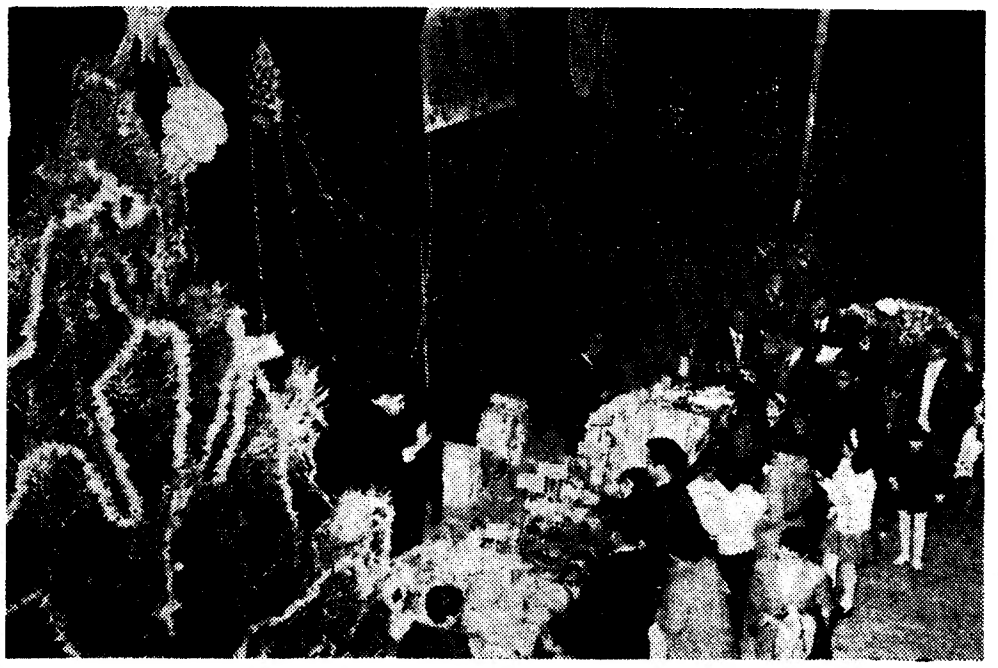
Assim, o «Premio João Ortigão Ramos» será atribuído ás firmas Tóbis Portuguesa, S. A. R. L., e Exifilmes-Sociedade Portuguesa de Exibição de Filmes, Lda. (Cinema Odeon), respectivamente produtora e exibidora da película mais votada.

«A Caçada do Malhadeiro» é um filme do tenente Quirino Simões, em «eastmacolor», interpretado por Fernando Gusmão, Rui Mendes, Baptista Fernandes, Carmen Mendes e outros. Foi estreado no dia 31 de Janeiro de 1969, nos cinemas Odeon e Europa, e esteve doze dias em cartaz.

Prémios Bayer de Jornalismo de 1969

Em virtude de o jogo da segunda mão entre o Hertha e o Vitória de Setubal, para a Taça das Cidades com Feira, se realizar na Alemanha, no próximo dia 7, decidiu a administração e o serviço de Relações Publicas da Bayer de Portugal prorrogar o prazo dos Prémios Bayer de Jornalismo de 1969, até 11 de Janeiro.

A prorrogação deve-se ao facto de ser este o primeiro ano em que os jornalistas desportivos podem concorrer aos prémios Bayer e por se terem verificado poucos acontecimentos desportivos entre portugueses e alemães durante este período. Com esta decisão o juri dos referidos prémios, que será divulgado dentro de dias, tomará, também, em consideração todos os artigos desportivos ou não publicados na Imprensa portuguesa, até ao dia 11.



Durante a festa de Natal da União Eléctrica Portuguesa (Sul)

FESTA DE NATAL DOS FILHOS DO PESSOAL DA UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA (SUL)

Realizou-se em Setúbal, no Cine-Teatro Luísa Todi, a Festa de Natal dos filhos do pessoal da União Eléctrica Portuguesa (Sul) que decorreu num ambiente de grande confraternização. Estiveram presentes os srs. governador civil de Setúbal, presidente da Câmara Municipal, subdelegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, delegado do Governo, dr. França e Silva, e gerente, eng.º Paulo de Barros, que se fazia acompanhar de sua esposa, sr.ª D. Maria Antónia de Barros.

Depois da distribuição de brinquedos e bolos a centenas de crianças, deu-se início ao espectáculo, que começou pela exibição dos palhaços Armando, Lisboa & C.ª que foram muito aplaudidos. Seguidamente, as entidades acima mencionadas procederam no palco á distribuição de bolsas de estudo a filhos de empregados. O engenheiro-gerente aproveitou a ocasião para prestar homenagem ao eng.º Armando de Medeiros, tradicional organizador das Festas de Natal e que, por motivos de saúde, não se encontrava presente.

A segunda parte do espectáculo compôs-se de representação da fantasia «Deus deu-me um Amigo», original de João Silva, funcionário da empresa, com música de Idalino Cabecinha, totalmente interpretada por um grupo de jovens e crianças, filhos de empregados, que souberam dar brilho ás sugestões do poema, incluindo bailados e canções, alguns dos quais foram bisados.

No fim da sessão, foram dirigidas afectuosas saudações ao presidente do conselho de administração e ao gerente, respectivamente comandante José Matoso e eng.º Paulo de Barros.

JOWA 1969

o banco para toda a gente

Todos os caminhos vão dar ao banco. O banco tem todos os caminhos para lhe dar.
A poesia do banco é o dia-a-dia de quem passa e descansa no BANCO...
O BANCO PARA TODA A GENTE.
O BANCO renovou-se, modernizou-se, apetrechou-se de forma a poder oferecer TÉCNICA MODERNA.
Criou para si, qualquer que seja a sua profissão, o seu ramo de comércio ou indústria um SERVIÇO PERSONALIZADO.
Para a resolução do seu problema a nossa RAPIDEZ DE DECISÃO.
Não esqueça... EXISTIMOS PARA O SERVIR.

BANCO FONSECAS & BURNAY
o banco para toda a gente

HOTEL DOM CARLOS

DIA DE ANO NOVO

EMENTA ESPECIAL

ALMOÇO:

OSTRAS NO GELO
FERMINY EM TAÇA
LAGOSTA COM CARIL NA CASCA «A INDIANA»
MEDALHÕES DE PESCADA A «RUSSA»
PERDIZ EM COCOTE «FERRA MORENA»
TORNEVÓ ROSSINI

JANTAR:

PEQUENA MARMITA «HENRIQUE IV»
CREME DE ESPARGOS
TRUTAS DO MINHO «BELAVISTA»
SALMÃO «ANO BOM»
LINGUADO GRELHADO «BOM ANO»
FELA DE VITELA «MATERNIÇA»
PERU RECHEADO «HOMEM POBRE»
GRENADINES «LAGUIPIÈRE»

///

FRUTAS — DOCES OU GELADOS

Marcações de mesas: Tel. 539071

AV. DUQUE DE LOULÉ, 121 — LISBOA

arp

No início de um novo ano
veja como vou crescer.
Faça que o seu capital cresça
no mesmo ritmo.
Compre TÍTULOS DE OCUPAÇÃO
e em dez anos
quase triplica o seu dinheiro.

12%

10%

9%

8%

TORRALTA
UM LUGAR PARA SI
UMA SOCIEDADE PARA TODOS
Av. Duque de Loulé, 66-A
LISBOA
Telefs. 5 17 49 - 55 56 81
5 44 79 - 4 21 39

PRAIA DE ALVOR — PORTIMÃO
Telefs. 3128 - 3211
3212 - 3251 - 3252
LAGOS • HOTEL GOLFINHO • PRAIA D. ANA
Telefs. 302 - 461 - 462

ANOS 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓ

DOCUMENTOS HISTÓRICOS PROMULGADOS HÁ 213 ANOS E RELACIONADOS COM A COMPANHIA GERAL DA AGRICULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO TAMBÉM DENOMINADA REAL COMPANHIA VELHA E REAL COMPANHIA DOS VINHOS DO PORTO (ROYAL OPORTO WINE COMPANY) INSTITUÍDA POR ALVARÁ RÉGIO DE 10 DE SETEMBRO DE 1756 QUE SUA MAJESTADE EL-REI D. JOSÉ HOUVE POR BEM CONFIRMAR PARA SUSTENTAR A CULTURA DAS VINHAS DO ALTO DOURO E CONSERVAR A PRODUÇÃO DELAS NA SUA PUREZA NATURAL, EM BENEFÍCIO DA LAVOURA, DO COMÉRCIO E DA SAÚDE PÚBLICA

MARQUÊS DE POMBAL
Fundador da Companhia

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

PELA occurrencia de outros negocios não pude responder mais cedo á carta que V. Mcê. me dirigio na data de dois do corrente.

Com ella foy prezente a Sua Magestade a execuçaõ que V. Mcê. havia dado ás Suas Reaes ordens, recebidas ate aquelle dia, e taõ bem o justificado motivo com que V. Mcê. naõ havia feito partir as Esquadras pelos empedimentos naturaes que tinhaõ occurrido no tempo e na Barra.

Sobre elles manda o mesmo Senhor responder a V. Mcê. que a Sua Real Rezoluçaõ he, que nem os Navios sejaõ obrigados a sahir com perigo, nem se dilatem de hum para outro dia. Logo que haja oportunidade para V. Mcê. os mandar fazer a vella; porque seria taõ grande o prejuizo dessa Praça em elles ficarem para o anno depois de carregados, como intoleravel a irreverencia de affectarem pretextos para se dilatarem, contra as dispoziçoens das mesmas ordens Regias.

E como ja participey a V. Mcê. as razões e os factos, que manifestaõ o pouco que V. Mcê. pode confiar da fedelidade dos Pilotos, e dos Offeciaes que os governaõ, he desnecessario lembrar-lhe, que nenhuma cautella, e nenhuma circunspecçaõ será a este respeito demaziada.

Pelo que pertence aos requerimentos das pessoas, que pertendem tomar dinheiro a juro, taõ bem vi, e fis prezente a Sua Magestade o que V. Mcê. avizou ao Mestre Frey Joaõ de Mancilha. E o mesmo Senhor ficou no conhecimento das tergiversaçoens, com que a mal intendida conveniencia dos tais pertendentes embarassou em the agora o effeito do credito publico, com que a Paternal Clemencia de Sua Magestade socorreo essa Praça, e as Provincias que della se animaõ.

Nesta materia se fas precizo executar V. Mcê., com todo o vigor e brevidade, o que ja lhe avizey na data de sinco do corrente, fazendo dar o dinheiro aos moradores de Sima do Douro, que ja tem accoẽs, e aos mais de fora da Cidade, que as quizerem ter, sem atensaõ a couza alguma que naõ seja completar-se o fundo da Companhia, com o mayor preço, o que couber no possivel porque a mesma Companhia he que contem a utilidade publica, e a Sy se emputem o naõ entrarem nella os particulares, fazem essas duvidas.

Deos Gde. a V. Mcê. Bellem a 13 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

COPIA PARA O PROVEDOR DA CAZA DA INDIA

SUA MAGESTADE manda remeter a V. S.ª a copia incluza das Suas Reaes ordens, que foraõ expedidas ao Ministro que serve de Chanceller da Relaçaõ, e Caza do Porto, sobre a prohibiçaõ de se extrahirem vinhos daquella Cidade, e da Villa de Vianna para os Portos deste Reyno; para que V. S.ª mandando afixar por Edital as mesmas ordens Regias, e declarando nelle, que todo o vinho daquellas partes, que intrar neste Rio, será incurso nas mesmas penas do referido Edital: tome todas as percauçoẽs que julgar mais efficazes para que nenhuns vinhos que sahirem do Porto, e Vianna possaõ valdiar-se, ou dezembarcar-se sem serem confiscados.

Para que se evite nesta materia toda a fraude, fara V. S.ª vir á Sua prezença todos os Mestres dos Navios declarados na Relação incluza, e os obrigara assignarem termo de naõ embarcarem a seu bordo algum vinho, sem provarem na prezença de V. S.ª que he da produçaõ desta Provincia da Estremadura, individuando a fazenda onde foy produzido, e a pessoa que a pertende embarcar. O que o mesmo Senhor há a V. S.ª por muito recomendado; ordenando que V. S.ª para a exacta, e efficas execuçaõ das sobreditas ordens, uze de toda a ilimitada jurisdicçaõ, que necessario for sem embargo de quaesquer dispoziçoens contrarias. Deos Guarde a V. S.ª. Paço de Bellem a 15 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

Copia para o

PROVEDOR DA ALFANDEGA FRANCISCO XAVIER DE PORCILLE

SUA MAGESTADE manda remeter a V. S.ª a coopia incluza das Suas Reaes ordens, que foraõ expedidas ao Ministro que serve de Chanceller da Relaçaõ e Caza do Porto, sobre a prohibiçaõ de se extrahirem vinhos daquella Cidade, e da Villa de Vianna para os Portos deste Reyno; para que V. S.ª mandando afixar por Edital as mesmas ordens Regias, e declarando nelle, que todo o vinho daquellas partes, que intrar neste Rio, será incurso nas mesmas penas do referido Edital: tome todas as percauçoẽs que julgar mais efficazes para que nenhuns vinhos que sahirem do Porto, e Vianna possaõ valdiar-se, ou dezembarcar-se sem serem confiscados.

O que o mesmo Senhor há a V. S.ª por muito recomendado; ordenando que V. S.ª para a exacta, e efficas execuçaõ das sobreditas ordens, uze de toda a ilimitada jurisdicçaõ, que necessario for sem embargo de quaesquer dispoziçoens contrarias.

Deos Guarde a V. S.ª. Paço de Bellem a 15 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

Os vinhos do Porto da REAL COMPANHIA VELHA reinam em Portugal desde o reinado de Dom José

RIA DO VINHO DO PORTO

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTA O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

FAZENDO prezente a Sua Magestade a carta de V. Mcê. que trouxe a data de 10 do corrente, com os papeis que a acompanharaõ; ouvio o mesmo Senhor com a mayor estranheza a temeraria ouzadia, com que os Caixas e Mestres dos Navios das Esquadras que deviaõ sahir dessa Barra, na forma das Reaes ordens, que V. Mcê. lhes havia intimado com tanto cuidado e exactidaõ; Se precipitaraõ no absurdo de as transgredirem; primeyro, por modo indirecto com as fraudes, e destrezas, que constaõ dos ditos papeis; e depois directamente—a carta descuberta, com a liberdade que a V. Mcê. justamente causou o grande escandalo que seria de pessimo exemplo, ficando sem castigo.

Principalmente quando consta que a dita desobediencia he sedicioza, e ordenada ao fim de desconsertar a Companhia, para naõ ter effeito; obrando os que tiveraõ a mesma ouzadia, de acordo com os Inglezes por elles instigados: E manifestando-o assim factos taõ decisivos, como o são: 1.º A declarada opoziçaõ, que os dous Irmaons Cativos, e Antonio da Costa Cardozo, fizeraõ nessa Cidade aos estabelecimentos da dita Companhia animando contra ella a Praça; nos termos referidos na minha carta, que dirigi a V. Mcê. em 6 de Setembro proximo passado; 2.º as maquinas que fizeraõ em Sima do Douro, alienando as gentes, que queriaõ tomar dinheiro para meter na Companhia para que nella naõ entrassem. 3.º O desacordo com que se atreveraõ a inquietar até os mesmos Commissarios da Companhia, para os separar della; como V. Mcê. verá das duas cartas originaes que ajuntarey a esta, escritas por Amaro Francisco Guimaraens. 4.º A tudo accresse o outro significante facto, de que ao mesmo tempo em que afectaraõ, que naõ podiaõ sahir dessa Barra, os nove Navios das Esquadras; Sahiraõ della vinte e hum Navios Inglezes carregados de vinhos, que entraraõ neste Rio, debaixo do pretexto de esperar comboyo sendo que na realidade vieraõ para baldear vinhos dos Navios da Frota de Pernambuco vendo que estava proxima a partir: Ainda que esta fraude naõ terá effeito, porque Sua Magestade tem dado toda a providencia necessaria para a empedir.

Nestas circonstancias he certo que se faz necessario o castigo, como deixo assima ponderado: e naõ qualquer castigo, mas hum castigo severo, e prompto, de que se siga exemplo; e que se execute, naõ em todos, mas em alguns delles que forem mais culpados; para que ao preço da ruina indespensavel de poucos se emendem, e desenganem os muitos, que de outra sorte se precipitariaõ em taõ prejudiciaes contravençoens.

Pelo que aqui tem constado, parece que os mais culpados, ou cabessas de motim, saõ os sobreditos douz Irmaons Cativos, e Antonio da Costa Cardozo, e que contra elles he que deve proceder o castigo mais aspero, e prompto; para que as Esquadras, e a Frota de Pernambuco, levando as noticias do seu atrivimento, as levem taõ bem das penas, que por elle tiveraõ; com o que perderá o Credito tudo o que estes máos homens escreveraõ para o Brazil contra a Companhia: Procedendo V. Mcê. na conformidade do que lhe avizey pela minha dita carta de seiz de Setembro proximo passado.

Isto he, abrindo logo huma devassa, a que sirvaõ de corpo de dilicto os factos, que deixo assima indicados: Pronunciando os culpados nella: Metendo em segredo os que tiverem mayor culpa, e constar que saõ cabessas de sediçaõ: Fazendo-lhes perguntas para declararem o que souberem a respeito da mesma sediçaõ; principalmente; pelo que pertence á carta em que Amaro Francisco Guimaraens, escrevendo a Antonio Pinto de Miranda lhe prognostica infelicidades futuras: E forçando-o a declarar quaes saõ aquellas couzas que elle dis declarara a seu tempo.

Ao mesmo tempo fara V. Mcê. notificar aos sobreditos as inhabilidades declaradas na carta Regia que ajuntarey a esta e a fara afixar por Editaes para que venha á noticia de todos, e naõ possaõ depois alegar ignorancia os que com elles contratarem: Ficando tudo autuado para servir nos cazos occurrentes.

Depois de V. Mcê. assim o haver executado, mandara vir prezos separadamente á Sua prezença cada hum dos Caixas, e Mestres dos Navios, e lhes perguntará, se tem duvida a irem logo immediatamente fazer-se promptos a partir sem escuza, nem replica, á primeyra ordem: que V. Mcê. lhes der! Aquelles que forem respondendo, que estaõ promptos para obedecer ao que V. Mcê. lhes mandar, se devem hir soltando debaixo deste termo, naõ tendo alias culpa de outra natureza, que a V. Mcê. seja prezente. Aos que responderem escuzandosse, deve V. Mcê. declarar, que tem ordem de Sua Magestade para fazer partir o Navio, e para fazello costear á custa delle respondente pelo mais bem parado de seus benz; e para remter a carregaçaõ que elle levar, á Meza da Inspecçaõ do respectivo Porto, a que se dirigir o Navio: a qual a fara benefficiar, se elles a naõ cometerem aos seus respectivos correspondentes; a quem estava ordenada.

E porque huma das escuzas que provavelmente dariaõ e daraõ ainda os Mestres e Caixas dos Navios, he a de se naõ terem expedido os carregadores: Lhes pode V. Mcê. confutar logo este subterfugio, respondendo: Que o mesmo succedeo nesta Corte na partida das Frotas, que vem chegando agora: Que naõ obstante isso, foraõ obrigados a partir, levando huns Navios meia carga, outros menos; porque o grande objecto era hirem buscar a carga, que la tinhaõ, e agora naõ falta: e que por isso vem as Frotas prezentemente ricas, e opulentas, soccorrer este Reyno: E que em fim, com carga ou sem carga, haõ-de partir precizamente; como V. Mcê. lhes tem determinado; só com a differença de ser o costeamento por Sua conta, ou pela de V. Mcê. na referida forma.

O Superintendente da Ribeyra do Douro naõ esta livre da presumpçaõ de capear pelo menos estas desordens. E para lhe fechar a porta a toda a escuza, lhe fara V. Mcê. entregar, sendo necessario, a carta Regia, que ajuntarey a esta com a sua copia para a informaçaõ de V. Mcê.

Deos Guarde a V. Mcê. Bellem a 17 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

Copia

PARA ANTONIO CAETANO JOZEPH DE SOUZA E MAGALHAENS

Superintendente do Ribeyra do Douro

ANTONIO CAETANO JOZEPH DE SOUZA MAGALHAENS, Superintendente da Ribeyra do Douro. Eu El Rey nos invio muito Saudar. Fuy Servido ordenar a Bernardo Duarte de Figueiredo, Corregedor do Crime, a cujo cargo esta o governo da Relaçaõ e Caza dessa Cidade, que sem demora, ou replica dos Interessados nas Esquadras que estaõ proximas a partir desse Porto para o Estado do Brazil, as faça sahir logo com a carga, que tiverem, ou naõ tiverem a bordo, fazendo costear os Navios, que deraõ o nome para as ditas Esquadras, ou pelos mesmos Interessados nelles, no cazo de se fazerem promptos, ou pelo mais bem parado de Seus bens, fazendo nelles prompta execuçaõ para este effeito, o que me pareceo participar-vos para que nessa conformidade executeis effectiva e inviolavelmente o que vos for determinado pelo sobredito Ministro, assim a respeito da prompta expedição das referidas Esquadras, como dos Marinheiros, e de tudo o mais pertencente a ellas athe sahirem dessa Barra, como tenho rezoluto, e ordenado; Tendo intendido que ficareis responsavel na minha Real Prezença de qualquer omissaõ, ou demora que haja ao dito respeito. Escrita em Bellem a dezoito de Novembro de mil sette centos sincoenta e seis.

REY

EL-REI D. JOSÉ I

Fundador e soberano protector da Companhia

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTA O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO, Corregedor do Crime, a cujo cargo esta o governo da Relaçaõ e Caza do Porto. Eu El Rey vos invio muito Saudar. Por justos motivos do Serviço de Deos, e Meu, e do Bem Commum dos meus Fieis Vassallos, que se justificaraõ na minha Real Prezença: Sou Servido exterminar a Antonio da Costa Cardozo, Amaro Francisco Guimaraens, e Domingos Francisco Guimaraens; o primeiro para a Praça de Moura, o segundo para a de Alcoutim; e o terceiro para a de Sines; onde se constituiraõ no prezizo termo de dés dias continuos, e successivos, contados do em que se lhes intimar esta minha Real ordem. A qual participareis aos respectivos Ministros das ditas villas, com a de fazerem aprezentar os sobreditos todos os dias na Sua prezença, e lhes naõ permittirem sahir das mesmas villas, athe segundo ordem minha. Escrita em Bellem a dezoito de Novembro de mil e sette centos sincoenta e seis.

REY

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO, Corregedor do Crime, a cujo cargo esta o governo da Relaçaõ e Caza do Porto. Eu El Rey vos invio muito Saudar. Por justos motivos do Serviço de Deos, e Meu, e do Bem Commum dos meus Fieis Vassallos, que se justificaraõ na minha Real Prezença: Sou Servido que Antonio da Costa Cardozo, Amaro Francisco Guimaraens, e Domingos Francisco Guimaraens, moradores nessa Cidade / alem das mais penas, que por suas culpas merecerem / sejaõ desde logo removidos do Commercio dos meus Reynos, e Dominios, ficando inhabilitados para mais naõ uzarem o officio de Mercadores, ou negocearem per Si, ou por outrem, directa

(Continua na página seguinte)

Os vinhos do Porto da REAL COMPANHIA VELHA reinam em Portugal desde o reinado de Dom José

ora diga-nos...

— Quantas esferográficas gasta por mês?

...E foi uma esferográfica que registou as respostas a esta importantíssima pergunta ..

● *Disse-nos Carlos Alberto Rodrigues Albano, aluno da primeira classe:*

— Uma esferográfica.

— Só...?

— Só.

— Então estudas pouco. Isto é: escreves pouco...

— O meu professor não pensa assim. Acho que faço o que devo.

● *Aprendiz de encadernador Francisco Jorge Candeias Barradas deu-nos estas palavras:*

— Gasto... ora deixe cá ver... gasto ..

— Diz ..

— Gasto umas duas, três esferográficas por mês

— Ena! Isso é que é trabalho!

— Não. Faço palavras cruzadas... Em todos os jornais que encontro

● *Por ultimo, Luís Vitorino Garcia, funcionário da empresa que explora as águas de Carvalhelhos, respondeu assim:*

— Três Três esferográficas Faço muitos assentos E aqui, é ali: Enfim trabalho.

— E não escreve mais nada?

— Ah, sim! Uma carta um postalzito, sei lá... E o boletim do Totobola.

LICENCIADOS EM FÍSICA

Instituto de Investigação Aplicada, localizado em Lisboa, pretende admitir licenciados, com classificação de curso superior a 14 valores e idade inferior a 35 anos. Indicar curriculum e classificações das diferentes cadeiras. Resposta a este Jornal, ao n.º 392.

FESTAS DE NATAL E ANO NOVO

NA CASA DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A exemplo de anos anteriores, na Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro há esta noite uma ceia de confraternização de trasmontanos, dedicada aos associados e trasmontanos radicados na capital, a fim de angariar fundos para as obras de beneficência.

A ceia constará de canja de peru, sonhos de bacalhau com salada, arroz no forno, peru assado com batatas louras ou lombo de porco, sonhos do Marão, pudim, café e brande. Vinhos da região trasmontana, trigo e centeio, e o preço de 70$00.

Realiza-se também um baile, até de madrugada, com a colaboração de um conjunto, constituído por estudantes trasmontanos.

No bar, servem-se pratos regionais, constituídos por alheiras, presunto de Chaves e de Vinhais, salpicão, trigo, centeio e outras especialidades, além dos seus vinhos regionais.

DOS LABORATÓRIOS NOVIL

Efectuou-se a festa de Natal dedicada aos empregados e colaboradores dos Laboratórios Novil, Ld.ª. Atendendo a que está para breve a inauguração da «Liofax» Liofilização Industrial de Produtos Alimentares, Ld.ª, a qual se encontra directamente ligada àqueles laboratórios, a festa decorreu de uma forma diferente, isto é, nas instalações daquele complexo industrial, em Samora Correia — Porto Alto, que foi objecto de uma visita, que incluiu a exibição de um filme em que se relata toda a evolução técnico-científica da empresa. Houve depois, distribuição de lembranças ao pessoal. A festa terminou com um jantar de confraternização, num restaurante típico de Samora Correia.

NA WELLA, PORTUGAL — SOCIEDADE DE COSMÉTICOS LUSO-ALEMÃ, LDA.

Nas instalações da Wella, Portugal, decorreu a habitual festa de Natal. Cerca de 100 empregados e respectivas famílias assistiram á reunião, apreciando a passagem de alguns filmes, principalmente dedicados ás crianças. Foi servida uma merenda a todos os presentes e houve distribuição de prendas aos filhos dos colaboradores da organização. Encontravam-se presentes o sr. Klaus Schulz Langendorf, director da Wella Portugal; o sr. Mário Jorge Silveira da Luz, chefe da contabilidade, e outros funcionários superiores da referida emprêsa.

EM ABRANTES

ABRANTES, 31 — Efectuaram-se diversas festas de Natal, dedicadas ás crianças e levadas a efeito, nomeadamente, pelas Conferências Vicentinas da cidade, C.A.T., Câmara Municipal, Fundições Soares Mendes, Metalúrgica Duarte Ferreira, Associações de beneficência, agências bancárias e Serviços Sociais da P S P e da G N R.

DOS FILHOS DOS EMPREGADOS DA FILIAL DE LEIRIA DO B N U.

LEIRIA, 31 — O Centro de Convívio Cultura, Recreio e Desportivo dos Empregados da Filial do Banco Nacional Ultramarino nesta cidade promoveu uma festa de Natal para os filhos dos empregados daquele banco, no Orfeão de Leiria. Além de a apresentação de actos de variedades e de música e a exibição de um grupo de palhaços amadores, a festa incluiu a distribuição de brinquedos a todas as crianças e de um lanche aos seus familiares.

Também no Hospital de D. Manuel de Aguiar se festejou o Natal, com a celebração de uma missa e comunhão aos doentes, actos a que presidiu o mordomo, padre Manuel Rodrigues Pias e a que assistiram o provedor, as irmãs e quase todos os funcionários do hospital. Um grupo de senhoras procedeu depois á entrega de lembranças aos doentes de todas as enfermarias.

NA ACADEMIA 1.º DE DEZEMBRO DE 1867

Na sede da Academia 1.º de Dezembro de 1867, efectuou-se o tradicional bodo aos pobres.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO VINHO DO PORTO

(Continuação da pág anterior)

ou indirectamente, de tal sorte, que uzando do mesmo officio incorreraõ nas penas, em que por minhas ordenaçoens incorrerem os que uzaõ de Officios publicos, sem para isso terem Licensa minha. Nas mesmas penas incorreraõ os seus Feitores, e as Pessoas que com elles contratarem, e se associarem para commerciar; ainda que as Sociedades sejaõ em contratos da minha Real Fazenda. As negociaçoens e contratos mercantis, que com elles se fizerem, ficaraõ pelo mesmo facto nullos e de nenhum effeito; E as couzas que por elles se negociarem e contratarem / ou o vallor dellas / seraõ confiscadas a favor de quem as denunciar, em publico, ou em segredo; com tanto que neste segundo cazo se justefique a denuncia pela corporal apprehençaõ; e que no primeyro conste da materia della por legitimas provas. Só nos termos de terem os sobreditos alguns Navios carregados para o Estado do Brazil, os fareis effectivamente partir, por esta ves somente em benefficio dos outros Interessados, com as Esquadras, a que pertencerem; e os fareis costear, ou por conta dos mesmos Interessados, havendo entre elles algum, que queira tomar este encargo; ou pelo mais bem parado dos bens dos mesmos inhabilitados. O que tudo executareis, sem embargo de quaesquer Leys, Regimentos, ou costumes contrarios que para este effeito He/ por derrogados, ficando alias sempre eu seu vigor. E fareis afixar esta por Editaes, para que chegando á noticia de todos naõ possa alguem allegar ignorancia do conteudo nella. Escrita em Bellem a dezoito de Novembro de mil sette centos sincoenta e seis.

REY

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

OS Directores da Companhia Geral do Gram Pará e Maranhaõ em huma Junta que fizeraõ diliberaraõ facilitar os meyos ás Pessoas que tomaõ dinheiro a juro para entrarem na mesma Companhia, e que naõ tem faculdades para pagarem os interesses do dinheiro, que tomaõ athe o terceiro anno, em que se ha-de fazer a primeyra repartiçaõ dos Lucros. O expediente que rezolveraõ e estaõ praticando em ordem á dita facilidade consiste em se encarregar a Companhia de emprestar aos Accionistas, que naõ tiverem dinheiro prompto para pagarem os referidos juros as respectivas quantias, que forem necessarias para satisfazellos, debaixo da obrigaçaõ de que tudo o que se for dando aos mesmos Accionistas para pagarem os sobreditos juros, se lhes descontará ao tempo da primeyra repartiçaõ nos lucros que lhes pertencerem, visto que os recebem anticipadamente.

O que Sua Magestade manda participar a V. Mcê. para que communicando este Avizo ao Provedor e Deputados da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, facilitem na mesma conformidade os meyos de pagarem os juros aos Accionistas, que nella quizerem interessar-se.

Deos Guarde a V. Mcê. Bellem a 19 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

CARTA

PARA O DESEMBARGADOR

BERNARDO DUARTE DE FIGUEIREDO,

CORREGEDOR DO CRIME, A CUJO CARGO ESTÁ O GOVERNO DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

SUA MAGESTADE manda remeter a V. Mcê. para a sua instrucção a copia do Avizo que em quinze do corrente fis ao Provedor da Caza da India para empedir pelo Consulado, que a bordo dos Navios da frota de Pernambuco fossem carregados os vinhos, que sahindo dessa Cidade com despachos para Inglaterra entraraõ neste Rio debaixo do pretexto de esperar comboy, para se baldearem furtivamente nos Navios da referida frota.

Na mesma conformidade mandou o dito Senhor ordenar ao Provedor da Alfandega do Assucar, que impedisse sahirem os referidos vinhos dos Navios Inglezes. E assim se executou logo com effeito, fechandosse com cadeados seguros as escoltilhas dos referidos Navios Inglezes; dobrandosse a bordo delles as guardas; e rondandosse o mar; para por todos os modos se empedir a fraude daquelle contrabando, o qual certamente se naõ ha-de fazer neste porto.

Há porem todas as apparencias, de que ainda se intentou fazer outro engano, que taõ bem fica obviado, e conciste em se despacharem na Alfandega dessa Cidade, e da Villa de Vianna algumas embarcaçoens com carga de vinhos para o Norte; em mudarem as equipagens depois de despachadas, metendo a bordo das mesmas embarcaçoens Mestres, e Marinheiros Portuguezes; e entrarem neste porto como embarcaçoens Portuguezas que antes se naõ achavaõ prohibidas; e em descarregarem assim os seus vinhos com fraude do Edital que V. Mcê. ahi mandou affixar em execuçaõ das Reaes ordens que lhe participey no Meu Avizo de sinco de Outubro proximo passado.

E para se formalizar a culpa destes contrabandistas, he precizo que V. Mcê. remeta logo a certidaõ do referido Edital que ahi se afixou, e no dia em que foy affixado; ajuntando outra certidaõ authentica e especifica de todas as embarcaçoens que depois da publicaçaõ do mesmo Edital foraõ despachadas com carga de vinhos para o Norte, assim na Alfandega dessa Cidade, como na da Villa de Vianna.

Deos Guarde a V. Mcê. Bellem a 19 de Novembro de 1756

SEBASTIAÕ JOZEPH DE CARVALHO E MELLO

ALVARÁ

EU EL REY faço saber aos que este meu Alvará virem, que tendo consideraçaõ as Letras, e merecimentos do Desembargador Bernardo Duarte de Figueiredo, Corregedor do Crime, a cujo cargo está o Governo da Relaçaõ, e Caza do Porto: Hei por bem fazer-lhe merce de o nomear por Conservador da Companhia da Agricultura das Vinhas do Alto Douro com todas as jurisdiçoens, e obrigaçoẽs declaradas na Instituiçaõ da mesma Companhia, e com ella haverá o ordenado, próes, e precalços, que direitamente lhe pertencerem; e jurará na chancelaria aos Santos Evangelhos de que bem, e verdadeiramente sirva; Guardando em tudo o meu Serviço, e ás partes seu direito, de que se fará asento nas costas deste Alvará, que se cumprirá inteiramente como nelle se contem e valerá posto que seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da Ordenaçaõ. Livro Segundo titulo quarenta em contrario; e pagou de novos direitos cento e sincoenta mil reis que foraõ carregados ao Thezoureiro delles no Livro segundo da sua receita a folhas cento e sincoenta e hũa, como se via do seu conhecimento em forma registado no Livro decimo do registo geral a folhas noventa e sete. Dado em Bellem aos vinte e nove de Dezembro de mil e sette centos e sincoenta e seis

REY

Alvará por que V. Magestade há por bem fazer merce ao Desembargador Bernardo Duarte de Figueiredo, Corregedor do Crime, a cujo cargo está o Governo da Relaçaõ, e Caza do Porto, de o nomear Conservador da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro na forma asima declarada.

Para V. Magestade Ver

FIM DE ANO BRANCO NO NORDESTE

Interrompidas as comunicações com a região de Bragança

BRAGANÇA, 31 - Esta cidade e região foram surpreendidas pela queda de um dos maiores nevões de que aqui há memória, com graves perturbações na vida da população. Assim, verificou-se uma avaria geral das vias telefónicas, impedindo as comunicações, situação que ainda hoje se mantem. Aliás, há avarias nas linhas telefónicas em todo o Norte do País, provocadas pelo mau tempo, dificultando e impossibilitando as ligações.

Igualmente no que respeita ás vias de acesso, a cidade ficou isolada do resto do País já que as diversas estradas apareceram bloqueadas pela neve, apenas restando aos abitantes locais a possibilidade de utillizarem os transportes ferroviários.

A Junta Autónoma de Estradas e a Camara Municipal de Bragança desenvolveram pronta acção, enviando viaturas adaptadas com limpa-neve para as vias de comunicação mais duramente afectadas pelo nevão, a fim de procurar, o mais brevemente possível, torná-las de novo transitáveis. Neste trabalho encontram-se ocupados numerosos funcionários camarários

Ainda segundo informação obtida junto de um rádio-amador, a população aceitou a situação com excelente espírito de compreensão, apesar dos inevitáveis transtornos causados pelo nevão.

Tratores contra a neve na região ao norte de Viseu

VISEU, 31 — Passaram, esta manhã, por esta cidade, a caminho do Norte, alguns tractores da Junta Autónoma de Estradas, equipados de pás escavadoras, enviados para aquela região a fim de desobstruírem as estradas cobertas de neve.

As referidas máquinas irão operar nas regiões de Castro Daire, Sernancelhe, Penedono e Trancoso, entre outras, e a sua acção deverá sentir-se também na zona de Cavernões, ao norte desta cidade.

A temperatura continua a ser baixa e hoje, para cúmulo, sopra um vento forte que ainda torna mais cortante o frio que vem das serras

CUMPRIMENTOS DE FIM DE ANO

No gabinete do titular da pasta das Finanças e Economia, efectuou-se, esta manhã, uma breve cerimónia de cumprimentos de fim de ano áquele membro do Governo e aos secretários de Estado do Tesouro e do Orçamento, da Agricultura da Industria e do Comércio.

No Ministerio do Ultramar, também o pessoal daquele departamento do Estado apresentou cumprimentos ao ministro e aos dois subsecretários. Semelhante cerimónia se realizou no Ministério da Educação, estando presentes o ministro e os dois subsecretários daquela pasta

Na Camara Municipal e no Comando Geral da P. S. P. efectuaram-se, também, cerimónias de cumprimentos de fim de ano

A proa do «Varna» uniu-se à popa

PORTO, 31

Completou-se um ano, no passado mês de Novembro, sobre a data em que o navio-motor búlgaro «Varna» «encalhou na areia do Cabedelo. Baldadas que foram as tentativas para o safar da sua crítica situação ali ficou até ser partido em dois devido à rebentação. Mais tarde, um sucateiro comprou o navio e a carga e de novo se voltou a falar do «Varna» que a partir da madrugada de hoje se tornou mais uma vez notícia. .

Separada a popa da proa ficou aquela sobre as areias do Cabedelo e a ré foi impelida para umas pedras a cerca de uns 100 metros a oeste. Esta madrugada, porém, e devido à forte agitação do mar a proa foi arrastada pela corrente e uniu-se de novo á popa. Devido a este facto o «Varna» apresenta-se aos olhos de quem o contempla o mesmo navio que há um ano encalhou naquele local.

Os prémios do Concurso de Presépios dos Hospitais

Foi atribuído «ex-aequo» aos hospitais de S. José (Maternidade de Santa Bárbara), Curry Cabral (Serviço 5, Sala 1-A, e Serviço 6, Sala 1) e de Santa Maria (Serviço 1, Sala 1) o prémio geral do concurso de presépios, promovido pelos Serviços de Assistência Religiosa dos Hospitais Civis de Lisboa, no qual participaram 42 trabalhos colectivos

O juri, constituído pelo dr. Nuno de Miranda, da Repartição de Artes Plásticas da Secretaria de Estado da Informação e Turismo; pintores Artur Bual e Luís Gonçalves, padre Timóteo Barroso, capelão dos H. C. L., D. Maria José Cabrita Calisto Pires, D. Maria de Carvalho e D. Isménia Vieira dos Santos, resolveu atribuir as seguintes menções honrosas: Hospital de S. José, serviço 4, sala 1; Hospital do Desterro, serviço 3, sala 2; e serviço 2, sala 1; Hospital dos Capuchos, serviço 5, sala 2; Hospital de D. Estefania, serviço 1, sala 1, serviço 4, salas 1 e 2 e serviço 5 e quartos particulares; Hospiatl de Arroios, serviço 1, sala 1; Hospital Curry Cabral, serviço 4, sala 1 e serviço 1, sala 2-A (pavilhão 3); Hospiatl de Sanat Marta, serviço 3, sala 2; e Maternidade dr. Alfredo da Costa.

Cinco vigários episcopais para a Diocese do Porto

PORTO, 31

Em recente reunião com o clero da diocese foram anunciadas pelo bispo D. António Ferreira Gomes seis nomeações: do rev. dr. Manuel da Silva Martins para vigário-geral (com um substituto habitual para os casos de impedimento, ausência e férias) e dos rev.os dr. Manuel Álvaro Vieira Madureira, Joaquim Teixeira Carvalho de Sousa, dr. António Godinho de Lima, António dos Santos e dr. Serafim de Sousa Ferreira e Silva para vigários episcopais, encarregados, respectivamente, da Renovação do Ministério e Educação Eclesiástica, Educação Cristã e Cultura Religiosa, Apostolado dos Leigos e Acção Católica, e Religiosos, Institutos Seculares e Associais de Fiéis.

Nova figura jurídica criada pelo Concílio Vaticano II, o vigário episcopal, como recordou D. António Ferreira Gomes, pode ser instituído «se o melhor governo da diocese o pede» e gozará por direito próprio, no género de negócios que lhes é confiado, do mesmo poder que o direito comum concede ao vigário geral. Atribuições: estar atento a todos os problemas do próprio sector, estudar o melhor ordenamento de tudo o que possa dizer-lhes respeito e tomar as medidas mais úteis ou consentâneas com o bem comum da igreja diocesana. Os vigários episcopais reunir-se-ão mensalmente com o bispo ou com o vigário-geral.

Na mesma ocasião D António Ferreira Gomes tornou pública as seguintes nomeações para a Cúria Episcopal: rev.os Artur Martins da Silva, secretário-geral da Cúria e escrivão da Câmara Eclesiástica; José Bástos Rebelo, tesoureiro-geral e contador do Juízo Eclesiástico; dr. Serafim Ferreira e Silva, chefe da Casa Episcopal; dr. Januário Mendes Ferreira, chefe do Gabinete Episcopal; e Arnaldo Cardoso Pinho, secretário particular do prelado. As nomeações são por três anos renováveis, «tornando-se normalmente em conta, na escolha e manutenção dos titulares destes serviços diocesanos, o juizo e apreço do clero e do laicado».

ELEFANTE COR-DE-ROSA

LOURENÇO MARQUES, 31 — (A.N.I.) — «Não é provável que o estranho elefante cor-de-rosa visto há dias nas proximidades da fronteira de Moçambique com o Parque Nacional Krueger, da Africa do Sul, pertença a qualquer reserva de caça moçambicana» — declarou ao matutino «Noticias», desta cidade, um informador dos serviços provinciais de veterinária.

«Nem mesmo no Parque Nacional da Gorongosa há elefantes albinos» — acrescentou o informador.

A hipótese de se tratar de um animal ido de Moçambique havia sido posta pela Imprensa de Joanesburgo, partindo do princípio de que no Parque Krueger também não existem elefantes albinos.

Uma equipa de reportagem do «Rand Daily Mail», daquela cidade, procurou inutilmente encontrar o misterioso animal que foi descrito como sendo «muito jovem».

A direcção do Parque Krueger projecta empregar nas buscas um helicóptero, mas o único destes aparelhos de que dispõe encontra-se em reparação.

Bolsa de Lisboa

UNDOS DO ESTADO	Efec	Compr	Vend
Consolidado 3/4%	—	—	518$
Consolidado 3%	530$	528$	532$
Consolidado 3 1/2%	—	—	620$
Centenário 4%	1.510$	1.505$	1.515$
Obrig Tesouro 5%	1.003$	1.002$	1.003$
externo Série	—	—	720$
externo Série C	—	850$	—
externo 3 Série	—	730$	—
Externo 3 Série C	—	—	845$
Cautelas 3 Série	—	—	1155$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	470$	—
A P I 5% 56	—	—	930$
A P I 5% 58	—	—	930$
C P 4 1/2% 65	900$	895$	—
C P 5 1/2% 67	—	—	—
C U. P 6%	—	997$	—
C U. P 6% 68	—	1.004$	—
Gás Elect 4% 48	—	780$	—
Gás Elect 4 1/2% 51	—	800$	—
Gás Elect 5% 52	—	890$	—
Gás Elect 5% 58	—	890$	—
Gás Elect 5% 59	—	890$	935$
Gás Elect 5% 62	—	930$	—
Gás Elect 5% 63	—	—	935$
Gás Elect 5% 65	—	—	—
Gás Elect 6% 67	—	—	1.000$
H E A Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	830$	—
H E Cávado 6%	—	—	1.015$
H E Douro 5%	850$	840$	850$
H E Douro 6%	—	—	1.020$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E Estrela 6%	—	—	1.015$
H E Zêzere 5% 55	—	—	830$
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	1.005$	—	—
Metropolitano 4%	—	—	—
Metropolitano 3 3/4%	—	995$	1.000$
Moçambique 5%	—	—	—
Nac Electr 5%	—	850$	—
Nitratos 5%	—	810$	—
Nitratos 5% 60	—	790$	820$
Petroquímico 5%	—	865$	—
Port Celul 5%	—	950$	—
Sacor 5% 54	925$	920$	940$
Sacor 5% 60	—	880$	—
Siderurgia 5% 2.º	—	790$	820$
Siderurgia 5% 3.º	—	—	—
Siderurgia 5% 4.º	—	—	—
Sonefe 5%	—	850$	900$
T A P 4%	—	—	950$
Termoelect Port 5%	—	—	—
U E P 3 3/4%	—	84$	—
U E P 4%	—	86$	—
U E P 4 1/2%	—	90$	—
U E P 5%	82$	82$	—
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	2.200$	2.200$	2.210$
Alentejo	1.080$	1.075$	1.080$
Angola	3.580$	3.580$	3.600$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	5.400$	5.400$	5.600$
E Santo	18.800$	18.600$	19.000$
E Santo n	—	—	—
Fonsecas S a	—	20.000$	25.000$
Fomento Nacional	—	—	2.500$
L G Açores p	7.100$	7.050$	7.150$
L G Açores n	—	—	—
P Atlântico p	5.970$	5.970$	5.990$
Portugal n	—	—	3.800$
Portugal p	—	—	4.200$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n	3.300$	3.300$	—
Ultramarino p	3.600$	3.600$	3.650$
Seguros			
Alentejo	81$	80$	81$
Douro	—	1.500$	—
Mundial	795$	795$	797$
Sagres	—	1.050$	2.600$
Tranquilidade	—	15.000$	65.000$
Ultramarino	—	18.000$	30.000$
Ultramarinos			
Açúcar de Angola	—	830$	850$
Ag Cassequel	805$	801$	810$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	470$	470$	500$
Ag S Tomé e Príncipe	350$	350$	360$
Bobor	—	160$	190$
Buzi	82$5	82$5	83$
Cabinda	230$	230$	282$

	Efec	Compr	Vend
Fomentos	2.420$	2.420$	2.430$
H E Revue	—	620$	650$
Ilha do Príncipe	—	800$	000$
Moçambique	179$	178$5	79$
Sonefe n	415$	415$	520$
Sonefe p	435$	435$	440$
Zambézia	—	85$5	88$
Angolanc	—	—	—
Diversas			
Cdk	7.900$	7.850$	—
Cim Leiria	—	—	—
Cim Tejo	—	—	—
Lo Navegação	1.430$	1.430$	1.450$
U E	1.500$	1.490$	1.510$
Ina Aliança	—	—	—
Nac Navegação	—	3.800$	—
Petroquímica	2.140$	2.140$	2.150$
Port e Colónias	—	1.450$	1.500$
Port Celulose	4.300$	4.200$	4.400$
Port Pesca	1.220$	1.200$	1.220$
Port Tabacos	785$	784$	787$
Sacor	4.800$	4.750$	4.850$
Siderurgia Nac	1.830$	1.830$	1.840$
Social	—	3.380$	3.395$
Tabacos de Portugal	—	1.750$	—
Tabaqueiro	—	7.900$	8.100$
Azote	865$	865$	880$
Aguas Electr Gás			
Aguas Lisboa p	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	395$	420$
Aguas Lisboa 36	—	390$	—
Eléct Beiras	—	—	620$
Gás Electr	422$5	422$5	423$
H E Alto Alentejo	157$5	157$	—
H E Cávado	1.262$	1.260$	1.265$
H E Douro	1.265$	1.264$	1.265$
H E Norte Portugal	—	300$	—
H E Estrela	—	—	—
H E Zêzere	—	1.260$	—
Nac Electricidade	—	1.270$	—
Termoeléctr Port	1.265$	1.260$	1.265$
U E P	192$	190$	193$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	205$	211$2
F I D E S	—	126$6	130$4

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65 100)

	23/12/69	30/12/69	31/12/69
GERAL	151,6	151,0	150,3
METRÓPOL.	143,7	143,3	142,3
ULTRAM.	209,2	207,6	208,8

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rande	36$50	38$50
América:		
— Dollars de 1 a 4	28$00	28$50
— Dollars de 5 a 1 000	28$30	28$70
Canadá — Dollar	26$10	26$60
Alemanha — Marco	7$55	7$85
Austria — Schilling	$05	$08
Argentina — Peso	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$00	7$00
Espanha — Peseta	$39,5	$41,0
Holanda — Florim	7$65	7$95
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,4	$04,65
Bélgica — Franco	$55	$58
França — Franco	4$70	5$10
Suiça — Franco	6$50	6$70
Marrocos — Dirham	4$80	5$30
Dinamarca — Coroa	3$60	3$90
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	280$00	300$00
Inglaterra — 1/2 Libra	250$00	270$00
Ouro fino — Barra	32$70	34$70

J. BURNAY, L.DA
RUA DO OURO, 72
Notas estrangeiras
Papéis de crédito
Tel. 321273

NOVO REGIME JURÍDICO DOS CICLOMOTORES

Os Ministérios do Interior e das Comunicações, tendo em atenção as dificuldades indicadas ao Governo pelo sector privado, vão publicar uma portaria adiando para 1 de Julho de 1970 a entrada em vigor do novo regime jurídico dos ciclomotores, que deveria iniciar-se amanhã.

Buraca e Reboleira já têm luz

A região da Buraca e da Reboleira, onde, durante a noite se verificou prolongada interrupção no fornecimento de energia eléctrica, está já reabastecida.

Os serviços competentes das C. R. G. E., asseguraram já a alimentação daquelas zonas, prosseguindo no entanto, o trabalho das equipas encarregadas de reparar na totalidade, a avaria verificada que, naturalmente, causou grandes transtornos aos moradores da área .

Bombons Arcádia
● prazer do paladar

ARTES PLÁSTICAS • CINEMA • BAILADO • DESPORTO • ECONOMI

QUAIS OS ASPECTOS MAIS NEGAT

Todos os anos, na mudança do calendário, é hábito os jornais ouvirem alguns especialistas de diversas matérias sobre os domínios a que se dedicam. Não abrimos execpção, ao chegar ao fim de mais esta jornada de 365 dias — só que o **ângulo** é diferente: não se trata, aqui, de dar um balanço, ou tão-pouco de ouvir a opinião sobre os factos mais importantes registados no correr do ano que agora chegou ao seu termo — pelo contrário, trata-se de tentar saber, de perguntar, qual o aspecto que consideraram mais negativo, no ano que findou, dentro da matéria a que se dedicam.

Assim, dentro desta orientação, ouvimos: Rui Mário Gonçalves (Artes Plásticas); Maria Antónia Luna Andermatt (Bailado); Paulo Rocha (Cinema); Vítor Santos (Desporto); Gilberto Ramos (Economia); João José Cochofel (Literatura); Manuel Lima (Música) e Luzia Maria Martins (Teatro).

GILBERTO RAMOS (ECONONOMIA)

Perante a necessidade de fazer uma escolha (teòricamente possível) entre a integração na economia europeia ou a formação de um espaço único, incluindo os territórios africanos, a nossa economia continua a ser dirigida como se fosse possível percorrer simultâneamente os dois caminhos e eles não fossem incompatíveis. Senhos e não fossem incompatíveis.

Outro aspecto que julgo de referir é a simultaneidade entre o continuo agravamento do custo de vida, que no corrente ano e segundo os índices oficiais, foi superior a 8 % e a existência de uma crise económica em 1966, que apenas nos fins de 1968 parecia estar em vias de superação, mas que os numeros conhecidos quanto á evolução nos principais sectores económicos nos meados deste levam a pensar que poderá manter-se.

Como se sabe, durante um período de quebra na actividade económica não se costuma verificar agravamento significativo no custo de vida, ao contrário do que sucedeu no nosso País.

Neste agravamento, em que intervêm várias causas, surge como fundamental o crescente peso das despesas públicas não-reprodutivas na economia nacional. Confirma-se assim a impossibilidade de, simultâneamente, se poderem manter elevadas percentagens de gastos não-reprodutivos e se lançar um efectivo processo de desenvolvimento económico.

PAULO ROCHA (CINEMA)

Afinal, o pior estava para vir. Por volta de 1967, achava-se que o futuro só poderia trazer progresso ao cinema português — a situação era tão má que não se imaginava pior. Pois bem, 1968 trouxe um novo tipo de vergonha.

O tão esperado subsídio Gulbenkian de 1969, de 3200 contos, não pôde ser utilizado devido á não aprovação dos estatutos da Cooperativa dos Cineastas.

Para 1970, o pior é fácil de prever: a nova Lei do Cinema reflectirá as aspirações do novo cinema português? — o novel Instituto Nacional de Cinema será criado para proteger velhas situações de privilégios e abafar as frágeis tentativas dos últimos anos?

ÁLVARO GUERRA (LITERATURA)

Talvez a manutenção dos mitos que herdámos e não pudemos ainda remover; talvez ainda este divórcio antigo entre o escritor e os seus leitores, poucos, por continuarmos numa terra de poucas letras e ser a literatura uma questão de família debatida á lareira duma rotina de calmos privilégios; talvez a literatura não ser ainda uma questão de vida ou de morte para os que a fazem.

AFR KAANS
cial
CENTRO DE LINGUAS
AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

LUIZ FRANCISCO REBELLO (TEATRO)

No ano em que puderam finalmente subir á cena alguns originais portugueses que longamente aguardaram a oportunidade de ver cumprido o seu natural destino, creio que os aspectos negativos da nossa vida teatral devem passar a um plano secundário

Não quero todavia deixar de aludir á perda que representou a morte de José Régio, um dos nossos grandes dramaturgos deste século, e desejar que todo o seu teatro seja representado — aliás, como o de todos os outros dramaturgos cujas peças continuam sem poder subir á cena.

RUI MÁRIO GONÇALVES (ARTES PLÁSTICAS)

Procurar dizer qual o acontecimento mais negativo seria, no domínio das artes plásticas, proceder a uma análise do que, apesar dos esforços dos artistas e dos críticos actuais, permanece na sociedade portuguesa: a falta de consciência da necessidade da arte. Extraíríamos então alguns dados que não seriam porém mais relacionáveis com o ano de 1969 do que com outro qualquer.

Mas se há males que já vêm de longe, a actividade crítica deveria estar a exercer uma função de denúncia. Exerce, embora com poucas possibilidades. Para os problemas levantados pelo espírito crítico, pelo espírito do livre exame das coisas, surgem simulacros de solução. Estes ás vezes é que variam de ano para ano.

Acontecimentos do contexto social? — verdadeiramente tristes e prejudiciais: o suicídio do pintor Manuel D'Assumpção, a saída do arq. Nuno Portas da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, a alteração arbitrária de algumas obras de arquitectura, a não publicação das obras completas do escritor Almada Negreiros, a não realização de uma rectrospectiva da sua pintura, num momento em que a personalidade do artista desperta muitas polémicas... e poucos estudos! Acrescente-se mais um sintoma: a exposição, e o seu êxito comercial, da pintora Eduarda Lapa.

MANUEL DE LIMA (MÚSICA)

Analisar pelo lado negativo o sistema mental que contém os elementos do aproveitamento espiritual e ideológico dos grupos sócio musicais que constituem o nosso meio, empenhado no *consumo da sensação da música*, parece-me ser um exercício crítico, uma disciplina, de bastante utilidade. Não podendo mencionar-se fácilmente miuta coisa positiva, devido aos condicionalismos cada vez mais estreitos no nosso *consumo da sensação da música*, talvez referindo os pontos negativos se consiga uma análise mais justa.

Não há, a meu ver, que registar apenas um caso negativo. Há muitos, e todos eles, claro está, resultantes do mesmo nível em que se encontram actualmente os componentes mentais. Em primeiro lugar, considero ponto negativo uma crítica pouco polémica e com tendências para a benevolência para não falar na distracção, destituída, portanto, de sentido prático. Aqui, dou a palavra a H. Kruger: *O tipo de crítico profissional moderno, tal como o caracterizou a nossa época, só é possível, claro está sob uma condição prévia elementar: pressupõe uma estrutura política da sociedade que está organizada de acordo com as regras fundamentais da democracia, uma sociedade, portanto, em que os valores não são ditados de cima, senão que está disposta a realizar, partindo de baixo, e em livre controvérsia de opiniões em comum, o acto de apurar a verdade.*

Penso ser o desmando desta norma um ponto negativo essencial que se reflecte no resto. A falta de uma opinião pública mais activa, que advém da carência de informação, não insufla os necessários estímulos para a actividade musical. Ao mesmo tempo, por essa mesma razão, os *mediadores* («mecenas», dirigentes de sectores musicais e de sociedades de concertos) apropriaram-se do *consumo da sensação da música*, esquecendo-se de que a arte sofreu no mundo moderno uma transformação de carácter social, a partir da qual deixou de ser ornamentação das classes privilegiadas para se tornar propriedade pública. Por outro lado, a música que ouvimos, impede de ouvir outra... Por exemplo: a montagem de uma missa de Frederico de Freitas, com grandes massas corais e orquestras, e um grupo de solistas, escrita num estilo italiano do século passado, e que foi recebido pelo público e a crítica com aplausos, pode ser em relação à situação da música actual, tomada como um ponto negativo, dentro do seguinte quadro: nesse momento, os mediadores e a crítica não cumprem o que lhes compete como componente estrutural actuante, que é educar e civilizar os grupos consumidores apresentando-lhes um modelo estimulando e analisando teorias, descobrindo mentiras e petulâncias, pondo termo á validade (Alphons Silbermann).

A imposição, por princípio, de maestros estrangeiros com actividades permanente, maestros titulares, tanto às poucas orquestras de que dispomos, como

MIA • LITERATURA • TEATRO

TIVOS DE 1969?

ao próprio público, (caso Gianfranco Rivoli e Piero Belugi), sem que essa determinação tenha sido resultado de um critério dependente da estrutura do grupo socio musical, acrescenta-se aos pontos negativos mais salientes. Nos quadros da política e administração da cultura, relativos ao *consumo da sensação da música*, parecem-me ser estes os pontos emperrativos dos resultados positivos que todo o meio naturalmente deseja conseguir.

VÍTOR SANTOS (DESPORTO)

Pede-me o simpático «Diário de Lisboa», relicário do mais válido e genuino jornalismo lusitano, tal como eu o vivo e admiro, alguma coisa de mais importante que o tradicional «juizo do ano» desportivo provinciana sedução desta época, em todas as latitudes, com tudo o que o hábito tem de magazinesco e frivolo e, cá para nós, a sua ponta de papalvismo indígena, de que o português, entalado entre os contrafortes da meseta, não conseguiu ainda libertar-se.

Realmente, solicitando-me, nestas tréguas anuais de fim-de-ano, em que ouvimos os anjos a tocar harpa e a badalar sininhos e o homem, uma vez por todas, pára o relógio do seu egoismo, refastelando-se numa nuvem, moidinho do «stress» de trezentos e tantos dias de luta na selva do quotidiano, a enumeração dos factos mais desagradáveis reunidos no Desporto em 1969, o «Diário de Lisboa» quer, de facto, julgar, em vez de pôr lustres prateados e bolinhas brancas de algodão em rama na pequena árvore do desporto lusitano, desoladoramente nua quanto à validade de um movimento educacional, á escala nacional, realizado obrigatóriamente pelo Estado, se ele quer, realmente, integrar o fenómeno desportivo nas grandes preocupações de promoção social do nosso povo.

Bom, mas refugiando-nos na quinta murada do Desporto-Espectáculo, evasão tradicional do Zé, visto como entidade colectiva, existente para lá do desenho tradicional de Bordalo, vamos lá eleger o que de mais triste houve no ano desportivo que finda agora.

A meu ver, a escolha é fácil, dentro de uma opção que deixo ao «gosto» ou à sensibilidade do público leitor: entre a mórbida consumação do afastamento do futebol português da fase final do Campeonato do Mundo de 1970, no México, ao chamado «escândalo da Volta a Portugal», dois acontecimentos que polvilhámos com o sal e a pimenta dos assomadiços ambientes eminentemente latinos, vividos entre os parâmetros humanos do *oito* e do *oitenta*, «num coeur balancé»...

Tenho, sobre os dois acontecimentos, uma perspectiva, não digo original, mas, ao menos, afastada do absolutismo dogmático de todos os que, aberta ou «veladamente, lutam no domínio de uma cátedra engalanada, onde de borla e capelo de adelo da Rua dos Remolares qualquer pseudo «magister»... «dixit».

Realmente, nem o que aconteceu ao futebol português, com a sua dolorosa reintegração numa mediania somática que, por mais valiosa que seja (e é, dentro de certa medida), não destroi a falta de *profundidade* da engenhosa, imaginativa, versátil bola nacional, disfarçada, no cume, pela reunião, no espaço e no tempo, de uma mão-cheia de jogadores fora-de-série; nem o romanceado imbróglio da Volta a Portugal, com tudo o que ele tem de «História da Princesa Magalona» e vai direitinho ao limitado «psico» do nosso povinho, nada «milleriano», podem ser consideradas *desgraças nacionais* ou, muito menos, acontecimentos capazes de afectarem a validade e a seriedade do Desporto, ao nível da sua sedução popular, que alguns querem ver conseguida por uma mágica LSD muito especial e altamente entorpecente...

Não. Sem vestir a túnica de burel da santa tolerância indígena ou de um lacrimejante fatalismo «fadesco», creio que ambos os fenómenos têm implicações extradesportivas que filham raízes na infra-estrutura socio-económico-cultural do *meio cívico* onde o Desporto português está, natural e obrigatóriamente, implantado.

E não serão as repercussões mais ou menos demagógicas dessas duas «fatalidades», sobre as quais se vai entornar a grande lixivia do tempo, que arrefeceram, arrefecem ou arrefecerão a nossa paixão pelo Desporto e a nossa fé inabalável na sua força aglutinadora e nas suas ilimitadas potencialidades sociais.

LUNA ANDERMATT (BAILADO)

«A continuação de ausência total de uma consciência actualizada, sobretudo das pessoas responsáveis pela direcção que imprimem ás poucas instituições existentes».

—Digo: «A continuação» — porque tudo «continua» como se estivéssemos no princípio. Importa a fachada, importa «o espectáculo de montra» sem se olhar á base, á formação, á honestidade dos princípios que não dão glória nem fama no momento é certo..., mas que significam o único caminho para fazer surgir uma obra válida — neste caso, uma verdadeira Companhia de Bailado com nível artístico e categoria em todos os seus elementos e sectores.

Enquanto não houver uma estruturação de base com uma selecção *imparcial* de valores nas suas admissões, seja no âmbito bailarinos, dirigentes, ou colaboradores,... «continua» a não haver incentivo... e o círculo continua como tantas vezes já tenho dito — Escola — Companhia — Escola! As companhias não observam nem constituem suficiente atractivo e garantia para que os jovens abdiquem da sua formação num curso médio ou superior... e por isso os bons alunos de bailado, que surgem todos os anos, quase formados, cheios de qualidades técnicas e artísticas... desanimam, não antevêm futuro desistem pura e simplesmente ou continuam a trabalhar só por paixão mas sem pretenderem a carreira profissional.

E como os valores nacionais «continuam a ser» relegados para segundo plano (2.º lugar), mesmo em *igualdade de mérito e de circunstancias*...

— «Continua» a ser «chic» e a pensar-se que constitui «cartaz» chamar um nome estrangeiro para fazer a montagem de um bailado ou coreografia, por exemplo, ou até mesmo para se radicar, sem uma consulta prévia ao seu estado de franca decadência — como tem a contecido várias vezes, e ainda este ano, justamente de 1969!...). Faz muita pena, é uma verdade amarga, mas é verdade!

E é claro que o que se segue a esta insistência nos velhos moldes, a esta mentalidade — talvez aceitável entre nós há 15 ou 20 anos — ... «é um recuo do profissionalismo»... Muitos aprendem, mas poucos, ou raros, seguem a carreira artística, tão superficialmente tratado em Portugal.

— Digo: «ausência total de uma consciência actualizada» — porque não vi, e creio que ninguém viu, a não ser com excesso de boa vontade, qualquer iniciativa em 1969 que marcasse uma posição decisiva em actualização de moldes ou projecção artística, quer no ensino oficial de Bailado, quer nos métodos ou na estrutura das duas companhias existentes;

7 confesso-lhe até, com bastante mágoa, que vi terminar este ano com somatório inferior ainda, a outros anos passados.

— Digo: — sem hesitar, que o peso deste cenário incide muito mais nas «pessoas responsáveis», naquelas que *supervisam*, e *decidem*, e *impõem* a direcção dos caminhos ou dos desígnios trites do Bailado em Portugal... do que próprianente nos elementos que são apresentados ao publico ou que estão patentes ao publico, como seja logo em primeiro lugar os bailarinos, sempre vitimas, constituindo a válvula de escape de cada insucesso ou de cada limitação de directores, autores-coreógrafos, mestres, cenógrafos, etc., etc.. etc. (Há ainda bailarinos deficientes, ultrapassados, é certo. Encaminhá-lo para um dos muitos ramos ligados ao conjunto, a orgânica dos vários sectores que constituem um espectáculo de Bailado, seria saudável para ambos os lados e mais importante ainda seria um estímulo poupando-se-lhes a noção da decadência tão triste em qualquer situação!).

Mas também não é aqui, por enquanto, que reside o problema, porque há bailarinos bons e competentes em numero suficiente, para *não desvirtuar* uma obra «consistente» de raiz, desde que não lhes peçam uma «Giselle» ou «Lago dos Cisnes» e nem queiram fazer parecer que vinte ou quarenta pessoas em cena são a mesma coisa se tornaram Cisnes ou Wills em quatro ou oito semanas!!! Assim não! E há pessoas bem conhecidas destes dois aspectos — o positivo e o negativo.

Mais adiante o que é preciso pensar quando se fale de Bailado, é que esta Arte, pela sua própria essência e vida, tem que pertencer aos jovens, é feito para eles e tem de ser vivida e interpretada por eles, pelo seu fogo interior pela sua com[illegible]ia, pela alegria e exuberância que deve transbordar do palco até lá fora...

Mas atenção: «eles também precisam, por outro lado, da experiência e maturidade e sabedoria de quem os orienta e dinamiza»!!!

— Mas (Deus nos ajude!) que essa maturidade tenha competência!

— Que essa sabedoria se aplique a fazer «parte» e não «culto de personalidade»?

— Que exista conhecimento e consciência profunda, do que é uma Companhia ou uma Escola!

— Que essa «experiência» esteja sempre actualizada e se ajuste perfeitamente com a juventude do espírito (não importa a idade de quem orienta), importa o sentido de arte e actualizada tão necessário para o domínio da situação e para o progresso da própria Arte!

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

ESTABELECIMENTOS
M. SIMÕES JR.
S. A. R. L.

Informamos os nossos estimados clientes e fornecedores que todos os nossos serviços encerrarão de 2 a 5 de Janeiro, para efeitos de balanço.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

A MÃO

que lhe dá o melhor CAFÉ
A BRASILEIRA DO PORTO

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

CHOCOLATES TAGUS
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

Banco de Fomento Nacional

Por recentes deliberações dos corpos gerentes do Banco de Fomento Nacional, os Serviços desta instituição de crédito em Angola e Moçambique ficaram constituindo Direcções-Gerais, com um Director-Geral em cada uma das Províncias referidas. A nova estrutura adoptada corresponde ao propósito do Banco de intensificar e dinamizar a sua acção naqueles territórios ultramarinos, dando aos órgãos que neles o representam o nível, a eficiência e o grau de autonomia reclamados pelas necessidades locais e pela importancia da actividade que se pretende que o Banco aí desenvolva.

Para o cargo de Director-Geral em Angola foi designado o Sr. Eng.º John Jardine Neto, que vinha exercendo há anos as funções de Delegado na mesma Província, e para o de Director-Geral em Moçambique, o Sr. Dr. José Antunes da Silva, que até agora ocupara o lugar de Director dos Serviços Financeiros na Sede da instituição, em Lisboa.

Simultaneamente foi nomeado Director dos Serviços Financeiros o Sr. Dr. Fernando Manuel Cardote Barbosa Mesquita, que até ao presente desempenhava o cargo de Director dos Serviços de Fomento, e promovido a Director destes ultimos Serviços o Subdirector Sr. Eng.º José Joaquim Fragoso.

Foram ainda promovidos a Subdirectores dos Serviços de Fomento e dos Serviços de Estudos Económicos, respectivamente, os Técnicos dos mesmos Serviços Srs. Dr. Arnaldo Julio Martins e Dr. João Manuel Antunes da Silva Cruzeiro, e nomeado para o lugar de Delegado do Banco no Porto o Sr. Dr. José de Oliveira Campos.

Actualidade internacional

O discurso de Franco pôs termo aos boatos sobre a sua retirada

MADRID, 31 — (F. P.) — Numa mensagem de fim de ano o general Franco assegurou ontem à noite ao povo espanhol que continuará «a trabalhar ao seu lado servindo a pátria enquanto Deus me der vida».

Esta frase final, na aparência alegórica, não pôs, todavia, termo aos boatos de que o «caudilho» poderia retirar-se. Para uns, o chefe do Estado indicou claramente o seu desejo de se manter na direcção do Estado. Para outros a frase é ambígua: Franco poderia muito bem deixar Juan Carlos subir ao trono e conservar para ele o título de caudilho. Ocuparia assim um lugar privilegiado que lhe daria autoridade moral incontestada e a possibilidade de «trabalhar para servir a pátria».

O caudilho, que acaba de festejar os seus 77 anos, pronunciou o seu discurso com voz rouca mas firme, da maneira monocórdica que lhe é peculiar.

Trajando fato escuro, de pé, atrás de uma secretária monumental, não pestanejou uma única vez durante os vinte minutos em que as câmaras da Televisão estiveram permanentemente assestadas sobre ele. No entanto, os operadores evitaram os grandes planos.

Franco frisou na sua mensagem que as medidas que asseguram a sua sucessão são definitivas: «Está tudo resolvido e bem resolvido» — afirmou ele.

Os observadores pensam que o caudilho quis desta forma fazer perder as esperanças aos saudosistas de toda a espécie: Monárquicos partidários de D. João, conde de Barcelona e falangistas republicanos.

Apesar da controvérsia sobre a interpretação da sua mensagem, os observadores não podem deixar de concluir que não está iminente o afastamento do general Franco.

«A INTERNACIONAL» — novo hino de Brazzaville

BRAZAVILLE, 31 — (F.P.) — República do Congo — Brazzaville passa a chamar-se República Popular do Congo. A sua nova bandeira será vermelha tendo no alto e à esquerda duas palmas verdes encimadas por uma estrela amarela que tem ao centro uma foice e um martelo cruzados. O hino congolês passou a ser «A Internacional».

Atribuídos ao «Esquadrão da Morte» 260 assassínios em 1969

RIO DE JANEIRO, 31 — (F. P.) — Duzentos e sessenta cadáveres encontrados durante o ano 1969 nos terenos baldios de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais apresentavam a assinatura do «Esquadrão da Morte»: Uma caveira com duas tíbias, as letras «EM» e uma inscrição infamante em relação com a actividade da vítima.

Embora tenha sido possível identificar as vítimas — em geral bandidos, evadidos de prisões, traficantes de drogas, etc — praticamente nada se sabe acerca dos autores destas execuções. Além da «assinatura» há outras circunstancias que se repetem: o cadáver encontra-se quase sempre com as mãos atadas atrás das costas tem uma corda de «nylon» à volta do pescoço e foi atingido com uma bala de «colt 45» na testa.

A história do «esquadrão da morte» ainda não foi escrita, mas pode ser reconstituída do seguinte modo:

Havia no Rio de Janeiro um comissário de Polícia chamado, Lecoco, célebre «caçador de bandidos» do Estado da Guanabara, que tinha por hábito nunca disparar sobre um bandido A não ser que este fosse o primeiro a atirar. Há cinco anos, quando estava prestes a deitar a mão a um criminoso que tinha por alcunha «Gueta de Cavalo», este voltou-se e despejou o revólver sobre Lecoco que teve morte instantanea. Os amigos do comissário juraram sobre o cadáver vingar o camarada, tendo então nascido o «Esquadrão da Morte».

Desde esse momento começou a assistir-se nas grandes aglomerações urbanas do Brasil a uma limpeza «em regra» do «bas fond».

«Suspense»

(Continuação da 1.ª página)

Devido ao mau tempo no Mediterrâneo Oriental que prejudicou o andamento dos barcos e, sem qualquer comunicação oficial das autoridades israelitas, todos os indícios convergem no mesmo ponto: a viagem das cinco vedetas aproxima-se do fim.

A agência noticiosa israelita Itim, referindo-se a notícias do aeroporto de Lydda anunciara já que as vedetas tinham entrado em águas territoriais israelitas mas a Rádio Israel, baseando-se em «fontes oficiais» afirmou que os barcos não deviam chegar á costa antes do amanhecer.

Pouco depois, fontes autorizadas comunicavam que os navios entrariam em Haifa sem qualquer tentativa para disfarçar a chegada.

OS ACONTECIMENTOS DA DÉCADA

NOVA YORK, 31 — (A. N. I.) — A descida do primeiro homem na Lua foi considerada o acontecimento jornalístico do ano de 1969 e da década de 60, em consulta realizada pela U. P. I. junto das redacções dos jornais norte-americanos.

Em segundo lugar, depois do voo da Apolo 11, classificou-se, em 1969, a guerra do Vietnam, enquanto o segundo lugar na década foi dado ao assassínio do presidente John Kennedy, em 1963.

A GRIPE CAUSOU JÁ CENTENAS DE MORTOS EM TODA A EUROPA

LONDRES, 31 — (R.) — Médicos de toda a Europa, desde o Mediterraneo ao Árctico, lutavam hoje contra um vírus de Inverno, que veio do Sul, como um exército invasor, matando centenas de pessoas e atirando para o leito milhões de outras.

Em França, a epidemia chama-se «grippe», em Espanha «gripe», na Holanda «griep» e na Grã-Bretanha, Alemanha e Escandinávia «influenza».

Em toda a parte significa o mesmo: defluxo nasal, febre, dor de cabeça, dores no corpo, exaustão e, frequentemente, para as pessoas idosas e fracas, a morte.

Ninguém sabe ao certo quantas pessoas têm morrido em consequência da própria gripe ou de outras doenças provocadas pelo mal, conhecido geralmente como o vírus de Hong-Kong ou «gripe asiática».

O Ministério Britanico da Saude anunciou 298 óbitos atribuídos directamente á gripe, na semana até 19 de Dezembro. O numero referente á semana do Natal, a ser publicado amanhã, parece certo ser de longe mais elevado.

Na Jugoslávia, um dos primeiros países a serem afectados pela epidemia em princípios de Novembro, funcionários indicavam o balanço trágico como atingindo mais de 250 óbitos e acentuavam que poderia ser muito mais elevado.

POSSÍVEL VISITA DE AGNEW AO VIETNAM

SAIGÃO, 31 — (R) — Circulam hoje boatos de que o vice-presidente dos Estados Unidos, Spiro T. Agnew, em visita á Ásia, poderá fazer uma breve visita ao Vietnam do Sul, esta tarde ou amanhã de manhã.

Um informador da embaixada americana, disse apenas que o vice-presidente, actualmente em Manila, já tinha falado da hipótese de ir ao Vietnam do Sul, embora não estivesse previsto no programa da viagem. No entanto o mesmo informador disse que não tinha indicações nem de Agnew nem do Governo do Vietnam do Sul sobre a visita.

PRÓ-COMUNISTAS

SAIGÃO, 31 — (F. P.) — A Camara dos Deputados reconheceu que os três deputados que o presidente Thieu acusou de pró-comunismo, tiveram realmente actividades pró-comunistas.

A decisão da Assembleia Nacional assenta no relatório de uma comissão parlamentar de inquérito.

A Camara dos Deputados terá agora de dicidir o levantamento da imunidade parlamentar aos três deputados.

Entretanto, soube-se nesta cidade que apesar da trégua de três dias proclamada pela F. N. L. houve nove empenhamentos importantes entre forças norte-americanas e da Frente nas províncias de Phuoc Long e de Tay Ninh, na região de Saigão, e no sector de An Hoa, a sul de Da Nang. Em Phuoc Loc foram atingidos dois helicópteros norte-americanos pela defesa antiaérea da F. N. L. Morreu um piloto e ficaram feridos outros dois.

BELA E VIOLENTA

SAIGÃO, 31 — (R.) — Madame Kieu Mong Thu, bela e violenta deputada da Oposição surgiu hoje de revólver em punho durante a sessão da Assembleia Nacional no meio de um debate que levou a vias de facto alguns dos seus colegas.

A BOLÍVIA OPTA PELA «VIA SOCIALISTA»

LA PAZ, 31 — (F. P.) — Pela primeira vez depois da «Revolução» de 26 de Setembro, um ministro boliviano declarou que o Governo tinha optado pela «via socialista».

Flando com os jornalistas ontem, o ministro das Minas Marcelo Quiroga, membro influente da ala esquerda do Governo do general Alfredo Ovando, afirmou que «só há dois caminhos para o progresso: o capitalismo e o socialismo». Quiroga, principal artífice da nacionalização da companhia Petrolífera americana Gulf Oil, acrescentou: «O Governo enveredou pelo caminho da revolução nacional e do capitalismo estatal, que conduz ao socialismo».

O ministro afirmou ainda que a orientação do novo regime boliviano é determinada pelas características geográficas, políticas e económicas do país, que deve deixar de estar dependente de correntes ideológicas imposta do exterior.

ACORDO ÁFRICA DO SUL-F. M. I.

SATISFAÇÃO EM PRETÓRIA E NOS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON, 31 — (R.) — Os Estados Unidos e a África do Sul encontravam-se hoje ambos satisfeitos com um acordo que dá ao segundo país um preço base para o seu ouro e que recomeçará com o fluxo de metal recentemente minerado para o sistema monetário internacional.

O histórico acordo obteve a aprovação final dos directores executivos do Fundo Monetário Internacional durante uma conferência ontem, á noite, que durou quase três horas, após um ano de negociações difíceis sobre o delicado problema.

O dr. Gerhard de Kock, representante da África do Sul junto do F. M. I., declarou aos jornalistas: «Este é um acordo sólido, que trás benefícios para ambas as partes.

«O ouro é ainda o centro do sistema monetário. Este acordo confirma a importancia do ouro».

As grandes nações não têm comprado ouro minerado recentemente á África do Sul desde que o sistema de dois estalões foi estabelecido em 1968 para acabar com os especuladores

O novo acordo preserva esse princípio, bancos centrais não negociarão directamente com a África do Sul. As vendas serão feitas ao F. M. I. sob condições especificas ligadas ás necessidades de divisas estrangeiras da África do Sul.

Pretória tem um grande «déficit» na balança de pagamentos visto o ouro ser uma das principais exportações do país. Fontes sul-africanas desta capital julgam que Pretória pretendia provávelmente vender uma quantidade substancial ao F. M. I. para corrigir a posição de pagamentos.

Volcker disse ainda numa conferência de Imprensa que o compromisso deveria acabar com muita da incerteza que pairava sobre o sistema monetário mundial e garantir a continuação da boa saude do sistema de dois estalões.

O maior avião comercial entra ao serviço no próximo mês

NOVA YORK, 31 — (R.) — O maior avião comercial até agora construído em todo o mundo, o quadrirreactor gigante Boeing-747, recebeu ontem o seu certificado de navigabilidade da Administração Federal da Aviação, anuncia o seu construtor, a sociedade Boeing.

O certificado, que permite a utilização do aparelho para o transporte de passageiros, foi atribuído depois dos cinco aparelhos de antessérie terem efectuado 1449 horas de voos de ensaio.

Os dois primeiros aparelhos de série já foram entregues á Pan American World Airlines, que colocará o 747 em serviço nos voos transatlanticos, no mês de Janeiro. A Air France receberá o seu primeiro Boeing 747 dentro de algumas semanas.

O 747, que pode transportar de 350 a 490 passageiros, foi encomendado inicialmente para um total de 186 exemplares por 28 companhias aéreas. Apesar do seu peso (350 toneladas no momento da descolagem), utiliza as mesmas pistas dos actuais aviões de longo curso. A sua velocidade máxima é de «mach» 0,991, ou seja mais de 1080 km/h.

MURIEL MEKAY (A RAPTADA) TERIA TELEFONADO

LONDRES, 31. — (R.) — Os parentes de Muriel Mc Kay, mulher do director-adjunto do «News of the World» — «julgam que a senhora telefonou para casa pretendendo dar uma pista para a encontrarem.»

Entre numerosas chamadas recebidas ontem uma delas era de uma mulher com a voz parecida com a da raptada e que disse apenas «Hillman cinzento», referência óbvia a uma marca de automóveis. Logo a seguir o telefone era desligado. A chamada foi recebida pelo genro que está convencido que era a voz de Muriel McKay.

SOPHIA LOREN E PONTI: OS MAIS RICOS HABITANTES DE ROMA

ROMA, 31. — (A. N. I.) — A actriz Sophia Loren e o seu marido, o produtor Carlo Ponti, foram designados pela repartição de finanças os mais ricos habitantes de Roma

Contudo, o casal contesta a informação

A repartição de finanças publicou a lista anual das suas estimativas, referentes aos rendimentos dos romanos e aos impostos que vão pagar no novo ano.

A maior parte dos grandes contribuintes contesta geralmente essas afirmações e então as duas partes chegam a um compromisso, quando há razão para isso.

Os rendimentos de Sophia Loren sujeitos a imposto foram avaliados em 350 milhões de liras (cerca de 16 310 contos) — o mesmo numero do ano passado — cabendo-lhe o imposto de 50 400 000 liras (cerca de 2352 contos).

Os rendimentos de Ponti foram avaliados em 285 milhões de liras (cerca de 13 300 contos) e terá de pagar, em impostos, 41 milhões de liras (cerca de 1900 contos).

A actriz Gina Lollobrigida encontra-se entre quatro pessoas que partilham do sexto lugar na lista dos impostos, com os rendimentos avaliados em 150 milhões de liras (cerca de sete mil contos) e impostos de 21 600 000 liras (cerca de 1008 contos). Gina também contestou a estimativa.

O prof. Pietro Valdoni, que operou Paulo VI em 1967, não contestou a estimativa de que tenha ganho este ano setenta milhões de liras (cerca de 3269 contos) e por isso pagará de imposto dez milhões de liras (cerca de 469 contos).

SAIBA O QUE É UM TITULO DE OCUPAÇÃO

1 - Ao adquirir um Título de Ocupação você pode fazer imediatamente a escritura de compra do seu apartamento para rendimento ou férias, escolhendo o mês e o tipo de alojamento que lhe convier. **2** - Os apartamentos encontram-se já prontos a habitar, completamente mobilados e equipados. **3** - Sempre que não pretenda utilizar o alojamento TORRALTA obriga-se a pagar-lhe **8 a 12%** sobre o valor da venda, que poderá receber mensal ou anualmente. **4** - TORRALTA comprar-lhe-á o seu Título de Ocupação se o quizer vender. **5** - Poderá, também, comprar o seu Título de Ocupação, pagando-o em 36 prestações. **6** - Se optar por esta modalidade terá direito ao juro do capital investido, a partir da primeira prestação em relação às importâncias pagas. **7** - Se por qualquer eventualidade desistir da compra do Título de Ocupação, não perderá o seu dinheiro, TORRALTA comprar-lhe-á a sua posição.

Peça informações a TORRALTA-Av. duque de Loulé, 66-A Lisboa - Telefones 51748/54479/555681

PRÉMIOS A ARTIGOS SOBRE A COSTA DO SOL

Como é nabitual, a Junta de Turismo da Costa do Sol promove um concurso anual destinado aos colaboradores dos órgãos da Imprensa diária e não diária.

Será atribuido um prémio de 5000 escudos ao melhor artigo sobre a Costa do Sol publicado, no decurso de cada ano, na Imprensa diária portuguesa e outro igual ao melhor artigo publicado na Imprensa não diária.

Igualmente será atribuído um prémio de cinco contos ao melhor artigo sobre a Costa do Sol publicado, no decurso de cada ano, na Imprensa diária estrangeira e outro igual ao melhor artigo publicado em revista também estrangeira.

Ao concurso apenas serão admitidos os trabalhos que tiverem sido publicados pela primeira vez de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de cada ano a que aquele se reportar.

Os concorrentes deverão entregar até 31 de Janeiro do ano imediato á publicação do respectivo trabalho, sete exemplares do jornal ou revista onde o mesmo conste.

O juri tornará publica a sua decisão, quanto aos trabalhos premiados, até ao dia 31 de Março de cada ano e da sua deliberação não haverá recurso.

Os prémios são indivisíveis, mas o juri terá direito de não os conferir se entender que nenhum dos trabalhos apresentados têm a qualidade indispensável. A Junta de Turismo da Costa do Sol reserva-se o direito da publicação dos trabalhos premiados pelo que o concorrente se obriga a apresentar, antes da distribuição dos prémios, a necessária autorização.

Quaisquer outros esclarecimentos podem ser solicitados á Secretaria da Junta (Arcadas do Estoril) ou pelo telefone 26 01 13.

Necrologia

FUNERAIS

António Ferreira

MONTARGIL, 31 — Faleceu nesta vila, de onde era natural, o sr. António Ferreira, viuvo, de 73 anos de idade. Pessoa muito estimada, o seu funeral constituiu sentida manifestação de pesar.

Rosa Herminia Rodrigues Pereira

MELGAÇO, 31 — Numa Casa de Saude do Porto, faleceu, há dias, D. Rosa Herminia Rodrigues Pereira, viuva do comerciante desta vila José Maria Pereira. O funeral realizou-se daquela cidade para o cemitério da localidade de Prado, de onde era natural. D. Rosa Herminia contava 68 anos e era mãe da sr.ª D. Maria Herminia Pereira Rodrigues, casada com o sr. Manuel Julio Rodrigues, residentes no Porto, e irmã da sr.ª D. Albertina Rodrigues da Silva e do sr. Claudino Augusto Rodrigues.

PUBLICAÇÕES

«A Indústria do Norte» — N.º 597.
«Boletim Informativo da Associação Comercial de Lisboa» — N.º 226
«Acção» — N.º 40.
«Menina e Moça» — N.º 251.
«Panorama» — N.º 30.
«Revista Bancária» — N.º 17.
«Boletim da Junta Nacional da Cortiça» — N.º 368.
«Notícias da África do Sul» — N.º 274.
«Fundexport» — N.º 504.
«Além-Mar» — Número de Novembro.
«Revista Shell» — N.º 370.
«Mais Alto» — N.º 124.
«Boletim da C.P.» — N.º 483.
«Poliedro» — N.º 132.
«Conservas de Peixe» — N.º 283
«Nove e Meia» — N.º 7.
«Ao Serviço da Lavoura» — N.º 96.
«Boletim do G. D. do Pessoal dos Telefones» — N.º 222.
«Segurança» — N.º 19.
«Boletim de Normalização» — Número de Março/Abril.
«Electroquímica e Corrosão» — N.º 40/41.

Sorteio de obrigações da CP

Em sessão pública do conselho de administração da C. P., foram sorteadas as obrigações para amortização do segundo semestre do ano corrente, e que deixam de vencer juros a partir do dia 1 de Janeiro do próximo ano. Estas obrigações referem-se a emissões C. P. 3,5% — 1946 (títulos de dez, de cinco e de uma); 4% — 1951, (títulos de cinco); 4.5% — 1954 (títulos de dez); 4,5% — 1959 (títulos de uma) e de cinco); 4,5% — 1965 (títulos de dez); 4,5% — 1959; e ainda a emissão Guimarães — 1896 (títulos unitários); emissão Mirandela - Bragança — 4,5% — 1903 (títulos de uma e de cinco); Emissão Norte 5% — 1937 (títulos de cem, de cinquenta, de cinco e de uma).

O FESTIVAL NACIONAL DE BANDAS

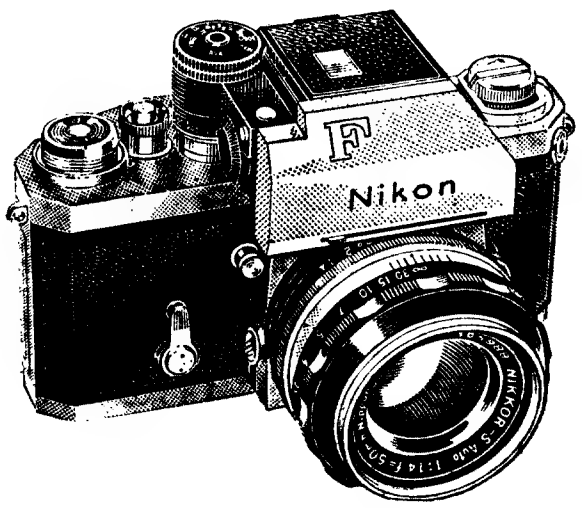
BRAGA, 31 — A fim de contactar com o governador civil e presidente da Câmara Municipal sobre o Festival Nacional de Bandas Musicais de 1970, deslocou-se hoje a esta cidade o director-geral dos Espectáculos e Cultura Popular, dr. Caetano de Carvalho.

O certame, conforme ficou definitivamente assente, realizar-se-á durante as próximas festas da cidade.

SE VIR UMA

Nikon F

NUMA MONTRA...
VOCÊ SABE QUE AÍ ESTÁ UM VERDADEIRO ESPECIALISTA



Sómente um técnico competente pode aconselhar com toda a tranquilidade de espírito uma NIKON"F"... porque ela é utilizada pelos melhores fotógrafos do mundo, e o arsenal das objectivas e acessórios NIKON permite-lhe enriquecer o seu equipamento á medida dos seus progressos e das suas necessidades. O sistema NIKON compreende 35 objectivas (de 8 mm a 1200 mm), 4 sistemas de visor, 14 vidros despolidos, 150 acessórios e o novo prisma PHOTOMIC FTN. Se você sonha em novas aventuras fotográficas, em macro ou micro-fotografia...então adquirirá uma NIKON"F".

À venda sómente nas casas altamente especializadas em artigos fotográficos de qualidade.

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
ESTABELECIMENTOS M. SIMÕES JR., S. A. R. L.
DEPARTAMENTO FOTO-CINE
RUA DOS DOURADORES, 10 TEL. 361545 (4 linhas) LISBOA

FALE LÍNGUAS

Novos **cursos rápidos** em 5 de Janeiro

CENTRO AUDIO-VISUAL DE LÍNGUAS
Praça Luís de Camões, 36-3.º
LISBOA — Chiado — Tel. 34 988

MOSCAVIDE

✝

PADRE LINO GUIMARÃES

FALECEU

Vítima de desastre no dia de Natal, faleceu na terra da sua naturalidade, em Angola, onde fora passar férias, o Rev. P. Lino, coadjutor da Paróquia de Moscavide. Sexta-feira, dia 2/1, ás 19.30 horas, será celebrada missa na Igreja Paroquial de Moscavide, por seu eterno descanso.

✝

ANTÓNIO DUARTE MONTEZ

Missa do 1.º ano de saudade

Seu filho, nora, neto, irmão, sobrinhos e restante família participam que no dia 2 de Janeiro, próximo, pelas 12.30 horas, na Igreja do Sacramento (ao Chiado) será celebrada Missa pelo eterno descanso de seu muito saudoso pai, sogro, avô, irmão, tio e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

AGÊNCIA MEGA

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

AVISO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 31.º Sorteio Trimestral Realizado em 30/12/1969

Prémios atribuídos a unidades representadas nos certificados a seguir indicados:

1 — 1.º prémio: 100 000$ — certificado n.º 247 120
1 — 2.º prémio: 30 000$ — certificado n.º 92 998
1 — 3.º prémio: 20 000$ — certificado n.º 218 538
5 — 4.os prémios: 5 000$ cada — certificados n.os 37 293, 143 001, 169 652, 229 402 e 253 596.
25 — 5.os prémios — 1000$ cada — certificados n.os 71 521, 72 838, 74 581, 78 111, 80 027, 81 631, 83 018, 87 371, 88 867, 90 360, 215 618, 216 305, 216 993, 217 474, 218 010, 243 337, 243 716, 244 147, 244 493, 244 842, 245 194, 245 676, 246 030, 246 477 e 246 778.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70 000$, 21 000$, 14 000$, 3500$ e 700$, respectivamente.

Ao próximo sorteio, que se realiza em 31 de Março de 1970, serão admitidos os certificados já emitidos e os que vierem a ser emitidos até 28 de Fevereiro próximo.

Todos os prémios dos sorteios anteriores já foram entregues aos aforristas contemplados.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 30 de Dezembro de 1969.

PEL'O DIRECTOR-GERAL
M. Pires de Andrade

MUDANÇAS NA LINHA DO ESTORIL

PEDIDA A SUSPENSÃO DOS HORÁRIOS POR MOTIVO DE SEGURANÇA DAS CLASSES ESTUDANTIS

Na Junta de Freguesia de Carcavelos reuniram-se cerca de cem pessoas que analisaram pormenorizadamente os problemas criados pela recente mudança de horários na linha de Cascais, em vigor desde a passada segunda-feira.

A reunião foi orientada pelo presidente da Junta local, sr. eng.º José Carlos Caldeira de Queirós Freire Themudo, e pelo rev.º padre José Joaquim, pároco da freguesia há 12 anos.

Usaram da palavra diversos professores do Liceu de São João, do Liceu de Oeiras, da Escola Técnica Luís António Verney e da Escola Salesiana do Estoril, entre os quais os drs. António José Simões Fernandes e D. Luísa Tomás, tendo sido resolvido remeter telegramas ao Presidente do Conselho e ministro das Comunicações do seguinte teor:

«Numerosos utentes dos comboios da Sociedade Estoril, residentes em Carcavelos, reuniram-se nesta junta de freguesia deliberando enviar a V. Ex.ª exposição completa dos prejuízos materiais e morais consequentes da entrada em vigor dos novos horários, aumento de preços e mudança de zonas, pedindo suspensão imediata tais horários por motivos segurança das classes estudantis (transbordos) cujas aulas se iniciam próximo dia 5.»

Foi eleita uma comissão encarregada de elaborar a referida exposição, tendo sido escolhidos os seguintes membros: Luís Bivar Guerra (funcionário da Fundação Calouste Gulbenkian), António Henrique Maia Viseu Pinheiro (chefe de serviços na firma C. Santos), Francisco José Freire Themudo e Santiago de Carvalho (estudantes universitários) e Jilsé Vitória Justo (funcionário da R. T. P.).

Esta comissão apresentará na próxima sexta-feira, pelas 21 e 30, a exposição que redigir, de molde a que ela seja assinada pelo maior número possível de utentes dos comboios da Sociedade Estoril.

Na Parede: circulares de protesto

Entretanto, na Parede, estão a ser profusamente distribuídas circulares onde se lê:

- *Suprimiram os comboios das 8 e 4 e das 8 e 6 na Parede, que tinham paragem em Carcavelos.*
- *Entre as 8 e as 9 horas só há um comboio (o das 8 e 21) que chega antes das 9 horas ao Cais do Sodré.*
- *O comboio das 7 e 58 em Parede não tem paragem em Santos.*
- *Os alunos que frequentam o Liceu de S. João só têm comboio ás 8 e 12 em Parede e mesmo assim têm que fazer transbordo em S. Pedro.*
- *São falsas as notícias e os anuncios quando dizem que todas as estações nas horas de «ponta» têm comboios de 15 em 15 minutos.*

Reclame por escrito á Sociedade Estoril pedindo a revisão deste horário feito á pressa.

Escreva para os jornais. Defenda os nossos direitos. Temos menos comboios. Pagamos mais caro.

Reabertura da Biblioteca Pública de Vila Real

VILA REAL, 31 — Realiza-se dentro de alguns dias a reabertura oficial da Biblioteca Pública Municipal à qual o Município recentemente deliberou dar o nome do ilustre vila-realense e distinto médico dr. Júlio António Teixeira. A Câmara Municipal convidou a Imprensa para uma reunião, ao fim da tarde de hoje, afim de proceder a uma visita durante a qual são fornecidos todos os elementos respeitantes à referida biblioteca.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 31 de Dezembro de 1939 publicava:

«Os anos terminam, mas as esperanças não, pois o tempo que se marca nos relógios e que o calendário considera como propriedade sua consome-se fácilmente como as velas, o «champagne», os amores ardentes e a imotalidade dos autores muito elogiados.

«Ao cabo de 365 dias, expira um ano e se nós repetissemos o que Marcel Proust denominava «recherche du temps perdu» faríamos o mesmo que os cavalos que puxam á nora, de olhos vendados.

«Salva-se a esperança que teima em não olhar para trás, votando ao esquecimento as ideologias mal nascidas, as obras-primas desbotadas, as tragédias folhetinescas, os talentos assoprados por compadrios complacentes e as novelas que se vivem numa água-furtada e se escrevem num palácio imaginário.»

NOTA DA SOCIEDADE ESTORIL

NOVAS TARIFAS A PARTIR DE AMANHÃ

• Os recentes horários não são definitivos

A Sociedade Estoril tornou publica a seguinte nota:

«Uma parte dos senhores utentes da linha, sendo capazes de compreender, com objectividade, as razões que podem justificar os aumentos, têm direito a uma explicação. A empresa tem obrigação de lha prestar. A eles se destina este comunicado.

Por um lado, o aumento do custo de vida tem necessários reflexos sobre a empresa. Designadamente, nos justos aumentos dos vencimentos do pessoal. Mediante uma melhor produtividade, tem sido possível que não sejam paralelos os aumentos do custo de vida e das tarifas. Para além de certos limites, a manutenção das tarifas torna-se impossível

Por outro lado, o próprio aumento do tráfego exige novos e pesados encargos: ampliação e modificação das infra-estruturas, aumento do parque de material circulante, aumento do horário.

Para fazer face a tudo isto, a empresa despendeu, no 1.º estabelecimento, 169 000 contos nos ultimos 12 anos. Tem que despender, desde já, mais 144 000 contos, designadamente com a aquisição de 30 carruagens que entrarão em serviço até meados de 1970.

Pela sua posição de arrendatária terá a empresa que amortizar todo este investimento em prazo mais curto do que é normal em investimentos desta natureza.

Quer isto dizer que as tarifas, para além das despesas normais da exploração, têm também que fazer face áquela amortização.

Uma parte dessa amortização foi prevista nas tarifas que têm estado em vigor.

Mas porque a administração: exigiu novos encargos; contou com um aumento de tráfego que não se verificou; e não contou com a revisão de salários — por tudo isto, tornou-se necessário estudar novas tarifas, com um aumento médio de 23,5 por cento.

Médio, e não uniforme, por duas razões:

1.º — Porque se reduziram de 5 para 3, as zonas em que a linha estava dividida, em obediência á moderna tendência dos transportes suburbanos, no sentido da unificação dos preços. Os passageiros das zonas intermediárias — 2.ª e 4.ª — terão maior aumento, para que possa ser menor o aumento das actuais zonas limite;

2.º — Porque o aumento foi degressivo relativamente ao percurso quilométrico. Pareceu mais justo agravar menos aqueles que já pagavam mais e que, por habitarem a maior distancia, com menos frequência poderão utilizar o transporte.

Fez-se coincidir com as novas tarifas o novo horário, estabelecido a título experimental, mesmo antes da entrada em serviço do novo material circulante. Aumentou-se, de 254 para 301, o numero de comboios, e reduziu-se o tempo do percurso. Quando se pode mais, há também que melhorar, na medida do possível.

Os preços das novas tarifas implicam — a preços correntes — um agravamento de 72 por cento, relativamente aos que vigoravam há 43 anos na data da electrificação da linha.

Se nos reportarmos há 52 anos, data do início da exploração da linha pela Sociedade Estoril — a preços constantes, com base em 1918 — em vez de aumento, há uma diminuição de 663 por cento.

Este o primeiro facto a assinalar, conseguido através do desenvolvimento do tráfego e de melhor produtividade.

Segundo facto: as novas tarifas continuam a ser as mais baixas do País; e não se tem conhecimento de tarifas tão baixas em qualquer transporte suburbano do mundo, mesmo atendendo ás diferenças dos custos de vida.

A empresa agradece a compreensão de todos quantos puderem apreciar as razões justificativas das novas tarifas e dará conhecimento dos elementos necessários a quem, pelas suas funções, se proponha estudar, objectivamente, o problema, fora de um clima emocional.

Relativamente ao novo horário, havia que escolher uma opção, entre dois caminhos:

— limitarmo-nos a ampliar o horário em vigor — sem «fazer ondas»;

— organizar um «novo» horário que servisse melhor a maioria dos senhores passageiros, embora com prejuizo da minoria — que parece ser a mais aguerrida. Como sempre, calam-se os satisfeitos, protestam os desmontentes.

Optou-se pela segunda hipótese, que implica um agravamento de encargos, relativamente á primeira. E assim:

1.º — Depois de efectuadas sondagens estudou-se cuidadosamente o novo horário tendo em vista o conjunto dos senhores passageiros. Óbvio que não pôde ser analisado o caso de cada um;

2.º — O horário foi posto em vigor, a título experimental, recolhendo-se agora informações muito uteis para o estabelecimento do horário definitivo, a entrar em vigor após a chegada do novo material;

3.º — Pedem-se e agradecem-se todas as informações que nos sejam prestadas, com objectividade, e que venham a contribuir para aquele fim.

Consequentemente, aceitam-se todas as críticas — aliás esperadas — com absoluta serenidade. Até porque, sem liberdade para criticar, não pode haver elogio válido.

De um facto a empresa tem de pedir desculpa. Não terem sido postos á venda os novos horários simultâneamente com a sua entrada em vigor. Foi um lapso imperdoável, para o qual não existe explicação válida.

Estarão em distribuição a partir de 3 de Janeiro. Até 10 de Janeiro, os senhores assinantes, mediante a apresentação da sua assinatura, poderão obter gratuitamente um exemplar em qualquer estação da linha.»

ESTA NOITE EM S. DOMINGOS

VIGÍLIA DO DIA DA PAZ

O cardeal-patriarca preside esta noite, na igreja de S. Domingos, á anunciada vigília do Dia Mundial da Paz, instituído há dois anos pelo papa Paulo VI e celebrado em todo o mundo no primeiro dia do novo ano.

As 23 horas principiará naquele templo uma liturgia da Palavra, apropriada á celebração. Uma hora depois, já com a presença de D. Manuel Gonçalves Cerejeira e sob a sua presidência, há a concelebração integrada nos desígnios pontifícios para o Dia da Paz, com uma alocução proferida pelo primeiro celebrante.

Idênticas vigílias estão previstas para outros templos do País, tendo sido autorizada e recomendada a celebração da missa votiva da Paz.

Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus

As intenções do mesmo Dia da Paz constarão da homília e da oração dos fiéis na generalidade das missas a celebrar amanhã, solenidade também de Santa Maria Mãe de Deus, segundo o calendário reformado que nesse dia entra em vigor.

A referida solenidade é celebrada pela primeira vez após o moto-próprio «*Paschalis Mysterii*», de 14 de Fevereiro deste ano, que procedeu á reforma geral do calendário litúrgico.

Rendeu 90 contos o cortejo de oferendas de Manteigas

MANTEIGAS, 31 — Com tempo pouco apropriado e com a colaboração das Filarmónicas e algumas Associações do concelho, realizou-se, nesta vila, o tradicional cortejo de oferendas a favor do Hospital da Santa Casa da Misericórdia local.

Até agora, o produto arrecadado totaliza um pouco mais de 90 contos.

Cumprimentos ao cardeal-patriarca

À semelhança dos anos anteriores, o cardeal-patriarca recebe amanhã cumprimentos, de Ano Novo das 15 ás 17 horas, no Paço de Sant'Ana.

DEFICIÊNCIAS NOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS

SETUBAL, 31 — Necessita de ser revista e ordenada a maneira como são atendidos aos respectivos postigos os numerosos beneficiários dos Serviços Médico-Sociais da Federação de Caixas de Previdência, instalados na Praça do Brasil.

Além de serem insuficientes numèricamente, esses postigos (três apenas) têm colocados os dísticos indicativos do serviço que desempenham a pequena altura, tornando-se visíveis apenas ao beneficiário que esteja junto a eles.

Sucede tambem que, não se formando «bichas» a fim de cada um ser atendido pela ordem que se apresenta, se forma junto dos três postigos um amontoado de dezenas de pessoas que se comprimem, pisam e acotovelam num verdadeiro tumulto, ouvindo-se protestos, blasfemias e até inconveniências, acontecendo, por vezes, serem atendidos os que chegaram em ultimo lugar.

A «SEMANA SOBRE PROBLEMAS DA ALIMENTAÇÃO HUMANA» EM SETÚBAL

SETUBAL, 31 — Por iniciativa do Círculo Cultural decorre na sua sede, até 5 de Janeiro, a «Semana Sobre Problemas da Alimentação Humana», que inclui palestras, seguidas de colóquios, já feitas pelo sr. dr. Mário Manuel Carqueijeiro; apresentação e discussão do filme «Pão nosso de cada dia», ilustração cinematográfica de um poema de Sebastião da Gama, pela secção de cinema do Círculo e exposição-venda, bibliográfica e iconográfica, na qual toma parte o I. T. A. U. (Instituto Técnico de Alimentação Humana).

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique os seguintes militares: furriel miliciano n.º 071128/76 António Rodrigo Marques Correia, natural de Alter do Chão, filho de Andrade Correia Baceló e de Joaquina Marques Rodrigues; o soldado 087965/69, António Pereira Queirós natural de Esmoriz, filho de Manuel Pereira Queirós e Maria da Conceição.

As novas tarifas que entram amanhã em vigor

			1.ª cl.	2.ª cl.
Bilhetes ordinários:	1 zona	.....	3$50	2$50
	2 »	.....	5$50	3$50
	3 »	.....	8$00	5$50
Assinaturas semanais:	1 zona	.....	30$00	20$00
	2 »	.....	45$00	30$00
	3 »	.....	65$00	45$00
Assinaturas anuais ordinárias pagas mensalmente:	1 zona		1 440$00	960$00
	2 »		1 800$00	1 200$00
	3 »		2 160$00	1 440$00
Assinaturas anuais ordinárias pagas anualmente:	1 zona		1 200$00	800$00
	2 »		1 500$00	1 000$00
	3 »		1 800$00	1 200$00

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

S. A. R. L.

CAPITAL: 450 000 000$00

SEDE — RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244 — PORTO

SERVIÇO DE OBRIGAÇÕES — 2.° Semestre de 1969

Conforme foi anunciado, procedeu-se ao sorteio de obrigações das diversas séries emitidas por esta sociedade, para efeito de amortização, pelo valor nominal, a partir de 1 de Janeiro de 1970

Os títulos sorteados foram os seguintes:

Da série de 4 1/2 % 1944 — 2444 obrigações

Títulos de 1 obrigação

30	69	85	89	121
151	161	163	186	233
327	465	548	553	560
614	699	759	766	855
868	911	913	915	981
1051	1124	1142	1235	1271
1314	1372	1411	1432	1487
1541	1563	1568	1573	1592
1637	1649	1686	1746	1772
1814	1829	1923	2097	2131
2133	2136	2161	2171	2240
2311	2353	2363	2413	2414
2713	2747	2781	2803	2973
2976	2988	3002	3006	3082
3083	3091	3113	3118	3199
3309	3327	3330	3363	3376
3377	3381	3405	3437	3512
3599	3606	3618	3631	3634
3642	3679	3700	3715	3756
3776	3808	3839	3848	3887
3891	3919	3960	3963	3968
3984	3999	4003	4028	4119
4126	4158	4215	4320	4375
4383	1464	4518	4522	4559
4565	1574	4577	4592	4659
4737	1836	4898	4911	4918
4924	1971	5073	5092	5096
5203	5255	5273	5407	5417
5438	5453	5495	5509	5524
5549	5560	5575	5596	5616
5666	5689	5711	5715	5764
5845	5894	5937	5947	5955
5973	6039	6041	6048	6055
6060	6142	6150	6208	

Títulos de 5 obrigações

6245	6319	6366	6370	6391
6494	6562	6600	6619	6630
6709	6714	6717	6724	6739
6790	6826	6841	6850	6865
6866	6935	6953	6989	6995
7000	7011	7019	7151	7225
7232	7288	7305	7403	7465
7546	7572	7583	7605	7607
7748	7760	7853	7873	7939
7942	7966	7997	8037	8054
8090	8233	8238	8251	8277
8316	8324	8376	8410	8416
8573	8587	8609	8624	8631
8716	8828	8848	8901	8976
8992	9064	9074	9089	9105
9135	9144	9156	9195	9211
9252	9359	9362	9389	9471
9510	9519	9576	9577	9588
9651	9653	9678	9728	9753
9754	9832	9859	9915	9919
9966	10035	10204	10220	10314
10456	10475	10476	10498	10519
10522	10555	10597		

Títulos de 10 obrigações

10691	10805	10850	10860	10899
10967	10978	11024	11086	11098
11116	11176	11253	11321	11335
11342	11366	11370	11374	11420
11498	11513	11561	11647	11683
11709	11793	11843	11848	11941
11970	12215	12387	12389	12397
12447	12456	12459	12465	12496
12648	12669	12718	12735	12752
12808	12812	12826	12872	12912
12958	12980	12989	12992	12994
13009	13022	13111	13124	13194
13206	13230	13371	13508	13576
13578	13599	13623	13624	13654
13790	13796	13843	13947	13983
13986	14026	14074	14107	14182
14229	14294	14317	14343	14414
14417	14448	14523	14619	14705
14712	14736	14797	14809	14825
14827	14855	14896	14922	15000
15037	15052	15204	15231	15302
15303	15318	15333	15419	15427
15440	15476	15551	15609	15638
15696	15701	15736	15740	15765
15782	15872	15906	16017	16072
16099	16211	16212	16229	16295
16307	16310	16312	16348	16385
16446	16460	16493	16529	16590
16631	16641	16661	16674	16677
16696	16707	16783	16820	16882
16923	16935	16952	16982	16990
17062	17077	17087	17099	17173
17189	17264	17421	17449	17468
17502	17510	17539	17582	17703
17728				

Da série de 4 % 1945 — 4627 obrigações

Títulos de 1 obrigação

10	48	232	252	287
323	390	487	489	551
577	645	705	711	728
774	826	843	845	850
861	867	869	897	914
929	1022	1066	1067	1073
1082	1097	1100	1200	1250
1331	1381	1462	1470	1504
1554	1590	1595	1654	1660
1669	1696	1738	1811	1838
1850	1898			

Títulos de 5 obrigações

1951	2007	2029	2077	2098
2105	2135	2150	2178	2210
2240	2260	2358	2379	2408
2470	2471	2472	2510	2511
2547	2577	2665	2684	2743
2770	2816	2817	2864	2893
2964	2979	3007	3036	3052
3109	3132	3150	3182	3199
3261	3289	3311	3313	3352
3381	3490	3565	3592	3606
3625	3628	3644	3673	3679
3710	3716	3764	3833	3851
3873	3879	3885	3974	4042
4066	4106	4107	4148	4171
4255	4271	4309	4313	4371
4390	4489	4566	4691	4777
4787	4866	4894	4990	5021
5035	5077	5095	5098	5101
5166	5180	5256	5276	5352
5367	5408	5409	5412	5478
5554	5568	5646	5696	5750
5773	5871	5903	5929	5939
5959	5967	5971	5990	6023
6054	6055	6074	6078	6093
6175	6189	6261	6274	6359
6377	6477	6496	6556	6577
6673	6694	6697	6774	6788
6848	6886	6890	6896	6904
6914	6917	6920	6932	6956
7070	7083	7138	7162	7213
7215	7252	7277	7310	7314
7348	7374	7410	7411	7454
7476	7570	7585	7615	7643
7687	7766	7775	7875	7894
7949	7976	8031	8061	8085
8156	8176	8249	8272	8295
8299	8361	8402	8458	8558
8598	8671	8681	8769	8784
8850	8960	8977	9048	9074
9169	9173	9240	9249	9285
9374	9479	9493	9566	9594
9661	9670	9674	9895	9969
9989	10007	10042	10083	10086
10157	10187	10260	10261	10282
10308	10309	10355	10379	10406
10408	10466	10570	10590	10665
10695	10783	10786	10808	10809
10861	10884	10917	10920	10963
10988	11067	11068	11092	11150
11167	11267	11297	11383	11458
11485	11510	11513	11573	11659
11677	11702	11768	11796	11866
11881				

Títulos de 10 obrigações

11992	12100	12106	12140	12289
12307	12309	12354	12575	12635
12665	12706	12728	12821	12870
12990	13084	13137	13506	13587
13664	13734	13753	13801	13867
13890	13910	14054	14067	14137
14193	14270	14271	14323	14378
14415	14438	14481	14538	14577
14723	14737	14835	14865	14908
14923	14929	14936	14986	15043
15135	15209	15212	15321	15581
15589	15679	15705	15783	15915
15963	15990	15999	16043	16044
16049	16060	16176	16235	16254
16255	16309	16340	16379	16383
16388	16390	16396	16404	16410
16447	16450	16468	16486	16495
16502	16505	16545	16548	16590
16601	16602	16672	16720	16790
16869	16983	16988	16998	17047
17101	17103	17156	17163	17168
17264	17342	17412	17491	17502
17525	17564	17624	17754	17804
17840	17871	17928	18003	18079
18097	18139	18145	18151	18159
18200	18230	18333	18335	18344
18349	18440	18479	18507	18512
18564	18583	18584	18587	18607
18608	18624	18632	18688	18694
18700	18792	18967	18988	19047
19082	19100	19114	19167	19207
19211	19372	19191	19498	19588
19608	19611	19716	19718	19849
19899	19950	20015	20023	20024
20089	20161	20365	20421	20453
20455	20472	20675	20703	20743
20929	21086	21172	21197	21198
21317	21323	21335	21382	21399
21478	21486	21510	21516	21602
21648	21652	21696	21769	21779
21785	21841	21864	21916	21917
21936	21937	22050	22159	22164
22245	22293	22352	22368	22371
22388	22417	22418	22422	22443
22444	22465	22475	22480	22494
22500	22565	22590	22595	22616
22637	22666	22707	22711	22745
22755	22764	22785	22831	22885
22901	22927	22944	22945	22971
22985	23061	23110	23112	23151
23212	23312	23383	23417	23437
23470	23479	23566	23578	23585
23622	23812	23827	23906	23990
24012	24015	24028	24090	24194
24202	24206	24224	24270	24359
24539	24733	24740	24755	24758
24822	24840	24843	24876	24946
25093	25110	25217	25222	25224
25240	25269	25333	25451	25455
25472	25498	25577	25602	25603
25614	25792	25923	25935	25990
25997	26066	26100	26120	26140
26159	26190	26233	26288	26297
26364	26367			

Títulos de 100 obrigações

26529.

Da série de 3 3/4 % 1946 — 2151 obrigações

Títulos de 1 obrigação

5	66	107	139	192
300	311	361	427	446
484	517	556	585	643
793	898	917	923	927
1002	1033	1097	1117	1121
1128	1147	1148	1176	1232
1355	1362	1419	1508	1631
1660				

Títulos de 5 obrigações

1833	1835	1849	1865	1886
1943	1951	1969	1989	

Títulos de 10 obrigações

2236	2264	2359	2419	2541
2977	3122	3293	3316	3384
3754	3807	3953	3992	4241
4267	4311	4361	4506	4521
4547	4638	4661	4771	5104
5114	5156	5163	5213	5265
5284	5375	5519	5558	5561
5676	5712	5742	5793	5808
5870	5891	5930	6016	6089
6102	6156	6172	6208	6223
6288	6360	6371	6383	6389
6391	6399	6414	6433	6451
6538	6555	6638	6658	6690
6691	6744	6746	6747	6750
6769	6789	6821	6872	6985
6998	7024	7063	7068	7074
7099	7123	7224	7233	7243
7286	7333	7365	7371	7398
7421	7479	7526	7537	7569
7603	7620	7643	7729	7735
7766	7785	7957	8011	8034
8039	8049	8077	8117	8131
8148	8197	8230	8245	8250
8290	8301	8313	8340	8353
8378	8385	8414	8418	8426
8446	8452	8461	8495	8535
8556	8560	8609	8655	8659
8674	8686	8712	8717	8759
8774	8782	8783	8792	8811
8817	8834	8839	8862	8871
8881	8964	8970	8978	9025
9030	9039	9159	9287	9393

Títulos de 100 obrigações

46100

9400	9407	9414	9420	9456
9459	9495	9554	9566	9574
9621	9622	9624	9655	9677
9703	9729	9768	9839	9867
9911	9950	10224	10332	10355
10420	10441	10492	10664	10987
11021	11033	11131	11132	11137
11174	11177	11213	11248	11447
11463	11476	11483	11518	11549
11592	11616			

Da série de 4 % 1948 — 3949 obrigações

Títulos de 1 obrigação

26546 26604 26683 26782

Títulos de 5 obrigações

26811 26957 26963 26979 26990

Títulos de 10 obrigações

27065	27123	27210	27227	27240
27252	27346	27475	27603	27611
27840	27862	27917	27997	28032
28079	28116	28122	28135	28198
28242	28260	28264	28270	28456
28597	28612	28641	28674	28694
28788	28815	28824	28904	28929
29002	29039	29089	29181	29217
29231	29273	29302	29314	29328
29509	29739	29776	29788	29789
29871	30104	30133	30202	30447
30449	30529	30560	30693	30697
30708	30755	30841	30900	30921
30939	30993	30996	30997	31072
31077	31101	31125	31154	31167
31208	31310	31314	31338	31423
31475	31501	31512	31566	31603
31604	31690	31717	31725	31785
31799	31843	31850	31860	31921
32043	32264	32330	32359	32412
32486	32588	32608	32652	32695
32728	32806	32954	33007	33020
33141	33158	33217	33244	33271
33359	33379	33416	33501	33502
33522	33545	33558	33559	33605
33622	33677	33679	33721	33741
33777	33831	33856	33905	33929
33974	33983	33992	34178	34217
34263	34315	34321	34362	34376
34478	34511	34601	34634	34671
34708	34716	34832	34922	34924
34995	35084	35115	35254	35277
35436	35511	35557	35721	35760
35880	35899	35915	35950	36021
36030	36061	36132	36150	36191
36270	36297	36365	36399	36518
36644	36737	36785	36831	36833
36844	36948	36993	37082	37136
37195	37323	37390	37516	37542
37576	37764	37810	37861	37899
37979	38052	38287	38306	38307
38334	38348	38381	38398	38418
38455	38478	38500	38504	38514
38565	38591	38676	38714	38738
38827	38835	38847	38853	38921
38924	38933	39090	39113	39118
39164	39171	39197	39233	39251
39307	39359	39431	39468	39471
39517	39521	39577	39587	39620
39624	39634	39651	39719	39737
39802	39825	39906	39953	39983
39988	40123	40204	40244	40369
40384	40440	40441	40470	40548
40593	40683	40706	40735	40872
40881	40901	40909	41001	41083
41088	41094	41201	41480	41493
41538	41573	41619	41731	41741
41941	41980	42010	42033	42038
42054	42063	42066	42127	42163
42178	42269	42333	42465	42548
42559	42588	42594	42646	42673
42777	42824	42886	42894	42921
42947	42983	43026	43062	43087
43096	43174	43200	43250	43275
43294	43299	43414	43494	43538
43570	43672	43786	43881	43886
43903	43993	44004	44059	44145
44191	44266	44279	44293	44307
44414	44420	44476	44625	44645
44664	44689	44726	44774	44820
44847	44865	44868	44877	44914
44924	45038	45082	45118	45120
45130	45160	45164	45187	45197
45210	45218	45371	45410	45436
45478	45534	45564	45680	45740
45745	45828	45829	45830	45898
45992	46006			

Títulos de 100 obrigações

Da série de 5 % 1951 — 1788 obrigações

Títulos de 1 obrigação

41 65 263

Títulos de 5 obrigações

569

Títulos de 10 obrigações

590	591	782	816	907
911	937	990	1002	1006
1095	1191	1274	1394	1501
1540	1580	1650	1871	2034
2055	2084	2141	2147	2197
2284	2285	2465	2497	2559
2663	2674	2700	2830	2960
3055	3114	3184	3196	3373
3384	3469	3570	3592	3790
3798	3904	3928	3983	4008
4076	4206	4457	4499	4516
4522	4562	4596	4621	4656
4760	4785	4882	4964	4981
5122	5198	5220	5243	5305
5335	5338	5350	5355	5380
5396	5504	5592	5615	5617
5618	5646	5658	5684	5844
5964	6072	6090	6116	6149
6173	6213	6222	6238	6360
6377	6415	6506	6539	6563
6646	6668	6763	6792	6796
6822	6866	6897	7028	7044
7132	7163	7177	7227	7275
7316	7375	7382	7392	7408
7409	7411	7441	7481	7507
7669	7716	7719	7787	7912
7946	7997	8011	8012	8091
8138	8164	8274	8335	8341
8362	8380	8408	8439	8459
8485	8521	8537		

Títulos de 100 obrigações

8591 8601 8651

Da série de 5 % 1952 — 3405 obrigações

Títulos de 5 obrigações

9138	9143	9208	9234	9246
9621	9654	9655	9665	9676
9756	9808	9815	9839	9863
9871	9961			

Títulos de 10 obrigações

10168	10210	10255	10331	10334
10336	10545	10680	10710	10765
10786	10796	10853	10869	10905
10932	11066	11104	11255	11301
11428	11495	11597	11631	11714
11757	12037	12128	12137	12142
12207	12370	12397	12408	12441
12455	12509	12629	12878	12883
12895	12919	12923	13057	13090
13252	13310	13354	13382	13399
13405	13427	13471	13485	13488
13540	13562	13571	13705	13725
13879	13889	13892	13932	13967
13972	14018	14027	14044	14052
14186	14199	14264	14404	14417
14424	14680	14726	14778	14884
14953	14989	15008	15034	15173
15208	15272	15293	15311	15489
15647	15694	15695	15704	15732
15960	15969	15970	15998	16004
16020	16031	16066	16077	16087
16130	16205	16309	16385	16431
16439	16520	16649	16679	16745
16779	16780	16851	16853	16882
16933	16977	17035	17057	17103
17138	17155	17161	17340	17412
17420	17426	17513	17569	17600
17642	17653	17655	17675	17757
17778	17809	17830	17910	17965
18022	18126	18211	18252	18290
18516	18624	18637	18654	18717
19126	19127	19142	19178	19275
19293	19501	19547	19554	19671
19792	19827	19857	19931	19938
19964	20125	20165	20177	20182
20183	20379	20397	20402	20407
20412	20471	20505	20574	20632
20646	20651	20827	20832	20843
20963	21010	21025	21032	21250
21452	21463	21469	21535	21609
21647	21704	21895	21934	21983
22020	22103	22167	22216	22224
22264	22268	22606	22638	22658
22848	22903	22953	23028	23103
23147	23189	23218	23295	23329
23346	23553	23722	23900	23909
23964	23977	23978	24142	24174
24176	24178	24219	24261	24270
24306	24345	24364	24382	24404
24513	24567	24774	24812	24866
25083	25097	25170	25172	25206
25276	25321	25362	25491	25537
25593	25625	25728	26163	26183
26189	26241	26243	26286	26387
26433	26439	26480	26645	26664
26688	26717	26735	26815	26834
26838	26955	26997	26998	27015
27037	27040	27063	27097	27213
27238	27302	27380	27396	27403
27427	27645	27660	27669	27670
27687	27705			

Títulos de 100 obrigações

27723 27765 27860

Da série de 5 % 1954 — 4627 obrigações

Títulos de 1 obrigação

28184 28208

Títulos de 5 obrigações

28330	28376	28402	28481	28548
28549	28783	28880	28899	

Títulos de 10 obrigações

29052	29068	29086	29409	29447
29448	29493	29537	29546	29661
29706	29734	29833	29841	29918
30199	30315	30360	30452	30491
30586	30618	30718	30770	30775
30803	30816	30823	30871	30880
31089	31175	31217	31247	31314
31331	31353	31366	31386	31459
31476	31487	31639	31707	31741
32006	32054	32126	32286	32312
32433	32636	32933	32972	33038
33082	33121	33226	33228	33241
33355	33412	33546	33694	33884
33907	33990	33995	34133	34250
34267	34297	34387	34446	34466
34469	34612	34633	34700	34831
34840	34933	34970	34978	35003
35014	35065	35066	35124	35167
35272	35309	35345	35429	35445
35511	35570	35587	35686	35717
35730	35813	36074	36077	36079
36110	36249	36254	36377	36344
36372	36436	36480	36531	36593
36630	36752	36777	36984	37067
37085	37115	37127	37312	37330
37331	37335	37470	37511	37524
37642	37676	37725	37744	37800
37837	37931	37985	38135	38452
38581	38687	38699	38705	38732
38734	38800	38868	39003	39062
39067	39165	39182	39239	39246
39249	39252	39338	39362	39375
39463	39484	39561	39567	39568
39624	39724	39771	39789	39811
39845	39849	39882	39923	40063
40142	40150	40218	40235	40294
40353	40375	40603	40617	40628
40677	40705	40722	40737	40781
40783	40834	40874	41037	41065
41127	41133	31178	41182	41240
41291	41479	41616	41610	41651
41796	41801	41828	41880	41883
41886	41894	41978	42100	42113
42150	42228	42293	42297	42340
42426	42453	42472	42550	42715
42831	42881	43303	43324	43639
43718	43820	43822	43827	43920
43926	43944	44039	44173	44299
44389	44521	44602	44703	44713
44796	44830	44892	44948	44955
44965	44967	45032	45097	45195
45224	45319	45479	45573	45663
45664	45675	45680	45687	45712
45719	45814	45827	45829	45848
45961	46005	46102	46235	46247
46284	46296	46341	46377	46431
46460	46472	46618	46770	46783
46787	46812	46880	47034	47081
47117	47154	47188	47197	47252
47311	47338	47360	47456	47537
47556	47953	47990	48027	48048
48051	48094	48096	48158	48267
48464	48774	48843	48963	49141
49149	49161	49281	49438	49492
49518	49519	49535	49575	49707
49786	49790	49819	49878	49882
50094	50183	50191	50267	50293
50586	50655	50716	50786	50815
50948	50976	51280	51328	51346
51500	51618	51620	51716	51796
51970	52009	52080	52243	52286
52323	52378	52411	52436	52511
52512	52553	52622	52634	52648

(Continua na página seguinte)

NÃO FOI AINDA REPARADA A AVARIA NO CABO SUBFLUVIAL QUE LIGA LISBOA À MARGEM SUL DO TEJO

Uma avaria registada, ontem no cabo subfluvial que liga Lisboa á margem sul do Tejo, está a prejudicar as ligações telefónicas entre a capital e aquela zona do País.

Chamadas que, normalmente, se efectuam com grande rapidez, chegam agora a demorar uma hora e, ás vezes, mais.

Os circuitos, geralmente utilizados (Barreiro e Alhos Vedros), foram afectados pela avaria e as ligações estão a ser feitas através do Montijo estação subserviente e que funciona, apenas, em casos anormais

Entretanto a empresa de Telefones de Lisboa e Porto está a proceder ao levantamento do cabo e á sua colocação num arrastão a fim de tentar descobrir a localização da avaria.

«Esta—disse-nos o dr. Melo Portugal — poderá ser reparada ainda hoje, no caso de ser uma *coisa* simples. Caso contrário, a sua reparação poderá levar dois ou três dias».

A avaria foi provocada pela plataforma de prospecção petrolífera que tem estado no Tejo.

A T. L. P. pediu, ontem através da Imprensa, que os utentes do serviço telefónico das zonas em causa limitem a utilização do telefone para comunicações entre as duas margens do Tejo, nos períodos de grande tráfego (das 9 ás 18 horas) ao mínimo indispensável tanto no que se refere ao número de chamadas como á duração das mesmas.

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág anterior)

52681 52721 52769 52770 52786
52789 52799 52912 52993 53115
53229 53346 53364 53493 53568
53643 53784 53839 53947 54001
54181 54282 54292 54303 54309
54310 54315 54353 54410 54478
54509 54549 54560

Títulos de 100 obrigações

54575 54613 54722 54842 54882
54958

Da série de 5 % 1957 — 4431 obrigações

Títulos de 1 obrigação

55018

Títulos de 10 obrigações

55296 55297 55306 55398 55400
55817 55963 55918 56032 56103
56171 56202 56210 56240 56266
56315 56356 56428 56476 56484
56542 56703 56725 56798 56857
56911 56934 57247 57632 57676
57729 57818 57923 58012 58098
58123 58126 58127 58159 58389
58402 58561 58875 58886 58979
59177 59192 59257 59293 59335
59434 59570 59573 59655 59682
59725 59742 59886 59966 59976
59991 60008 60009 60013 60080
60082 60106 60126 60264 60332
60411 60484 60530 60626 60627
60644 60645 60663 60770 61310
61316 61323 61325 61406 61461
61887 62056 62207 62495 62556
62631 62632 62683 62911 63269
63303 63304 63364 63391 63469
63652 63709 63773 63812 63819
63969 64020 64232 64268 64295
64328 64393 64484 64544 64584
64623 64625 64626 64786 64834
64899 64965 64973 65013 65056
65096 65212 65343 65439 65516
65776 65777 65792 65829 65952
66011 66076 66085 66114 66165
66414 66444 66549 66687 66756
66824 66938 67120 67155 67217
67332 67373 67432 67694 67796
67841 67975 68006 68036 68037
68076 68215 68226 68457 68542
68553 68604 68640 68663 68687
68748 68763 68855 68957 69017
69200 69281 69282 69355 69366
69393 69447 69453 69462 69486
69487 69539 69737 69805 70062
70071 70118 70125

Títulos de 100 obrigações

70178 70230 70283 70316 70474
70482 70488 70724 70792 70865
71121 71194 71280 71288 71314
71319 71344 71414 71541 71705
71720 71734 71970 71976 71996

Da série de 5 % 1958 — 4220 obrigações

Títulos de 10 obrigações

72284 72292 72451 72465 72500
72526 72668 72692 72714 72837
72971 72985 73044 73057 73366
73413 73440 73441 73506 73582
73671 73709 73755 73767 73775
73931 74003 74021 74073 74146
74246 74326 74415 74420 74433
74558 74573 74639 74686 74689
74922 74978 74979 75039 75168
75169 75180 75241 75259 75303
75616 75959 76339 76373 76497
76575 76619 76693 76896 76974
77032 77127 77289 77352 77401
77438 77542 77847 78097 78156
78205 78270 78331 78354 78408
78472 78562 78607 78614 78686
78703 78707 78756 78836 79051
79118 79396 79435 79436 79470
79503 79626 79718 79734 79813
79885 79933 79973 80033 80179
80324 80408 80482 80514 80762
80772 80813 80883 81128 81143
81273 81294 81483 81567 81670
81694 81696 81727 81810 81835
81853 81861 81909 81934 81988
81993 82004 82023 82034 82170
82469 82666 82943 83086 83123
83143 83276 83284 83336 83356
83381 83392 83463 83485 83568
83814 83888 83919 83926 84058
84174 84254

Títulos de 100 obrigações

84554 84689 84818 84860 84864
85008 85042 85044 85174 85365
85372 85397 85424 85520 85538
85573 85581 85717 85723 85810
85840 85886 86023 86136 86404
86430 86453

Da série de 5 % 1960 — 345 obrigações

Títulos de 1 obrigação

111 450 475 590 657
662 763 787 840 894
1089 1118 1275 1472 1505
1512 1943 2021 2087 2237
2252 2341 2354 2418 2419
2438 2447 2448 2593 2651
2807 2833 2842 2929 3011
3151 3163 3194 3270 3365
3536 3703 3718 3767 3786
3788 3862 3870 4000 4068

Títulos de 5 obrigações

4532 4628 4645 4665 4701
4803 4808 4896 5079 5102
5204 5285 5330 5482 5557
5601 5885

Títulos de 10 obrigações

6016 6026 6083 6229 6373
6385 6414 6422 6470 6522
6551 6608 6671 6763 6940
7128 7175 7277 7403 7649
7661

Da série de 5 % 1963 — 500 obrigações

Títulos de 1 obrigação

7704 7707 7726 7784 7836
7859 7893 7924 7943 7979
8013 8068 8128 8150 8204
8236 8237 8254 8255 8258
8259 8291 8328 8332 8368
8406 8479 8497 8518 8520
8549 8551 8571 8586 8602
8631 8662 8692 8733 8746
8747 8772 8774 8806 8809
8822 8835 8886 8889 8918
8987 8995 9004 9008 9036
9087 9088 9116 9152 9180
9317 9371 9372 9401 9477

Títulos de 5 obrigações

9545 9560 9565 9622 9669
9696 9736 9752 9779 9783
9807 9833 9847 9881 9918
9922 9976 10024 10044 10071
10088 10091 10154

Títulos de 10 obrigações

10228 10229 10332 10337 10362
10391 10448 10451 10453 10487
10531 10552 10570 10627 10632
10697 10704 10706 10732 10737
10748 10749 10811 10861 10900
10905 10922 10926 10960 11038
11088 11109

O pagamento das obrigações sorteadas é realizável, a partir de 2 de Janeiro de 1970, excepto aos sábados, no Porto ou em Lisboa,

no Banco Pinto & Sotto Mayor
no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
no Banco Português do Atlântico

Os cupões a vencer em 1 de Janeiro de 1970, de juros dos diversos títulos de obrigações, serão pagáveis pelo competente valor líquido quando estiver definido o respectivo regime fiscal, devendo entretanto ser destacados, para essa operação, quanto às obrigações abrangidas pelo sorteio agora anunciado, dos títulos que vierem a ser apresentados para amortização e reembolso.

Porto, 9 de Dezembro de 1969.

Pela UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA
O ENGENHEIRO GERENTE
a) Mamede Fialho

AOS COSTUMES DISSE NADA

A JORNALISTA E A LEI OU O SALTO IRREVERSÍVEL

O caso conta-se em duas penadas. O jornal mandou a jornalista a uma reportagem. Regresso de tropas ao cais de Alcantara. Chegada do paquete «Niassa».

Uma muralha de gente, até a vedação. O desejo comum de a atravessar. E, da parte da repórter, a legitimidade de a transpor. Frente-a-frente com o acontecimento. A notícia

Só que a gente que a envolve dificulta-lhe o acesso a qualquer porta da vedação. Essa razão não é argumento para o jornal. A notícia tem que ser feita. Pois bem, a Maria Margarida saltou a vedação, no ponto onde pôde, como lhe foi possivel.

Ai, chegou o policia e mandou-a passar, a vedação, ao contrário. A [illegible] *tanto arbitrária. (Claro que saltar a vedação, também, mas menos — parece-nos — sobretudo se se atender a que estar do lado de dentro da grade é permitido á repórter)*

Houve argumentação.
«Passe». «Não passo».
«Salte». «Não salto».

E, diligentemente, o policia deu, á repórter (identificada, aliás) ordem de prisão.

E é por isso que a nossa colega do «Diário Popular», Maria Margarida da Silva Dias, está a ser julgada no Tribunal da Policia.

A coisa passou-se, ontem, no Calhariz, presentes ao acto o juiz dr. Orlando Melro, o delegado do Ministério Público dr. Jorge Leão, e o advogado (oficioso) dr Lebre de Freitas

A jornalista, pessoalmente (pois que, salvo um colega de banca, não apresentou sequer testemunhas abonatórias) entregou, ao juiz, uma declaração do jornal em como estava em serviço no cais (local do crime de desobediência à autoridade, *de que vinha acusada). O juiz aceita o documento, mas afirma que «isso não justifica nada».*

A jornalista conta como foi. Saltou, na verdade, a vedação, mas nem sequer tinha espaço (dado o numero de gente aglomerada) para voltar atrás.

O guarda diz que a aconselhou a sair, para não dar exemplo ao povo que podia fazer o mesmo. Afirma que não houve violência.

Uma testemunha de acusação, outro guarda, vem confirmar que não houve resistência, logo que o camarada disse: «A menina acompanhe-me á esquadra».

O tribunal, competente para julgar o caso, verificou não haver dolo, nem crime de desobediência e julgando improcedente a acusação, absolveu a jornalista e mandou a re em paz.

Ora, este caso faz-nos, no entanto, voltar atrás e transcrever a parte do decreto-lei n.º 31 119 que, no seu artigo 4.º indica: «A carteira profissional de jornalista é título por si só suficiente para, mediante a sua apresentação, ter o possuidor direito: 1.º Ao livre trânsito nas ruas e mais lugares públicos onde se torne necessário o exercício da profissão; 2.º A livre entrada nos museus, bibliotecas, arquivos «gares» de caminhos-de-ferro e portos marítimos».

A ser assim (e é-o, com certeza), a única culpa da jornalista e a de ter saltado uma vedação que, ali, não foi posta para lhe vedar o trânsito, mas sim a outros. O que não nos parece ordem legítima é dizer: já que saltou para o lado de cá tem que saltar para o lado de lá. Porquê? Só há desobediência á autoridade quando a ordem é legítima. Para mais, segundo o guarda-testemunha afirmou, á porta (a tal porta que a Maria Margarida teria que passar, para não saltar a vedação) estava a uns 12 metros do local da passagem e capsulada pelo povo que não deixava lá chegar quem (ou não) de direito.

O caso, de resto, está arrumado, mas...

A AUTÓPSIA DO CASAL MORTO POR INTOXICAÇÃO DEVE REALIZAR-SE NO FIM DA SEMANA

Devem realizar-se, nos últimos dias desta semana, a autópsia e o funeral do dr. Jorge Vieira Pinto Coelho, de 33 anos, e de sua esposa, sr.ª D. Maria da Glória da Encarnação Coelho, de 35 anos, que morreram, ontem, segundo se julga, devido a intoxicação de gás, quando ambos se encontravam no quarto de banho, na sua residência, na Rua Tenente Ferreira Durão, 2, 4.º esquerdo, em Campo de Ourique.

Colegas do dr. Pinto Coelho declararam, esta manhã, que achavam muito estranhas as condições em que se verificou a sua morte e a da mulher.

O facto do esquentador do quarto de banho se encontrar ainda aceso no momento em que os bombeiros entraram em casa, intriga-os. Não sabem explicar também porque motivo o dr. Pinto Coelho e sua esposa permaneceram cerca de duas horas na casa de banho sem manifestarem qualquer sinal do que iria acontecer.

O dr. Jorge Vieira Pinto Coelho exercia a psiquiatria infantil no Centro de Saude Mental Infantil e na clínica de mulheres no Hospital Julio de Matos. Era capitão-médico da Força Aérea e professor do Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

A mulher, que estava grávida de cinco meses, era educadora de infancia no Centro de Saude Mental Infantil.

Os cadáveres do casal encontram-se no Instituto de Medicina Legal á espera de serem autopsiados

UMA JAPONESA DE 26 ANOS À SUA ESPERA

Quer corresponder-se (pode ser em inglês) com uma japonesa de 26 anos, culta, interessada em contactos com portugueses? Pois, não tem mais que fazer: escreva para «miss» Kiyoko Mai, 2-16-8 Yokiwa, Urawa-Shi, Saitama-Ken, Japão. Em carta ao «Diário de Lisboa», a japonezinha mostra conhecer o que de comum há no passado dos dois países.

Norte igual a Sul

Equiparados os preços do «fuel-oil»

Segundo informação da Sacor, entram amanhã em vigor novos preços (mais baixos) do «fuel-oil» e respectivos produtos de mistura na zona Norte do País, agora abastecida directamente pela sua refinaria do Porto.

A baixa é da ordem dos 100$00 por tonelada, o que possibilita a equiparação dos preços do Norte aos do Sul: «fuel-oil», $80; «thin fuel-oil» 1$24; «b u r n e r-oil», 1$86; e «diesel-oil», 2$59 (por quilograma).

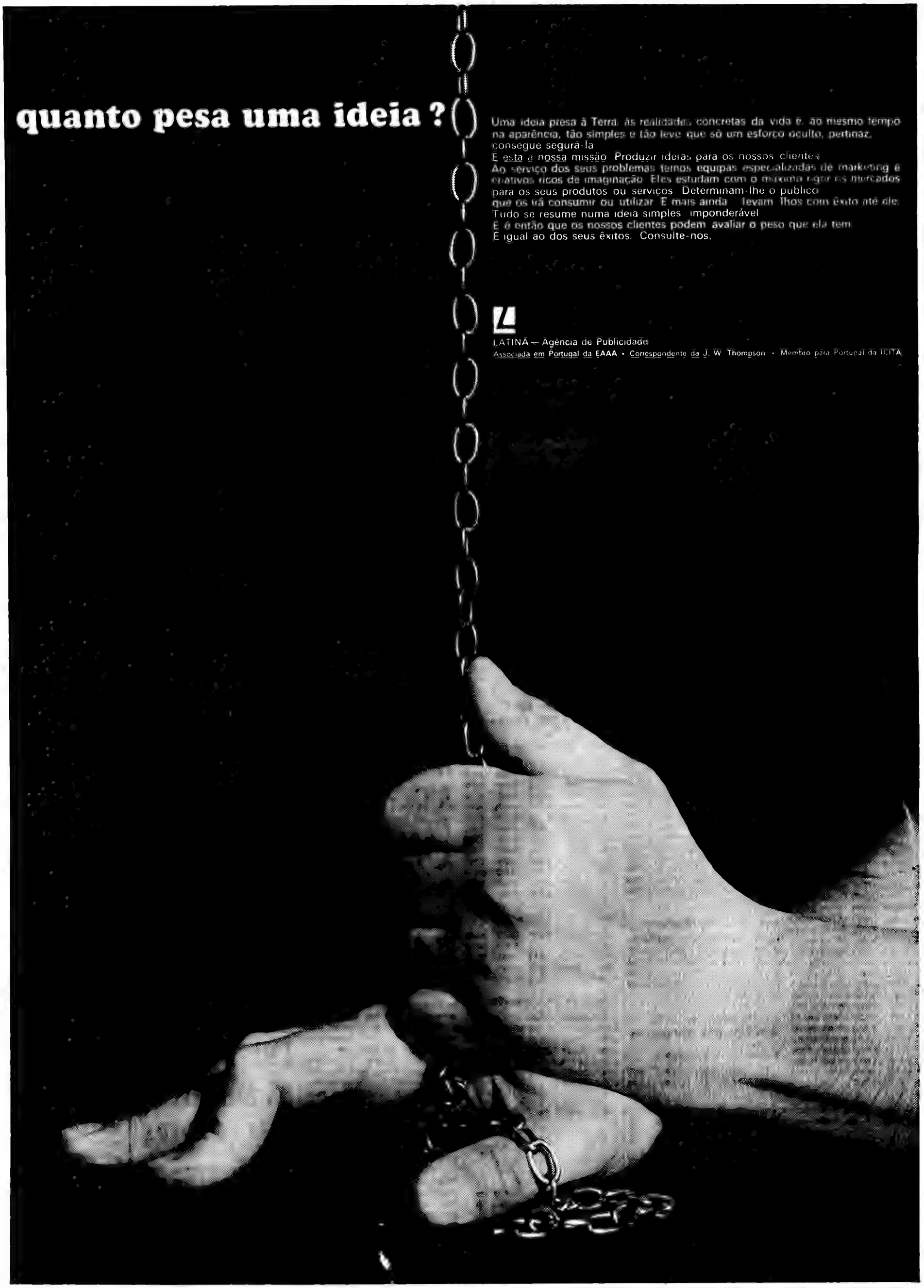
Entendem-se estes preços, acrescenta a Sacor, para os fornecimentos a granel na refinaria.

Consequência imediata: está prevista para 1970 uma poupança em combustíveis (no Norte) aproximadamente de 35 mil contos.

quanto pesa uma ideia?

Uma ideia presa à Terra, às realidades concretas da vida e, ao mesmo tempo na aparência, tão simples e tão leve que só um esforço oculto, pertinaz, consegue segurá-la.
É esta a nossa missão. Produzir ideias para os nossos clientes.
Ao serviço dos seus problemas temos equipas especializadas de marketing e criativos ricos de imaginação. Eles estudam com o máximo rigor os mercados para os seus produtos ou serviços. Determinam-lhe o público que os irá consumir ou utilizar. E mais ainda: levam-lhos com êxito até ele.
Tudo se resume numa ideia simples. Imponderável.
E é então que os nossos clientes podem avaliar o peso que ela tem.
É igual ao dos seus êxitos. Consulte-nos.

LATINA — Agência de Publicidade
Associada em Portugal da EAAA • Correspondente da J. W. Thompson • Membro para Portugal da ICIYA



TV dia a dia

HOJE PODE VER...

«NA CORRENTE...»
FILME DE AUGUSTO CABRITA
COM MÚSICA DE CARLOS PAREDES

Pelas 20 e 55, a R. T. P. apresenta o documentário intitulado «Na Corrente...», da autoria do consagrado Augusto Cabrita. O filme, especialmente concebido e realizado para a passagem de testemunho do Velho para o Novo Ano, tem música de Carlos Paredes, outro nome grande e criador talentoso, *improvisada*, também especialmente, para «Na Corrente...».

Além do interesse e valor da obra de Augusto Cabrita e da música de Carlos Paredes, há, ainda, a particularidade de Paredes se apresentar pela primeira vez na TV a tocar viola (ou guitarra clássica, como também é designada).

Carlos Paredes é o autor e executante, desta vez á viola, da música de «Na Corrente...»

Augusto Cabrita é o autor de «Na Corrente...»

REVISTA DO ANO INTERNACIONAL

Cerca das 20 e 5, é apresentada a Revista do Ano Internacional, produzida pelo Serviço de Actualidades da R. T. P., e preenchida pelos principais acontecimentos ocorridos no estrangeiro durante o ano que hoje finda.

II PROGRAMA Noite de Ópera: «A FORÇA DO DESTINO»

Pelas 22 horas, o cantor Hugo Casaes apresenta a ópera «A Força do Destino», de Giuseppe Verdi; gravação da representação efectuada no Teatro San Carlo de Nápoles, com os seguintes intérpretes: Alessandro Maddaleno — Baixo — (Marquês de Calatrava); Elena Suliotis — Soprano — (D. Leonor); Carlo Menippo — Tenor — (D. Alvaro); Mario Sereni — Barítono — (D. Carlos); Franca Martiuci — Mezzo — (Preciorilha); Ivolinco — Baixo — (Padre Guardião); Alfredo Mariotti — Baixo — (Frei Militone); e Angela Rocco.

O maestro Pasquale de Angelis dirige a orquestra e o coro do Teatro S. Carlo de Nápoles.

Realização de Carlo Maestrini.

Cerca das 24 horas, será interrompida a transmissão da ópera, apresentando-se, por breves momentos, simultâneamente nos dois programas, o «Minuto Zero».

MINUTO ZERO

A R. T. P. assinala a passagem de Ano com a transmissão do programa «MINUTO ZERO», que estará «no ar» a partir das 22 horas, e se prolongará até cerca da 1 da madrugada.

Às 24 horas, «Minuto Zero» será transmitido simultaneamente nos dois programas, interrompendo-se, para isso, no II Programa, por breves momentos, a transmissão da ópera «A Força do Destino».

Melo Pereira é o responsável pela produção e Luís Andrade pela realização deste programa. Da equipa faz parte, também, o cenógrafo António Casimiro, estando a apresentação a cargo de Carlos Cruz.

Em «Minuto Zero» actuam: Bossa Jazz 3, Paulo Carvalho, Trio Harmonia, Nicolau Breyner, Maria Valejo, Florbela Queirós, António Mourão, Conjunto de Guitarras de Jorge Fontes, Duo N'Gola, António Calvário, Ballet de Fernando Lima, Lester Wilson, Dany Danielle, Filipinos Dorado Dancer's, Consortium, Any Fratellini, Antoine, The Fondation e Eliana Pittman.

Antoine, uma presença de renome no Programa «Minuto-Zero»

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário, 16 e 5: Teatro das Comédias «Auto da Festa», de Gil Vicente, adaptado por Leopoldo de Araujo, 16 e 30: Orquestras ligeiras; 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da tarde — «Diga o que prefere»; 17 e 45: O conjunto de ..; 18 e 5: Rádio Mocidade, programa da Mocidade Portuguesa; 18 e 30: Ritmos modernos; 18 e 38: Folhetim para os novos, por Odette de Saint-Maurice; 19 e 45: Rádio Rural — Musica, só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Actualidades musicais; 20 e 32: 42.º e ultimo episódio do Folhetim «O Herói da Caridade» (Vida de S. João de Deus), por Odette de Saint-Maurice, 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Musica ligeira portuguesa; 21 e 40: 2.ª parte de um Serão para Trabalhadores realizado em Santa Margarida; 22 e 30: Escolha e diga; 23 e 05: Programa da noite; 23 e 58: Saudações do fim do ano.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 05: Sonata em lá maior op 1 n.º 3 (Haendel). Intérpretes: violino Arthur Grumiaux; cravo, Robert Veyron-Lacroix; 16 e 15: Teatro do Século XIX, pelo dr Eurico Lisboa Filho: «A Princesa Aurélia», de Casimiro Delangue; 17 e 15: Musica de vanguarda; 17 e 50: Uma obra... duas interpretações — concerto de Lalo interpretado sucessivamente pelos violoncelistas Fournier e André Navarra; 18 e 45: Terceto do 2.º acto da ópera «Turandot» (Puccini); 19: Tempo literário: poesia, musica e sonho, por Miguel Trigueiros; 19 e 20: Musica coral sinfónica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: O violista Avírio Diaz; 20 e 30: O soprano Erna Berger, em interpretações de Schubert e Brahms. Ao piano, Michael Raucheisen; 20 e 45: História de Portugal, pelo professor dr. Damião Peres; 21: 2.ª parte do 10.º concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigido pelo maestro Piero Bellugi, com o violinista Antoinino David; 21 e 50: Temas sociológicos, pelo dr Carlos Cunha; 22: Musica sinfónica.

Programa MF2 — 94,3 mc/s — 23: Antologia sonora (Obras da Escola de Mannheim); 23 e 50: Musica de piano (Mendelssohn); 0 e 15: 3 acto da ópera «Hansel e Gretel» (Humperdinck); 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,3 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D C; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 5: Momento Texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádiojornal; 20 e 07: Apenas ritmo; 20 e 20: Ele e ela; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Robbiaiac; 21 e 03. Presença do fado; 21 e 15: O desporto no mundo; 22 e 3: Impacto 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C D C; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; Em órbita (contin.); 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa é Gô-Gô; 0 e02: Em órbita — dois; 1 e 03: Banda sonora. 2: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 m 782 kkc/ — Às 16: Programa C. D C; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelanea, 19 e 20 Philips; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 0: Norte dia a dia; 21 e 02: Vozes do Brasil; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Rádio Placard. 21 e 45: O arauto da verdade. 22 e 03: O Santo. 22 e 15: O ritmo e a melodia; 22 e 30: Carrocel — 3 13 e 04: Clube da Juventude

RÁDIO RENASCENÇA — 283,2 m — 1285 kkc/s — Às 16: Radiorama: 18 e 05: Claquete; 18 e 30: Terço, Missa vespertina e Te Deum de fim do ano da Basílica dos Mártires; 19 e 50: Página ; 20 e 55: Meditando; 21: Exitos musicais de 1969; 21 e 15: Estrelas Alvorada. 21 e 30: A noite, a musica e a Rádio; 21 e 45 Livros e leituras; 22: Quando o telefone toca: 22 e 30: Cartas a ninguém; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª Hora; 24: Missa da meia-noite da Basílica dos Mártires. No final continuação de A 23.ª Hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — 188 m — 594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 22 ás 2; **Rádio Graça** — Das 8 ás 1 e das 17 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 14 e 30 ás 17; **Rádio Voz de Lisboa** — Das ... ás 4 e 30.

canal da crítica

FUTEBOL — UMA GRANDE CONVERSA...

O Vitória de Setúbal jogou contra o Hertha, da Alemanha Federal, em Alvalade. Bancadas vazias. Um grupo de alemães faz chocalhar, durante todo o encontro, um badalo irritante. Sequelas da guerra-fria, está bem de ver, ou de ouvir.

A presença do publico alemão recorda-me as conclusões de ordem geral do relatório sobre «o desporto e o turismo» apresentado por António Pereira Forjaz no Congresso Nacional de Futebol: «*o futebol, entre todos os desportos, pode considerar-se o primeiro como elemento de atracção e fixação turística...*»

Por esta razão se organizam os desafios internacionais entre clubes. Por esta e também pela necessidade de avivar o interesse pelo futebol. O interesse — e as bilheteiras como dizia o meu amigo céptico: «*o futebol? Ora, isso é uma grande* jogatana!»

Aqui há anos expressões como estas seriam absolutamente incompreensíveis. «*Jogatana*», ali, está por uma grande marosca, um grande comércio...

Nessas expressões idiomáticas é rico o desporto-rei, o desporto mais popular. E a verdade é que a força da popularidade levou práticamente á sua nacionalização. Enquanto o ténis mantém as expressões inglesas, por se tratar ainda, e infelizmente, de um desporto incluído no feudo das classes ociosas e «muito bem», o futebol perdeu entre nós quase todas as inglesices. Teimoso, renitente, resistente, quase vitorioso — o «dribling». Mesmo esse já o aportuguesámos. *Driblar*, fulano *driblou* beltrano, sicrano foi bem *driblado*... Outros clássicos ingleses que permanecem, para uso dos especialistas é o «ofesaite» — aliás já muito combalido pelo fora de jogo — e o «quiper», também já abalado pelo guarda-redes, e o «beque» que jogo á defesa actualmente.

Hoje seria caricato falar em «*corner*», em «*free*», em «*goal*», em «*referee*», em «*liner*», em «*center-forward*», etc., etc. Se alguém aparecesse hoje com estas expressões corria o risco de ser tomado como elemento daquele grupo de Carcavelos, parece que se chamava Interna-

(Continua na 27.ª página)

PROGRAMA DE HOJE

I Programa — Às 19 e 30: Telejornal, 19 e 45: TV Infantil — «A Aldeia do Moinho»; 20 e 05: Revista do ano internacional; 20 e 55: «Na corrente...»; 21 e 30: Telejornal; 22 e 05: Minuto Zero; 0 e 55: Fecho

II Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 22: Noite de Ópera — «A força do destino»; 0 e 45: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

NACIONAL RÁDIO S. A. R. L.

INFORMAMOS TODOS OS PREZADOS CLIENTES E AMIGOS QUE ENCERRAMOS TODOS OS NOSSOS SERVIÇOS HOJE DIA 31, ÀS 19 HORAS, SÓ REABRINDO ÀS 9 HORAS DO PRÓXIMO DIA 5, SEGUNDA-FEIRA

TUDOR pilhas para transistores

TV dia a dia

AMANHÃ PODE VER...

BAILADO «ESTRI»

O bailarino e coreógrafo Fernando Lima apresenta pelas 22 e 25, o bailado «Estri» do compositor italiano Goffredo Petrassi, que nasceu a 16 de Julho de 1904, na localidade de Zagarolo, em Roma.

Petrossi é autor de uma grandiosa obra que o coloca entre os maiores compositores da actualidade.

«CASEI COM UMA FEITICEIRA»: «UM MORTAL EM APUROS»

«No seu aniversário, a sogra de Darrin oferece-lhe um presente original: a possibilidade de satisfazer três desejos...»

E' este o tema do episódio «Um mortal em apuros» da série «Casei com uma feiticeira», a transmitir pelas 19 e 50, com Elizabeth Montgomery, Dick York e Agnes Moore Lead

«O JOGO DA VERDADE»

Costa Ferreira e o autor desta série dramática, de 6 episódios, que a R. T. P. começa a transmitir a partir de amanhã.

O primeiro episódio intitula-se «O Pacto», e será apresentado cerca das 22 e 40.

Contracenam com Eunice Muñoz — que regressa aos pequenos «écrans» após longa ausência — Sinde Filipe e Josefina Silva.

Oliveira e Costa é o realizador da série.

«O SHOW» DE BING CROSBY

Cerca das 23 e 20, estará «no ar» o «Show» de Bing Crosby, no qual participam

Bing Crosby apresenta, pelas 23 e 20, o seu «show», que reune entre outras vedetas, o famoso cómico Bob Hope

vedetas como Bob Hope, Stella Stevens, José Feliciano e Diana Ross.

II PROGRAMA «MINUTO ZERO»

Cerca das 22 e 20, a R. T. P. repete, no seu emissor regional, o programa «Minuto Zero», hoje transmitido através da rede nacional.

MENSAGENS DE NATAL DE MILITARES EM ANGOLA

Amanhã, pelas 19 horas, serão transmitidas as primeiras mensagens de Natal dos militares que se encontram a prestar serviço na província ultramarina de Angola.

CONCERTO DE ANO NOVO E «FESTIVAL NO GELO» VIA EUROVISÃO

Amanhã, pelas 12 e 15, a R. T. P. ligará á rede da Eurovisão a fim de transmitir, directamente da capital austriaca, o tradicional Concerto de Ano Novo, com a participação da Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida pelo maestro Willy Boskovsky, e do «Ballet» Folclórico da Ópera de Viena, que interpretam valsas e «polkas» de Johann Strauss.

Este concerto será interrompido cerca das 13 horas, a fim de se transmitir a Mensagem de Ano Novo do Chefe do Estado, voltando a R. T. P. a entrar em contacto com a Eurovisão perto das 13 e 30, para nos oferecer os saltos de esqui que se efectuam em Garmisch, na Alemanha.

Pelas 16 horas, «Festival no Gelo» é outra transmissão directa via Eurovisão. Nele participam a Orquestra de Max Greger. Fanfarra da 2.ª Divisão alemã de Infantaria de Montanha. Petra Pascal, Ivengen Feind, Eshard Keller, numa demonstração de patinagem de velocidade, «ballet» sobre o gelo de Munich e o grupo de patinagem artistica de Manheim.

TARDE DE CINEMA: «UMA AVENTURA DOS MARX»

Cerca das 17 e 30, em «Tarde de Cinema», exibe-se o filme «Uma Aventura dos Marx» (Monkey Business), com os Irmãos Marx, Rockeliffe Fellowes, Harry Woode e Thelma Todd.

*

«Uma louca aventura dos célebres Irmãos Marx, a bordo de um navio, durante um cruzeiro pelo Atlântico...»

Rádio

PROGRAMAS DE AMANHÃ

EMISSORA — 1. Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 7: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupa até á Lapa; 18 e 10: Portugal missionário, pelo padre Augusto Maia; 8 e 40: Musica e sonho; 19: Cartaz dos espectáculos; 19 e 45: Rádio rural — Musica, só musica, 20: Mensagem do Chefe do Estado; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 39: 1.º Episódio do folhetim «A Roça», de Fernando Reis, numa adaptação de Judith Navarro; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A Orquestra de Joaquim Luís Gomes; 21 e 40: Variedades: 22 e 30: Musica ligeira; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 30: A ópera em 3 actos «Princesa Ida» (Sullivan). Soprano, Elisabeth Harwood. Côro d'Orly Carte Orquestra Filarmónica Real, sob a direcção de: Malcolm Sargent; 18: Musica do século XX; 19: Crítica literária, pelo dr. Bigotte Chorão; 19 e 40: Folclore português, (Musica da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos); 19 e 25: Musica de piano; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica instrumental; 20 e 30: Preludio dos «Catulli Carmina» (Carl Orff), pelo Côro de Roger Wagner e um Conjunto Instrumental; 21: Concerto Grosso op. 8 n.º 12 em ré maior (Torelli); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recita pelo pianista Arlete Pereira, 22 e 20: Poemas sinfónicos; 23: Musica de piano; 23 e 30: Festivais de Handel em Gottingen (programa cedido pelo Instituto alemão); 00 e 12: Sexteto n.º 1, em si bemol maior, op 18 (Brahms), 0 e 50: O Cisne de Tuonela (Sibelius) Orquestra Filarmónica de Berlim, dirigida por Herbert von Karajan 1: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 6: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Serão musical; 21 e 32: Impacto, 22 e 30: Quando o telefone toca, 23 e 08: Musica tradicional e pastoral religiosas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto, 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 17. Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó-Gó; 0 e 02: Em órbita-dois; e 03: Banda Sonora; 2: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m 82 kc/s — As 16: Programa C D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo, 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea, 19 e 20: Robialac; 19 e 35: Estudio 64; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 02: Contrastes musicais, 21 e 15: Sá-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto, 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carrocel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Claquete; 18 e 20: Nota do dia, noticiário e boletim religioso; 18 e 30 Terço, bênção e missa vespertina da Basílica dos Mártires; 19 e 48: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 50: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Conjuntos portugueses; 21 e 45: Musica de Espanha; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 12 ás 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e 19 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e 22 ás 2 — **6ádio Graça** — Das 14 e 30 ás 19 e 30.

PROGRAMA DE AMANHÃ

I Programa — As e 30: Missa; 2 e 15: Eurovisão; 18: Mensagem do Chefe do Estado; 18 e 30: Eurovisão; 15 e 30: Telejornal; 5 e 45: Desenhos Animados; 6: Eurovisão — «Festival no Gelo»; 17: TV Infantil; 7 e 30: Tarde de Cinema; 19: Ao serviço da Nação; 19 e 30: Telejornal; 9 e 50: Casei com uma feiticeira; 20 e 20: Portugal 1969; 21 e 30: Telejornal; 22: Mensagem do Chefe do Estado; 22 e 25: Bailado; 22 e 45: «O Jogo da Verdade; 23 e 25: Music hall no mundo; 0 e 10: Marcha do Mundo.

II Programa — As 21.30: Telejornal; 22: Mensagem do Chefe do Estado; 22 e 20: Minuto Zero, 0 e 45: Fecho.

TELEVISORES GRUNDIG

o melhor de agora

TV

premiado com medalha de ouro

o televisor de alta qualidade totalmente fabricado na FINLÂNDIA

SALORA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS • RAFAEL BURGUETE, LDA. • LISBOA - PORTO

CHICO BUARQUE DA HOLANDA:

«Na hora de compor é que me sinto comunicando»

Um «bate-papo» de José Carlos de Vasconcelos com o autor de «A Banda»

Chico Buarque ensaia com a orquestra do Casino Estoril para o espectáculo desta noite

— Conheci-te, Chico Buarque de Holanda, há quatro anos, era você então um estudante de arquitectura que tinha composto, e interpretado essa musica fabulosa para o não menos fabuloso e apaixonante espectáculo que era a «Vida e Morte Severina», do João Cabral. Apesar de já muito conhecido era, de qualquer jeito, repito, um estudante, que tocava e cantava para a «malta» e no meio da «malta». Depois, e quase de um momento para o outro, transformaste-te num super-idolo, talvez o maior da música brasileira, e que do Brasil se projectou para outros países. Chico Buarque de agora é o mesmo que eu conheci há quatro anos?

Eu não sou o mesmo, não posso ser o mesmo. Nestes quatro anos aconteceu muita coisa. Tudo mudou. É como se tivesse passado muito mais tempo. Vivi muito, e, com 25 anos, já me sinto um pouco envelhecido. Foram quatro anos muito duros.

— Mas continuas, ou não, a crer-te um jovem no meio dos jovens, e a defender uma música participante e de autênticas raízes populares?

— Ah, sim, nesse sentido não envelheci, não... Só que a música que se fazia naquela época não se faz mais hoje. Então o «Funeral do lavrador» funcionava muito bem; hoje já não funciona — a música brasileira mudou muito, embora mantendo-se fiel ao seu essencial. E eu também mudei, mantendo-me fiel ao meu essencial.

Estamos os dois batendo um papo no Estoril, em cujo Casino actua esta noite o criador de «A banda», «Pedro pedreiro» e tantos outros extraordinários êxitos da música popular brasileira. Estamos os dois á conversa, e Xico Buarque continuando sempre a gostar mais de ouvir do que de falar. Mantém aquele seu ar tímido, mantém aquela sua simpatia calma, quase repousante, de olhos vivos, muito claros, que, iluminados pelo sorriso leal e franco, parecem quase líquidos. Chico é homem de poucas palavras e muita bossa. Mas a minha missão é fazê-lo falar, para que todos o possamos conhecer (e compreender) melhor.

— O meu próximo «long play», que em breve vou gravar em Itália (onde estou há cerca de um ano) terá uma boa metade — ou mais até — de músicas, que continuam, e acho que aperfeiçoam, o trabalho que até agora tenho feito. As outras são coisas novas, e duas ou três, especialmente, tenho medo delas, são experiências.

● Um novo disco novo

— Mas são novas, são experiências, em que aspecto ou em que aspectos?

— Não sei definir bem. A renovação é, sobretudo, na letra, ou a partir da letra — que a música, necessàriamente, acompanha e reflecte. Talvez seja uma linguagem mais íntima e menos acessível, mas talvez seja uma coisa mais profunda do que tudo o que fiz até agora.

E, a outra pergunta:

— Do disco faz, também, parte (é a única já conhecida) a música que fiz para «Os Inconfidentes», tentativa de teatro total de Flávio Rangel encenando os poemas de «Romanceiro da Inconfidência», de Cecília de Meireles. O que irei gravar é apenas uma parte do que fiz e cantei, sobre alguns fragmentos dos poemas de Cecília.

● «Roda viva: um estouro»

— Já que falaste de teatro, o que me dizes da tua peça «Roda Viva» e da grande celeuma que a sua representação provocou?

— Isso foi um estouro. Quando a escrevi gostei muito dela. Fiquei uns meses à espera, e depois mostrei-a a pessoas que sabem de teatro, e que me disseram que era boa, ou boazinha... Pelo menos desabafei ao escrevê-la — foi um desabafo que naquela altura precisei de ter. Agora o espectáculo foi outra coisa. Celso Correia, o encenador, é um homem muito criativo — talvez até de mais... pelo menos para os autores. A minha peça foi apenas o embrião, o ponto de partida, ou de apoio, para o espectáculo. E o espectáculo é que causou furor, quer no sentido positivo, quer no negativo.

— Achas que voltarás a escrever teatro

— Se vier uma ideia boa... Mas não sei se isso acontecerá.

O «papo» volta a ter como tema a música de Chico e os seus versos, que ele tão bem canta — ou mais simples e dificilmente: diz. Toda as suas criações, aliás como todas as grandes criações de música popular, e não só dela até, são propostas de diálogo, participação conjunta, curto-circuito pelas vias da emoção e da razão. O seu caso, de resto, parece-me particularmente significativo, em alguns aspectos, e resumo-lhe, muito por alto, o que há tempos sobre ele escrevi numa crónica de jornal. «Gosto muito de ouvir isso — responde-me, quando quero saber a sua opinião — mas é-me muito difícil dizer o que penso sobre o assunto. Não consigo bem racionalizar essas coisas».

● Interpretado por uma Orquestra Sinfónica

— A Orquestra Sinfónica do Rio de Janeiro preencheu, uma vez, integralmente, uma parte de um concerto com obras tuas. O que significou isso para ti, e como sentiste essa experiência?

— Bem, eu gostei, francamente: mas sou suspeito. Foi assim uma espécie de homenagem — que, claro, me deixou muito contente. As orquestrações eram muito bonitas e conseguiram manter o sabor e o sentido popular das músicas, enriquecendo-as, em alguns aspectos. A reacção do público? Foi genial. A sala nunca esteve tão cheia, e com tanta gente nova, e o concerto teve um enorme êxito. Mas o maestro, Isac Carabitchewsky, contado, foi chateadíssimo.

Havia um aspecto que, de certo modo, tinha ficado em suspenso, e que me parecia importante, Chico Buarque de Holanda, cantor da vida, do amor e da liberdade, tinha-se esquivado a ela ou fora apenas esquecimento?

— Como te sentes a cantar para um público constituído apenas por uma alta burguesia endinheirada, para a qual agora muitas vezes te exibes?

— Bom, eu não gosto de cantar em público, e sou o contrário de um homem-«show», assim tipo Wilson Simonal. Só canto porque isso faz parte do meu trabalho, e porque tenho de ganhar dinheiro. Mas na hora de cantar só estou preocupado em não ter pigarro, tocar bem, e essas coisas assim. Por isso abstraio bastante do público.

E continua, depois de nova interpelação:

— Depois de cantar, claro, há uma satisfação: porque já acabei o meu trabalho e, sobretudo, porque me sai bem, como acontece quase sempre. E claro que há uma maior satisfação quando canto para o público de que mais gosto e que mais gosta de mim: jovens, estudantes trabalhadores... gente rica não.

● «Na hora de compor é que me sinto comunicando»

— Queres dizer que te consideras, sobretudo, um autor, um compositor, e não um intérprete?

— Sem dúvida! Na hora de compor é que eu me sinto comunicado com todo o mundo. Compor é maravilhoso. Na hora de cantar, tenho de me preocupar com outras coisas.

Fala com uma grande simplicidade, sem poses ou frases de «vedeta» este rapaz que parece sempre um pouco, não direi triste, mas melancólico, e que aos 25 anos já conquistou os maiores êxitos que um artista popular pode ter. Fala com grande simplicidade, com uma voz pausada e tão clara como os olhos claros, sem grandes entoações, mas em que sinto uma emoção nova quando me refiro á sua ausência de quase um ano do Brasil, e ás causas dessa ausência — enquanto do Brasil espera ele um telefonema que pediu para sua irmã, a cujo casamento (ontem) não pôde assistir.

— Espero voltar ao Brasil o mais tardar em Abril, depois de ter gravado o próximo disco. Esta ausência já está a ser demasiado grande. Até certo ponto fez-me bem, até para descanso. Agora é demais, sinto que tenho de voltar.

● A ausência do Brasil

— Não te custou compor, longe da tua pátria e da realidade que é a da tua musica?

— Tudo que eu compus este ano é, claro, Brasil, e não tem nada a ver com Itália. Mas devo dizer que, ao contrário do que julgava iria acontecer, compus menos do que nos outros anos, e isso se deve, com certeza, ao facto de estar longe do Brasil: também por isso tenho de voltar.

— E o que esperas e desejas que o Brasil agora te dê?

— Bem, isso é uma pergunta a que é muito difícil responder...

● O futuro da Moderna Música Popular Brasileira

— Qual te parece que virá a ser a evolução e o futuro da Moderna Música Popular Brasileira, e qual a influência nela de Caetano Veloso e Gilberto Gil?

— Tenho uma grande admiração por Caetano Veloso e por Gilberto Gil, mas penso que eles e o «tropicalismo», no essencial, não mudaram nada — são os mesmos dois baianos que eu conheci, que não faziam êxito, mas de que eu gostava muito. Diz-se que eles fizeram uma revolução na música brasileira, mas eu acho que não é assim: eles não são o princípio de nada, mas sim, possivelmente, o fim de um ciclo que principiou com João Gilberto, António Carlos Jobim, Vinícios de Morais, etc.

E, depois:

— Caetano e Gilberto, como Edu, Baden, eu e os outros, somos todos filhos do folclore nordestino — o que aqueles fizeram agora foi misturar-lhe um pouco dos «Beatles» e de certa musica internacional. E isto sabe-me a artificialismo de que não gosto. O futuro? É possível que apareça outro negócio e é possível que a bossa ainda tenha mais para dar.

— E a actual situação do Brasil, não ocasionará justamente um novo recrudescimento de certa canção mais directamente interveniente e de protesto?

— De momento, isso ainda não aconteceu. Aliás, quase todos os compositores estamos actualmente fora do Brasil. Porém, quando houver uma certa aberta de escape de expressão, uma possibilidade que parece começar a verificar-se, é bem natural que isso aconteça, como depois de 1964, com o movimento «Opinião», e outros movimentos.

Chico Buarque de Holanda, autor e intérprete de algumas das mais belas e apaixonantes musicas e canções que a nossa geração teve (e tem; Chico Buarque de Holanda, 25 anos um êxito absoluto um exílio significativo, talvez o drama de algumas das ambiguidades e contradições de quem, pensando de forma diversa, vive numa sociedade como a nossa, Chico Buarque de Holanda um cantor de vida e das coisas boas da vida, um cantor do amor, da justiça e da liberdade, um cantor de uma pátria chamada Brasil, a que em breve vai voltar, Chico Buarque, um adeus até já e até sempre

canal da crítica

(Continuação da 25.ª página)

cional (não sei porquê mas tenho a impressão de que estou a fazer uma confusão dos demónios) que há umas boas dezenas de anos introduziu o «Football» em Portugal. Eram todos «gentlemen», de bigodes, usavam camisolas ás riscas, com mangas, e calções até aos joelhos.

Hoje, no mundo das palavras futebolísticas, o perigo não vem da Inglaterra, mas do Brasil. Os nossos jogadores já entram no «gramado», a «concha» apresenta um belo aspecto, os jogadores do Benfica são todos «craques» e até o Damas já é o nosso melhor «arqueiro»...

Toda a vigilancia é pouca no sentido de defendermos a nossa língua. Compreende-se que não se pode hoje viver em compartimentos estanques. As influências são inevitáveis. Faça-se tudo, porém, para que o nosso idioma assimile as palavras de que precisa em lugar de utilizar palavras que não lhe pertencem e com que faz, salodamente, figura de novo-rico. Que seja o povo a encarregar-se da tarefa. O povo — e não os cretinos da bola.

São incontáveis os neologismos e os idiotismos que a prática intensiva do futebol de língua gerou entre nós. A imprensa desportiva (alguma, aliás, excelentemente redigida) e os relatores radiofónicos e televisivos criaram frases, chaves, chavões, muletas — enfim, todo um material indispensável a uma utilização rápida e sem pruridos (mem tempo) de originalidades.

Ontem, enquanto assistia á transmissão do Vitória-Hertha entretive-me a fixar algumas dessas expressões que provam como um idioma está vivo na medida em que se sabe adaptar a condições inesperadas, como foi o advento do futebol. Vejamos alguns exemplos de que os não iniciados, futebolísticamente falando, não entendem patavina:

Meter a bola em fulano; uma equipa denunciada; perdida clamorosa; fulano corta; cruzamento muito sesgado; falta sobre fulano; em jogo jogado; abrir a baliza contrária; prender a bola; marcar para as mãos do guarda-redes; cruzar largo; transportar a bola; defesa de recurso; bola bem metida; abrir para fulano; segurar a bola; segurar o jogo; a defesa alivia; mudanças de flanco; estar á vontade; fulano apertado por beltrano; fulano esteve desacompanhado; avançar com terreno aberto; repor a bola, etc., etc.

Não há duvida: o futebol, como todas as instituições, já tem a sua gíria, a sua linguagem própria, os seus hieroglifos. Para além dos tiques próprios de cada relator, há todo um conjunto de frases-feitas, algumas das quais são autênticos achados na sabedoria de bem exprimir, ao lado de outras que representam verdadeiras lavagens ao cérebro dos aficionados mais desprevenidos.

A gíria do futebol está a pedir a atenção dos estudiosos da linguagem. Desses e não dos 'gramaticões, como lhes chama Rodrigues Lapa. Porque os gramaticões gramaticam — mas são incapazes de entrar na «área da verdade»...

MARIO CÂSTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

VITÓRIA DE SETÚBAL, 1-HERTHA, 1

AS DUAS FACES DA TÁCTICA

Ontem, à noite, em Alvalade, o Vitória de Setúbal, sem público nas bancadas nem sorte no rectângulo, não foi além de um empate a um golo com o Hertha, de Berlim, neste primeiro encontro da 3.ª eliminatória da Taça das Feiras, comprometendo assim, a sua continuidade na prova, dada a sua condição de visitante no próximo desafio entre a duas equipa.

Todavia, afigura-se-nos que só aparentemente, se poderá considerar a equipa setubalense afastada da competição. Com tal afirmação não pretendemos minimizar a valia autêntica do conjunto teutónico e muito menos sugerir uma inferioridade inexistente quer nos domínios da técnica quer num plano estratégico.

Entendemos, porém, e por aquilo que nos foi dado ver nos primeiros noventa minutos deste confronto luso-germânico, que aos portugueses restam ainda predicados bastante para se imporem em Berlim, mesmo aceitando o peso de uma deslocação e os rigores de um Inverno inclemente para meridionais.

Com efeito os jogadores do Vitória poderiam ter já ontem a noite dormido descansados quanto ao desfecho da eliminatória. Bastaria para tanto que tivesse havido um pouco mais de serenidade nalguns momentos decisivos do encontro e não menor dose de fortuna, para que algumas das ocasiões criadas, particularmente no decurso dos vinte minutos iniciais, gerassem os golos propícios a uma tranquila viagem a terras germânicas.

Aconteceu, no entanto, que se frustraram todas essas belíssimas ocasiões como outras viriam a perder-se ao longo do desafio. É curioso se torna registar que a equipa vitoriana esteve mesmo sèriamente ameaçada de derrota, quando nos derradeiros minutos e por duas vezes, Vital teve de abandonar a rede, completamente desamparado, e saiu ao encontro de Horr e Gayer que lhe surgiram isolados, de posse do esférico e na posição frontal. Apesar de tudo, foram momentos felizes, de compensação por outros de infortunio do «onze» de Setubal.

Voltando, contudo, á prodigalidade com que os dianteiros setubalenses desperdiçaram todos os lances que talentosamente souberam construir, outros factores teremos de não desprezar, para se compreender a razão desses malogros sucessivos e de que também não poderá dissociar-se a fórmula simultaneamente vulnerável e eficiente adoptada pelo conjunto germânico na protecção á sua baliza.

Poderá parecer paradoxal o que atrás ficou expresso, porque se torna pouco claro como pode ser eficiente um processo defensivo considerado vulnerável. Recordemos porém, que os alemães, se defenderam da forma mais frequente em competições internacionais, cautelosamente e com o firme propósito (alcançado) de ter sempre um homem a mais em relação ao numero de atacantes contrários. Foi esta unidade excedente e o alto poder de reagrupamento dos germânicos (á semelhança dos conjuntos de rugebi) que contribuiu fortemente para o gorar constante dos intentos setubalenses cujos dianteiros, embora surgindo em boas condições de remate, tiveram, sempre, por via de regra, um alemão a estorvar-lhe os movimentos, a perturbar-lhe os reflexos, a impor outras vezes o choque sempre desvantajoso para os portugueses. Foi de resto essa impressionante possibilidade de correr, de correr sempre com a bola ou sem ela, na defesa ou no ataque, alardeada pelos berlinenses, que limitou primeiro a proposição ofensiva dos setubalenses conseguiu o empate e reduziu depois com o decorrer do tempo, a lucidez e a força física á equipa de Setubal para uma manobra capaz de desfazer a dinâmica defensiva executada pelo Hertha.

★

No conjunto geral da partida, no registo do «deve e haver» das oportunidades surgidas e inaproveitadas, o saldo é iniludivelmente a favor do «onze» vitoriano. o abandono do corredor direito do ataque que é usual na equipa setubalense para permitir as infiltrações de Tomé ou José Maria e até muitas vezes Conceição passou a ser utilizado pelos berlinenses para iniciarem ali as suas ofensivas com os jogadores apoiando-se mutuamente. Criavam-se assim problemas ao «capitão» vitoriano, que muitas vezes se viu metido entre dois e, ás vezes três antagonistas quando Tomé ou José Maria, este sobretudo, em momentos de renuncia, olvidavam a perseguição aos adversários integrados no esquema de ataque.

Depressa Conceição se apercebeu dos riscos de que poderiam revestir-se as suas descidas até á grande área contrária. Estas cada vez se foram tornando menos frequentes e mais livres foram ficando os alemães naquela zona para atacar e para defender. Foi um dilema que durou noventa minutos. Foi um problema cuja solução nunca se deparou ao defesa direito de Setubal.

Fixado Conceição na sua posição á retaguarda, o Vitória viu reduzido o seu poder atacante pelo flanco direito, situação que tentou atenuar, sem o conseguir, primeiro com a passagem de Jacinto João para esse flanco, entrando Figueiredo para o lado esquerdo (em substituição de José Maria em noite de visível desalento) e depois com a inclusão de Vitor Baptista (saindo Alfredo) libertando Tomé para uma acção ofensiva mais intensa na ala direita do seu ataque.

Por fim, descrentes os setubalenses, os germânicos puderam entregar-se a uma toada de retenção de bola para garantir a igualdade. Foi então quando surgiram os dois momentos aflitivos que por pouco não deram o triunfo aos visitantes.

★

O encontro não deu azo a posições de destaque no plano individual. Em ambos os conjuntos sobrepôs-se sempre um conceito latente de colectivismo.

Assinalemos, no entanto que Wilt e Wild nos pareceram, tal como Horr e Steffenhagen, os jogadores mais esclarecidos e de mais alta craveira técnica, de uma equipa que se afirmou de boa capacidade e estrutura.

Por outro lado o Vitória de Setubal, teve em Tomé, Cardoso e Wagner os de rendimento mais igual. Na vanguarda, Jacinto João poucas vantagens tirou do seu poder de drible e de finta e Guerreiro insistiu em jogadas individuais, de choque inevitável portanto, com adversários de tanta ou maior envergadura física. Ficou, lógicamente, a perder.

★

Dirigiu o encontro o suiço-alemão Anton Buchelli, numa decisão de ultima hora,

(Continua na página seguinte)

Uma fase do jogo de ontem em Alvalade

Por ENCARNAÇÃO VIEGAS

JOSÉ PEDROTO

● **Poderemos surpreender os alemães**

José Maria Pedroto atendeu os jornalistas sem o menor vislumbre de aborrecimento:

— O Hertha é uma equipa de categoria, mas o Vitória podia e devia ter ganho o encontro. Só por puro azar não se concretizaram quatro ou cinco ocasiões. Perdemos o 2-0 e sofremos, logo de seguida o golo do empate.

Estou, porém, esperançado em que o Vitória faça, lá fora, um bom jogo que lhe permita ganhar a eliminatória. Penso que poderá ter uma palavra a dizer. Não jogando à defesa, poderemos surpreender os alemães.

PODIAMOS LEVAR 2 OU 3 GOLOS...

Conceição por seu turno também nos afirmou:

— Embora o Vitória não tenha jogado o seu melhor, tivemos possibilidades de ir para o segundo jogo com 2 ou 3 golos de vantagem. Não quero deixar de assinalar que o Vitória defrontou uma excelente equipa, tanto técnica como físicamente.

— E há esperanças para Berlim — indagámos.

— Com certeza. Lá as esperancas continuam, pois tudo poderá correr pelo melhor. Em Berlim, eles jogarão mais abertos, e teremos maiores possibilidades de marcar. Sabemos bem as dificuldades que vamos encontrar. No entanto, tudo faremos para vencer mais esta eliminatória.

O árbitro ANTON BUCHELLI:

● **O Vitório desfrutou de melhores oportunidades**

Mais uma vez veio a Portugal uma equipa de arbitragem suíça. E. também, mais uma vez produziu trabalho digno de elogios.

Finda a partida o arbitro Anton Buchelli afirmou:

— Foi um jogo muito correcto e fácil de dirigir. Os jogadores foram todos muito disciplinados e não tive trabalho nenhum para os manter dentro das boas normas.

— E quanto ao golo anulado ao Vitória? — inquirimos.

— Estavam dois jogadores fora de jogo — respondeu, prontamente. Anton Buchelli, enquanto um dos fiscais de linha acenava, afirmativamente com a cabeça.

E depois Anton Buchelli ainda nos disse:

— O resultado traduz o equilíbrio entre as duas equipas, embora o Vitória tenha desfrutado de maiores possibilidades de golo que não soube concretizar.

O guarda-redes alemão, mostrou-se decidido e evitou o golo

HELMUT KRONSHEIN:

● **Espero vencer em Berlim com a ajuda do frio**

Nos vestiários destinados ao Hertha não havia uma alegria esfuziante, embora se notasse satisfação pelo resultado obtido.

Helmut «Fifi» Kronshein atendeu-nos, gentilmente, para nos dizer:

— Estou muito satisfeito com o resultado obtido, tanto mais que o conseguimos frente a uma poderosa equipa. Sim, porque o Vitória de Setúbal é uma equipa muito forte.

Quanto ao desfecho da eliminatória afirmou:

— Espero ganhá-la em Berlim, onde as condições atmosféricas nos beneficiarão.

O VITÓRIA PODE FAZER O MESMO

Entretanto, Wilt, o capitão do Hertha e um dos pilares do «Muro Chinês» declarou-nos:

— O resultado agradou-me, mas não me deixou nada tranquilo. O Vitória demonstrou que poderá fazer em Berlim o mesmo que nós fizemos cá, apesar do frio. É, sem dúvida, uma excelente equipa, correcta e com muito bom futebol.

P. A.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

FUTEBOL INTERNACIONAL EM ALVALADE

(Continuação da pág anterior)

que se torna pouco compreensível dadas as afinidades com um dos contendores. De qualquer modo o juiz da partida teve actuação excelente, embora ninguém tivesse criado problemas de maior.

Mas voltamos a insistir que um árbitro tem de estar isento de qualquer clima de suspeição, ainda que se não duvide da sua honestidade. O gato escaldado...

E. V.

As equipas

VITÓRIA DE SETÚBAL — Vital; Conceição, Cardoso, Alfredo (Vitor Baptista) e Carriço; Tomé, José Maria (Figueiredo) e Wagner; Guerreiro Arcanjo e Jacinto João.

HERTHA — V. Gross; Patzke, Wilt, Wild e Ferschl; Enders (Altendorf) e Gayer; Steffenhagen, (Ipín), Brungs, Horr e Weber.

Árbitro: Anton Buchelli (Suiça). Golos de Tomé aos 10 minutos e de Horr aos 29 minutos.

A equipa do Hertha que defrontou o V. Setubal

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Spt. Braga-Sporting ...	X
U. Tomar-C. U. F.	1
Barreirense - Académica	1
F. C. Porto - Belenenses	1
Varzim-Guimarães	1
Vizela-Marinhense	1
Gouveia-Salgueiros	1
Leça-A. Viseu	1
Luso-Torriense	2
Atlético-Montijo	1
Farense-Sesimbra	1
Santarém-Tramagal ...	1
Seixal-Oriental	X

Futebol

COMPROMETIDO O CONTACTO ENTRE ESPANHÓIS E BRASILEIROS

RIO DE JANEIRO, 31 — (A. N. I.) — A Federação Espanhola de Futebol anunciou que proibiu jogos de clubes brasileiros na Espanha, enquanto o Clube Flamengo, do Rio de Janeiro, não saldar as suas dívidas na Espanha.

O presidente deste clube, André Richer, diz estranhar a atitude dos desportistas espanhois. Reconhece a dívida para com o Barcelona e o Atlético de Madrid, mas acrescenta que há mais de seis meses vem mantendo entendimentos, sobre o assunto, por intermédio da Confederação Brasileira de Desportos e da F. I. F. A.

Basquetebol

A SELECÇÃO DE JUNIORES VENCEU A C.U.F. (90-58)

A selecção nacional de juniores realizou ontem nas instalações do I. N. E. F., novo treino, desta vez contra a equipa do Desportivo da Cuf a quem venceu por 90-58.

Mais uma vez a excelente forma física dos seleccionados virá ao de cima (3 jogos em 3 dias além dos treinos diários) o que lhes bastou para no contra-ataque desbaratarem a equipa cufista. No entanto no capítulo meia-distancia já não atingiram o mesmo nível. Aliás essa foi a principal deficiência desta selecção.

A equipa nacional alinhou: Lourenço (2); «Beto» (12); Rui Ferreira (6); Manuel António (7); José Tavares, (10); Rui Freitas, (22); José Mendes, (11); Gomes, (16); Luís e Cerqueira (4).

Resultado final: *90 - 58*

T. Z.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Disputaram-se os encontros da penultima jornada do campeonato regional feminino da 1.ª Divisão, tendo-se apurado os seguintes resultados:

Nacional - Encarnação, 43-33; Benfica Algés, 36-19; Sporting-Sintra, 45-27. Três lugares da classificação estão já definitivamente atribuídos ao C. I. F (1.º), Benfica (2.º) e Hóq. Sintra (7.º).

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

COMUNICADO
FRIAL

Participamos aos nossos estimados clientes e fornecedores que, por motivo de balanço, encerramos o nosso Estabelecimento e serviços de armazém de 2 a 6 de Janeiro.

A GERÊNCIA

JARDIM PRIMAVERA

Comunica que encerra, nos dias 2 e 3, para balanço, os seus escritórios e secção comercial da Rua Tomás Ribeiro, n.º 91 — LISBOA
Qualquer assunto comercial pode ser tratado com a sua filial
FLORAL DE SINTRA
Ramalhão — S. Pedro de Sintra — Tel. 98 15 74
Aproveita a oportunidade para desejar a todos os seus clientes um Feliz Ano Novo.

Porque não lhe oferece uma ilha neste Natal?

Há coisas que valem um milhão mas custam pouco. Escolha uma colina verdejante no Inverno, uma ilha deserta na Primavera, ou um inesquecível Verão americano. Escolha aquilo de que Ela gosta. E ofereça-lho neste Natal. O agente da Pan Am entrega-lhe o bilhete num envelope de oferta, ou completa-o numa ida-e-volta em alguns minutos. Para qualquer parte do Mundo: é só pedir. Para Nova York, Los Angeles, S. Francisco, Sidney, San Juan, Barbados ou para onde quiser. De facto, até pode escolher uma viagem à volta do Mundo. Bem sabemos que esta não é uma oferta vulgar. Mas então? A mulher com quem casou também não o é! Pan Am torna à sua viagem maravilhosa

PAN AM
A linha aerea de maior experiência no mundo

Compre a melhor vista de mar

comprando APARTAMENTOS MOBILADOS ou moradias a J. PIMENTA, S. A. R. L: em Cascais (Pampilheira)

A 1000 metros da praia e caminho de ferro, mercê duma situação privilegiada desfrutará duma vista panorâmica sobre o mar e Serra de Sintra.
Visite o apartamento-tipo em exposição na R. Reg. Infantaria 19 n.° 30 em Cascais

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 58 43 e 4 78 43
QUELUZ — Rua D. Maria 1, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

A Casa Hipólito, Lda.

de Torres Vedras

participa aos seus clientes que, por virtude da quadra de ANO NOVO, encerrará os seus serviços hoje, dia 31, às 18 horas e reabri-los-á no dia 5 de Janeiro à hora habitual.

ANDARES

VENDEM-SE

Em Benfica, Venda Nova, Queluz, Amadora, Algés, Linda-a-Velha, Carnaxide, Sassoeiros e Parede, c/ 3 a 5 casas assoalhadas, 2 casas de banho, cozinha, roupeiros, etc

TERRENOS C/ PROJECTO APROVADO
FACILITA-SE O PAGAMENTO

JOÃO PROTÁSIO NALHA

Rua Luciano Cordeiro, 25-1.º-Dt.º — LISBOA
Telefs 539200, 2910079 e 785200

BEDFORD KHL

COM CABINA DE LUXO
9 000 KGS DE CARGA ÚTIL
COMPRIMENTO MÁXIMO DE CAIXA 6 *METROS*
NOVO MOTOR "BEDFORD" DE INJECÇÃO DIRECTA
COM 143 BHP.

O CAMIÃO MAIS DIVULGADO EM PORTUGAL

consulte a

SOREL

Rua Filipe Folque, 12 - Telef. 5 81 11
Rua D. Luiz I, 28 - Telef. 66 27 55 - LISBOA

CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

ÀS NOIVAS

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA» ENTRE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO-GUADIANA E BARREIRO

A C. P. informa que a estação de Lagos passa a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António-Guadiana a Barreiro e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro às circulações normais.

O preço de Lagos a Lisboa (Terreiro do Paço) e volta é de 110$00.

COMPANHIA INDUSTRIAL DE FIBRAS ARTIFICIAIS

S. A. R. L.

FÁBRICA
SOBRADO — VALONGO
Telef. 942002-942043

SEDE
R. de Ceuta, 43 — PORTO
Telef. 28167 (3 linhas)

IFA
FITA ADESIVA TRANSPARENTE
PARA TODAS AS APLICAÇÕES

IFALOR
FIOS DE RAIONE VISCOSE TINTOS NA MASSA COM ABSOLUTA SOLIDEZ DAS CORES

IFRANA
FIBRAS ARTIFICIAIS CORTADAS
BRILHANTES E MATES
PARA TODOS OS FINS

IFALON
FIOS SINTÉTICOS NYLON 6
PARA AS INDÚSTRIAS DE TECIDOS E MALHAS

IFA
FIOS DE RAIONE VISCOSE, BRILHANTE E MATE, PARA TECELAGEM, MALHAS, MEIAS, ETC., EM QUALQUER APRESENTAÇÃO

Celocifa
PELÍCULA CELULÓSICA TRANSPARENTE EM VÁRIAS ESPESSURAS
ROLOS E FOLHAS

SULFATO DE SÓDIO ANIDRO E CRISTALIZADO

PALHA ARTIFICIAL

Cumprimenta os seus Clientes e Amigos, desejando-lhes um Ano Novo muito feliz

SÃO JORGE

(Adultos) Telefs, 5 41 53/4
HOJE: Às 15.15, 18.15 e 21.30
HUMOR EM DOSE
PARA ADULTOS
DOUTOR... AGORA É QUE SÃO ELAS!
PASSAGEM DO ANO
Como já é tradição, a passagem do ano é assinalada com uma chuva de balões e ritmos em alta fidelidade. O espectáculo é prolongado até cerca da 1 hora.
AMANHÃ — ESTREIA ás 15 h.
SESSÕES, ás 18.15 e 21.30 h.

SÃO LUIZ

(M. 6 anos) Tel. 327172
Às 15.15, 18.15 e 21.30
TECHNICOLOR
2.ª SEMANA
Um filme para grandes que é a alegria dos pequenos!
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

ALVALADE

(M 6 anos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
SE O MEU CARRO FALASSE...
com Dean Jones, Michele Lee e Herbie

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.45
2.ª SEMANA
ROGER MOORE na sua mais espectacular aventura!
O «SANTO» EM ACÇÃO
com Sylvia Syms
EASTMANCOLOR
A sessão acaba antes das 24 h.
AMANHÃ: O mesmo programa

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Às 21 horas
A PERVERSA CATARINA, IMPERATRIZ DA RÚSSIA

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375
ÀS 21.30 H.
SHERIFF PRECISA-SE
com James Garner e Joan Hackekt

TIVOLI

(M. 12 anos) Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite
EM 3.ª SEMANA
UM FILME INCOMPARAVEL em TODD-AO cor de Luxe com
BARBRA STREISAND
HELLO, DOLLY
UMA MARAVILHA

CONDES

Tel. 522523-326710
Às 15.15 e 18.15
3.ª SEMANA
(Para todos)
Só á noite ás 21.30 (adultos)
Versão integral — 5.ª SEMANA
A LIÇÃO PARTICULAR
ASTÉRIX E CLEÓPATRA
(Colorido)

VOX

(M. 12 anos) Tel. 720803
Às 15.15, 18.30 e 21.45
O GOLPE DE OURO
com Anne Heywood, Richard Crenna e Fred Astaire, numa orignal história
R. Bulhão Pato (à Av Roma)
AMANHÃ: O mesmo programa

EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
CANTINFLAS em
D. QUIXOTE SEM MANCHA
AMANHÃ: O mesmo programa

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
HOJE, a partir das 22 h.
(M. 17 anos)
«REVEILLON» 1969/70
ISADORA
TECHNICOLOR
Metro Estação Picoas

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
AS AVENTURAS DE «O SANTO»
EASTMANCOLOR
com JEAN MARAIS

EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Com todo o seu humor inconfundível CANTINFLAS em
D. QUIXOTE SEM MANCHA
AMANHÃ: O mesmo programa
Às 15.15, 18.15 e 21.30

ODEON

(M. 6 anos) Tel. 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. red.) e 21.30
EM 2.ª SEMANA
O MARAVILHOSO FILME FAVORITO DAS CRIANÇAS
MARCELINO PÃO E VINHO
grande criação do pequeno actor PABLITO CALVO
A HISTÓRIA DE UM GAROTO PERANTE UM MILAGRE DO DIVINO JESUS

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
TOM DOLLAR
OS GRANDES AVENTUREIROS
AMANHÃ: O MARIDO É MEU... MATO-O QUANDO ME APETECER (Adultos)

ROMA

(M. 15 anos) Tel. 727778
ÀS 21.45
NOITE DE «RÉVEILLON»
2 FILMES
VARIEDADES
2 CONJUNTOS
BAILE TODA A NOITE
AMANHÃ, ESTREIA, ás 15.15
SESSÕES, ás 18.30 e ás 21.45

MONUMENTAL

(Adultos) Tel. 555131
HOJE ás 21.30
REVEILLON 1969/70
ANTESTREIA DO FILME
QUANTO MAIS FEIA... MELHOR
BAILE TODA A NOITE
(Para maiores 15 anos)
DIA 31:
QUINZENA INFANTIL
M. 6 anos — HOJE — 18.30 h.
MARY POPPINS
de Robert Stevenson
com Julie Andrews e Dick van Dick
Dia 2 de Janeiro: A Gata Borralheira (M. 6 anos)

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
UMA CARREIRA SENSACIONAL
MOMENTO A MOMENTO

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
HOJE: Às 15.30, 18.30 e 21.30 h.
EM CONTINUAÇÃO DE ESTREIA
6.ª SEMANA
A espantosa comédia de PIETRO GERMI
DIVÓRCIO À ITALIANA
com Marcello Mastroianni
A sessão da noite termina ás 23.30 h.
AMANHÃ: O mesmo programa

POLITEAMA

(M. 17 anos) Tel. 326305
HOJE: Às 15 e 15 e ás 21 e 30
ÊXITO TOTAL
do filme de grande classe espectacular
A PELE DE UM MALANDRO
com o famoso ídolo CLINT EASTWOOD

Às 18 h. — 2.ª semana da obra-prima de desenhos animados
OS MARAVILHOSOS CONTOS DE ANDERSEN
(M. 6 anos)

RÉVEILLON
Bilhetes à venda
Pedir programa na bilheteira

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
TECHNICOLOR—2. SEMANA
KATHARINE HEPBURN 6
A LOUCA DE CHAILLOT
com Danny Kaye, Giulieta Massina, Paul Henreid, Yul Brynner, Charles Boyer, Richard Chamberlain, Nanette Newman e John Gavin
AMANHÃ: O mesmo programa
Às 15.15, 18.30 e 21.30

ESTÚDIO

(M. 6 anos) Tel. 555134
Às 15.30, 18.30 e 21.45
3.ª SEMANA
TECHNICOLOR
AS AVENTURAS DE PETER PAN
AMANHÃ: O mesmo programa

LIDO

Praça D João I — AMADORA
Tel. 937593
(M. 15 anos) Às 21.30
Para RIR, para DISTRAIR, para DANÇAR
RÉVEILLON NO LIDO
CINEMA — VARIEDADES — BAILE

OUTROS ESPECTÁCULOS

CIRCO

COLISEU — Às 21 e 30: «Nova Companhia de Circo» (6 anos).

TEATROS

MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e ás 23: «Esperteza Saloia» (17 anos).
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Os elefantes não sentem as pulgas» (17 anos).
VASCO SANTANA — Às 21 e 45: «As mãos de Abraão Zacut» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e 23: «O vison voador» (17 anos).
MARIA MATOS — Às 21 e 45: «Tombo no Inferno» (17 anos).
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «Forja» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e ás 23: «Ena já fala» (17 anos).
VARIEDADES — Às 20 e 45 e ás 23: «Peço a palavra» (17 anos)

CINEMAS

OLIMPIA — Às 21: «Armadilha para um foragido» (17 anos).
ARCO IRIS — Às 21: «Knidar o invencível» (12 anos).
JARDIM — Às 21: «Os assassinos de Karate» (12 anos).
CINEARTE — Às 21: «O gladiador de Messalina» (12 anos).
MOSCAVIDE — Às 21: «A magia da mulher» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Um lugar para amar» (17 anos).
ORIENTE — Às 21: «O magnífico estrangeiro» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «O homem que valia um milhão de dólares» (12 anos).
ENCARNAÇÃO — Às 21: «O trovador do Far-West» (17 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «O roubo das jóias» (17 anos).
PROMOTORIA — Às 21: «Por um punhado de dólares» (12 anos)
LOURES — Às 22 h.: Grandioso baile» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15 — «O rapaz e o tourdo» (6 anos)

● Linha de Cascais

ESTORIL — CASINO — Às 17 — «As aventuras de O Santo» (12 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30 — «O hotel da malandrice» (17 anos)

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15 — «O Profeta» (17 anos)

AMANHÃ

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30 — «A luz é para todos» (12 anos)
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21 — «Como roubar o mundo» e «Avançar para a retaguarda» (12 anos)
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Uma arma entre mil» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «A grande corrida à volta do Mundo» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 17 e 21 e 30: «A velha raposa» (12 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «No Sul do Pacífico» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «O mistério da ilha maldita» (12 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHAIBY — Às 21 e 30: «Caminho perigoso» (17 anos).
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 15: «Quimera» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Um lugar para amar» (17 anos).
BARREIRO — GINÁSIO — Às 21: «A magia da mulher» (17 anos) e CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Assalto ao carro blindado» (12 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Noite de violência» (12 anos).

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I

ALCÂNTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (660187).
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) ✲ **Góis, Lda., Sucrs.,** Rua dos Anjos, 12-C-D (840101)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 235-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) ✲ **Aeroporto,** Av Almirante Gago Coutinho, 01-D (722384) ✲ **Rio de Janeiro,** Av Rio de Janeiro, 4-C (721409)
AREEIRO — Algarve, Av de Roma, 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av da República, 53-D-E (771661) ✲ **Figueira,** Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✲ **Cruz Nunes,** Pr Duque de Saldanha, 4 (41845) ✲ **Novais,** Av. Luís Bivar, 11-13 (44324).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, R. 27, 41 (311216)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (321149) ✲ **Valadas, Suc.,** R da Madalena, 235 (326260) ✲ **Cortez,** R de S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av Gomes Pereira, 34-A (704828) ✲ **Vitex,** Est. de Benfica, 373-B (780548) ✲ **J. Ribeiro,** Est da Luz, 99-A (780969)
BELÉM — Gomes, Suc., (Gonçalves) R da Junqueira, 326 (638193).
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, Rua Bartolomeu Dias, 63-A (611454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, R. Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96 (321534).
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-22 (772397)
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 31-133 (686640) ✲ **Urbano de Freitas,** R. Silva Carvalho, -9 (662838) ✲ **Elmo,** R D Maria Pia, 358-A (686176).
CAMPOLIDE — Judice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424).
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — Saluz, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239).
ENTRECAMPOS — São Miguel, R. Francisco Morais (771469).
ESTEFÂNIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais 32-A-B (534027).
ESTRELA E LAPA — Tagus, Praceta da P. Possidónio da Silva, 162-A (669485) ✲ **Rodrigues & Arres,** Rua da Lapa, 52-54 (662246).
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480).
OLIVAIS — Central dos Olivais, R. Alferes Barrilaro Ruas, 1-C Olivais Norte (375539) ✲ **Antunes Rosas,** R. C 1 para a Praça Cidade do Luso, Olivais-Sul (313610)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-62 (761035).
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, R. Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — Belém, Rua Tristão Vaz, 0-A, á encosto do Restelo (6122418)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) ✲ **Pereira, Suc.,** R. do Paraíso, 98-100 (863224) ✲ **Branquinho,** R. dos Sapadores, 87 (842725).
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✲ **Costa,** R. dos Lusíadas, 32 (636704).
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (3227901).
MOSCAVIDE — Banha, Av Moscavide 22 (2518518)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R Ernesto da Silva, 8: (212048)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — R. Costa Pinto, 86 (Telefone 2432034)
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Macau, Rua J Elias Garcia 62-B (2471785)
ESTORIL — São João — São João do Estoril (Tel 261186)
MONTE ESTORIL — Ostende — R. de Espinho, (Tel 260391).
CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Tel 280078) **A. Costa —** Rua Freitas Reis 24-A Telef 280214

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P 28 de Maio 3-A (9355 8) ✲ **Carmele,** R Elias Garcia, lote 28 (933303) ✲ **Helénica,** R Elias Garcia, 2 (933613) ✲ **S. Jorge,** R. Pedro del Negro. S. Reboleira (Tel 938703)
DAMAIA — Lemos — Rua de Goa, 8-A (Tel 97 2)
QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 28 (Tel 950117) **Simões Lopes,** Av Elias Garcia, 51 e 51-A (Tel 950123)
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034).
MEM MARTINS — Química — Est Mem Martins 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).
SINTRA — Misericórdia — L Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel 980391)
COLARES — Colares — Abrelo (Tel 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes. — Coronel Ramos da Costa, 10 (2341B7)
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — Macedo Henriques— — Rua Bernardo Francisco da Costa (Tel 27 297)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional 74 (Telefone 224302)
BARREIRO — Moderna — R D. Henriqueta Gomes de Araujo, 2 (Tel. 2273446).
COVA DA PIEDADE — Atlântico, Quinta do Pombal, (274365)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 16 (Tel. 239029).
MONTIJO — Giraldes — Rua Almirante Reis 45 (Tel 230008)
SESIMBRA — Lopes — R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028).
SETUBAL — Soromenho — P Machado Santos (Tel 2269); **Alice —** P. do Quebedo (Tel. 23743)
SEIXAL — Godinho — L da Igreja 5 (Tel 22 8580)

AMANHÃ

● Em Lisboa — Turno J

AJUDA — Mendes Gomes, Calçada da Ajuda, 222 (638256) ✲ **Topada, Lda.,** Calç da Topada, 83-A (634721).
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R. de Alcântara, 5-A (637563).
ALMIRANTE REIS — Antolin, Lda., Av Almirante Reis, 88-B-C (44173) ✲ **Magalhães,** Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479)
ALVALADE — Líbia, Av da Igreja, 4-B-C (711681) ✲ **Marbel,** Av de Roma, 131-A (776235).
AMOREIRAS — Amoreiras, Praça das Águas Livres, 8-D (681515).
AREEIRO — Lusitana, Av de Roma, 18-A (725443) ✲ **Chinde,** Rua Agostinho Lourenço, 6-B (710831).
ARROIOS — Fonseca — R. Carvalho Araujo, 46-B-C (841708).
AVENIDAS NOVAS — Providência, Rua D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) ✲ **Sá da Bandeira,** R. Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (41961-54672) ✲ **Oliveira Viegas,** R. Viriato, 29-A (48966-553601)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO—Zira, Pr. das Casas Novas, Lote 66 (310172)
BAIXA — Formosinho, P dos Restauradores, 8 (30927) ✲ **Normal,** R. da Prata, 220 (321342-325553)
BENFICA — Benfiluz, Est de Benfica, 444-A (782606) ✲ **Alegria,** E. de Benfica, 80-A-B (780511) ✲ **Progresso,** Est A-da-Maia, 64-C (702226) ✲ **Macedo,** Est. do Poço do Chão, 69-C (703697)
CAMPO DE OURIQUE — Linalda — Rua Ferreira Borges, 30 (660955) ✲ **Findor —** Rua D. Maria Pia, 514 (687949)
CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) ✲ **Zenel,** R. A. 182, Bairro da Liberdade (651840) ✲ **Nova,** R. de Campolide, 297-C (687475).
CAMPO DE SANTANA — Peninsular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (553308)
ESTEFÂNIA — Délio, Rua Açores, 32 (52388)
ESTRELA E LAPA — Neves, Suc., R. da Bela Vista, á Lapa, 37 (661251)
GRAÇA — Higiénico, R Heliodoro Salgado, 20-A (84436)
LUMIAR — Patulato, Herdeiros, R. do Lumiar, 22-24 (790332) ✲ **Douro,** Al das Linhas de Torres, 93-A-B (79 31)
OLIVAIS — Simão — Av. de Berlim, R D, , 6-A (310581).
PALHAVÃ — Canto, Est das Laranjeiras, 202-B (780841)
PEDROUÇOS, — Higilux, R de Pedrouços, 50-52 (610280)
PENHA DE FRANÇA — Dalton, Av Mouzinho de Albuquerque, 1-A (84357) ✲ **Europa,** Av General Roçadas 27-A-B (Tel. 843880)
PICHELEIRA — Mariuz, Calç da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
PRINCIPE REAL — Gonçalves, Lda. R. da Rosa, 76-178 (362687).
REGO — Berne, Av de Berna, 44-A (773568)
SANTO AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).
S. BENTO — Micael, R. de S. Bento, 380-382 (662162) ✲ **Açoreana,** Largo do Conde Barão, 2 (661330)
ST.ª MARTA — Morais Sarmento, R. Santa Marta, 5-A-B (Tel. 46490)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. do Margem, 5-B (382470) ✲ **Cruz de Malta,** L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126) ✲ **Zema** Rua General Justiniano Padrel (á Calçada dos Barbadinhos, 21 (832580)
SÉ — Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (869831).
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, Rua Francisco Marques Beato, 45-A (2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av Comb. G Guerra, 66 (2 3953)
CAXIAS — Nova — Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839).
PAÇO DE ARCOS — Trindade de Brás — Rua Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034).
OEIRAS — Godinho — R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090).
PAREDE — Grincho, Av. da Republica, 87-C (2471204).
ESTORIL — Marques dos Santos, R. Ferreira, J. A., 15 (260116).
CASCAIS — Marginal — Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa —** R. Freitas Reis, 24-C (280214).

● Linha de Sintra

AMADORA — Melo, P D João I, Lote 146, Bairro Janeiro (Telef. 932756) ✲ **Central** Av Cardoso Lopes 25 (9322 0) ✲ **Igreja,** P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740) ✲ **Jardim,** Av Conde de Oeiras, lote X- Reboleira (Tel 938424)
DAMAIA — Confiança Est Militar, lote D (97 023
QUELUZ — Correia, do Mercado, 3 (950905) ✲ **Zeller** R da Republica, 83 (95004
CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Tel 2940034
MEM MARTINS — Química — Est. Mem Martins, 285 (Tel 29 0012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456)
SINTRA — Misericórdia — Largo dr Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES — Colares — Abrelo (Tel 299088

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gomeiro, António dos Santos Jorge (Tel 234 00
ALHOS VEDROS — Gusmão — R. Cândido dos Reis, 30 (T 224020)
ALMADA — Magalhães — R Capitão Leitão, 8-A (Tel. 270242).
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança —E. Nacional, 74 (T 224302).
BARREIRO — Central — Av Alfredo da Silva 48 (273207).
COVA DA PIEDADE—Rainho Santa — Est das Ba -0-A (Tel. 276182)
MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 6 (Tel 239029).
MONTIJO — Montepio — R Almirante Reis 93 (230035).
SESIMBRA — Lopes, R Cândido dos Reis, 67 (Tel 229028)
SETUBAL — Higiene, R Frei Agostinho da Cruz (22408) ✲ **Portugal,** R. Camilo Castelo Branco (23211).
SEIXAL — Godinho — L da Igreja, 51 (Tel 22 853.

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS E ELECTRICIDADE — Companhia das Águas, 861353 ● **Companhias Reunidas,** 537011 ● **Gazcidla,** 538821 ✲ **Gazcidla** idem ● feriados 382069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 **Voluntários,** 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ● **Segurança Publica, 866141** ● **Judiciária, 535380** ● **Marítima, 326456** ● **Internacional, 36272** ● **Viação e Trânsito, 42205** ● **G N R. (área rural), 36865**
SAÚDE — Cruz Vermelha, 865342 ● **Enfermagem permanente, 766161** ● **Enfermagem de urgência 43738** ● **Hospital de Santa Maria, 775171** ● **Hospital de S. José, 860131** ● **Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169** ● **Transfusões, soros e oxigénio, 538524** ● **Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456**
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ● **Caminhos-de-ferro, (C. P.), 869029** ● **Caminhos-de-ferro (Estoril), 861121** ● **Estação fluvial (T. Paço), 325345** ● **Estação marítima de Alcântara, 663195** ● **Estação Marítima da Rocha, 672445** ● **Estação fluvial (Belém), 638511**

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

Consentida a construção de casinos no Algarve

(por uma única empresa)

A zona de jogo permanente do Algarve será adjudicada a uma unica empresa, podendo porem, a respectiva exploração exercer-se em dois casinos situados em concelhos diferentes — anuncia hoje o «Diário do Governo».

A localização do casino ou dos casinos deverá, de preferência, ser feita em terreno junto ao mar, de fácil integração na estrutura arterial do plano de urbanização do local ou locais previstos ( ) As entidades que, nos termos dos artigos 7.º e 8.º do Decreto-Lei n.º 48 912, de 18 de Março de 1969, pretendam concorrer á concessão da exploração de jogos de fortuna ou azar na zona de jogo do Algarve deverão dirigir os seus requerimentos ao ministro do Interior, em carta lacrada endereçada ao Conselho de Inspecção de Jogos. (..) A concessão, que se inicia com a assinatura do contrato, terminará em 31 de Dezembro do 25.º ano posterior ao anuncio da exploração dos jogos

Fica determinado que «a concessionária tem de levar a efeito e de cumprir as seguintes realizações e obrigações mínimas, além das estabelecidas na legislação aplicavel á generalidade das zonas de jogo: a) construção, na rede da zona segundo programa estabelecido pelo Conselho de Inspecção de Jogos e pela Direcção-Geral do Turismo, de um casino luxuoso e confortável, reversível, para o Estado, com todo o seu recheio, pertenças e anexos, de custo não inferior a 50 000 contos; b) na hipótese de o concorrente explorar o jogo ( ) também em outra localidade diferente da sede da zona ( ) o investimento a efectuar no casino poderá reduzir-se a 40 000 contos; c) construção de estabelecimento de banhos de mar, incluindo restaurante e equipamento adequado para desportos náuticos, reversível para o Estado, de custo não inferior a 15 mil contos; e) construção de piscina publica, com dimensões olimpicas, de custo não inferior a 10 mil contos, excluindo o valor do terreno, etc.

(...) Competirá ao Governo, através da Secretaria de Estado da Informação e Turismo: a) apreciar a insuficiência das instalações hoteleiras; b) determinar a distribuição quantitativa das instalações hoteleiras; c) definir as caracteristicas das unidades hoteleiras a construir

(...) Quanto aos prazos de conclusão das obras e melhoramentos (...) são fixados, a partir da data da aprovação dos respectivos projectos, pela forma seguinte: a) dois anos para o casino ou casinos anexos; b) dois anos para o estabelecimento ou os estabelecimentos de banhos de mar e instalações acessórias; c) cinco anos para a piscina publica; etc.

Finalmente, «poderá consentir-se que a exploração dos jogos se efectue, transitóriamente, em edifício ou edifícios situados nas localidades em que há-de efectuar-se a construção do casino ou casinos».

Tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Praia da Rocha, 3°,4; mínima: Penhas da Saude, —6°

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava muito nublado; caíam aguaceiros em vários locais; nevava nas regiões de Nordeste e o vento era moderado de Sudoeste. TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Porto, 9°; Penhas Douradas, —2°; Coimbra, 6°; Portalegre, 4°; Lisboa, 9°; Faro, 12°, Funchal, 18°. TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 11°; na água do mar: 18°,2

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Continuação de tempo instável: aguaceiros diminuindo de frequência, queda de neve nas regiões de Nordeste, possibilidade de ocorrência de trovoadas dispersas, vento moderado de Oeste, soprando por vezes com rajadas fortes.

Amanhã

Nascer ás 8 e 55
Ocaso ás 18 e 25

Hoje Dia 7 Dia 14 Dia 22.

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 31 — 9 (3,5 m); 2 e 37 (3,3 m). BAIXA-MAR. Dia 31 — 2 e 25 (1,6 m); 5 e 05 (1,5 m).

Mensagem de Ano Novo do Chefe do Estado

O Chefe do Estado dirige amanhã, a partir das 13 horas e através de todos os postos da Radiodifusão e da Radiotelevisão, a sua tradicional mensagem de Ano Novo dedicada a todos os portugueses no Mundo.

Também amanhã, com uma primeira audiência ás 11 horas (concedida ao cardeal-patriarca), há no Palácio de Belém o cerimonial de cumprimentos e votos de prosperidades no novo ano ao Chefe do Estado. Após a visita de D. Manuel Gonçalves Cerejeira, e com espaços de trinta minutos, serão recebidos o Presidente do Conselho e logo a seguir os presidentes da Assembleia Nacional da Camara Corporativa, do Supremo Tribunal de Justiça e do Município de Lisboa, estando ainda presentes o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, os membros do Governo, das pastas militares, com o chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e os chefes dos Estados-Maiores dos três ramos militares, e o sr. general Santos Costa, em nome dos chanceleres das ordens honorificas.

NOVO CASINO ESTORIL

AMANHÃ

«MATINÉE»
Às 17 HORAS
no
SALÃO RESTAURANTE

ANNIE BRIGHT
● THE KIMS
● LÍDIA RIBEIRO
● STARLIGHT SHOW

Música para dançar:
FERRER TRINDADE
E SUA ORQUESTRA
FILARMÓNICA FRAUDE

Maiores 17 anos

PREÇOS
Chá completo — 40$00
(taxas e impostos não incluídos)

No CINEMA
Hoje, as 17 h
«As Aventuras de «O Santo»»
(Maiores 12 anos)
Amanhã, às 17 e 21,30 h
«A Grande Corrida à Volta do Mundo»
(Maiores 12 anos)
Ambiente climatizado

De vez em quando

Tomo balanço e resolvo-me, também, a fazer um — não balanço, mas simples balancete, registo insipido do que aconteceu. Continuaram as guerras; uma grande parte da população do Mundo sentiu fome; houve tremores de terra, acidentes de viação e de aviação; o homem pôs o pé na Lua; os corações transplantados mantêm a sua relutância em se acomodar às novas caixas toráxicas; não foi possivel convencer os que pensam ter razão da razão dos outros; filhos não respeitaram os pais e alguns destes mataram filhos; muitas vozes se ergueram em defesa da verdade, outras continuaram a propalar mentiras. Em suma: o homem manteve as suas características de homem, este ano não foi diferente dos anos anteriores, os dias sucederam-se a dias semelhantes. Bem pode dizer-se que 1969, como vem acontecendo há 1969 anos, nos ofereceu apenas a continuidade

V. D.

CASTELÕES
AMANTEIGADO
PASTEURIZADO
UM QUEIJO
DE QUALIDADE

EM VENDAS NOVAS, o «DIÁRIO DE LISBOA» encontra-se á venda na PAPELARIA SIMÕES, de Ramalho & Madruga — Praça da Republica, 72.

SAIU HOJE

motor

1969 • ÚLTIMA VOLTA

(UM BALANÇO DO ANO QUE HOJE FINDA)

Artigos de Filipe Nogueira, Francisco Romãozinho, Augusto Vilela, Baptista dos Santos, Bandeira de Lima, Maria do Céu, Alves Saraiva, Avelãs Coelho e Plácido José Gonçalves

UMA COMPLETA REPORTAGEM DO ENLUTADO CIRCUITO DA PALANCA NEGRA (LUANDA)
por Carlos Blanco

E UM SUPLEMENTO ESPECIAL SOBRE O AUTOMÓVEL JAPONÊS

escrito por Philippe Toussaint
do serviço de reportagem de «Motor» no estrangeiro

PREÇO 2$50

RESTAURANTE CASTANHEIRA
TELEF. 79 01 68 • LUMIAR • LISBOA, 5
DECLARADO DE UTILIDADE TURÍSTICA

«RÉVEILLON»

No amplo Salão de Festas 2 conjuntos musicais — BLUE RIVER e quarteto com o pianista FERNANDO POTIER — actuarão constantemente desde as 22 h. às 5 h. da madrugada.

Lotação quase esgotada

Informações pelo telefone 790168 (M/15 anos)

CAMPANHA DO NATAL

12 M • 15 M • 17 M • 20 M • TRANSIT

APROVEITE AS VANTAGENS QUE EXCEPCIONALMENTE LHE OFERECEMOS NESTE PERÍODO

CONSULTE OS CONCESSIONÁRIOS

Ford

LINCURI
AV. DE REPÚBLICA, 32
R. D. FILIPA DE VILHENA, 26

LISBOA

STAND MODERNO
R. JOÃO SARAIVA, 15
AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 15

1970

Vem mansamente e toca-nos
Dezembro. Tem um nome: 1970.
Será sol e sal. Será mel e fel.
Ano novo? Decerto.
Com o peso dos que o antecederam
carrega uma esperança para o futuro.
De olhos virados para amanhã,
abramos os braços a recebê-lo.
E, atentos, aguardemos.

Diário de Lisboa

CARLOS FERNANDES

Um dos «stands» da Feira Internacional de Pornografia em Copenhague

«Sexploração»:

Silva Costa

a década da indústria erótica

IMAGINE o leitor o embaraço do historiador do ano 2000, obrigado a definir em dois parágrafos a formidável década que hoje termina.

Chamar-lhe-á naturalmente, *a década da conquista da Lua*, para omitir mais longa referência á pressuposta revolução tecnológica. Mas deverá acrescentar (ou antecipar?) que foi *a década do movimento estudantil contra o irracionalismo da sociedade da abundancia*. E juntará outras qualificações extremamente sintéticas (a parte de leão do seu trabalho interpretará os grandes acontecimentos que nos separam do ano 2000...). Dirá então que esta foi *a década da independência africana*, *a década da maior crise «dentro» da Igreja Católica*, bem como *a década da violência da agressão* (Vietnam) *e da violência da defesa* (negros norte-americanos, população checoslovaca).

Em cinco linhas contará o resto: a década de 60 foi a da *radicação do socialismo num país latino-americano*, a *década dos «hippies»*, a da *maior cooperação internacional de que há memória* (organismos dependentes das Nações Unidas, Euromercado, Comecon, E. F. T. A.) e também a do *nascimento da indústria da sexualidade*

Aqui, isto é, em Portugal, e *agora*, quer dizer, neste fim de Dezembro de 1969, parecerá, provàvelmente, descabida esta adição da indústria erótica á lista incompleta dos factos capitais dos anos sessenta. Mas o historiador do século XXI justificará com facilidade o seu critério: relembrará o mecanismo da economia de mercado vigente na nossa época e demonstrará que a exploração industrial da sexualidade nasceu, efectivamente, nesta década, e chegou a 1970 dimensionada para a conquista dos mercados mundiais.

Isto implica falar do «American way of life»... Por volta de 1960, os norte-americanos principiaram a introduzir nos seus filmes as cenas proibidas pelo «código de moralidade» dos Produtores e Distribuidores da América. Apareceram, assim, as primeiras sequências lascivas ou luxuriosas, gestos eróticos, a alusão a «perversões» sexuais, a nudez completa — de que Marylin Monroe foi uma das primeiras intérpretes. A indústria dos Estados Unidos ampliou progressivamente as produções de índole sexual, erótica e, mesmo, pornográfica. Com a legalização da homossexualidade na Inglaterra e a fácil aceitação que os filmes «eróticos» europeus — especialmente da Escandinávia e da Alemanha — encontraram entre a população dos grandes centros urbanos estadunidenses, quebraram-se os últimos diques do puritanismo artificial, já abalados pelo cinema «underground» de Andy Warhol e outros. De 1967 para cá, implantaram-se nos Estados Unidos unidades industriais para a produção em larga escala de filmes, livros, revistas e objectos ditos «eróticos» ou «of love». Hoje, a indústria norte-americana de sexualidade («de sensualidade? de pornografia?) é, aparentemente, a mais próspera do Mundo.

Só em Nova York, muitas dezenas de estabelecimentos, localizados especialmente na Broadway, na Times Square e na Rua 42 — mas também em Bronx e Brooklin — têm á venda mais de meio milhar de títulos de livros e igual número de títulos de revistas que, ainda ás vezes sob a aparência de obras científicas ou artísticas, integram, estritamente histórias ou exemplificações de nudismo, lesbianismo, homossexualismo, «oral love», sadismo e masoquismo. A actividade sexual é apresentada sob todas as formas, ainda as mais inimaginàveis. Em alguns desses estabelecimentos funcionam complementarmente «máquinas de cinema», onde, mediante a introdução de uma moeda de quarto de dólar, qualquer pessoa pode assistir á exibição de curtas-metragens de idêntico conteúdo.

Alem disso, os cinemas da Broadway passam constantemente filmes de fundo que exploram o sexualismo. Numa das últimas semanas, estavam em exibição quinze filmes eróticos, incluindo produções como «de Sade», «Coming Apartment», «Fuego» (histórias de ninfomaníacas, segundo o programa), «The female» e «Fanny Hill» — este último, de origem sueca, sobre as aventuras da grande dama libertina da época dos Stuart.

Um parêntesis, em benefício da verdade: é raro ver-se uma senhora nos estabelecimentos de pornografia, onde, também, entram poucos jovens — para o que deve contar o direito legal á liberdade sexual e a progressiva aceitação do seu exercício entre os costumes da sociedade americana.

Outro parêntesis: impõe-se distinguir aquela exploração da sexualidade, do aparecimento de espectáculos só acidentalmente eróticos. Parece ser esse o caso da revista «Hair» (*The American tribal — love rock musical*), cujo poema se presta a discussão, mas é, principalmente, uma visão «hippie» das realidades contemporâneas, servida por música da melhor que se escreveu nos Estados Unidos em 1968.

É muito diversa a génese de espectáculos, como «Oh Calcutta!», que até um crítico do semanário «Cue» se recusa a confundir com autêntico teatro, e de uma série de novos periódicos, como dois semanários de larga difusão, adquiríveis nos postos de venda de jornais. Os americanos já inventaram uma palavra para classificar essa actividade: «Sexploitation» (Sexploração).

Outra mostra incisiva do nascimento e da força expansionista da indústria da sexualidade foi a I Feira Internacional da Pornografia, que, em Outubro passado, reuniu em Copenhague, em 250 «stands», as produções «especializadas» de todo o Mundo. Milhares de visitantes — cinco homens por cada mulher — puderam observar os produtos da «sexploração» dinamarquesa, cujo rendimento em 1969 foi estimado em 560 mil contos, mas também filmes, livros, revistas e objectos de variadas origens, que já alimentam o comércio «especial» de Picadilly Circus, de Hamburgo, de Estocolmo ou de Paris.

Para o historiador do século XXI, a «sexploração» separar-se-á, nitidamente, de qualquer pretensa libertação do homem, e mais ainda do Eros freudiano. Como disse um dos mais aptos intérpretes da teoria psicanalítica, a ampliação do instinto biológico em nada se confunde com a explosão do líbido. Esta «só poderá conduzir a uma sociedade de maníacos sexuais, isto é, a sociedade nenhuma».

Se ele vivesse em 1969, talvez encarasse menos friamente a «sexploração». Poderia recear, com Marcuse, que «a sociedade americana se torne o modelo dos outros países capitalistas, e, talvez mesmo, dos socialistas».

1969

1970

Colaboram neste número:

Silva Costa, José Rodrigues Miguéis, Manuel de Azevedo, Nuno Vieira, Joaquim Benite, Maria Judite de Carvalho, Encarnação Viegas, Mário Castrim, Neves de Sousa, E. M. de Mello e Castro, Urbano Tavares Rodrigues, Rocha de Sousa, El Terrible Perez, Lauro António, Luís Filipe de Abreu, Carlos Fernandes, Vítor da Silva e Zé Manel

O SOLAR DAS ANGÚSTIAS

Conto de José Rodrigues Miguéis

Ilustrações de Luís Filipe de Abreu

OS VIAJANTES estrangeiros com fumos literários, alguns deles ilustres de verdade, gostam de comparar esta paisagem á da Ática antiga, que nunca viram. É um fácil bordão, e lisonjeia o indígena. O vale fecundo, cortado de águas cintilantes, de renques de carvalheiras por onde trepam e se enlaçam os pâmpanos, é todo ele um tapete de pequenas quintas e casais, de milharais, hortas e pastos, cuidado, fofo, idílico: inspira (de fora) ideias de individualismo agrário, de paz, abastança e felicidade. É talvez isso que os leva a pensar na Hélada dos mitos. Na verdade, á parte algumas herdades da pequena fidalguia decadente, ou dos raros emigrantes de torna-viagem, todas elas de modestas dimensões, a terra está tão repartida que se pode dizer que a paisagem, aparentemente rica, é um viveiro de pobres. Os lavradores são livres — sobretudo de emigrar — mas servos da mediania ou da escassez, muitos deles sujeitos ainda aos foros e outros encargos que há mais de um milénio pesam sobre a terra, de geração em geração. A grande riqueza de outrora, a exportação de bois que pagava ás ricas lavradeiras os oiros dos dias santos e santificados, essa desapareceu, esbulhada dos mercados britânicos pelo gado argentino e australiano, e pela transformação agro-pecuária da própria Inglaterra. Tudo agora é ali pitoresco para-turista-ver, e nostalgia de «melhores tempos» .. que ninguém recorda ter conhecido.

O Solar das Angústias tem ainda, no ângulo nordeste, uma torre quadrângula de grandes blocos de pedra grosseiramente talhada e patinada de líquenes, que, segundo a tradição, data do tempo dos suevos e teria servido mais tarde á defensão do vale contra as investidas de normandos, quem sabe até se de argelinos, pois o mar não está longe e era-o ainda menos na baixa idade média. O resto do edifício é um agregado de alterações e adições de épocas sucessivas, tão ao uso e gosto da terra, introduzidas á medida das necessidades e conveniências dos moradores ou das exigências da «moda»: o antigo sempre antagonizou o amor da novidade e do «moderno» ou «progresso», com que os ignorantes se enfeitam. O mais provável é que pouco reste do solar original. É a traça de Seiscentos que ali visivelmente predomina, até hoje preservada (direi eu felizmente?) graças ao declínio da prosperidade, que então teve começo. A par disso descobrem-se pormenores góticos — uma que outra ogiva, restos de abóbadas, nichos, capitels e colunelos; vestígios do chamado «manuelino», tão semelhante ao Tudor, ao renascimento francês, e ao estilo de incontáveis monumentos do Norte da Itália; e, na capela, retalhos de plateresco, como rendas aplicadas sobre um gorgorão rude. Das ameias da torre, que é como uma boca que foi perdendo os dentes, restam algumas, esboceladas e reconstituídas. As salas, amplas quadras que ocupam todo o respectivo piso, são as da primitiva, mas duas ou três foram assoalhadas. A severidade e a monotonia originais da torre foram-se atenuando com o rasgar de janelas no lugar das seteiras; ogivais, de arco redondo, e sobretudo quadradas, estas com ombreiras de cantaria mais alva. Os cortinados, visíveis de longe na aspereza da alvenaria, sugerem um interior aconchegado e feminino, com choros de bebés, onde outrora troou talvez a artilharia. De quase todas elas se enxerga um retalho da paisagem vicejante e um trecho do rio com a sua ponte fortificada.

DAS MUITAS lendas do Solar, que as avós e as tias solteiras da família, dantes numerosa, vieram repetindo pelos tempos abaixo, referentes umas a mouros e a mouras encantadas (que nem talvez ali tenham chegado), outras, de mais moderna matéria, e almas-penadas e lobisomens, a maioria giravam em torno de um subterrâneo de cuja locação se perdeu a memória. Era fama que ele passava sob a muralha que primitivamente cercou a herdade, para ir desembocar á margem do rio. Não consta que ninguém jamais o tenha visto: eu próprio o procurei nos meus folguedos de infância, á beira-rio, na companhia de outros meninos igualmente curiosos de antiguidades e mistérios. (A muralha, essa, foi sendo demolida, e a sua pedra serviu para erguer as divisórias de propriedades cada vez mais reduzidas, que dão á paisagem este desenho axadrezado e labiríntico). O subterrâneo, se existiu, teve o seu papel mais ou menos lendário em histórias de cercos de leoneses e castelhanos, de lealdades ou deslealdades feudais, de amores clandestinos, em episódios das lutas civis. O brasão da família — duas achas de prata cruzadas em campo azul e encimadas pelo elmo empluмado — ainda se pode ver sobre o portão da quinta, que hoje dá passagem ás camionetas de carreira da Transportadora de Minho-e-Douro, criação genial de um nativo que foi enriquecer nos Brasis, por meios pouco diferentes dos usados pelos senhores feudais, seus distantes precursores.

Ainda ouvi falar de velhos que tinham conhecido, com perto de cem rijos anos, a Dona Maria das Angústias da Cruz Machado e Silva, senhora de alta linhagem minhota, cujo marido morrera com pouco mais de vinte anos numa emboscada de guerrilheiros miguelistas, deixando-lhe um filho de pouca idade e muitas dívidas. Este filho, D. Nuno Machado, constitucionalista convicto apesar dos pergaminhos, mas com o aplauso da mãe, conspirou contra os Cabrais, que o perseguiram. Data de então a ruína definitiva da família, de que ele seria o derradeiro representante legítimo.

UMA NOITE, em 1846, os esbirros do conde de Tomar vieram pôr cerco ao Solar, onde, por denúncia, lhes constava ter-se refugiado o intemerato adversário, que estavam resolvidos a apanhar «vivo ou morto», consoante as ordens recebidas. Depois de algumas arcabuzadas à toa, e de grande alarido, deram o assalto ao Solar indefeso, cujas portas lhes foram pacificamente abertas por ordem de Dona Maria das Angústias.

— Por quem perguntam? — indagou ela, serena como se tiros não tivesse ouvido, nem falasse a executores de profissão.

— Pelo seu Nuno! — Tornou-lhe o chefe da quadrilha pró-Rainha-e-Carta. — Sabemos que ele está aqui escondido.

— Meu filho está ausente no estrangeiro, e há muito não tenho notícias dele.

— Isso é o que se vai ver agora.

Distribuídas vedetas pelos arredores, de armas em punho e olhos exorbitados de ferocidade e medo, pois lhes era conhecida a valentia do ex-capitão de canhões, passaram rigorosa busca ao solar e suas dependências, incluindo a torre, a adega, as cavalariças sem cavalos, os celeiros vazios, e as moradias dos poucos servidores. No andar nobre, onde tinha os aposentos, a fidalga, que os acompanhava, abriu-lhes a porta de um quarto vizinho do seu. Erguendo o candelabro acima da cabeça, apontou-lhes a cama onde alguém dormia virado para as janelas de portas interiores hermèticamente cerradas: via-se-lhes apenas a cabeleira arruivada, que era de mulher.

— É minha irmã mais nova, que chegou esta noite de Lisboa, na diligência — explicou Dona Maria das Angústias a meia-voz e sem pestanejar. — Vinha arrasada de fadiga, e deitou-se logo depois da ceia. Querem vê-la?

Continua na pág. 14

Tremor de terra e eleições acontecimentos dominantes na vida portuguesa

UM ANO na vida de um país pode significar muito, pouco ou nada — para os que mais tarde vierem a fazer a História. Mas para os que viveram esses 365 dias, sempre há acontecimentos mais ou menos importantes, factos mais ou menos significativos, momentos mais ou menos dignos de registo.

Apesar da óptica excessivamente próxima que somos obrigados a utilizar — não dispomos de outra, de momento — julgamos não fugir á evidência e ao entendimento geral se dissermos que a vida portuguesa, no ano de 1969, foi dominada por dois acontecimentos de carácter intetramente distinto: o sismo de 28 de Fevereiro e as eleições gerais para deputados, realizadas em 26 de Outubro.

Embora o tremor de terra não tenha causado muitas vítimas — podem contar-se pelos dedos os que pereceram sob os escombros e, até, os que morreram de susto — o certo é que a violência do abalo provocou vastas destruições em diversas zonas do País, nomeadamente em Lisboa e no Algarve. Milhares de pessoas ficaram em pânico e uma percentagem elevada da população de Lisboa, sofreu um choque psicológico muito profundo, de que só viria a libertar-se, em parte e muito lentamente, meses depois.

Mas foi no domínio político que o ano de 1969 apresentou aspectos mais particularmente acentuados. A política da «evolução na continuidade», preconizada pelo novo Presidente do Conselho, dava os primeiros passos, procurando uma consolidação com o acto eleitoral de Outubro. O recenseamento eleitoral, o Congresso Republicano em Aveiro, as «Conversas em família» do prof. Marcello Caetano, a campanha eleitoral e as eleições foram linhas fundamentais do cunho eminentemente político do ano que termina.

Assim, pode dizer-se que 1969 foi um ano de esperanças, de certezas, de desafios, de vitórias e de desilusões.

O que fora determinado sucedeu: a «evolução na continuidade» constitui a característica vitoriosa do últimos meses da vida portuguesa, que não chegou a matar, nem as antigas certezas, nem as antigas esperanças — o que se tornou claro através do novo estilo procurado diligentemente, pela nova Assembleia Nacional.

Certo, outros factos se registaram em 69, cuja importância não pode ser minizada. Entre eles, assumem particular relevo os problemas ligados á Educação e, em especial, á Universidade; os problemas da reforma administrativa e seus reflexos nos vencimentos dos servidores do Estado; os problemas do desenvolvimento; o turismo; as comunicações; a emigração e tantos outros.

Problemas em estudo, em libertação ou em debate. Um ano é pouco na vida de um país.

SÍNTESE DOS ACONTECIMENTOS

JANEIRO

O Chefe do Estado dirige ao País, no dia 1, como vem sendo hábito, a mensagem do Ano Novo. Quanto ao trânsito, 1969 começa com a prioridade dos veículos que se apresentam pela direita. Os transportes em Lisboa sobem de preço.

Um decreto do Ministério das Comunicações concede á TAP a exploração de transportes aéreos. A comissária nacional da Mocidade Portuguesa Feminina passa a ser a dr.ª Maria Ana de Almeida da Luz e Silva.

Na Assembleia Nacional discute-se um aviso prévio sobre a difusão da língua portuguesa em Moçambique. Um operário morre queimado no Hospital de São José, quando estava a ser submetido a uma operação. O general Kaulza de Arriaga é nomeado para o comando militar de Moçambique. Viseu inaugura um estádio municipal.

A Assembleia Nacional começa a discutir os decretos-leis sobre produtos siderurgicos. É assinado um acordo entre a «Petrangol», a «Angola» e a «Texaco», para a intensificação da pesquisa de petróleo em áreas do Congo.

A Camara de Lisboa recusa o aumento de tarifas solicitado pelo Metropolitano.

● No dia 24 morre António Sérgio, uma das grandes figuras centrais da cultura portuguesa deste século

FEVEREIRO

No dia 5 regressa a S. Bento o prof. Salazar, antigo Presidente do Conselho, após ter estado internado durante 5 meses na Casa de Saude da Cruz Vermelha. Manifestam-se casos de gripe de Hong-Kong em Lisboa. Na Assembleia Nacional encerra-se o debate sobre o aviso prévio da defesa da língua portuguesa.

É noticiada oficialmente na Guiné, devido ao afundamento de uma jangada, a morte de 47 militares: dois furrieis milicianos, sete cabos e trinta e oito soldados.

A «Seara Nova» comemora o 10.º aniversário da sua renovação, num almoço a que preside o seu director, o escritor Augusto Abelaira.

A «Petrangol» é autorizada a ampliar a sua refinaria de Luanda até á capacidade de um milhão de toneladas anuais.

Na Assembleia Nacional, o almirante Henrique Tenreiro evoca a figura de Gago Coutinho, cujo centenário do nascimento se comemora. Anunciam-se medidas para travar a alta de preços.

O prof. dr. Oliveira Salazar entrega o seu voto para eleição dos deputados da actual legislatura

Inaugura-se o cabo telefónico submarino entre Portugal e a Africa do Sul. Um incêndio destroi o Instituto Hidrográfico, no Ministério da Marinha. Desaba um prédio de sete andares que se encontrava em construção na Brandoa.

No dia 28 um sismo violento provoca destruições importantes no centro e sul do País.

MARÇO

A Camara Municipal de Lisboa é autorizada a contrair um empréstimo de 320 mil contos para prosseguimento da construção do Metropolitano. O presidente da Camara Municipal de Oeiras, arquitecto Costa Macedo, pede a demissão, «por motivos de saude» e depois do caso da Brandoa.

Morre num desastre de automóvel o presidente da Camara Municipal do Porto. Encerram-se os trabalhos da Assembleia Nacional.

Reunem-se num jantar, no forte de S. Julião da Barra, os ministros da Defesa de Portugal e da Africa do Sul. Remodelação ministerial. Os ministros dr Correia de Oliveira e eng.º Canto Moniz são substituidos, respectivamente, pelo dr. Dias Rosas e brigadeiro Alberto de Oliveira. Entram também para o Governo: brigadeiro José Pereira do Nascimento, dr. João Luís da Costa André, dr. Augusto Vitor Coelho, eng.º Vasco Leónidas, dr. Xavier Pintado eng.º Rogério Martins dr. João Salgueiro e dr Luís Nogueira de Brito.

● No dia 27, morre Mário Sacramento, ensaista, crítico e figura intelectual proeminente.

ABRIL

A E. F. T. A. anuncia que Portugal foi o unico País membro que não aumentou as exportações em 1968. Inaugura-se, junto á Cidade Universitária de Lisboa o novo edifício da Biblioteca Nacional.

O prof. Marcello Caetano visita a Guiné, Angola e Moçambique. Quinze artistas e intelectuais soviéticos visitam Portugal. O Ministério da Educação Nacional anuncia a instauração de processos criminais aos responsáveis por incidentes ocorridos durante a inauguração da nova secção de Matemática da Faculdade de Ciências de Coimbra. A F. N. A. T. inaugura um estádio no Porto, a que deu o nome de Estádio Salazar. O ministro da Educação Nacional faz através da R. T. P. uma comunicação sobre os acontecimentos ocorridos na Universidade de Coimbra, condenando a agitação estudantil.

MAIO

Por despacho do ministro da Educação Nacional, é antecipado para o dia 6 o encerramento da Universidade de Coimbra. Não se realizam as festas da tradicional Queima das Fitas, naquela cidade.

A P. I. D. E. oferece 50 contos pela captura de Palma Inácio, de 47 anos, evadido das cadeias do Porto daquela polícia, cidade onde fora condenado a 15 anos e meio, como elemento da Liga de União e Acção Revolucionária (L. U. A. R.).

São absolvidos os responsáveis pela cobertura da estação do Cais do Sodré, que abateu em 28 de Maio de 1963, matando 49 pessoas.

Efectua-se em Aveiro o II Congresso Republicano, cuja sessão de abertura foi presidida pelo antigo ministro coronel Helder Ribeiro.

A Companhia dos Diamantes de Angola oferece dez mil contos para a Fundação Salazar e a Caixa Geral dos Depósitos, 18 mil.

É criado o Fundo de Fomento da Habitação.

● Morre em Lisboa o escritor Manuel Mendes.

JUNHO

A memória do escritor e democrata João de Barros é homenageada na Figueira da Foz.

Efectua-se em Lisboa uma reunião magna da União Nacional. É publicado um diploma que altera a legislação sindical. Regressa a Portugal o bispo do Porto, D. António Ferreira Gomes.

A assembleia plenária dos bispos metropolitanos decidiu não autorizar os padres a candidatar-se a deputados. No rio Zambeze afunda-se um batelão, causando a morte de 101 militares e 6 civis.

JULHO

É anunciado oficialmente o acordo básico entre Portugal e a África do Sul sobre a barragem de Cabora-Bassa e respectivo fornecimento de energia.

O Conselho de minis-

O Chefe do Estado pronunciando o seu discurso na abertura da Assembleia Nacional

Manuel de Azevedo

em 1969

tros felicita o Chefe do Governo pelo êxito da sua viagem ao Brasil. É nomeado director do Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina o prof. Vasco Nunes Pereira Fortuna em substituição do prof. Adriano Moreira.

É constituída oficialmente a Fundação Salazar.

AGOSTO

Decidida em Conselho de Ministros a fusão, em empresa única, das sociedades concessionárias de aproveitamentos hidroeléctricos, termoeléctricos e transporte de energia eléctrica.

Um comunicado do Ministério da Educação Nacional anuncia a suspensão de todas as actividades da Associação Académica de Coimbra, com excepção das secções desportivas e filatélica.

O «Diário do Governo» publica um parecer da Procuradoria-Geral da República considerando ilícita a existência das comissões democráticas eleitorais distritais ou de outras com idêntica finalidade.

É nomeado presidente da Junta Nacional de Fomento de Pescas o almirante Henrique Tenreiro. O prof. Fernando de Carvalho Barreira é nomeado reitor da Universidade de Lisboa. Entre a Sociedade Portuguesa de Exploração de Petróleos (Angol) e um numeroso grupo de empresas sul-africanas é celebrado um acordo sobre a participação deste «trust» sul-africano na exploração de petróleo em Angola.

O ministério dos Negócios Estrangeiros afirma, num comunicado de esclarecimento que, desde 1947, as forças militares americanas beneficiam do uso da base das Lajes a título gratuito. São nomeados reitor e vice-reitor da Universidade do Porto os professores António de Sousa Pereira e Fernando Maria Alberto Seabra, respectivamente.

O Chefe do Estado inaugura o novo aeroporto da Nordela, na ilha de S. Miguel. Iniciam-se os trabalhos de ampliação da linha do metropolitano que ligará bairro de Alvalade. É anunciado, oficialmente o abono de família para trabalhadores rurais nas áreas abrangidas por casas do povo, a partir de 1 de Setembro.

SETEMBRO

No aeroporto da Portela, o ministro das comu-

(Continua na pág. 15)

O terramoto deixou chagas um pouco por toda a parte

1969

Nuno Vieira

Ano de esperança

SE quisermos resumir as impressões acerca de 1969, podemos dizer que foi um ano de esperança. Esperança suscitada pelas conversações entre as duas maiores potências sobre a limitação de armamentos e pela assinatura do Tratado de Não-Proliferação Nuclear, melhorando as perspectivas de desarmamento. Esperança devido ao começo da retirada de forças norte-americanas do Vietnam, após anos de escalada de guerra num território em que os EUA fazem figura de ocupantes. Esperança originada na Europa pela ofensiva de paz do novo chanceler alemão ocidental, com vista á normalização das relações com o Leste, e pelos propósitos do Mercado Comum de acolher novos elementos, abrindo caminho a uma possível Europa unida. Esperança perante o progresso científico e tecnológico, simbolizado pela chegada do primeiro homem á Lua e que está a fornecer bases para um futuro melhor. Esperança, apesar da inquietação suscitada pelo diferendo sino-soviético. Esperança, apesar do fosso entre a minoria dos países industrializados e a maioria dos países subdesenvolvidos. Esperança apesar da poluição que começa a afectar o «habitat» do Homem. Esperança apesar do recrudescimento do espírito obscurantista e anticientífico, recrudescimento esse provocado pelo desajustamento entre a capacidade humana de adaptação e a explosão de conhecimentos que caracteriza a nossa época.

ENCERRAMENTO DE UMA DÉCADA

O ano de 1969 foi ainda o de encerramento de uma década em que o progresso e os acontecimentos tumultuosos se aceleraram, constituindo também o preâmbulo dos promissores anos 70, promissores em consequência do balanço positivo do período revolucionário em que vivemos.

Politicamente, homens como Mao Tsé Tung, De Gaulle, John Kennedy, Ho Chi Minh, Kruchtchev, Nasser, Fidel Castro e Guevara dominaram a década de 60. Gradualmente, o sistema de governação tendeu para a chefia colectiva. O mundo presenciou crises como a dos mísseis soviéticos em Cuba e a do Médio Oriente, coroada pela guerra israelo-árabe de 1967. Assistiu também á degradação das relações entre os dois maiores Estados comunistas, á intervenção maciça dos norte-americanos no Vietnam e á invasão da Checoslováquia pelos russos. Na China, começou a Revolução Cultural. Por outro lado, os chineses tornaram-se, igualmente, uma potência atómica.

Na Europa, dividida entre capitalistas e socialistas, entre norte-americanos e soviéticos, a Revolução de Maio de 1968 pressagiou o fim do reinado do general de Gaulle, verificado este ano, e pôs termo ás veleidades de uma hegemonia francesa numa Europa Ocidental independente dos dois blocos. Contudo, ao perder terreno, a concepção do general de uma «Europa das pátrias» deu novo alento á ideia da unificação política europeia.

A URSS viu contestada a sua chefia do mundo comunista, em duas frentes, tanto a Oeste, na Europa Oriental, como a Leste, por Pequim. Em quase todo o Globo, novos agrupamentos de extrema esquerda apareceram para disputar o facho revolucionário aos partidos comunistas ortodoxos.

A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

No outro extremo do espectro, aos Estados Unidos deparou-se-lhes maior oposição ao seu papel de «polícias do Mundo». Internamente, foram duramente atingidos pela revolta dos negros contra a discriminação racial e pelos reflexos do malogro da sua política relativa ao Vietnam. O assassínio dos irmãos Kennedy e do dirigente negro Martin Luther King e a chacina na residência da actriz Sharon Tate, paralelamente ao aumento da criminalidade, salientou a deterioração do panorama nacional norte-americano, aparecendo a mais poderosa nação da Terra como uma caricatura daquilo em que se poderão transformar outras nações. O presidente Johnson foi a fachada respeitável para cobrir essa deterioração. Nixon, com o seu surpreendente regresso, encarna uma viragem para a direita, que lança a sua sombra sobre as prodigiosas possibilidades da sociedade pós-industrial norte-americana.

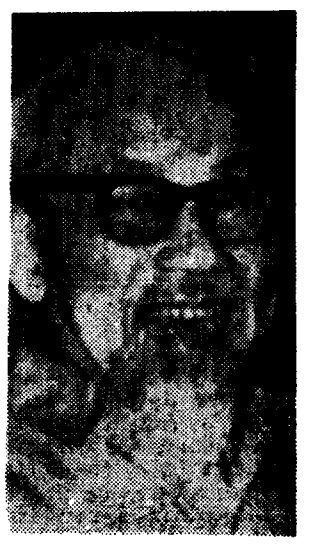
América Latina: Cuba resistiu ao bloqueio imposto pelos EUA, mas a tentativa de Guevara para transformar os Andes numa gigantesca Sierra Maestra levou o guerrilheiro argentino á morte, na Bolívia; e os golpes de Estado militares não pouparam o Brasil.

África: surgiram diversos focos de guerrilha: a tragédia de Biafra dramatizou o dilema de um continente dividido pelo tribalismo e pelos interesses necolonialistas.

Médio Oriente: no conflito israelo-árabe apareceu novo factor — o movimento palestiniano de resistência, cuja figura mais destacada, Arafat, um revolucionário, rivaliza com Nasser, porta-voz da grande nação árabe.

Ásia: a retirada geral dos norte-americanos, ali fixados desde o fim da segunda guerra mundial, afigura-se próxima; no

(Continua na pág. 15)



Politicamente, homens como Mao Tsé Tung, De Gaulle, John Kennedy, Ho Chi Minh, Kruchtchev, Nasser, Fidel Castro e Guevara dominaram a década de 60

1969: Balanço de um ano de teatro em Lisboa

JOAQUIM BENITE

SEM QUE SE POSSA DIZER que o teatro português saiu do impasse em que há anos se encontra, é possível, no entanto, olhar para o tempo passado de 1969 com alguma esperança de que ele tenha contribuído para uma maior consciencialização da problemática teatral entre nós. Se na generalidade os espectáculos apresentados se caracterizaram pela mediocridade a que vamos estando habituados — e uns tantos por uma indigência escandalosa, a que, «malgré tout», já não estávamos habituados — a verdade é que é possível detectar no céu carregado do ano que agora finda algumas estrelas anunciadoras de novos dias para o teatro nacional.

«Volpone»: o melhor espectáculo do ano

Em primeiro lugar iniciou-se um período de confiança nos autores portugueses — em parte devido a um certo clima de abertura, que permitiu a representação de algumas peças em parte como resultado da campanha que alguns têm, porfiadamente, mantido em prol de um teatro autênticamente português (e não interessa agora referir a desilusão que causaram no contacto com o palco algumas obras sobre as quais haviam sido depositadas grandes esperanças).

Em segundo lugar acentuou-se em 1969 o

Uma cena de «Anfitreão»

interesse da juventude pelo teatro, o que é garantia de um futuro diferente. Sucederam-se os colóquios as iniciativas de jovens e conseguiu-se mesmo que os melhores espectáculos realizados fossem de grupos de universitários, de amadores, ou de actores descomprometidos da estrutura comercial.

Finalmente — e este não é dos aspectos menos de ponderar — o interesse pelo teatro traduziu-se numa necessidade de esclarecimento que fez com que alguns importantes homens de teatro estrangeiros viessem até nós: Ricardo Salvat, Adolfo Gutkin, Schielley. O curso de teatro que Gutkin dirige actualmente na Fundação Gulbenkian, o trabalho em profundidade que está a ser desenvolvido por alguns grupos de jovens, são indícios de que alguma coisa poderá vir a transformar-se.

Refiramos ainda que 1969 assistiu ás primeiras manifestações de participação do público no teatro, através de algumas «pateadas» que, por terem sido tímidas não deixam de revelar uma saudável tendência para a luta contra a estagnação e a passividade.

Analisemos, primeiramente — com a brevidade inerente a um balanço deste género, necessáriamente incompleto e imperfeito — o que se passou no teatro profissional.

A EXPERIÊNCIA DO VARIEDADES

Antes de mais, saudemos a volta aos palcos profissionais, como actor e encenador, de uma das primeiras personalidades do nosso teatro: Fernando Gusmão. Depois de um período em que dedicou a sua actividade ao Grupo Cénico de Direito de Lisboa e ao Teatro Experimental do Porto, Fernando Gusmão colaborou, como actor, num dos melhores espectáculos do ano («*As quatro estações*», de Arnold Wesker) e ofereceu-nos, como encenador, a que é, indiscutivelmente, a melhor realização de teatro profissional de 1969: «*Amanhã digo-te por musica*», de James Saunders, pelo «Grupo 4».

A experiência levada a cabo no Variedades, no sentido de um teatro sério falhou redondamente do ponto de vista de êxito comercial. Depois de «*As quatro estações*» (que Paulo Renato dirigiu com grande dignidade) a companhia, que integrava além de Renato e Gusmão, o nome prestigioso de Eunice Muñoz (que este ano continuou a afirmar-se uma espantosa actriz) levou á cena a peça «*Cartas na mesa*», de Buero Vallejo, que teve o mérito de proporcionar uma excelente interpretação a Fernanda Alves. Apesar da correcção da encenação e do nível interpretativo, a peça (tradicional e ultrapassada) não conseguiu interessar o público. As razões deste fracasso devem procurar-se na estrutura comercial que enquadra o nosso teatro e na estreiteza de vistas das empresas, que continuam a não ter em conta o processo de transformação do espectador do teatro, que não pode deixar de acompanhar a evolução dos costumes, da psicologia e das esferas de interesse social que se observa na nossa época. Apesar de tudo isto, a experiência do Variedades foi, do ponto de vista artístico, uma afirmação positiva.

O teatro Nacional, funcionando no Capitólio, teve uma época francamente má. Depois de um «*Frei Luís de Sousa*» obrigatóriamente levado á cena (para mal dos nossos pecados: esta de considerar o Garrett o nosso maior dramaturgo tem-nos custado bons dissabores...) a companhia de Amélia Rey Colaço apresentou um original de Jaime Salazar Sampaio («*Os Visigodos*», encenação de Artur Ramos) sem nenhum interesse, e desencadeou um verdadeiro escândalo ao levar á cena um dos textos mais intoleráveis que têm aparecido nos últimos anos: «*A esfera facetada*», de Moniz Pereira, um ingénuo exercício de principiante, verdadeiramente inclassificável. «*O segundo tiro*», de Robert Thomas, que se seguiu, é uma peça «boulevardesca» e policiesca, sem história. O último espectáculo deste ano, «*O pecado de João Agonia*», de Bernardo Santareno — uma peça que esperou dez anos para ser apresentada ao público —, numa encenação de Rogério Paulo, revestiu uma maior dignidade. O original — de um dos autores mais importantes da nossa dramaturgia moderna — pertence á fase já ultrapassada de Bernardo Santareno e as suas contradições, entornadas num estilo literário truculento, não foram superadas pela encenação, também contraditória.

Adolfo Gutkin

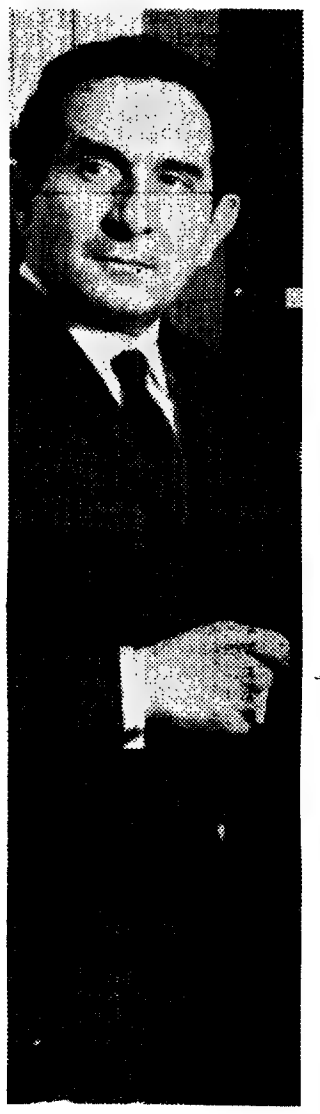
AUTORES PORTUGUESES

A companhia do teatro Vasco Santana coube apresentar o melhor original português do ano passado: «*As mãos de Abraão Zacut*», de Luís de Sttau Monteiro. Alegoria social alicerçada numa linha épica, servindo-se do problema judaico como pretexto, a peça proporcionou a Luzia Maria Martins um espectáculo cheio de dignidade, mau grado certos excessos da encenação, que comprometem uma clara leitura da sua mensagem. De salientar as interpretações de Jorge Sousa Costa e Joaquim Rosa. O outro espectáculo do Vasco Santana, «*Anatomia de uma história de amor*», de Luzia Maria Martins foi uma tentativa, falhada, de repetir o êxito de «*Bocage, alma sem mundo*».

Carlos Avilez encenou, para o Teatro Experimental de Cascais, «*A maçã*» de Jack Geiber, um bom texto e uma realização cheia de confusões e arbitrariedades — e duas peças de Arrabal: «*Oração*» e «*Os dois verdugos*». Neste último espectáculo teve Avilez, quanto a nós, o seu melhor trabalho, traduzido sobretudo na extraordinária interpretação de Eunice Muñoz e no óptimo cenário de Norcinha da Costa.

No teatro Villaret é de assinalar o esforço de Raul Solnado em prol de um teatro válido levando à cena uma excelente e desconcertante peça do autor americano Murray Schisgall «Luv» («*Amor às riscas*»), com encenação de Paulo Renato. Solnado teve, aí, oportunidade de afirmar os seus dotes de actor, conseguindo a melhor interpretação da sua carreira. «*Black-Out*», de Frederick Knott, com Jo Alvarenga (encenação de Artur Ramos) foi um espectáculo despretencioso, mas aceitável.

No Trindade, Ribeirinho encenou «*Sabina Freire*», de Manuel Teixeira Gomes numa linha errada, e repôs «*A espera de Godot*», de Beckett, seu grande êxito há dez anos. O espectáculo, excelentemente interpretado por Ribeirinho, Morais e Castro, Costa Ferreira e Rui



Fernando Gusmão

Mendes (um dos actores em evidência em 1969) manteve toda a sua força, embora desta vez já não tivesse causado nenhum escândalo.

Na Casa da Comédia salienta-se um espectáculo: «*Dança da morte*», de Strindberg, numa discutível realização de Jorge Listopad que marcou o reaparecimento de uma boa actriz: Carmen Dolores (não vimos «*Fando e Liz*», de Arrabal, com encenação de Norberto Barroca, espectáculo de que, aliás, a crítica responsável disse muito bem).

A REVISTA

Do reportório do Laura Alves (deixemos de lado «*Pepsie*» e «*O jovem mentiroso*», este último espectáculo, aliás, de nível muito aceitável) salientemos «*Forja*», de Alves Redol, levada à cena poucos dias do desaparecimento do grande escritor. As deficiências da peça foram acentuadas

Cont. na pág. 14

OS DEZ MELHORES *

«VOLPONE» — de Ben Jonson, pelo Grupo Cénico de Direito (encenação de Adolfo Gutkin)
«AMANHÃ, DIGO-TE POR MÚSICA» — de James Saunders, pelo Grupo 4 (encenação de Fernando Gusmão)
«ANFITRIÃO» — de António José da Silva (encenação de Luís Cintra), pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras
«AS QUATRO ESTAÇÕES» — de Arnold Wesker (encenação de Paulo Renato)
«ALBERGUE NOCTURNO» — de Gorki, pelo Grupo Dramático Avintense (encenação de Monteiro Meireles)
«SILVA VICENTINA» — pelo Proscenium (encenação de Pedro Lemos)
«ORAÇÃO» — de Arrabal (encenação de Carlos Avilez), pelo T. E. C.
«AS MÃOS DE ABRAÃO ZACUT» — de Luís Stau Monteiro (encenação de Luzia Maria Martins), pelo Teatro Estúdio de Lisboa
«O RACISMO NÃO EXISTE» — pelos estudantes do I. S. T. (texto colectivo)
«ESPERTEZA SALOIA» — revista de Salvador, Aníbal Nazaré e José Viana.

* Seleccionados apenas do teatro visto em Lisboa

a visita

por Maria Judite de Carvalho

ERAM OITO HORAS certas quando Mateus tocou à campainha da casa da Rua da Palmeira, que ficava ao lado daquela que nesse momento ainda era sua. Uma rapariga baixa e magra, com cabelos de um loiro esverdeado caindo-lhe sobre os ombros em madeixas separadas, abriu a porta, estendeu-lhe a mão pequena e dura que ele apertou maquinalmente.

«Sou a Natália», disse com um pouco de precipitação. «Os pais falaram-me de si. E o Jorge»

«Ah, sim, o Jorge. Como está ele?» perguntou atabalhoadamente, sem saber muito bem o que dizia.

«Não sei. Foi a um Congresso. Ossos. Parece que é apaixonante».

Fê-lo entrar numa grande sala que ocupava o espaço onde dantes existiam dois quartos, já grandes nesse tempo, cheia de maples coloridos, tapetes fofos, uma cómoda verde e doirada que tinha em cima um pick-up do qual jorrava um espiritual que se deteve numa nota alta porque alguém o fez deter-se, e adeus Ella Fitzgerald. Mateus avançou hesitante para os restos mortais da beleza de Mercês, que lhe sorriam, de pé, junto do pick-up. Uma senhora forte, de peito uno e amplo e pernas finas, metida — talvez com esforço — num vestido de surah às pintinhas. Pintinhas brancas sobre côr-de-canela. Tinha inesperados cabelos da côr do vestido e os olhos menos verdes, verdes em todo o caso, e oblíquos, semicerrados, de Mercês.

«O Matinho, ora vejam lá!» disse a voz firme dela, a sua voz antiga, alta e lisa, uma voz que nunca hesitava nem tropeçava, já dantes era assim. Sorriu antes de acrescentar com ar engraçado: «Cresceste muito, não foi? Dantes eras deste tamanho, um miúdo pequeno, pouco desenvolvido para a idade. Tinhas nove anos, não? Como o tempo passa. Parece que foi ontem».

«Não cresci assim tanto».

Ela quedou-se a pensar, buscou decerto imagens perdidas ou tentou reconstruir algumas, deterioradas pelo tempo. «As pessoas mudam sempre, não mudam? É impossível adivinhar aquilo que vão ser. Tu, por exemplo... Estava à espera de um homem baixinho, sorumbático...»

«Sou sorumbático».

Ela riu. «Oh não, não és». E observava-o com atenção. «Só os olhos, talvez, e uma expressão da boca de que me lembro agora... Pouca coisa, enfim. Até domesticaste o cabelo. És outra pessoa».

Mateus admirava-a por ter mergulhado assim de chofre naquele tempo, sem a menor hesitação. Tão naturalmente. Pensaria que ele ignorava tudo? Era possível, afinal de contas. No seu rosto o antigo, esquecido sorriso. Por ser bela? Por ter sido bela, talvez. Ela, entretanto, regressara ao presente, e o presente era aquele homem, ali, em sua casa, que vinha jantar, a quem tinha que oferecer uma bebida qualquer, com quem tinha de conversar um pouco.

«Mas senta-te, senta-te, O que vais tomar? Martini? Tenho aqui Campari, gostas? O José morria por Campari mas agora não bebe, coitado».

Falou no marido e ficou séria. «Que tal o achaste?» perguntou. «Muito acabado, não é verdade?» Não esperou pela resposta, não devia interessá-la grandemente. Só as suas palavras e o facto de as dizer. Era uma mulher que sempre gostara de se ouvir, verificou, ou recordou Mateus. Havia mesmo nisso, nas suas frases mais simples, mais «ditas por dizer», o quer que fosse de sensual. Recitava-as lentamente, saboreava-as. «Envelheceu bastante nos últimos anos», prosseguiu. «Devia tratar-se, fazer qualquer coisa, mas não quer. Como todos os homens que foram relativamente saudáveis, tem vergonha de estar doente. Aborrece-o também. Enfim, é a idade, não há nada a fazer. E a Natália? Já viste a Natália?» perguntou mudando de assunto, sem transição.

Ele olhou em volta, e, como a Natália em questão estava ausente, acenou afirmativamente. «Bem... Foi ela quem me abriu a porta. No entanto... não estou a ver... Quem é afinal de contas a Natália?»

Mercês riu um pouco, e o seu riso, esse sim que envelhecera, não atingiu a altura dos outros tempos, tentava subir mas dobrava-se logo, detinha-se a meio da escala e aí repetia-se, ou demorava-se, resultava em todo o caso um pouco cacarejado. «Meu Deus!» exclamou. Ficou calada, o olhar perdido, os lábios movendo-se em silêncio como quem faz contas de cabeça e não tem muito o hábito de as fazer. Depois repetiu pensativa: «Como o tempo passa! Não podias conhecê-la, claro, era impossível. A minha cabeça... A Natália já nasceu depois de vocês se terem ido embora. Um ou dois anos, dois talvez. Ou mais? Natália! Natália!» chamou em voz alta, excessivamente alta e entusiástica.

Natália, no entanto, não pareceu impressionada com toda essa energia despendida em sua intenção, e levou tempo a chegar. A sua voz começou a vir de longe, do fim da casa. «Já vou», preveniu. Um pouco depois diria numa voz arrastada: «Um instante, não demoro». Para dizer por fim, no limiar da porta: «Pronto, o que é?»

Entretanto, durante esses três anúncios e competentes intervalos, Mercês olhou com atenção — também excessiva — esse limiar de porta, e no seu rosto lia-se nitidamente a expectativa e talvez o receio, um certo receio, mas de quê?

Mateus olhava também, obrigado pelas circunstâncias, porque naquelas condições olhar para qualquer outro lado seria quase ofensivo, enquanto ia bebendo o seu «martini», e mesmo antes dela ter aparecido já se materializara, e ele pensava, recordava de subito não sabia bem porquê, talvez por causa dos cabelos verdes, uma sereiazinha da sua infância, num livro que tinha ilustrações a cores e que se perdera numa das mudanças. Só por causa dos cabelos verdes, pensou. De resto, a filha da velha sereia presente, agora sem nada de mitológico, era o menos sereia possível. Cabelos descuidados, rosto sem beleza, calças amarrotadas (dentro das quais se adivinhavam pernas grossas em baixo, na barriga da perna, estreitas em cima, na coxa), camisa branca, masculina, grande de mais, seria do irmão? Continuava especada, ali onde dera, por assim dizer, à costa, encostada à ombreira e à espera. Mercês, porém, parecia haver esquecido a razão por que a chamara, ou até que a chamara, e olhou-a com naturalidade, como se a filha estivesse ali colocada desde o princípio do mundo, para lhe dar a réplica, ou por a sua presença compor aquele limiar vazio.

«Sabes onde está o teu pai, que se demora tanto?» perguntou por fim.

Dissera o que era preciso ser dito, tudo o mais se tornava desnecessário. O homem compreendeu que a pista tinha sido interceptada, e baixou os olhos maquinalmente, como que envergonhado da vaga suspeita, uma réstia de suspeita, vendo bem, que o tinha aflorado.

«Um ou dois anos» dissera ela! «Ou mais?» E agora chamara Natália dos confins da casa onde se encontrava com as suas calças amarrotadas e os seus verdes cabelos vegetais, só para dizer «o teu pai» e para ele, Mateus, a ouvir dizer «o teu pai».

O que também, é certo, podia significar; «atenção, bico calado, a minha filha ignora tudo da velha história». Sim, o que também pode significar isso. Aquele homem, Mateus Silva, hesitava sempre um pouco antes de construir certezas sobre hipóteses. O que não impedia que as construísse para uso próprio. Até ver.

Natália deslocou-se lentamente da ombreira, entrou devagar, mansamente, curvou-se um pouco, tirou um cigarro de uma caixa-livro, acendeu-o, e Mateus notou que as mãos dela se enganavam um pouco, não estavam á vontade, tinham gestos errados — um pouco errados pelo menos.

«Não fuma?» perguntou sem o olhar, enfim, mal o olhando. Era como se ele ali estivesse, sim, e ela reconhecesse o facto, mas isso não fosse importante, como se a sua presença fosse leve, mal se desse por ela, e houvesse coisas infinitamente maiores do que essa presença. Ali. Naquele instante.

Mateus bebeu o último golo, já quente, de «Martini», e pensou que ela não tinha respondido à mãe, assim como esta parecia subitamente esquecida ou desinteressada da pergunta que lhe fizera. Seriam sempre assim as relações de ambas? Compreender-se-iam tão bem que as meias-palavras, as meias-ideias bastassem, ou tão mal que não valesse a pena completar o que fora dito ou sugerido ou pensado? Tão bem ou tão mal que o silêncio fosse resposta bastante?

Natália esmagou o cigarro quase inteiro, com cuidado, tão escarniçadamente como se lhe quisesse mal (Osório escolhia-os com cuidado), disse que ia telefonar para a fábrica, talvez ele ainda lá estivesse. A mãe respondeu-lhe que era uma boa ideia, e quando ela saiu, no seu andar arrastado, dir-se-ia ter ficado aliviada. No entanto, quando a chamara havia pouco, Mateus tinha tido a mesma sensação, a de que Mercês se sentira mal a sós com ele.

«Soubemos da morte do teu pai», disse ela de súbito, com ar mundano mas em voz baixa. «Tive muita pena. O teu pai foi um verdadeiro amigo. Não aparecem muitos amigos verdadeiros na vida das pessoas, parece-me. Querem sempre mais, exigem gratidão, pensam que os outros são coisas ou cães. Cães dedicados, que lambam as mãos do dono. O teu pai era diferente».

Não exigiu que o acompanhasse, que deixasse o meu marido e o meu filho e o meu escândalo para ir com ele até Johanesburgo, que trocasse a segurança pela insegurança, a facilidade pela dificuldade, pensou Mateus. E estas foram palavras que lhe surgiram de chofre sem ele as ter construído, deixando-o quase perplexo.

(de uma novela em preparação)

Ilustração de Carlos Fernandes

NSU LUSOLANDA NSU
— CARROS USADOS —
« CAMPANHA DO NATAL »
APROVEITE A EXCEPCIONAL OPORTUNIDADE DURANTE ESTA QUADRA
Preços e condições especiais Facilidades de pagamento e troca
GRANDE EXPOSIÇÃO — AV. DA REPUBLICA, 84-C — T. 77 80 73 — LISBOA

Aspectos relevantes na actividade da televisão

Mário

1 — A existência da televisão é uma possibilidade de educação das massas que tem de ser levada até às máximas consequências. Isto é verdade em países de grande desenvolvimento cultural. Como o não será no nosso?

2 — Para países como a França, a televisão pode ser, na opinião de um crítico gaulês, «a maior sala de teatro». Em Portugal ela não será a maior mas sim, práticamente, a única.

3 — Para a maior parte do nosso País a televisão apresenta-se como a única possibilidade ao vivo de cinema, de teatro, de ópera, de música, de literatura, de desporto, de conhecimento do mundo. Estamos em presença de uma força que justifica todas as esperanças — e todas as apreensões.

4 — Porque a televisão não se limita a reflectir a sociedade. Não funciona apenas como um espelho inerte perante a realidade: age também sobre ela. Não apenas põe: também propõe. Ainda assim a televisão pode escolher a realidade, ou os aspectos da realidade, a reflectir. Nessa opção existe implícita uma proposta.

5 — Exigir uma televisão divorciada da exploração industrial do futil, da violência, do mau gosto, do divertimento maníaco (forma depurada de reaccionarismo vestido de palhaço...) eis uma atitude que se integra na actividade do cidadão responsável. O esclarecimento dos problemas levantados pela televisão não compete apenas ao crítico, por muito cómodo que a muitos pareça. O crítico de televisão não é mais do que um elo da corrente que deve passar pelo maior número possível de telespectadores. Uma atitude de passividade não pode deixar de ser ruinosa para o interesse nacional.

6 — Um parêntesis, apenas, para citar George N. Gordon («*Televisão Educativa*», pág. 8): «Se hoje conhecemos a enorme eficiência e variedade do ensino pela televisão, como poderemos garantir que não possuímos nenhuma «prova sólida» de que, dado o teor das «lições» transmitidas dia e noite, as pessoas não estão aprendendo a resolver problemas pela violência e por outros meios semelhantes?

«Se o ensino pela televisão é tão efectivo, como pode ser ineficaz no ensino da violência e outros comportamentos anti-sociais que tão frequentemente apresenta?

«Como esperamos que as crianças — até agora ensinadas e treinadas pela própria propaganda, a considerar a televisão como um *entretenimento* — sejam reeducadas para usá-la em coisas sérias e decisivas e não em coisas ilusórias?»

7 — Estas palavras são escritas por alguém natural de um país (os Estados Unidos) que possui uma televisão educativa de excelente qualidade, mas que possui, igualmente, uma experiência de televisão deseducativa capaz de dar às palavras dele uma indiscutível autoridade.

8 — A televisão portuguesa proporciona-nos, no campo da instrução, uma actividade notável através da *Telescola* e da *TV Educativa*. Infelizmente, porém, o raio de acção desta actividade restringe-se a um público que será o menos carecido dela. A medida que se forem multiplicando, por esse País fora, os liceus e as escolas técnicas ou os estabelecimentos do Ciclo Preparatório, os postos de recepção ficarão, pràticamente, sem razão de ser.

Há que pensar, desde já numa nova missão para a *Telescola*. Um imenso público a espera: aquele que não tem possibilidades de frequentar estabelecimentos de ensino. O País precisa de uma *Telescola* para os adultos. Trata-se de medida urgente, dada a inevitável reconversão e industrialização da nossa agricultura.

9 — Essa será, tenhamos esperanças nisso, a função do 2.º canal. Não se lhe adivinha outra. Transmissões a cores? Sim, mas para depois do ano 2000. Programação diferente do primeiro canal? Mas primeiro não se vê muitas probabilidades disso, a menos que se intensifique a importação, com todos os inconvenientes que se imaginam. E qual a vantagem? Reservar um canal para a programação de qualidade pressupõe a existência de um público de «élite». A verdade é que, em Portugal, não existirá público desse tão vasto, capaz de justificar o monopólio do canal; utilizar nele produção indiscriminadamente, a que será isso bom? Mal por mal, basta um canal...

10 — Venha, pois, a *Telescola* para o público adulto que só por acaso deixou de ser analfabeto ou não teve possibilidades de melhorar os seus conhecimentos. *Telescola* construída em bases diferentes, claro. Mas isso é já outra história.

11 — Considera-se que a televisão, para se justificar, deve dirigir-se a camadas cada vez mais vastas do público. A televisão tem o apetite dos grandes números — embora leve esse apetite ao requinte de os saborear unidade por unidade.

Cabe perguntar se a actividade da Televisão Portuguesa corresponde á sua vocação ecuménica. Abstraiamos das matérias programadas para atendermos os horários da emissão. Aqui verifica-se que o serão televisivo começa quando deveria estar quase a terminar, isto se atendermos ás necessidades da população portuguesa mais numerosa.

Aceitemos que a população burguesa e pequeno-burguesa de Lisboa aceita, sem esforço, acabar o serão á meia-noite. Mas Lisboa conta com um décimo da população do País. Os rurais não podem deitar-se á uma hora da madrugada tendo de levantar-se ás cinco. Nem os operários, obrigados por vezes a percorrer longas distancias para chegar aos locais de trabalho. Nem os estudantes, pela mesma razão e por outras ainda.

12 — Digamos que as 19 horas é uma boa hora de começar, e as 23 é uma boa hora de acabar. Dois períodos fortes de audiência se adivinham, no que respeita a espectáculos: das 20 ás 21 e das 21 e 30 em diante. Na charneira, isto é, ás 21 horas, o *Telejornal* ficaria colocado numa posição estratégica invejável.

Pode alegar-se que organização dos espe se rege por este esqu viesse a reger-se. A t tuguesa tem força be ajudar a impor um racional, com vantag dos. Até nisto há qu passo pela Europa. N nós das dificuldades desafios de futebol de tardia a que eles com

13 — Nem só a popu fica mal servi tuais horários. A popu til está gravemente les e, ainda, pela ausênci mação adequada.

É de cerca de um n mero de meninos por aos 4 anos. Pois bem uma obra de incalcul programar-se para ess de compatriotas nosso onde o ensino infanti de maneira significat não um Jardim Infant parte da manhã? Fa uma emissão para o hora do almoço. Deixe comer á vontade, me Tratemos dos vivos, t crianças portuguesas manhãs inóspitas e dif sar. Atenção, IMAVE!

Esta medida seria d levisão Portuguesa.

14 — A língua portugu rosa argamassa cionalidade. Há que de mo ás meninas dos Esta verdade existe nha evidência e violên gumas figuras popula e da televisão deveram

Joaquim Agostinho conquistou a celebridade em terras gaulesas ao classificar-se em 8.º lugar na Volta à França em Bicicleta. A sua capacidade de sofrimento suscitou a maior admiração e a valia demonstrada venceu o ceptismo inicial dos comentadores. Eis o ciclista português quando, com a bicicleta partida, se aprestava para cortar a meta numa das etapas da «Tour». Em baixo: A equipa portuguesa de hóquei em patins, que em Espanha conquistou o título de campeã da Europa daquela modalidade, na categoria de juniores

Do êxito de Agostinho às eliminações do Benfica

NÃO FICARAO agradáveis recordações deste ano de 1969, que agora acaba, no âmbito do desporto português, particularmente no que se relaciona com a actividade dos futebolistas profissionais.

Com efeito e embora o resultado do último jogo internacional possa ter deixado uma saborosa sensação de valia, não poderá esquecer-se que, ao longo do ano, a selecção nacional de futebol viu-se definitivamente arredada da fase final do Campeonato do Mundo a disputar no México, quando de princípio e pela reduzida cotação dos adversários que constituíam a série em que jogava o «onze» de Portugal, se considerava, quase como certa, a participação portuguesa naquela competição.

No entanto e apesar da ressonância que oportunamente tiveram os desaires da equipa nacional, dois outros acontecimentos predominaram na panorâmica desportiva portuguesa, no decurso deste último ano: as «incidências» verificadas durante e após a Volta a Portugal em bicicleta, que Joaquim Agostinho ganhou de facto e que Joaquim Andrade venceu de direito e o novo contrato estabelecido por Eusébio com o seu clube, o Benfica.

Verdadeiramente, a maior prova velocipédica do desporto português, ou melhor, as ocorrências verificadas no decorrer dessa prova,, trouxeram ao de cima deficiências estruturais, conceitos desactualizados quanto à verdadeira definição de um profissional do espectáculo desportivo e ainda uma acerba clubite, incontestàvelmente notória e evidente, quando seria de esperar que ela surgisse, sim, mas suficientemente esbatida e serena, para um perfeito «contrôle» da inteligência nos momentos mais delicados.

As ocorrências na serra do Marão foram o testemunho iniludível de um claro desfasamento entre uma mentalidade dirigente amadora e as necessidades de um profissionalismo não suficientemente assente em bases reais, mas sobejamente esclarecido e num grau de evolução que lhe permite saber quais são, já, os seus direitos e compensações.

Surgiu, assim, algo de novo no ciclismo português. Algo que provocou um fortíssimo impacto na quieta melancolia do desporto nacional e que, certamente, despertou consciências, chamou às realidades do presente muitos dos que viviam, romànticamente, ideias de outros tempos, perfeitamente ultrapassadas.

Ainda nos domínios da velocipedia, o comportamento de Joaquim Agostinho na Volta à França é digno dos maiores louvores. Em confronto com quase todas as celebridades do mundo do ciclismo, o excelente corredor do Sporting ganhou, em estradas gaulesas, o direito a ser considerado como uma delas, conquistando um magnífico 8.º lugar e deixando para trás, na mais categorizada prova ciclista europeia, ciclistas de méritos firmados em todas as latitudes.

Quanto ao novo compromisso de Eusébio, ele atingiu verbas até agora das mais elevadas no futebol profissional português. Não foi, porém, a elevada quantia movimentada pelo contrato que despertou a viva controvérsia registada ao redor das negociações. Antes, sim, a tomada de certas posições por ambas as partes contratantes, as declarações que se leram nos órgãos de Informação, direitos que se reivindicara ram e que testemunham a um novo ângulo de apreci meno desportivo nos seus re

Foi, de resto, esse espírit respira no sector desport presidido à decisão de dota agremiações desportivas lis talações próprias, que vão social até aos recintos pa desportivas nas mais varia des.

Certo é, que nessas inicia varam à posse de condições possam erguer verdadeiras portivas, se se[illegible] o grandioso, o prátic[illegible]ao mag no fundo, talvez que possa apodo prestado pelas entic como uma prova de interes do desporto, o que pode p encontro com os verdadeiro trilhar para a valorização em todos os sectores, desd profissionalizado até à educ nível pré-primário.

Ainda no âmbito do futeb no decurso de 1969 a dua do Benfica na Taça dos Ca peus. A primeira pelo Aja uma concludente vitória em e a segunda por um capri feito pelo process[illegible] «moed competição com o Céltic. Porém, no plano internacion tas salientes, o comportamen de Setúbal e até da própri e a estreia (embora menos f

ário Castrim

e que a restante espectáculos não esquema. Talvez . A televisão porça bastante para um horário mais ntagem para toá que acertar o pa. Não sabemos des em eurovisar ol devido á hora começam?

população adulta servida pelos acpopulação infante desada por isso, séncia de progra-

um milhão o núsportugueses até bem: não seria alculável alcance a essa população nossos. num País nfantil não existe ificativa? Porque nfantil na TV, na ? Falou-se já de ra os adultos á Deixem os adultos meus senhores! os, tratemos das esas e das suas e difíceis de pasAVE!
ria digna da Tea.

rtuguesa é podeassa da nossa nae defendê-la cotos nossos olhos. xiste com tamaviolência que alpulares da rádio veram a aceitação junto do povo aos seus esforços em favor da nossa língua. Recordemos Raul Machado e Vasco Botelho de Amaral. Recordemos a acção relevante que Aldónio Gomes desenvolve actualmente na televisão.

No entanto: o esporádico tem de tornar-se permanente. A língua portuguesa sofre tratos de polé nas locuções, nas apresentações, nas tarefas de reportagem ou de rotina no *Telejornal*. Erros palmares de pronúncia e pronúncias díspares — tudo isso existe numa inquietante profusão.

Duas medidas se impõem, uma a largo, outra a curto prazo. A primeira: o máximo rigor na admissão de locutores; a segunda: criação imediata de um corpo permanente de estudiosos, dentro da Televisão, que vele pela unificação e purificação da prosódia. Para defesa de todos: público e locutores.

Lá pelo Lumiar parece ser mais vergonhoso falar mal as línguas bárbaras do que a língua materna! Há que banir esta subserviência da recta pronúncia estrangeira. Há que falar orgulhosamente mal as línguas estranhas. Há que aportuguesá-las. O grande escritor Miguel Angel Asturias disse «trust» e não «trâsst», e fê-lo por razões que nada têm a ver com a ignorância...

15 — Muitos outros aspectos da actividade da Televisão Portuguesa poderiam ser discutidos. Poderiam e deveriam. Os que aí ficam destinam-se apenas a iniciar uma colossal «mesa-redonda» á escala nacional.

A escala nacional? Pois claro. A Televisão é «nossa». Não termina ela com o Hino Nacional e com o desfraldar da nossa bandeira?

Encarnação Viegas

ção, e sobretudo os dicaram e contestaam a existência de preciação do fenóeus reflexos sociais. spírito novo que se sportivo que terá dotar as principais as lisboetas de insvão desde a sede s para as práticas variadas modalida-

iniciativas, que ledições para que se leiras cidades des- o funcional ao magnificente. Mas possa traduzir-se o entidades oficiais nteresse pela causa de proporcionar o deiros caminhos a ção que se deseja desde o desporto educação física ao

futebol, assistimos duas eliminações os Campeões Euro- Ajax, depois de ia em Amsterdão, caprichoso sorteio moeda ao ar», em éltic, da Escócia. acional, foram noamento do Vitória rópria Académica, nos feliz) do Vitória de Guimarães nos cotejos internacionais.

Aliás, pouco meritório foi o comportamento dos representantes portugueses nas provas europeias em que intervieram, nas diversas modalidades. Uma única excepção terá de abrir-se para a selecção nacional de hóquei em patins, da categoria de juniores, que, em Espanha, conquistou o título europeu — uma vez que todos os clubes se viram afastados das competições logo na primeira eliminatória. Foi assim, desde o basquetebol ao ténis de mesa.

No plano nacional, assinale-se o êxito do F. C. Porto, que conquistou o título de campeão de voleibol. Mas o poderoso clube nortenho averbou também concludente triunfo na fase metropolitana do campeonato de hóquei em patins, cujo título nacional ficou na posse do Desportivo de Lourenço Marques.

De resto, internamente, todas as competições são dominadas por três ou quatro clubes que repartem entre si os períodos de hegemonia. Daí, o impor-se cada vez mais a necessidade de se adquirir uma posição de equilíbrio á escala nacional, aumentando-se assim, e reflexamente, o nível competitivo. Essa condição só poderá ser alcançada por via de um desenvolvimento cada vez maior das camadas juvenis, nos domínios da educação física. Esse será o processo de uma valorização interna e da consequente possibilidade de confrontos, em plano de igualdade, com atletas de outros países, actualmente num mais amplo estádio de valorização.

Filarmónica Fraude

O ano radiofónico na balança

Neves de Sousa

É INEGÁVEL que o facto dominante do ano radiofónico foi o ressurgimento da balada, através de intérpretes de nível destacado (José Afonso, Adriano Correia de Oliveira, padre Fanhais, Manuel Freire e mais meia dúzia) ou oportunistas que lançaram mão do êxito alheio como alavanca para o sucesso próprio.

Vamos, porém, balançar **o ano nas suas multiplas facetas.**

AS MESMAS BOCAS

FADO: Amália Rodrigues cantou na Russia, na Grécia, em França, na Holanda, em Itália, em Espanha, nos Estados Unidos. Isso lhe manteve o renome internacional. Depois, pelo seu inimitável estilo, há que citar Hermínia Silva. Nomes em realce. Ada de Castro, Maria da Fé, Lídia Ribeiro e Saudade dos Santos. Figuras em estagnação: Fernanda Maria (que permanece longe do grande público). Natércia da Conceição, Maria José da Guia, Esmeralda Amoedo, Helena Tavares, Beatriz da Conceição, Maria do Rosário Bettencourt, Maria do Espirito Santo e Alice Maria. As três Teresas (Noronha, Tarouca e Silva Carvalho) práticamente no anonimato. Valor por confirmar em Natércia Maria.

No sector masculino há (igualmente) poucas notas a referenciar: Alfredo Marceneiro, António Mourão e Manuel de Almeida nada acrescentaram aos seus «palmarés» (excepto a *viragem* de Mourão para o folclore); Fernando Farinha, Vicente da Camara e Manuel Fernandes com fraca saliência; João Ferreira Rosa perdeu pontos com a má jogada no «Singing Europe»; Carlos do Carmo considera-se *um amador;* Francisco Martinho continua como *uma esperança.*

A «Grande Noite do Fado» (organizada pela Casa da Imprensa) continua a revelar nomes que as editoras musicais raramente aproveitam mas que teriam, decerto, uma palavra a dizer no marasmo fadista desta terra.

SIMONE E «DESFOLHADA»

CANÇÃO: o «caso» foi Simone. Depois de ter actuado em Madrid, no Eurofestival, confinou-se novamente á dimensão caseira, cantando apenas para plateias portuguesas e contrariando uma eventual carreira internacional. Depois, as desinteligências com a Agência Marques Vidal e uma afecção na garganta afastaram a intérprete de «Desfolhada» que, até solução do seu caso clínico, é apenas locutora em «1-8-0»

Madalena teve uma manobra de diversão: o filme «Os cinco avisos de Satanás». Tonicha, Julia Babo e Maria de Lurdes Resende optaram pelo folclore. Lenita Gentil, Mafalda Sofia, Milá Talaya, Maria Armanda e Maria da Glória apagaram-se. O ar colegial de Sissi, Suzy Paula e Lena Branco não lhes permite grandes sonhos imediatos. Maria Valejo andou numa roda-viva, de festival em festival. Paula Ribas quedou-se pelo Teatro. Maria José Valério, Gina Maria e Alice Amaro ficaram-se na mediania. Nomes mais prometedores: Rute, Natércia Barreto, Ana Hortense e Lily Tchiumba, sem esquecer Maria, cujos discos revelaram *um estilo.*

O campo masculino igualmente se apresenta quase inalterável: os nomes *mais vendidos* (Tony de Matos e António Calvário), ombrearam com Rui de Mascarenhas. Tudella continua instável, aos solavancos. Breyner faz teatro: dentro e fora do palco, aqui para recusar o «Prémio de Imprensa». Os complexados Francisco José e Max juntaram-se a Artur Garcia e Marco Paulo na fila rotineira. Sinal verde para Fernando Tordo e interrogativa perante Valério Silva. Diamantino, Vitor Manuel, Paulo Jorge, Fernando Guerra e Paulo de Carvalho.

Da «Voz do Ano Novo» Paula Margarida) nada se sabe...

CARLOS PAREDES E A FILARMÓNICA FRAUDE

O CAMPO DOS SOLISTAS é, certamente, o de melhores horizontes. Fernando Ribeiro é um acordeonista de prestígio internacional, o mesmo se podendo dizer do Trio Harmonia, que, em harmónica vocal, terá raro paralelo lá pelas estranjas. No terreno dos acordeonistas há que mencionar, também, Fernanda Guerra, Eugénia Lima, Tino Costa, Carlos Areias e o jovém Vitorino Matono. E falar de Siegfried Sugg, que muito tem contribuído para melhor nível na música portuguesa.

Por seu lado, o Duo Ouro Negro (ao jeito dos grandes palcos) e «Os Três de Portugal» (para consumo interno) **jogam** sem adversários, a menos que se confirme o regresso do «Conjunto Sem Nome» ou que vingue o apoio que está a ser dado á dupla N'Gola ou a Duarte e Ciriaco.

Carlos Paredes foi, porém, a vedeta do ano: a sua guitarra é algo de sensacional. Depois, a boa distância, registe-se o profissionalismo de Carvalhinho, Martinho da Assunção, Fontes Rocha, José Maria Nóbrega, António Chainho, Raul Nery, Júlio Gomes, Adelino dos Santos, Jaime Santos e Joel Pina, a intuição de António Luís Gomes e Francisco Peres e a tenacidade de Jorge Fontes e Fernando Alvim.

QUANTO A CONJUNTOS... Desmembrados «Os Rocks» e optando o

(Continua na pág. 15)

Progresso da balada Doença de Simone Eclipse do «yé-yé»

Carlos Paredes

As obras e os autores portugueses em 1969

E. M. de Mello e Castro

FAZER BALANÇOS é tarefa contabilistica e a própria ideia de balanço contém em si um conceito de medição quantitativa para se verificar para que lado da balança pendem as contas: para o lado do «mais» ou para o lado do «menos».

Mas fazer um balanço titativo, para se chegar a saber rigorosamente como são fabricados os livros em Portugal, que publico efectivamente atingem e em que condições.

Evidentemente que esse vasto balanço das fases da criação-selecção-fabricação-distribuição e

Adolfo Casais Monteiro

pode também significar exprimir um juízo sintético sobre o exercício de uma dada actividade, durante um periodo de tempo conhecido. Assim, a uma ideia quantitativa sobrepõe-se uma noção qualitativa sobre a actividade exercida e mesmo até sobre as condições desse exercício.

Os balanços sobre as actividades literárias de cada ano que passa tornaram-se já uma fatalidade jornalística nesta altura do ano, mas creio que essa fatalidade pode ser considerada como positiva se o balanço efectuado for realizado por métodos, tanto quanto possível, fácilmente verificáveis. Sei perfeitamente que esta afirmação pode parecer chocante, pois se trata de fazer o balanço de uma actividade espiritual — a criação literária — em que os critérios de qualidade são de importancia fundamental.

Mas o que é também inegável é que a literatura se exerce através de meios fisicos de comunicação com o publico: os livros; e de unidades de produção: as editoras; e ainda pelos canais de distribuição e locais de venda.

Ora toda esta rede de comunicação, desde a actividade criadora dos autores até ao objecto-multiplo LIVRO que chega aos consumidores — é que me parece precisar de um bom balanço quanvenda não pode ser feito no âmbito deste artigo, nem por uma só pessoa: é trabalho para uma equipa de técnicos de Marketing.

Aqui e agora contentemo-nos com uma resenha dos livros novos de autores portugueses editados por editores portugueses no decorrer de 1969, de algumas conclusões talvez impertinentes.

Evidentemente que um critério qualitativo se impõe agora como premissa elementar. Interessa no entanto notar que se, por exemplo, no campo da Poesia em 1969 apenas pouco mais de meia duzia de livros atingiu uma qualidade assinalável, no entanto a publicação de Poesia foi intensa e diriamos até apaixonada (edições de Autor, etc.). Mas como isto acontece todos os anos, os numeros não teriam certamente qualquer significado para além talvez do que já se sabe: escrever e publicar poesia é em Portugal um desporto sentimental muito cultivado. Ora nós estamos a falar de criação literária, de pesquisa estética, de comunicação humana, de integração sociológica, e por isso só esses poucos livros de qualidade nos poderão interessar.

Uma vez justificado um critério qualitativo, façamos um quadro dos livros que, publicados em 1969 pela primeira vez, melhor se ajustam a esse critério:

	Originais	Obras Escolhidas / Obras Completas
Poesia	10	4
Ficção	11	—
Teatro	5	—
Ensaio	15	—
Antologias	4	—
Literatura infantil	4	—

Deste quadro ressalta como óbvia a fraca produção de Poesia de qualidade e o surpreendente maior numero de livros de ensaio e critica. Este facto sem duvida corresponde a um despertar da actividade reflexiva para a procura racional do entendimento do mundo em que vivemos. Por consequência encontramos neles uma pesquisa de ajuste dos métodos criticos ás exigências e á problemática levantadas e propostas pela criação estetica dos ultimos anos, quer em Poesia quer em Prosa.

Mas também esta produção ensaistica de 1969 corresponde a uma redefinição do passado em termos culturais actuais, para consumo mental e vivencial no dia de hoje. E esta actividade ensaistica é, na exiguidade do conjunto (que o mapa anterior bem documenta) a nota de maior destaque do ano que finda.

Enumeremos agora as obras referidas (sem qualquer ordem qualificativa).

POESIA

De Ombro na Ombreira — Alexandre O'Neill; A Idade dos Lilases — Dórdio Guimarães; Dezanove Recantos — Luiza Neto Jorge; As Aves — Gastão Cruz; 39 Tisanas — Ana Hatherly; Os Ovos de Oiro — Armando Silva Carvalho; Insofrimento Insofrimento — José Carlos Ary dos Santos; A Construção do Corpo — António Ramos Rosa; Peregrinatio in Loca Infecta — Jorge de Sena; O Destino do Homem — Alonso Féria.

Se dentro de um criterio de estrita qualidade me é permitida uma opinião pessoal de leitor/crítico, direi que os livros de Ramos Rosa e Luiza Neto Jorge se colocam num plano inabitual, mesmo dentro das respectivas obras de cada um desses dois autores.

Num plano de conjunto nota-se que os livros de Poesia provêm na maioria de poetas jovens que neste fim de década (a polémica década do experimentalismo 60-70) procuram caminhos que talvez estejam ainda longe de se definir.

Quanto a obras completas ou escolhidas, registem-se: Poesias Completas de Adolfo Casais Monteiro; Lira de Bolso de David Mourão Ferreira; Poesia (1919 a 1969) 2 vols., de Fernanda de Castro; «Clepsidra» de Camilo Passanha. Regista-se ainda a reedição de livros de José Régio e Cabral do Nascimento

José Gomes Ferreira

FICÇÃO

Ecos do Pais — João Araujo Correio; Não Há Morte nem Principio — Mário Dionisio; Jerónimo e Eulália — Graça Pina Morais; Tempo Escandinavo — José Gomes Ferreira; O Disfarce — Alvaro Guerra; A Porta do Inferno — João Palma-Ferreira; Os Três Seios de Novélia — Manuel da Silva Ramos; Um Dia São Dias — Marta de Lima; A Noite e o Riso — Nuno de Bragança; Maina Mendes — Maria Velho da Costa; Vovó Ana, Bisavó Filomena e Eu — Luisa Dacosta; Flores ao Telefone e Os Idólatras — Maria Judite de Carvalho; Moras Perdidas — Urbano Tavares Rodrigues; A Vinha da Maldição — Domingos Monteiro; Terra sem Musica — Fernando Botelho.

Neste conjunto de livros nota-se uma procura por vezes quase desesperada exemplo: Não Há Morte nem Principio) de renovação dos métodos de criação de prosa em Português, por diversos meios e técnicas. Mas nem a largura dos horizontes existenciais, nem a profundidade da experiência vivida, nem a segurança da pesquisa sociológica, estão sempre presentes a comandar essa pesquisa e a justificá-la. Porque a Prosa (não como a Poesia) coloca-se no campo do possivel, e aí no campo do que é imediatamente necessário dizer e comunicar aos outros homens, os métodos de renovação linguisticos têm que provir de uma premência que o próprio uso da linguagem imponha, nas circunstâncias consideradas, no tempo e no lugar.

De acordo com estes pricípios os livros de José Gomes Ferreira e de Alvaro Guerra merecem uma nota especial.

No que diz respeito a crónica, prosa poética ou escrito solto, assinalem-se ainda obras muito diferentes: Escritos Temporais de Urbano Tavares Rodrigues; O Segredo é Amar, dt Sebastião da Gama; A Palavra Fascinante de H. Silva Letra: Anti-Literatura de Rui de Brito.

☆

Os autores de Ficção mais reeditados foram José Cardoso Pires, Virgilio Ferreira, Francisco Costa, Eça de Queirós. Regista-se o 1.º volume das Obras Completas de Raul Brandão (publicação em fasciculos).

TEATRO

O Cravo Espanhol — Romeu Correia; O Encoberto — Natália Correia; O Pecado de João Agonia — Bernardo Santareno; A Traição do Padre Martinho — Bernardo Santareno; O Homem que Renegou a Luz — Idalina Guimarães

ENSAIO

Invocação ao Meu Corpo — Virgilio Ferreira; Inquisição e Cristãos Novos — António José Saraiva; Novas Perspectivas — Luis Forjas Trigueiros; Ler e Depois — Óscar Lopes; Modo de Ler — Óscar Lopes; Tópicos de Critica e de História Literária — David Mourão Ferreira; A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo — Fernando Guimarães; A Letra e o Leitor — Jacinto do Prado Coelho; Bom-Senso e Bom-Gosto III vol. — Alberto Ferreira; Introdução a um Realismo Dificil — Nuno Teixeira Neves; Ensaios sobre Cultura e História — Armando de Castro; Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal — Joel Serrão; Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular — Jorge de Sena. Estudos de Cultura Medieval — Mário Martins; Discurso Directo — David Mourão-Ferreira.

António José Saraiva

Devem ser assinaladas reedições de obras de António José Saraiva e de Jacinto do Prado Coelho (Unidade e Diversidade em Fernando Pessoa).

ANTOLOGIAS

Líricas Portuguesas — 4.ª Série — António Ramos Rosa; Antologia do Conto Abominável; Antologia do Humor Português — Virgilio Martinho e Ernesto Sampaio; Contos Portugueses do Ultramar (2 vols.) — Amândio César. Como reedição notável: Prosa Doutrinal de Autores Portugueses — António Sérgio.

LITERATURA INFANTIL

Tendo-se notado uma renovação em qualidade e interesse na literatura para as crianças, assinalem-se os seguintes livros de autêntica criação literária:

Uma Flor Chamad'a Maria — Alves Redol; Histórias com Juízo — Mário Castrim; O Livro da Mariazinha — Lídia da Fonseca; Figuras Figuronas — Maria Alberfeita esta resenha de

Cont. na pág. seguinte

TINTA E SANGUE SEM VALOR

Conto de Urbano Tavares Rodrigues

Ilustração de Vítor da Silva

FOI NAS FÉRIAS GRANDES, quando os restolhos pareciam fumegar, tanto calor fazia, que a senhora mandou por esses lugarejos uma mulherzinha da sua confiança, que lhe arranjasse moça nova para a servir, pois a que possuia, ia para mais de seis anos, casara-se, uma ingrata! A emissária tornou com aquele bicho assustado, de boca fechada, que dir-se-ia incapaz de pegar uma gata pelo rabo. Mas, à falta de melhor...

Era Maria, como quase todas as criadas, Maria Rucinha na sua terra, por mor do tosão estrigado que lhe caía até abaixo dos ombros. E Maria Ruça ficou, dado que havia já lá em casa mais uma Maria, essa de tez escura e com pinta de berbere. Mas em Lisboa, começando a andar pelas ruas, aos mandados, e com a saída dos domingos, a Maria Ruça tornou-se outra num abrir e fechar de olhos. Agora bem comida, fazendo-se altinha e mimosa, a luz do rosto azul faiança, sob as espessas sobrancelhas unidas (ninguém a ensinava a depilar-se, nem era da sua posição) e o cabelo muito loiro, daquele loiro em que a semente nórdica dos vândalos, de geração em geração, se continuava nos brejos onde ela nascera, Maria Ruça já dava tanto nas vistas que o menino da casa começou a tocar com frequência as duas campainhadas pelas quais ela acudia (a sua companheira, mais antiga, era de um só toque). O menino Liberto pedia-lhe que lhe pregasse botões, à pressa, mesmo com o fato vestido, a sentir-lhe o hálito na cara, e chamava-a muito ao quarto, onde preguiçava de manhã. E foram as festas à cãozinho, meigas e ainda cautas, no pescoço, os apertões como casuais no escuro do corredor, os primeiros beijos, com gestos de espanto e de mel, e tudo o que vem depois.

E Maria Ruça tão deslumbrada e em tal transporte que todo o dia cantava, e, a esfregar salas, a limpar o pó, a lavar a roupa, sempre em brasas, aguardando a hora de voar no seu sonho, quando ele chegava e, pelo menos, podia vê-lo, ainda que parecesse nem atentar nela, ainda que à noite não a chamasse, não pudesse ou não quizesse tê-la consigo.

Mas quando Liberto ia aos bailes de que era muito amigo, e a ela lhe cabia dispôr-lhe em cima da cama a camisa de folhos e o «smoking», tudo muito bem passado a ferro, não tinha mão em si que não deixasse escorregar algum azedume de insinuação. Até que ele, farto dessas implicações despropositadas, a pôs no seu lugar:

— Tira-me essas ideias do bestunto, Maria Ruça. Então não querem lá ver!

E foi assim que ela bebeu um tinteiro inteirinho (e dos grandes) de tinta Parker. Fizeram-lhe a clássica lavagem ao estomago e houve gritos aflições e ralhos. Descobriu-se tudo. E o Liberto ouviu das boas, mas, enfim, eram coisas próprias de rapazes...

A Mara Ruça teria ido logo para o meio da rua, que desavergonhada não se coibia a senhora de lhe chamar, se não fosse um pormenor alarmante: arredondava-se-lhe o ventre plebeu, estranho à paz e ao futuro daquela família, por forma ameaçadora. «Um objecto destes, quase por desmamar... Trazem no sangue a imoralidade!»

O caso era bicudo e a senhora, embora piedosa, transigiu com os seus princípos, para não estragar a vida do filho, e sugeriu à Maria Ruça que aquilo podia resolver-se sem prejuizo de maior para ela. Falava-se com uma criatura de absoluta confiança e com todos os cuidados, já se vê... Maria Ruça nem sequer sabia que tinha a lei do seu lado, nem invocou direito algum. Mas fez finca-pé: o filho das suas entranhas, queria-o para si. Mais nada. Nem acusava a ninguém. E não havia razão que a demovesse, nem promessa de roupas de gala, dinheiro, o bom passadio assegurado para sempre nos pobres dos seus pais e à rebanhada de manos que tinha, em pior condição do que ela, naquele Alentejo de secas e fomes. «Teimosa como uma jumental Ninguém lhe tira a querença da cachimónia. — Paciência. Será o que Deus quiser...»

Estava o Liberto em Tavira, como cabo-miliciano, pois, mais inclinado às garraiadas do que aos livros, não passara de regente agrícolc (mas vinha, sempre que podia, a Lisboa no seu descapotável), quando ela recolheu á maternidade — e a senhora a passar fezes que nunca em sua vida sonhara vir a ter. Maria Ruça era estreita dos quadris, mal conformada para dar à luz, e a madre não se lhe abriu como era devido. Ou houve incúria. A senhora achou que estava escrito no livro do destino. Sobreveio a febre. O parto foi tormentoso e deu trabalho a toda a gente que a cercava. Pelo meio do clarão amarelado em que principiava a descer à morte, Maria Ruça, ouvindo vagir o menino, perguntou:

— Como é ele?

— Perfeito. Um fatagão!

Não podia já vê-lo bem, mas apalpou-lhe a cabecita amolgada, os aranhiços enrugados das pernas.

— E é já loirinho como a senhora (era a primeira vez que assim a tratavam).

Expirou com o sentimento de se haver cumprido como tinha de ser.

As obras e os autores portugueses em 1969

Cont. da pág. anterior

obras e autores impõe-se observar que estreantes houve dois assinaláveis, em Ficção, Manuel da Silva Ramos e Nuno Bragança; 1 em Teatro (Idalina Guimarães); nenhum em Poesia nem em Ensaio.

Uma vez feita esta magra resenha é de assinalar que no campo editorial se distinguiram (pelo numero de originais de qualidade publicados) as seguintes Casas:

POESIA

Portugália (2 originais e 1 obra completa); D. Quixote (2 originais e 1 obra escolhida); Iniciativas Editoriais (2 originais).

A edição de Autor continua a ser em muitos casos a solução, perante a inactividade de colecções como o Círculo de Poesia (Morais), Poesia e Verdade (Guimarães) e outros.

FICÇÃO

Inova e Morais (com 2 originais cada). Nas reedições assinale-se a actividade da Portugália Editora.

ENSAIO

No Ensaio a Inova publicou 5 originais, a Portugália 4 e a União Gráfica 2 volumes.

TEATRO

A Áctica publicou 2 originais.

ANTOLOGIAS

Quanto a Antologias, distinguiu-se Edições Afrodite com 2 trabalhos.

LITERATURA INFANTIL

Portugália Editora, também com uma reedição de um poema infantil de Papiniano Carlas (A Menina Gatinha de Água).

☆

Mas agora importaria perguntar: em Portugal, durante 1 ano só apareceram para publicação estes originais de qualidade que merecessem a luz do dia? — Por acreditar que muitos mais livros de nível aguardam a sua hora de publicação, não hesito em classificar a acção editorial portuguesa de tímida e ineficiente em relação aos originais portugueses. E isto é incompreensível, pois são esses mesmos originais que constituem a vitalidade criadora e cultural portuguesas e não as traduções de originais estrangeiros, talvez mais fácilmente lucrativas. Não desejo com isto afirmar que editar traduções não seja importante, antes pelo contrário, se forem bem seleccionadas e realizadas,

Romeu Correia

elas desempenham um indispensável papel de necessário alargamento de campo de leitura e informação do publico português. Mas o que desejo afirmar é que os problemas das edições de originais portugueses e das suas vias de comercialização precisam de ser mais profundamente considerados pelos editores.

— Trará 1970 uma renovação para a década que começa?

— Será possivel daqui a 10 anos possuirmos elementos suficientes para fazer os estudos e obter as respostas para os problemas de criação, editoriais, culturais e comerciais do livro e do Autor português, que nos permitam fazer balanços e juízos realmente uteis e positivamente concludentes?

E. M. de Melo e Castro

Artes plásticas

1969

Rocha de Sousa

UM BALANÇO de referência geral aos acontecimentos ocorridos em 1969 no domínio das artes plásticas, mesmo que estabeleça a importância da quantidade da forma mais correcta, não substitui uma análise demorada e profunda dessa realidade nem foca devidamente a perspectiva de valores que têm sido afirmados. Como nota circunstancialmente possível, o balanço de 1969 traça, no entanto, o perfil quantitativo de uma produção cada vez mais acentuada e mostra como o seu incremento se sincroniza com o desenvolvimento do mercado respectivo.

As galerias, para além da sua função cultural cuja importância tem sido justamente reconhecida, são também agentes daquele mercado e responsáveis pelo maior número de exposições efectuadas. Nesse sentido, poderemos iniciar por elas o levantamento da actividade artística em 1969, nos seus aspectos gerais e nos momentos de maior significado.

Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, a galeria de Arte Moderna teve actividade mais reduzida do que em anos anteriores, apresentando apenas três exposições até ao Verão passado (António Sena, Rocha de Sousa e Miguel Arruda). A Quadrante divulgou e apresentou a obra dos seguintes autores: Noronha da Costa (pintura), Rocha de Sousa (desenho), Ana Hatherly (escrita e desenho), Nelson Dias (pintura), Eurico Gonçalves (colagem), António Areal (objectos), Manuel Baptista (pintura), Rosa Ramos (objectos), Marilyn Reynolds (pintura) e uma colectiva de jovens autores. Desta actividade podemos destacar as exposições de Noronha da Costa, Manuel Baptista e António Areal. A galeria 111 apresentou Bartolomeu Cid (gravura), Aldina (esmaltes), Espiga Pinto (pintura), Karel Appel (litografias), Noronha da Costa (pintura), Costa Pinheiro (gravura), e Vítor Fortes (pintura e gravura). Na Buchholz assistimos a duas retrospectivas parciais de António Dacosta e Sousa Cardoso, além das exposições de autores estrangeiros (gravura), Helena Almeida (pintura), Vasco Costa (pintura), Manabu Mabe (pintura), Eduardo Nery (pintura), Álvaro Lapa (pintura), Noronha da Costa (pintura) e autores distinguidos com o Prémio Soquil. Do conjunto das apresentações destacam-se principalmente as exposições de Noronha da Costa, Eduardo Nery e as retrospectivas. A Interforma mostrou pintura de Bertino, desenhos de João Fragoso e Figueiredo Sobral, objectos de Dorita Castel Branco e Isabel Laginhas. Na S. Mamede assistimos a uma importante exposição de pinturas de Mário Cesariny, de desenhos de António Areal e pinturas de Carlos Calvet, desde 1946. Há ainda a assinalar exposições de Manuel Baptista (desenho), na Galeria de Arte Moderna e de Palolo (111) com pinturas a guacho.

Na Galeria Diário de Notícias podemos sublinhar particularmente as exposições de Nuno Corte Real, Gustavo Bastos e Maria da Luz Lino. A Interior, que desenvolveu sobretudo a exposição colectiva dos artistas João Abel Manta, Fernando Conduto, Maria Velez, Charrua, António Sena e Sá Nogueira, terminou o ano com uma exposição de desenho e colagem do pintor António Sena e deve apresentar ainda esculturas de Fernando Conduto. Na Sociedade Cooperativa de Gravadores houve a habitual actividade didáctica e algumas exposições de interesse, uma de Ian Colverson e outras colectivas de autores portugueses.

No capítulo das exposições colectivas, poderemos assinalar, como acontecimento ligado a um dos factos mais importantes do ano (a inauguração do novo edifício da sede e museu da Fundação Calouste Gulbenkian) a apresentação de um conjunto de obras de pintura de autores portugueses contemporâneos na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação. Das exposições levadas a efeito pela S. E. I. T., destaca-se a de desenhos de António Areal e manuscritos de Agustina Bessa Luís e o Salão Nacional de Arte, este ano rarefeito e pouco significativo.

A Sociedade Nacional de Belas-Artes, que tem apresentado um programa de acção muito contestado, manteve a sua Galeria de Arte Moderna a funcionar, assinalando no fim do ano duas exposições para a nova temporada, uma de Manuel Baptista e outra de jovens autores, com particular incidência no domínio dos objectos. Para além disso, a Sociedade anunciou há pouco tempo uma programação em torno do tema «Lisboa 70», que está já em curso. Com a responsabilidade daquele organismo funcionou a sua galeria Permanente, com obras de autores portugueses actuais, e algumas exposições de conjunto como a de Tapeçarias Francesas e a colectiva de Jorge Pinheiro, Ângelo de Sousa, José Rodrigues e Armando Alves. Em paralelo com a exposição de Tapeçarias Francesas, mas numa acção separada, a S. E. I. T. apresentou Tapeçarias Portuguesas actuais e fez a documentação do trabalho da Manufactura de Portalegre.

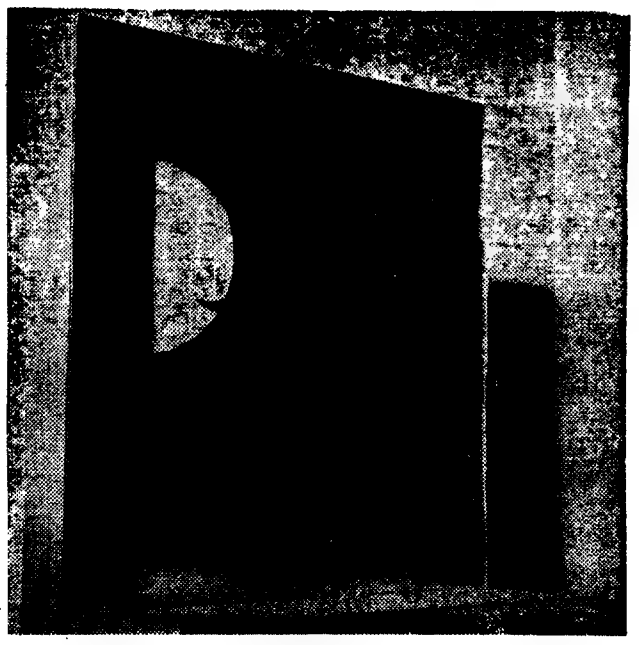
O Concurso de Artes Plásticas do Banco Português do Atlântico foi uma das iniciativas mais discutidas, pelo resultado traduzido em desníveis e pelo sentido da actuação o júri, revelando-se no entanto como uma das manifestações angulares da temporada. No mesmo sentido se deve assinalar a Exposição de Pintura Portuguesa em Cinco Colecções, promovida pela BP e que visa realizar a longo prazo um inventário criterioso naquele domínio. Também a Soquil atribuiu o seu Prémio de 1969, distinguindo Noronha da Costa, Eduardo Nery, Vasco Costa e António Palolo.

Assistiu-se, nas instalações da F. I. L., a uma exposição de Escultura Belga Contemporânea, a única deste género que foi possível trazer a Lisboa. Para o exterior, o País representou-se na Bienal de S. Paulo, numa Bienal de gravura em França e noutra em Cracóvia, bem como na Bienal de ilustração para literatura destinada à infância, em Bratislava.

Na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa foram apresentadas duas exposições, uma de desenho Universitário Internacional e outra do novo Centro de Gravura, com reproduções importantes do nosso património artístico naquele domínio. A Fundação Gulbenkian também apresentou, antes da inauguração da sua nova sede, uma exposição de desenhos da Academia de Carrara de Bérgamo, em selecção que se situava entre os séculos XV e XIX. Por outro lado, a retrospectiva mais importante que se levou a efeito entre nós, na data a que este balanço sucinto se refere, foi a de Bernardo Marques, planeada e realizada pela S. E. I. T.

Das dezenas de exposições assinaladas, num levantamento que cobre apenas a parte mais importante do que se passou em Lisboa e pouco refere à escala nacional, é possível concluir um saldo positivo no campo das artes plásticas. Trata-se efectivamente de uma actividade que tem sofrido um incremento notável e que registou, quase no fim do ano, o subsídio de mais uma galeria, a Judite Dacruz, que corresponde a uma iniciativa só possível dentro de uma recente perspectiva do mercado das artes e já apresentou duas exposições colectivas dos artistas João Vieira, Menez, Nuno Siqueira e Rocha de Sousa. Todos os aspectos aqui focados confirmam portanto o rumo assumido pelos artistas plásticos entre nós, na defesa simultânea de uma modernidade viva, activa e integrada por direito próprio no poder de crescimento da sociedade portuguesa.

António Palolo



Noronha da Costa

O ano tauromáquico

El «Terrible Perez»

NOMES e números, os do insuspeito e bem elaborado boletim do «Sector 1», já que a crítica é acusada, ao mesmo tempo, de maldosa e generosa, isto é, presa por ter e não ter cão. Assim, nos 68 espectáculos efectuados na metrópole:

CAVALEIROS DE ALTERNATIVA

Maldonado Cortes 25 (18) — Manuel Conde 24 (23) — David R. Telles 24 (30) — Veiga 17 (30) — Frederico Cunha 17 (8) — José M. Baptista 14 (16) — Varela Cid 13 (10) — Gustavo Zenkl 12 (3) — Fernando A. Salgueiro 12 (11) — Alfredo Conde 11 (13) Azarujinha 10 (8) — Espadanal 6 (1) — Lúpi 5 (21) — Vítor Ribeiro 5 (15) — Sabino Duarte 3 (1) — Ataíde 2 (20) — Mestre Núncio 1 (4) Louceiro 1 (0) — Manuel Jorge 1 (0).

Actuaram em Espanha, José Lúpi, Ribeiro Telles, Andrade Salgueiro, Alfredo Conde e Manuel Jorge.

Actuaram em França: José Lúpi, David Ribeiro Telles e José M. Cortes.

Actuou na Indonésia: José Manuel Cortes.

MATADORES DE TOIROS

José Simões 11 (12) — José Júlio 10 (23) — Armando Soares 9 (18) — Amadeu dos Anjos 8 (10) — Mário Coelho 7 (6) — José Falcão 5 (4) — Manuel dos Santos 2 (1).

Actuaram em Espanha: José Júlio e Falcão e no México, Armando Soares e Fernando Santos.

NOVILHEIROS E ASPIRANTES

Chibanga 7 (12) — Manuel António 6 (10) — José Manuel Pinto 1 (0) — R. Silva 1 (4) — C. Rosa 1 (10) — J. Nunes 1 (1) — P. Gonçalves 1 (0).

Actuaram em Espanha: Chibanga e J. M. Pinto, e no México Óscar Rosmano e Júlio Gomes.

FORCADOS

Santarém 16 (23) — Lisboa 15 (12) — Alcochete 11 (11) — Montemor 11 (17) — Tomar 11 (7) — Montijo 8 (7) — Tert. do Montijo 7 (5) — Ribatejo 4 (5) — Vila Franca 3 (6) — Portalegre 2 (0) — Tert. Ribatejana 2 (3) Moita 2 (2) — Salvaterra 1 (10) — Cascais 1 (0).

Nota — Entre parêntesis, no ano de 1968.

Juízo do ano? O ano não teve juízo, nem cá nem em Espanha, onde alguns toureiros se queixam dos empresários, e estes dos prejuízos sofridos, e que alcançaram aqueles nas desmontáveis. Agora parece estarem de acordo para 1970, mas são 123 os matadores de touros e mais 30 de recente alternativa, e entre aqueles o nosso José Falcão que somou 32 corridas que então serão 64, diz «K-Hito» e assim seja. E, dos cavaleiros, é José Lupi quem leva a palma da implantação do reinado da cavalaria,, com outros.

E por cá, dos cvaleiros-amadores, D. José João Zoia, que não quer ser profissional.

Dos touros não temos de que nos queixar por cá, e em Espanha marcaram tanto os nossos que já despontam invejas por lá, que em França só na Camargue.

Enfim, entramos em 1970 com uma certeza, a de que o espectáculo tem de ser embaratecido para que os empresários se não queixem de crise, de crise de púbzlico, do bom público que tudo suporta, menos de que muito lhe entrem na algibeira.

Os toureiros caros que se deixem pedir dinheiro na sua terra, se lá lho derem, que à nossa basta virem os modestos, que os outros são tão vaidosos que se não dignam fazer alguma coisa. Que venham os que, com boa vontade, sirvam para estímulo dos nossos, que ainda temos e alguns já esquecemos, como António dos Santos e José Trincheira que andam por África. E que voltem alguns bons cavaleiros, como Pedro Louceiro e D. José de Ataíde.

Balanço de um ano cinematográfico

Lauro António

Onde se fala de «os melhores», «os bons», «os ainda bons», «as revelações», «as decepções» e «os piores» de 1969

(Para o Eduardo Prado Coelho, companheiro de sina)

MAIS UM ANO passou, e a efeméride dá sempre lugar a artigos e comentários basto eloquentes e floreados, onde se diz o que foi, o que deveria ter sido, o que poderia ser e etc. Estes balanços palavrosos e muito inúteis, carregados de lugares-comuns alinhados em jeito de *r e l a n ce-topa-a-tudo*, revelam-se, geralmente, de nenhuma vitalidade crítica e de reduzidíssimo interesse. Fica-nos uma outra alternativa (incomportável nas páginas de um jornal diário), a qual seria analisar profundamente o tema abordado, extraindo dele todas s implicações que o mesmo encerra. Posto que:

a) de palavras-palavras estamos todos (salutarmente) fartos;

b) qualquer outra alternativa de balanço mais detalhado se coloca à margem das possibilidades práticas de um jornal.

Achamos que a única via possível de aqui relançear um ano cinematográfico com alguma vantagem para o leitor seria a de lhe facultar alguns elementos que sejam eles próprios outros tantos pontos de referência imediata. Assim, julgamos que será útil, interessante (mesmo recreativo) e, certamente polémico, oferecer aos leitores, neste fim de ano de 1969, algumas listas de preferência pessoal, que o autor destas linhas propõe à consideração de quantos o lerem ùnicamente como meras «listas de preferência pessoal». O abaixo assinado sabe que ser crítico de cinema nada mais é do que ser um espectador habitual (e habituado) de (e ao) cinema. Sabe ainda que «gostos não se discutem» (e por isso não costuma discutir os «gostos») mas sabe, também, que todas as opiniões (quando verdadeiramente «opiniões») se devem respeitar (ou deveriam) enquanto tal.

Dito isto, passemos a factos:

1. No ano de 1969, devem ter-se estreado entre nós cerca de 330 fílmes de fundo. Os números referem estatísticas caseiras (logo, falíveis), enquanto não possuímos dados oficiais (que só serão postos à disposição do público lá mais para diante). Não temos, também, os números exactos das estreias escalonados segundo os diversos países de origem, mas poderemos, desde já, afiançar que os que apresentaram maior percentagem de fílmes estreados no ano que agora finda, em Portugal, continuam sendo os E. U. A., a Itália, a França, a Alemanha e a Inglaterra, logo seguidos por outras cinematografias, como a espanhola, a mexicana, a argentina, a brasileira, a japonesa, a dinamarquesa, a russa e (evidentemente) a portuguesa.

2. Desses 330 fílmes que se estrearam, q u a n t o s mereceram, realmente, sê-lo? Vinte por cento? Trinta por cento? (aqui entrariam, também, em jogo os tais «gostos» que, sendo «discutíveis», não se discutem).

3. Vejamos, agora, quais *os melhores* fílmes estreados. A lista que se segue refere, por ordem alfabética, os 12 MELHORES REALIZADORES DO ANO.

— John BOORMAN: *DUELO NO PACÍFICO* (Hell in the Pacific);
— Claude CHABROL: *A MULHER INFIEL* (La Femme Infidèle);
— C h r i s t i a n de CHALONGUE: *O SALTO* (Le Saut);
— André DELVAUX: *O HOMEM DA CABEÇA RAPADA* (De Man Die Zijn Naar Kort Liet Knippen);
— Michel DEVILLE: *BYE, BYE BARBARA* (Bye, Bye, Bárbara);
— Gordon DOUGLAS: *O DETECTIVE* (The Detective);
— Carl Theodore DREYER: *A PALAVRA* (Ordet);
— Sam PECHINPAH: *A QUADRILHA SELVAGEM* (The wild Bunch);
— Roman POLANSKI: *A SEMENTE DO DIABO* (Rosemary's Baby) e *REPULSA* (Repulsion);
— Alain RESNAIS: *MURIEL* (Muriel) e *AMO-TE, AMO-TE* (Je t'Aime, Je t'Aime);
— Peter YATES: *BULLIT* (Bullit).

e ainda:

— Pier Paolo PASOLINI: episódio de *A MAGIA DA MULHER* (Le Streghe.

«O homem da cabeça rapada»

4. Para além destes («os melhores»), outros fílmes houve particularmente importantes:

— Richard FLEICHER: *O ESTRANGULADOR DE BOSTON* (The Boston Stangler);
— John FRANKENHEIMER: *O HOMEM DE KIEV* (The Fixer);
— Pietro GERMI: *DIVÓRCIO À ITALIANA* (Divorzio all'Italiana) e *SEDUZIDA E ABANDONADA* (Sedotta e Abbandonata);
— Gene KELLY: *HELLO, DOLLY* (Hello, Dolly);
— Arnold LAVEN: *NOITE DE VIOLÊCIA* (Rough Night in Jericho);
— Joseph LOSEY: *CERIMÓNIA SECRETA* (Secret Cerimony);
— Ralph NELSON: *CHARLY* (Charly);
— Sidney POLLACK: *CAÇADORES DE ESCALPES* (The Scalphunters);
— Karel REISZ: *ISADORA* (Isadora)

5. Convirá, ainda, assinalar mais uns quantos tituIos, que, de algum modo, suscitaram interesse:

— Hy AVERBACK: *A BORBOLETA VERMELHA* (I Love You, Alice B. Toklas);
— Claude BERRI: *O CASAMENTO* (La Marriage);
— Alain CAVALIER: *A CHAMADA* (La Chamade);
— Claude CHABROL: *CHAMPANHE ESCANDALOSO* (Le Scandale);
— Blake EDWARDS: *A FESTA* (The Party);
— Pierre ETAIX: *O GRANDE AMOR* (Le Grand Amour);
— Terence FISHER: *FRANKENSTEIN CRIOU A MULHER* (Frankenstein Created Woman);
— David GREEN: *O CASO STRANGE* (The Strange's Affair);
— John GUILHERMIN: *UMA NOVA CARA NO INFERNO* (P. J.);
— Anthony HARVEY: *UM LEÃO NO INVERNO* (The Lion in the winter);
— Ken HUGHES: *CHITTY, CHITTY, B A N G, BANG* (Chitty, Chitty, Bang, Bang);
— Alberto LATTUADA: *ESPIA SEM NOME* (Fraulein Doktor);
— Claude LELOUCH: *VIVER, AMAR, MORRER* (La Vie, L'Amour, La Mort);
— Robert MULLIGAN: *EMBOSCADA NA S O M B R A* (The Stalking Monn);
— Mario MONICELLI: *A RAPARIGA DA PISTOLA* (La Ragazza con la Pistola);
— Mike NICHOLS: *QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?* (Who's Afraid of Virginia Woolf?);
— Stuart ROSENBERG: *OS LOUCOS DO AMOR* (The April's Fools);
— Jacques D o n i o l VALCROZE: *O DESCONHECIDO DESEJADO* (Le Viol);
— Jacques TOURNEUR: *A CIDADE SUBMARINA* (City U n d e r the Sea);
— Franco ZEFFIRELLI: *ROMEU E JULIETA* (Romeo & Juliet).

6. Agrupamos, seguidamente, alguns bons fílmes, que constituíram, pela juventude dos seus autores, outras tantas REVELAÇÕES:

— D i c k CLEMENT: *ESPIÃO POR ACIDENTE* (Otley);
— Marcelo FONDATO: *OS PROTAGONISTAS* (I Protagonisti);
— William HALE: *A ROLETA DA MORTE* (Deadly Roulette), *DUELO DE VINGANÇA* (Gunfight in Abilene) e *7 HOMENS DO TEXAS* (Journey to Shiloh);
— John KRISH: *ESCORREGAR E CAIR* (Decline and Fall of a Bird Watcher);
— Joe MCGRATH: *A FELICIDADE DA SENHORA BLOSSOM* (The Bliss of Mrs. Blossom);
— P a u l NEWMAN: *RAQUEL, RAQUEL* (Rachel, Rachel);
— D. A. PANNEBAKER: *EU SOU BOB DYLAN* (Don't Look Back);
— Mark RYDELL: *A RAPOSA* (The Fox);
— Salvatore SAMPERI: *D E S E J O PERVERSO* (Grazie Zia);
— Ulrich SHAMONI: *ISTO ACONTECEU* (Es).

7. Depois das REVELAÇÕES, justo será falar das DECEPÇÕES, para o que necessário se torna explicitar o que se entende (aqui) por DECEPÇÃO, e que, no fundo, mais não é senão um certo sentido de frustração que a visão de determinadas películas (*a priori* possivelmente interessantes) justificou. Esse sentido de frustração foi particularmente visível nos seguintes títulos (sem qualquer ordem, que a não merecem):

— Robert HOSSEIN: *COMO MATEI RASPUTINE* (J'Ai Tue Rasputine);
— Jerry PARIS: *JERRY EM LONDRES* (Don't Raise the Bridge, Lower the River);
— Francis Ford COPPOLA: *O VALE DO ARCO-IRIS* (Finian's Rainbow);
— Martin RITT: *DOIS IRMÃOS SICILIANOS* (The Brotherhood);
— Lina WERTMULLER: *FALEMOS DE HOMENS* (Questa Volta Parliamo di Uomini);

«Barbarela»

— Jacques DERAY: *A PISCINA* (La Piscine);
— Serge BONDARTCHUK: *GUERRA E PAZ* (Voina y Mir — 3 episódios);
— G e o r g e SCHAFFER: *PENDULO* (Pendulum);
— Robert Ellis MILLER: *DOCE NOVEMBRO* (Sweet November);
— Francesco MASELLI: *MATA-ME DEPRESSA... QUE TENHO FRIO* (Faim Fretta ad Uccidermi... Ho Freddo), *OS INDIFERENTES* (Gli Indifferenti) e *QUE RICO PAR* (Ruba al Prossimo Tuo);
— Pietro GERMI: *SERAFINO* (Serafino);
— Duccio TESSARI: *O BASTARDO* (I Bastardi);
— Roger VADIM: *BARBARELA* (Barbarella);
— Ralph NELSON: *SOLDADOS A CHUVA* (Soldiers in the Rain);
— Sam WOOD: *POR QUEM OS SINOS DOBRAM* (For whom the Bell Tolls);
— Vittorio de SICA: *UM LUGAR PARA AMAR* (I Amanti);
— Robert PARRISH: *VIAGEM AO OUTRO LADO DO SOL* (Journey to the Far Side of the Sun);
— Hy AVERBACK: *OLHOS VERDES, LOURA E PERIGOSA* (The Great Train Robbery);
— Gregory TCHOUKRAI: *O 41.º* (Sorok Pervei).

8. O PIOR FILME DO ANO foi, evidentemente, *HELGA, O SEGREDO DA MATERNIDADE* (Helga), de E. F. Bender.

9. Para além dos 78 títulos atrás mencionados, era ainda possível falar de mais umas vinte obras curiosas (ou não) que poderiam também ser assinaladas. Tudo o mais, porém, não lembra ao diabo (que era outro). Por falar nisso: também houve do «chamado cinema português», que, por razões sabidas e outras por saber, não coube em qualquer das grandes divisões atrás referidas. Nem decepção foi nem nada.

AOS LEITORES:

A semelhança do que aconteceu no passado fim de ano, voltam, agora os leitores do «Diário de Lisboa» a ser convidados para nos enviarem as suas opiniões sobre OS MELHORES FILMES vistos neste ano de 1969. Basta para tanto remeterem-nos os títulos por vós seleccionados (para além das possíveis sugestões e críticas que acharem por bem nos endereçar, e que, desde já, agradecemos, na convicção de que tal convívio só poderá ser benéfico e útil).

O Solar das Angústias

Continuação da pág. 3

O chefe do bando hesitou alguns momentos, depois disse:

— Deixá-la dormir. Se o barulho a não acordou...!

E retiraram-se todos em bicos de pés. Dona Angústias fechou a porta.

Conhecedores da lenda do subterrâneo, martelaram polegada a polegada soalhos e paredes, removeram pipas e tonéis sonoros de vazios, abriram ou arrombaram portas à coronhada, e exploraram quantos armários, recessos e esconsos havia no Solar: não deram com ele nem com D. Nuno. Ao cabo de mais de duas horas de esforços baldados, a manhã rompia e a fome apertava-os.

A fidalga convidou-os então para a ceia, ou de jejum (dada a hora), que mandara servir na quadra do andar térreo da torre. Não fosse constar lá fora que os derradeiros Machados, empobrecidos como estavam, não acolhiam os próprios adversários com os requintes da antiga e pródiga hospitalidade que sempre os distinguira. Comendo e bebendo como lobos esfaimados, os homens comentavam entre si o insucesso da diligência. Não tinham ousado sujeitar a torturas a fidalga, como anos antes teriam feito, para lhe arrancar a confissão do paradeiro do filho. Iam sair dali com a barriga cheia, e as mãos a abanar. Dado que as informações que traziam eram das mais fidedignas, o D. Nuno só podia ter fugido pelo tal subterrâneo.

— E não deram com ele? — perguntou a fidalga.

— Nem sombras! — respondeu o chefe, com a boca cheia. — Mas ao rio é que ele não chega!

— Sempre ouvi falar do subterrâneo, mas nunca mo mostraram — tornou ela. — Mas lá que a lenda não morreu... Ainda se contam casos de fugas misteriosas.

Os homens, a ouvi-la, mastigaram mais devagar a perna de borrego e as fatias de presunto estufado com que ela os agasalhara, regadas com o último barril do bom vinho verde da casa.

— No tempo do senhor Dom João Quarto, um dos nossos avós foi acusado, com o duque de Caminha, o Lucena e outros mais, de conspirar para restituir o reino e a coroa aos castelhanos. Como esta noite, uma brigada de esbirros de el-rei assaltou o solar e passou uma busca rigorosa: sem resultado, porque, ao que dizem, o nosso tetravô se tinha escapulido pelo subterrâneo que ninguém já viu. Os donos da casa, sempre hospitaleiros, ofereceram-lhes um lauto banquete, nesta mesma sala. E no fim...

Fez uma pausa. Os homens tinham parado de mastigar.

— Alguém tinha deitado peçonha na comida.

— Peçonha?! — bradou o chefe, suspendendo a mão crispada no copo que ia levar à boca — Foram envenenados?...

— Não escapou um — prosseguiu ela, fleumática — Pagaram com a vida a violação dum lar sagrado, os insultos às mulheres, o susto que pregaram às crianças, os estragos que causaram, a intenção assassina em que vinham. Deus fez-lhes justiça.

Os homens entreolharam-se esgazeados, evitando engolir o bocado atravessado nos gorgomilos. Alguns sentiam já nas entranhas a corrosão do veneno, e anojados, cuspiam no prato ou no chão quanto tinham na boca. O chefe ergueu-se, derramou nas lajes o vinho do copo, e bradou:

— Se algum de nos aqui foi envenenado, do corpo lhe há-de sair! Da forca ninguém a livra, e desta casa não fica pedra sobre pedra! — e para os homens: — Andar!

Já eles, sem ter esperado a ordem, se tinham levantado também da mesa e, em grita, empurrando-se, tropeçando e esbarrando uns nos outros, saíam de roldão para o terreiro batido do sol nascente, onde uns vomitaram o almoço, outros meteram dedos às goelas para os imitar, e outros ainda arriaram as calças para aliviar o susto. Não tardou que todos tivessem desaparecido, e a paz reinou de novo no Solar das Angústias.

O dia ia alto quando os criados acabaram de limpar os vestígios do assalto e fuga. Dona Maria das Angústias foi então abrir a porta do quarto onde dormia a «irmã» recém-chegada: D. Nuno da Cruz Machado tirara a cabeleira postiça, pulou no chão a rir e disse:

— Eles deixaram alguma coisa que se coma?

Estava livre, e podia emigrar de novo — para ir morrer no exílio.

Que as lendas não falam verdade e a História se não repete: mais de oitenta anos corridos, já no nosso tempo, o incidente seria reproduzido quase ponto por ponto. Mas isso, como diz o já lugar-comum, é outra história, e não vem a pêlo contá-la agora.

JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS Nova York, 1969

Balanço de um ano de teatro

Cont. da pág. 6

por uma encenação confusa de Jorge Listopad, sem força nem invenção.

No novo Teatro Maria Matos, foi apresentado um original de Aquilino Ribeiro: «*Tombo no Inferno*». Para lá da má estruturação do texto (compreensível num autor em cuja obra o teatro tem importância mínima) deve tomar-se a má encenação de Igrejas Caeiro como outra decisiva explicação da má qualidade do espectáculo.

Eunice Muñoz

No plano da revista — género teatral incompreensivelmente desprezados pelos chamados «intelectuais» mas profundamente enraizado no povo, sallentem-se «*Elas é que sabem*», no ABC, pela magnífica montagem, e «*Esperteza Saloia*» e «*Mãos à Obra*», no Maria Vitória, pela qualidade do texto. Entre os nomes que este ano mais brilharam na revista lembremos José de Castro (uma estreia auspiciosíssima), Ribeirinho (um regresso que não pode deixar de entusiasmar os amadores deste tipo de teatro), Nicolau Breyner (um actor em constante progresso) e Eugénia Salvador (o grande e inimitável «compère»). Mas acima de todos, dois nomes: José Viana e Ivone Silva, dois actores diferentes, todavia encarnando ambos o que de melhor existe na nossa tradição revisteira. Ainda na revista, lembremos outra figura: Mário Alberto, cujo poder inventivo e cujo talento o impõem como um dos melhores cenógrafos portugueses.

Não valeria a pena falar na Companhia de Teatro Alegre de Henrique Santana, se não fosse «*Os elefantes não sentem as pulgas*». Trata-se de um texto simplório e pretensioso que fica como um dos piores momentos do teatro de 1969.

Quanto à companhia da Estufa Fria continuou a apresentar teatro de muito má qualidade, ao nível de originais, de realização e de interpretações.

«VOLPONE»: O GRANDE ESPECTÁCULO DO ANO

O teatro universitário deu-nos o melhor espectáculo do ano: «*Volpone*», de Ben Jonson, pelo Grupo Cénico da Associação de Estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, numa encenação de Adolfo Gutkin. O êxito dessa realização (lotações esgotadas no Politeama e no Villaret) foi o resultado de uma excelente encenação, inteligente e moderna. A presença de Gutkin apresenta-se-nos, assim, como um dos mais significativos acontecimentos do ano que agora finda e é cedo ainda para avaliar a importância do seu contributo ao teatro português. Não resta dúvidas, porém, é que a estada entre nós deste encenador argentino não pode deixar de constituir um factor de renovação e de desenvolvimento do nosso teatro.

Bernardo Santareno e Sttau Monteiro

Ainda dentro do teatro Universitário há que salientar duas realizações: uma, «*Anfitrião*», de António José da Silva, pelo Grupo Cénico da Faculdade de Letras, com encenação de Luís Miguel Lindley Cintra, também um espectáculo moderno e inteligente que impõe o seu realizador como uma das grandes esperanças da nova geração; outra, a comovente realização dos estudantes do Instituto Superior Técnico, intitulada «*O racismo não existe*», autêntica porta para um teatro popular e actuante e empenhado no nosso tempo e na nossa sociedade.

No teatro amador apresentado em Lisboa salienta-se «*Silva Vicentina*», pelo Proscenium (uma interessantíssima experiência de restituição de Gil Vicente ao povo, numa linha quase revisteira) e «*Albergue Nocturno*», de Gorki, pelo Grupo Dramático Avintense (um inteligente, forte e depurado espectáculo dirigido por Monteiro Meireles).

Do teatro francês que pôde ser visto em Lisboa só um espectáculo merece referência: «*Pigmalião*», de Bernard Shaw, com Pierre Vaneck; o resto foi apenas teatro de «boulevard», apenas um pouco mais experimentado e com mais ritmo do que é uso entre nós.

A fechar lembremos alguns acontecimentos do ano de 1969: a estada em Portugal de Ricardo Salvat, grande encenador catalão (dirigindo o CITAC de Coimbra), o regresso, por curto período, de Luís de Lima (que esteve à frente do TEUC, também de Coimbra) e a visita de três elementos do magnífico «Piccolo Teatro de Milano», que actuaram no Maria Matos. Recordemos ainda o lançamento da «*História do teatro português*» da investigadora italiana Luciana Stegagno Picchio, que, para o efeito, se deslocou a Portugal e, finalmente, a morte de dois dramaturgos que foram grandes escritores portugueses: Alves Redol e José Régio.

JOAQUIM BENITE

O ano radiofónico

(Contin. da pág. central)

Quarteto 1111 por um novo prisma interpretativo, perturbada a época do Quinteto Académico e **acorrentado** Thilo Krassman a «Zip-Zip», surgiu a Filarmónica Fraude, e palpitam (hesitantes), o Música Novarum, o Sindicato, o Emotion, o Intróito, o EFE 5 e o Jota Erre (a quem Paul McCartney deu a **graça** de uma composição, que não chegou para **lançar** o agrupamento). A Filarmónica Fraude parece-nos o conjunto de melhor porvir, agora que o «yé-yé» está a dar as últimas.

PROBLEMAS E ESPERANÇAS

COMPOSITORES ? REPORTÓRIOS ? Aí reside uma das grandes asfixias da música nacional. Tirando as parcerias revisteiras (que produzem para consumo teatral, e continuam quase só a cargo de Carlos Dias e João Nobre, por afastamento de Frederico Valério) restam Ary dos Santos, Nuno Nazaré Fernandes, Maria Teresa Horta, Nuno Filipe, Tossan, Pedro Jordão, Joaquim Pedro Gonçalves, Pedro Osório e Alberto Janes, embora os que mais lucros **tenham** recolhido se **chamem** Eduardo Damas, **Manuel** Paião, Nóbrega e **Sousa**, Joaquim Pimentel, **António** Campos, Manuel **Viegas**, António José, **Ferrer** Trindade e João **Vasconcelos**. Mas a maioria dos intérpretes despreza a qualidade, preferindo a vulgaridade.

INSTRUMENTADORES E DIRECTORES: sobram-nos dedos para a escolha. Tavares Belo, Joaquim Luís Gomes, José Mesquita, Thilo Krassman, Jorge Costa Pinto, Ferrer Trindade, Jorge Machado, Santos Rosa e David Teller são os mais pretendidos, enquanto Filipe de Brito está a sofrer os efeide uma **guerra surda.**

A E. N. aumentou a sua rede com os novos emissores de Vila do Conde. O Rádio Clube Português foi autorizado a construir um centro emis-

Fernando Tordo

sor de ondas curtas. Os Emissores Associados passaram a dispor de melhores instalações e a Rádio Renascença está a apetrechar-se. Mas a qualidade dos programas não se altera, imperando a propaganda de ideias fixas ou o sistema disco-anúncio-disco-anúncio.

OS ESPECTÁCULOS DE «MUSIC-HALL» são quase uma saudade, ressalvando-se a remota actividade de Eduardo Loureiro, ao leme das realizações da E. N. Mas, uma aflitiva falta de textos e de cenarização transformam boas ideias em novos **serões para trabalhadores,** esquecida a máxima de que Rádio pode (e deve) ser Vida, Animação, Cor.

NO AMBITO DA LOCUÇÃO, frise-se a saída de Eugénia Maria de «Talismã», e a consequente entrada de Maria José Baião. A vanguarda continua com os mesmos nomes: Maria Leonor e Artur Agostinho (este, agora, fora do quadro efectivo da emissora oficial), Fialho Gouveia e Carlos Cruz, Pedro Moutinho, João Martins, Isabel Wolmar, Manuela Paulino, Gioconda Ferreira, Alice Cruz, Maria Eduarda, Ma-

Maria Valejo

ria Fernanda, Maria Manuela, Rui Castelar, Carlos Lacerda, Gomes Ferreira, Henrique Mendes, Jorge Alves, Joaquim Pedro, Fernando Correia, Paulo Fernando, Alfredo Alvela e Armando Marques Ferreira. Uma aragem fresca em João Paulo Guerra, Rui Romano, Carlos Silva e Manuel Aragão.

INTERROGATIVAS E FACTOS

PORQUE EM MATÉRIA DE PROGRAMAS, «Em Órbitra» desiludiu o seu publico. A remodelação de P. B. X. não o melhorou. O serviço de noticiários de R. C. P., impulsionado por Luís Filipe Costa, não perturba a paz de espírito de idêntico sector da E. N., que continua antiquado. Restando «1-8-0» e «Impacto» como programas válidos, fica-se com a ideia de que para além de divulgarem musicas, intérpretes e compositores portugueses, haveria qualquer coisa a tentar em «Talismã», «Onda do Optimismo», «C. D. C.» «A noite é nossa». Ou, ainda, pelo exuberante Vitor Espadinha.

UMA PALAVRA para citar três imitadores que reflectem as predilecções do publico por um género que requer espírito de observação. Falamos de Daniel Garcia, José Pracana e Xavier de Oliveira que constroem o reportório á custa da dissecação crítica de vultos conhecidos.

A MORTE, em 1969, veio buscar António Menano, Carlos Ramos, Fernando

Simone

Frazão, Humberto de Magalhães, Patrício Álvares, Carlos Belo e Mirene Cardinalli.

OS FESTIVAIS DE CANÇÕES tornaram-se corriqueiros e banais, tal a profusão com que nascem por esse mundo fora. Para além dos que terminaram sem glória a passagem terrena (Aranda Del Duero, Porto, Espinho) outros alternam o razoável com o péssimo (**Braga**, Orense) enquanto **um punhado deles arregimenta** qualquer nome de qualquer país para completar o seu cartaz (Malta, Andorra, Benidorm, Barcelona). A certames ainda em fase de prospecção de mercados (Split, Cidade do México, Viña del Mar, Taormina), ou de comercialismo puro (Rio de Janeiro, San Remo, Atenas), nós opomos o festival da Figueira da Foz (cuja nona edição foi bastante pobre). uma paródiazinha

Padre Fanhais

que parece realizar-se anualmente em Luanda ou a maratona-pop da Costa do Sol.

CHEGAMOS ASSIM ao facto do ano: a aceitação da balada como um veículo para personalizar a musica portuguesa.

Ao intérprete mais optimista, que não fique amordaçado ao «dolce far niente», resta a esperança de que a R. T. P. prossiga com representação no Eurofestival. Ou, já dentro de outra certeza, que seja incluído nos elencos itinerantes de Artur Pereira e Emílio Mateus, alimentadores (das plateias portuguesas nos Estados Unidos e Canadá. Ou que Joaquim Saraiva os contrate para o «Lisboa á Noite», no Rio de Janeiro.

E com estas miragens, o ano disse adeus aos nomes da rádio portuguesa.

NEVES DE SOUSA

Tremor de terra e eleições

(Continuação da pág. 5)

nicações inaugura novas instalações. O Conselho de Ministros aprova o decreto-lei que altera algumas das disposições da lei eleitoral. É marcado o dia 26 de Outubro para a eleição geral para deputados á Assembleia Nacional. Começam a ser apresentadas candidaturas oposicionistas ás eleições de Outubro.

É aprovado o projecto do edifício para a faculdade de Economia do Porto, para uma população escolar de 2500 alunos. Um incêndio destrói barracas em Olivais do Sul, Lisboa.

O Conselho de Ministros autoriza o fundo de renovação e apetrechamento da industria de pesca a contrair na Caixa Geral de Depósitos um empréstimo de 176 mil contos.

Morreram em Lisboa o dr. Pedro Monjardino e o dr. José Soares da Fonseca.

OUTUBRO

O Chefe do Estado inaugura a nova sede da Fundação Gulbenkian, em Lisboa. É exonerado a seu pedido o embaixador Franco Nogueira do cargo de ministro dos Negócios Estrangeiros, assumindo interinamente aquela pasta o prof. Marcello Caetano. Comemorou-se em todo o país, com cerimónias oficiais e particulares o 59.º aniversário da implantação da Republica.

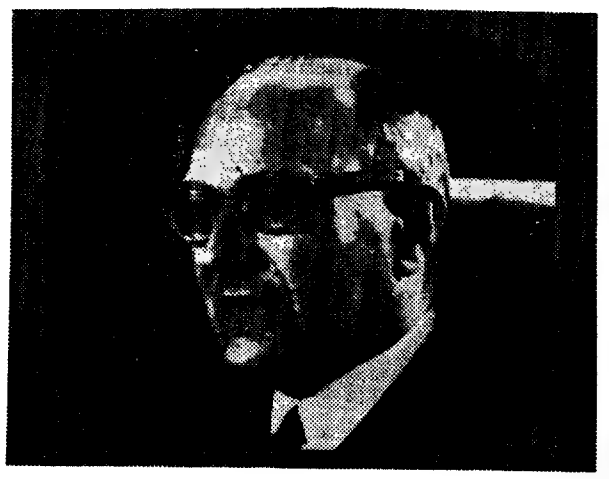
Em Leixões, o presidente da Republica inaugura o terminal marítimo para petroleiros. O Conselho de Ministros decidiu autorizar a abertura de concurso publico para a construção e exploração de auto-estradas. Em Lisboa começa a funcionar um novo teatro: o Maria Matos, com a peça «Tombo no Inferno», de Aquilino Ribeiro.

No dia 24, dois dias antes das eleições, o professor Marcello Caetano proferiu um discurso político através da Rádio e da Televisão, a propósito do momento eleitoral. No dia 26 efectuam-se as eleições para deputados, tendo a U. N. ganho em todos os círculos. Portanto, na X Legislatura, a Assembleia Nacional continuará a funcionar sem a presença de deputados da Oposição.

NOVEMBRO

No dia 4 o ministro do Interior reune-se com os governadores civis do continente e ilhas. Constitui-se em Angola a Companhia Ultramarina de Diamantes (DIAMUL) constituída por um grupo norte-americano e outro português, com o capital inicial de 15 mil contos e que se destina á exploração de pedras preciosas. O «Diário do Governo» publica o decreto-lei que promulgou o regime jurídico de fiscalização das sociedades anónimas, que entrará em vigor, em 1 de Janeiro de 1970.

É aprovado o decreto-lei que passa a considerar simples transgressão a emigração clandestina. O Conselho de Ministros decidiu extinguir a P. I. D. E. e criar em sua substituição a Direcção-Geral de Segurança.



O prof. Marcello Caetano numa das suas já habituais «conversas em família»

O Conselho de Ministros aprova os diplomas relativos á situação do funcionalismo civil e militar. É publicado um decreto-lei que altera os vencimentos do funcionalismo publico. É eleito presidente da nova Assembleia Nacional o eng. Amaral Neto, que sucede ao prof. Mário de Figueiredo.

Morre em Lisboa o escritor Alves Redol.

DEZEMBRO

Sob a presidência do Chefe do Estado, é inaugurada oficialmente a X Legislatura da Assembleia Nacional e Câmara Corporativa. Um edifício de sete andares, no valor de 50 mil contos é adquirido para nele funcionar o curso de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa. Dias depois uma informação do Ministério da Educação Nacional diz que alguns grupos de alunos da Faculdade de Letras da capital, em relação com a referida aquisição, provocaram a paralisação das aulas. Regressa a Portugal a escritora Maria Lamas.

A Assembleia Nacional aprova, após um longo debate, a Lei de Meios para 1970.

1969—Ano de esperança

(Continuação da pág. 5)

Vietnam, a ofensiva do Tet, em 1968, atribuída a Giap, aparece como um facto aparentemente decisivo.

Quanto aos dois principais vencidos de 1945 — a Alemanha e o Japão — voltam a alinhar entre as grandes potências económicas e a India atravessa uma fase crucial, tendendo para o socialismo pela mão de Indira Gandhi.

FICÇÃO CIENTÍFICA

No que diz respeito ao desarmamento, a progressão das conversações dissipou um pouco a atmosfera apocalíptica e de ficção científica criada pelo desenvolvimento das armas atómicas e dos foguetões estratégicos, combinado com o aperfeiçoamento dos processos de guerra química e bacteriológica.

A chegada do primeiro homem à Lua (Neil Armstrong) simbolizou o progresso científico e tecnológico

No entanto, sob o manto dos eventos políticos, os anos 60 registaram movimentos sociais e transformações que anunciam uma «civilização diferente», da qual a década de 70 promete dar um sabor mais definido. A TV — a cultura do audiovisual — domina. A Mundovisão surge como um dos aspectos da planetização que McLuhan interpreta como a transformação da Humanidade numa imensa tribo.

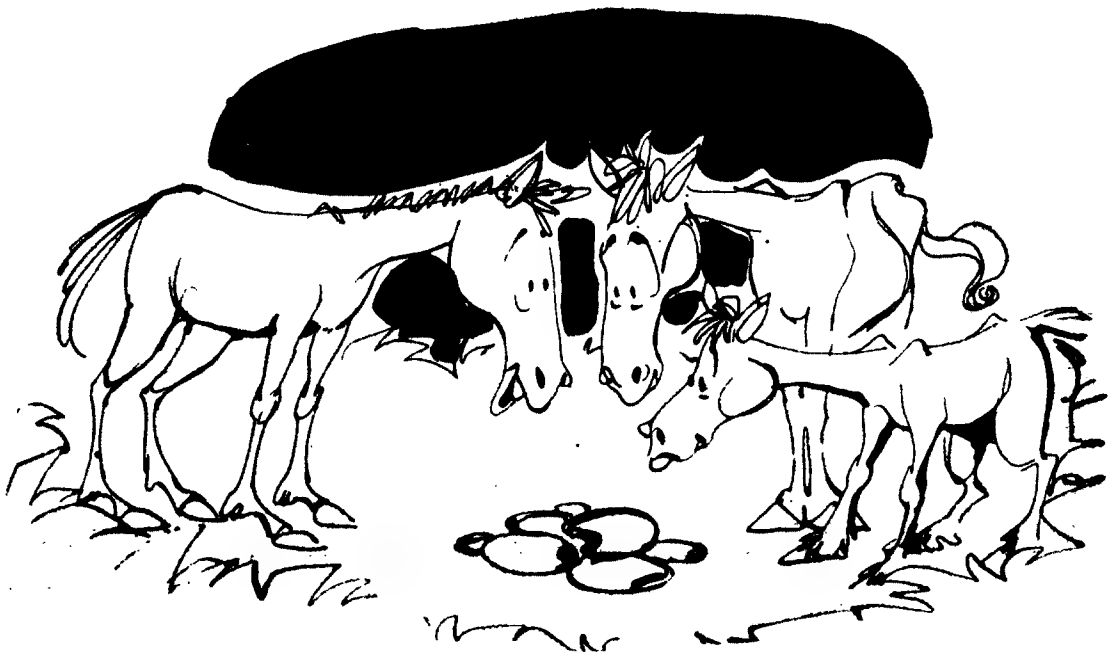
No domínio científico, as transplantações cardíacas e o isolamento de um gene, pela primeira vez, este ano, somado á decifração do código genético dão á biologia um impulso cujas consequências talvez venham a afectar a evolução humana.

A década de 60 teve a conquista da Lua como fundo. Nos anos 70, presenciaremos provàvelmente o desbravar de mais amplos horizontes humanos.

NUNO VIEIRA

Desenhos de Zé Manel

— Mais um ano... É isto que nos faz velhos, menina, é isto que nos faz velhos...



— Vê lá se alguma fava traz bolo-rei...

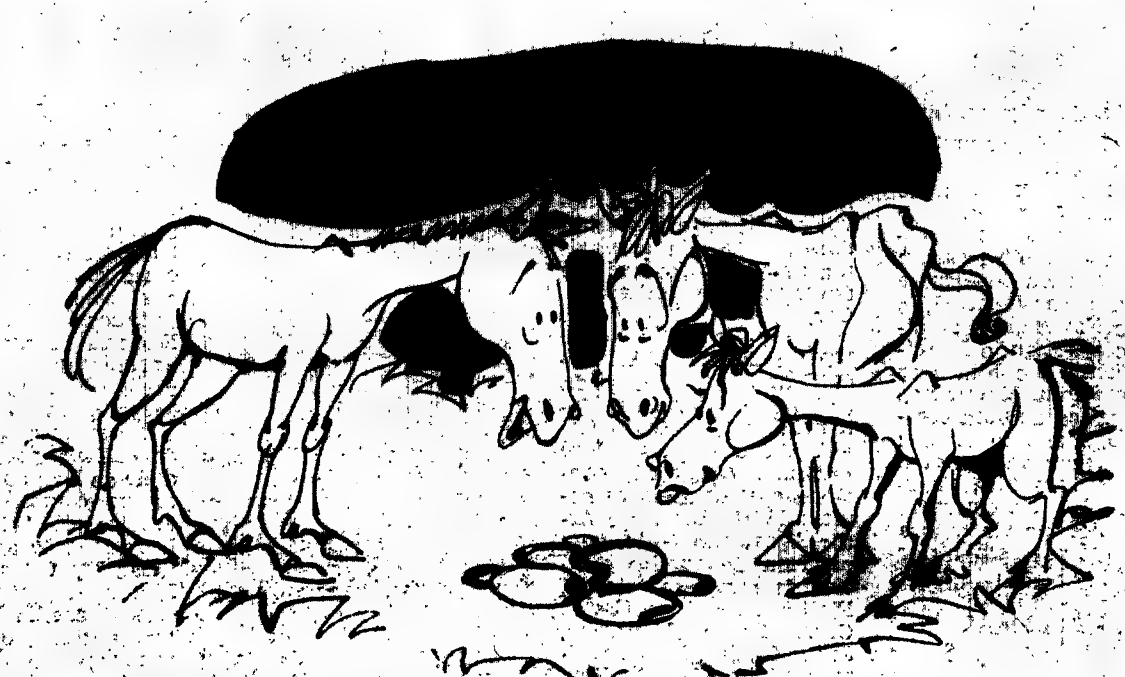
— Mas avô... não é necessário que seja monárquico para comer uma fatia de bolo-rei...

— ...Muitas mortes e próspero negócio em 1970, coro sócio...

— ...E após esta estupenda e despendiosa ceia de fim de ano, vamos ter uma conversa em família acerca das medidas de austeridade a tomar no ano em que acabamos de entrar!...

Desenhos de Zé Manel

— Mais um ano... é isto que nos faz velhos, [illegible] é isto que nos faz velhos...



— Vê lá se alguma fava traz bolo-rei...

AO BATER DA MEIA-NOITE

— Mas avô... não é necessário que seja monárquico para comer uma fatia de bolo-rei...

— ...Muitas mortes e próspero negócio em 1970, caro sócio...

— ...E após esta estupenda e despendiosa ceia de fim de ano, vamos ter uma conversa em família acerca das medidas de austeridade a tomar no ano em que acabamos de entrar!...

O PASTORINHO
de Pablo Picasso

Entre nós...

EM VOZ ALTA

HÁ DIAS, uma senhora comentava divertida um episódio acontecido no cabeleireiro. Entre uma lavagem e uma mise, fora sendo posta a par — indirectamente — da vida matrimonial de outra cliente, que, falando alto com a manucure, ia informando uma sala inteira das suas desavenças com o marido. A senhora em questão, enfim, a comentadora do caso, estava numa loja á espera que lhe trouxessem um «bâton», não sei de que cor difícil, pelos vistos, de encontrar, e ia contando a história á amiga que a acompanhava. E a loja inteira ouvia.

Aquilo deixou-me pensativa. Porque nós sorrimos dos outros, mas de nós?... De nós nunca, até, porque não nos vemos nem nos escutamos. Já ouviram a vossa voz no gravador? Que coisa esquisita! E aquela fotografia — detestável — que toda a gente insiste em achar excelente?

A senhora comentando na loja o que se passara no cabeleireiro não tinha a noção de que fazia também a sua pequena charla e, se lho dissessem, era capaz de ficar muitíssimo ofendida.

Assim somos nós.

A. M.

Atenção, os aromas vêm ao ataque

ESTÃO A CHEGAR um dia destes. No estrangeiro estão a dar boas provas no comércio, boas provas para os vendedores, claro. Porque os produtos são os mesmos que antes, só com um cheirinho.

Aqui há tempos, uma grande loja londrina vendeu meias perfumadas com aroma de lilás e outras, iguais, sem aroma. Foram as primeiras as vencedoras. Há quem pense em malas e sapatos de plástico com forte cheiro a cabedal, e em tapetes perfumados a urze dos campos.

Existe nos Estados Unidos um supermercado, onde a secção de venda de café tem o chão completamente revestido de café em grão. Os clientes, atraídos pelo forte aroma, não resistem a beber a sua chávenazinha antes de sair.

Enfim, o comércio que nada tem a ver com perfumes, começa a vender entusiásticamente cheiros. Preparemo-nos, pois, os aromas vêm ao ataque. É um pouco mais caro mas... cheira bem.

DA MULHER E DA CRIANÇA

Os gregos de ouro

CHAMAM-LHE «os gregos de ouro» e nada pode defini-los melhor. Na realidade os seus nomes são Onassis, Niarchos, Livanos, Goulandris. São os grandes armadores mediterrânicos. As mulheres deles são belas, fascinantes, inteligentes e conhecem o mundo. Todos eles gastam loucamente, mas as suas fortunas crescem sem cessar. Onassis gastou num só ano com Jackie uma soma quase inacreditável, mas não dorme pior por isso. «Os gregos de ouro» mantiveram-se numa luxuosa discreção até ao dia em que Aristóteles Onassis se apaixonou pela Callas. O divórcio entre ele e Tina Livanos (filha de armadores) foi muito falado, assim como o casamento de Tina com o marquês de Blandford, e depois a união tão

(Continua na página 4)

Sartre era um rapazinho descomplexado que lia muito. É hoje um dos maiores escritores da actualidade.

Walter Schirra foi um menino vulgar embora apaixonado pela técnica. Hoje é astronauta.

A CRIANÇA MAIS TARDE

COMO SERÁ o nosso filho quando crescer? Perguntam todos os pais deste mundo. E alguns pensam mesmo: Será ele um homem importante, uma mulher notável?

Não há maneira de o saber. Mas, se voltarmos o problema ao contrário podemos procurar a infância dos homens hoje célebres. Que tipo de crianças foram eles? Criança genial? Quase nunca Lyndon Johnson, o Papa Sartre, etc., foram crianças com personalidade marcante e carácter bem definido, mas crianças como as outras.

No entanto há características que parecem ter todas as crianças que mais tarde se notabilizaram (no bom sentido da palavra). Na verdade não eram vaidosas nem falsas. Eram emocionalmente estáveis, disciplinadas, respeitavam a autoridade escolar, eram imaginativas, curiosas, atenciosas, cooperadoras e sempre dispostas a aceitar sugestões. Tinham sentido de humor pronunciado e eram perseverantes, generosas, desinteressadas e afectivas.

Se o seu filho tem todas estas qualidades pode ser que ele seja mais tarde uma pessoa notável. Mas a leitora pode concorrer para que o seu filho-criança seja assim, dando-lhe um ambiente propício em que a autodisciplina e a força de vontade sejam aceites por ele, sem que isso o ou a si a rprssõ pritaoin leve a desastrosas inibições ou a si a repressões perigosas.

CASACO EM LÃ PRÍNCIPE DE GALES GIGANTE COM BANDAS GRANDES E ARREDONDADO NA ORLA PARA VESTIR COM CALÇAS. MODELO DE KATRIN, ITÁLIA

A nova máquina de lavar roupa PHILCO
agora com o PROGRAMA BIOLÓGICO !!!

À venda na
SUPERMANOS
Largo do Mastro, 3 a 9 — LISBOA
Distribuidores Gerais em Portugal:
APARTADO 139 — PORTO

FÁBRICA DE PELES
ESTRELA M. L.
MARTINHO, LDA.

Apresenta a
GRANDE
NOVIDADE
PARA HOMENS
E SENHORAS

★ casacos
DUBLE-FACE
Modelos inéditos
A VENDA NAS PRINCIPAIS CASAS DE MODAS DO PAÍS

Fábrica e Escritório:
Est. de Benfica, 382-A
LISBOA

«AO PÚBLICO»
Durante o período das festas aproveite os bons preços que a OURIVESARIA
SANTOS CATITA, LDA.
R. DAS PORTAS DE SANTO ANTÃO, N.º 44
faz nos seus artigos de Prata, Ouro e Jóias
VEJA E CONFRONTE
GRANDE SORTIDO EM 2.ª MÃO

ADÃO, CAMISEIROS
ADÃO JUVENIL
RUA AUGUSTA, 240 — 36 61 18 P P C
Aos Ex.mos Clientes, desejam Baos-Festas e Feliz Ano Novo

Dr.ª Elina Guimarães

A MULHER E O SALÁRIO

O DECRETO-LEI n.º 49.408, de 24 de Novembro ultimo, sobre o novo regime juridico do contrato individual de trabalho, que modifica o regime actual, sem trazer á mulher nenhuma novidade sensacional, é todavia merecedor de atento estudo e, sobretudo, de divulgação.

Com efeito, ele reedita o justissimo principio de igualdade de salário entre os sexos que já fora promulgado em 1966, pelo Decreto-Lei n.º 47 032, art. 115.º, al. a), pelo qual era assegurado á mulher: «receber, em absoluta igualdade de condições e idêntico rendimento de trabalho A MESMA RETRIBUIÇÃO DOS HOMENS».

Hoje a lei, art. 116.º do referido decreto, diz: «É GARANTIDO AS MULHERES O DIREITO DE RECEBER EM IDENTIDADE DE TAREFAS E QUALIFICAÇÕES E IDENTICO RENDIMENTO DE TRABALHO A MESMA RETRIBUIÇÃO DOS HOMENS».

O próprio preambulo da lei, n.º 3, al. e), declara tratar-se de:
«UMA AFIRMAÇÃO MAIS PRECISA DO PRINCÍPIO DA IGUALDADE DE RETRIBUIÇÃO PARA A IDENTIDADE DE TAREFAS E QUALIFICAÇÕES».

É naturalmente de desejar que tal principio seja aplicado mas também que seja conhecido.

Uma das satisfações — raras — que a passagem do tempo me trouxe, foi a confortadora certeza de já não estar só nas lides feministas. Quando, já lá vão quatro décadas, eu praticava com certa regularidade jornalismo feminista, quase só existia o jornalismo feminino, escrito por respeitáveis senhoras muito mais velhas do que eu, as quais preconizavam a doçura, a submissão e, sobretudo, o bem-estar do lar, como fim e ideal unico da mentalidade feminina. A mulher era e devia ser apenas uma «frágil flor»... (A dizer a verdade, elas pareciam muito mais granadeiros do que «frágeis flores»). Eram solteiras, enquanto que eu já era casada o que, evidentemente, não me conferia nenhuma superioridade, mas maior experiência em assuntos familiares.

«Então porque escrevem?», perguntava-lhes eu. Se eu o faço é porque penso o contrário e sou coerente... Se entendesse que só devia viver para o lar, fazia-o... calada.

Hoje já não leio prosa deste género, mas o que vejo com frequência é reclamações sobre a necessidade de incsrever na lei o principio do «salário igual», que já lá figura desde 1966!

Isto tem importancia, porque desautoriza a pessoa que escreve e as eventuais reclamações que lhe acrescente.

Não quero de maneira nenhuma dizer que a situação está resolvida e tudo corre pelo melhor.

Não basta que a lei enuncie um principio: torna-se necessário que sua profissão. O remédio, diz Bareste seja aplicado. É neste ponto que se deve insistir. O facto de a lei aceitar este princípio dá imediatamente base a qualquer reclamação e, portanto, a sua importancia não é meramente teórica.

Nos Estados Unidos existe, desde 1964, uma lei deste género, cuja falta de concretização foi já focada num artigo da revista «Selecções».

Na Inglaterra, o actual e popular ministro do Trabalho, Barbara Castle, tem-se desde 1954 batido com denodo por este principio mas, apesar disso, os salários femininos ingleses ainda são inferiores na ordem de 60 por cento em relação aos masculinos. No entanto, graças aos esforços das deputadas, está em estudo um reajustamento progressivo dos salários na industria, que deverá levar á igualdade completa em 1975.

Esta situação injusta tem-se mantido, porque só uma quarta parte das mulheres trabalhadoras se inscreve na «trade-union» da bara Castle, é «organização e não lamentações».

Temos, portanto, razão de estar satisfeitas por existir esta importante arma legal que todavia de nada servirá se for ignorada.

O aludido decreto-lei contém mais disposições que também não são novidade, mas nem por isso perdem o interesse.

Falaremos delas noutra ocasião.

Mas podemos já dizer que nelas se manifesta o curioso dualismo pelo qual se considera que o homem trabalha pela familia e a mulher contra a familia! No art. 116.º do Decreto-Lei n.º 47 032 e no art. 119.º do Decreto n.º 49 408, de que já falámos, diz-se que o trabalho feminino só pode ser condicionado «Para salvaguarda da sua saude ou moralidade ou DEFESA DA FAMILIA».

E eis o que sobre o assunto diz a competente — e sensata — Barbara Castle: «Nenhum membro da familia deveria ser sacrificado, incluindo a mulher...»

Penteado para a passagem do ano

Se tem cabelos muito compridos ou um «postiço» longo, eis um penteado bonito e simples de executar, para o «reveillon». Criação de Manghi

A criança e a máquina

A CRIANÇA sente-se atraída e até deslumbrada pela máquina de escrever, instrumento misterioso que escreve sem caneta. Gostaria imenso de lhe mexer, mas a máquina pertence aos adultos, que têm um medo louco que a criança a estrague com a sua inexperiência. Daí a proibição, daí a atracção.

Ora a máquina de escrever, para os adultos instrumento de trabalho quantas vezes aborrecido, pode ser para a criança um brinquedo deslumbrante. Claro que essa classificação de «brinquedo» é que nos assusta com o que isso pode implicar de maus tratos e até tentações de ver como é feita. A máquina nas mãos do seu filho terá de ser vigiada por si, se não arrisca-se a qualquer aborrecimento. Mas um dia em que esteja disponível, dê início ao «curso». Ensine-o a mexer na máquina, explique-lhe como se escreve e, claro, não espere que ele seja um dia destes óptimos dactilógrafo. Mesmo com um dedo só a criança fica entusiasmada. Se tiver mais do que um filho, organize um jogo. O que escrever umas tantas palavras — poucas —com menos erros, em determinado espaço de tempo, ganhará um prémio. As crianças (e os adultos) adoram a competição. Durante esse tempo os seus filhos estarão tranquilos e o jogo terá utilidade.

A máquina é hoje considerada instrumento didáctico em muitos países e em muitíssimas escolas. Ela é util porque tira á criança a preocupação exagerada de ter uma bela caligrafia, e obriga-a a pensar muito bem antes de escrever porque qualquer erro implica uma correcção cansativa. As crianças que escrevem á máquina redigem com mais facilidade do que as outras, porque a máquina as obriga a um tipo de ginástica mental muito util.

COM LACK GELEE
AS PELES DE VERNIZ NÃO ESTALAM
E RECUPERAM O BRILHO
CHEGOU NOVA REMESSA
PRAÇA DA FIGUEIRA, 12-C

A DEFESA E OS DIREITOS DA CRIANÇA IMPÕEM-SE LOGO NA FASE PRÉ-NATAL

A MULHER que vai ser mãe precisa de ser assistida convenientemente para que possa dar à luz um filho são e capaz de enfrentar um mundo hostil onde as contradições se agudizam cada vez mais. Devido às dificuldades económicas as crianças nem sempre são desejadas e recebidas como seriam noutras condições mais propícias. O nascimento duma criança implica uma responsabilidade não só familiar como social. A família, muitas vezes, e também por não estar preparada, abandona a criança ao seu destino e ela vive, para aí, sem assistência educativa nem carinho. Cresce. Transforma-se num indivíduo frustrado, cheio de ódio que não percebe a sua capacidade de transformar o mundo e a sua acção de «sujeito» da história.

Verifica-se assim, no nosso país, uma taxa bastante elevada de delinquência infantil e juvenil que está relacionada com o baixo nível económico dos delinquentes, os maus tratos familiares, a situação de abandono e desamparo, a filiação ilegítima, o não acesso á instrução e educação.

MENORES JULGADOS EM 1968

TOTAL	2795
Sexo masculino	2425
Sexo feminino	370

Entidade promotora ou participante

Juiz	109	Parentes	389
Curador	455	Autorid. policial	1500
Pai e mãe	203	Outra autoridade	139

Situação que provocou a actuação do tribunal

Maus tratos e abandono	4	Mendicidade vadiagem e libertinagem	342
mau comportamento e indisciplina	17	Transgressão	159
Inspecção criminal	2222	Não adaptação ao trabalho	51

FILIAÇÃO

Ilegítima (2618)
legítima (144)
incógnita (32)

INSTRUÇÃO

Ensino primário — 1567
Ensino secundário — 26

MULHERES QUE MORRERAM POR COMPLICAÇÕES DE GRAVIDEZ E NASCIMENTO

Em 1968 registaram-se 200 731 nascimentos sendo 104 335 do sexo masculino e 93.360 do sexo feminino.

Neste total verificaram-se 144 mortes de mulheres sendo 70 em hospitais e 74 no domicílio e outros locais.

A mulher do campo que vive em lugares afastados dos centros citadinos tem os filhos em casa, assistido pelos familiares ou por uma pseudo-parteira. Algumas horas ou dias após o parto volta ao trabalho sem ter o devido «resguardo». A criança fica sòzinha em casa ou aos cuidados do irmão mais velho, também criança, e a mãe vai para o campo cavar a terra ou ceifar o trigo.

Estas mulheres, precocemente envelhecidas por um trabalho duro e partos sucessivos, não têm creches ou infantários onde deixar os filhos durante as horas em que estão ausentes no campo, na fábrica ou empresa.

A criança vai para a escola por volta dos sete anos sem ter tido instrução pré-primária — privilégio para aqueles que podem pagar quinhentos ou setecentos escudos nos jardins-infantis — e depressa se vê obrigada a sair da escola para ajudar a manutenção da família.

Mortalidade infantil

1902 — 1944	145,5
1945	114,9
1967	5,2

PARTO E MATERNIDADE

A mulher das classes trabalhadoras não pode ter os filhos «com dignidade», como disse, algures, a Glória Marreiros (enfermeira-parteira) pois nem sequer tem acesso ao «parto sem dor» ou seja o método psicoprofiláticoque só pode ser feito pelas mulheres provenientes das classes burguesas e nas clínicas de luxo. A mulher camponesa ainda está em condições mais precárias do que a operária.

Em 1951-55, os partos sem assistência, localizados, principalmente, nas zonas rurais dos distritos de Braga, Guarda, Bragança, Vila Real e Viseu, atingiam a percentagem de 60,52 por cento.

Actualmente a taxa desceu para 35,26.

Partos segundo a assistência em 1968

Com assistência	127 822 (total)
De médico	74 632
Enfermeira ou parteira	53 190
Sem assistência	70 054

MARIA DE LURDES FÉRIA

MINIVESTIDO PRETO
COM COLETE DE «CROCHET» PRATEADO
E CINTO DE «STRASS»
MODELO DE GEORGES PICAUD

KELVINATOR
apresenta as suas novas
Bio-lavadoras
COM 18 PROGRAMAS DE LAVAGEM

detergente recomendado skip

Sim a nova super-automática Kelvinator é uma **autêntica** bio-lavadora.
A nova super-automática Kelvinator não é apenas uma máquina que permite lavar com detergentes biológicos mas sim uma máquina na qual está incorporado um autêntico **ciclo de lavagem biológica**.
A nova super automática Kelvinator dispõe de **18 programas de lavagem:**
6 programas de lavagem biológica e 12 programas de lavagem normal, **todos** completamente automáticos.

6 kg de capacidade!

não é mais cara... e é KELVINATOR

Os gregos de ouro

(Continuação da página 1)

inesperada que foi quase escandalosa com Jackie Kennedy. A senhora Dolly Goulandris, que é uma das «gregas de ouro» de quem menos se fala, tem o hobby das casas. Há quem diga que se a actividade marítima do marido corresse mal, ela poderia viver muitíssimo bem fazendo concorrência à cadeia de hóteis Hilton. Quando faz frio em Londres, em Paris ou até em Atenas, Dolly sai de casa com os seus cães Daisy e Bobo e toma o avião para as Bahamas, onde tem uma residência faustuosa, a vivenda Olympiakos. E, claro, os Goulandris têm, como armadores que se presam, a sua ilha. A dos Onassis chama-se Skorpios; a dos Goulandris chama-se Skiros.

A filha de um «grego de ouro» é alguém no mundo das «Very important persons» mundiais. É o caso da jovem da foto, Christina Onassis, filha de Aristóteles e da marquesa de Blandford. O filho dos Goulandris, John, fez-lhe uma corte cerrada, e há quem diga que está próxima uma nova união entre famílias de armadores.

Os armadores casam quase sempre com mulheres também ricas e muito mais jovens do que eles. Stavros Livanos tinha vinte anos mais do que a mulher. Niarchos tinha 38 quando casou com Eugénia Livranos, de 18. Charlotte Ford, filha do magnate americano dos automóveis tinha 23 anos e Niarchos 59 quando casaram. Quando Onassis casou com Tina, esta tinha 17 anos e ele 40. A mesma diferença repetiu-se agora com Jackie: ela 40, ele 63.

A LITERATURA E A MODA

— A mãe trazia um vestido de sala e casaco azul-escuro com riscas brancas como o teu fato. Usavam-se então — ao menos em Almendra — os casacos cintados, a três quartos. Os botões eram ovais, também de riscas, e a blusa de cambraia branca com «jabot», sabes o que é?

— Trago o casaco e o chapéu?

Ai o horror do hábito! Porque não mandou embora a Julia e o seu servilismo, porque se entrega á inércia, porque não vai ela própria buscar o casaco á cave? As peles guardam-se em sitio fresco. Sabe-o depois de Almendra e de Góis e até da África e da Ásia. Lá já tinha peles. De leopardo, arranjadas no mato, não lhes sabia o valor. Valiam uma lembrança de preto pelos serviços do Jaime. Mas não tinha caves, nem ouvira falar de frigoríficos de peles.

Julia vai trazer o casaco de «vison». Se não digo nada, traz esse — o que mais gosta de me ver...

(«Um dia são dias», de Marta de Lima)

POR 4.60
diários, leve para casa
1 FRIGORIFICO c/ congelador a toda a largura
+1 FOGÃO 2 bicos e forno
+1 PANELA de pressão
pagando em 24 meses
condições vantajosas
marcas consagradas
ASTRO TÉCNICA
RUA DOS ANJOS, 71-B
AV. ANT. AUGUSTO DE AGUIAR, 88-B - TEL. 561531
LISBOA-1

ABAT-JOURS
«JOMAR»
CANDEEIROS
ATELIER
Rua Antero de Quental, 32-1.º — Telefs.: 42290 e 536665 — LISBOA-1

CAROCHINHA
Modas juvenis até 20 anos

Av. Guerra Junqueiro, 19-C
Telef. 72 67 31

CABELEIRAS
E Postiço de cabelo legítimo, prontos a usar. O adorno que dá novo encanto ao seu penteado. Preços acessíveis.
DINABEL
R. Morais Soares, 82, 2.º E.
Telef. 83 44 34

Cocktails

Receitas de José Figueira da Silva (Joe) «barman» do Hotel Estoril-Sol, Cascais:

CHURTONS

1/2 Cálice de Whisky Churtons
1/8 Martini Seco
1/8 Lime Inice
1/4 Cherry Bom

QUEEN ANNE

1/2 de Whisky Queen Anne
1/8 Creme de Banana
1/8 Martini Tinto
1/4 Sumo de Ananás

OS DIAMANTES

Jackie Bouvier Kennedy Onassis, Elizabeth Taylor Burton e outras têm que se contentar com os diamantes deste nosso já gasto planeta. Já não será decerto no seu tempo que os homens trarão do espaço as pedras fabulosas a que «Sky and Telescope», (revista muito séria, que, como o nome indica se interessa especialmente por problemas desse mesmo espaço), se referiu recentemente. Segundo a «Sky and Telescope» há entre as estrelas, flutuando no espaço, cristais de diamantes Tais diamantes teriam sido detectados ao estudar a polarização da luz que chega até nós proveniente das estrelas.

DecoLir
- MÓVEIS
• DECORAÇÕES
• ANTIGUIDADES
Rua D. Estefânia, 121-A — Tel.: 41304 — LISBOA

CONCORRA!...
CONCURSO NATIONAL
e vá ao JAPÃO
À FEIRA MUNDIAL DE OSAKA
National
NA COMPRA DE MATERIAL NATIONAL ATÉ 28 DE FEVEREIRO DE 1970, ENVIE O «POSTAL-CERTIFICADO DE GARANTIA» QUE ACOMPANHA O APARELHO, FICANDO HABILITADO AO SORTEIO QUE SE REALIZA NO DIA 8 DE MARÇO DE 1970, PARA ATRIBUIÇÃO DOS PRÉMIOS:
1.º VIAGEM AO JAPÃO • 21 DIAS
2.º TELEVISOR NATIONAL • TR 932
3.º GRAVADOR NATIONAL • RQ-231 S
ATENÇÃO: É favor notar que as datas de recepção dos «Postais-certificados de garantia» e do sorteio ao lado indicadas, substituem as anteriormente publicadas, 27 de Março e 8 de Abril de 1970, respectivamente.

O NATAL visto pelas crianças

A décima segunda edição de «O Natal visto pelas crianças» foi um êxito extraordinário, que os números traduzem de maneira expressiva: mais de trinta mil trabalhos apresentados. E, além da quantidade, há ainda a destacar a qualidade desses trabalhos — cujo nível geral subiu notòriamente na modalidade plástica. Educando pela arte e estimulando os jovens para a arte, «O Natal visto pelas crianças» vai cada vez mais alcançando uma amplitude e um significado que lhe conferem um lugar único entre as iniciativas semelhantes organizadas no nosso País. Espera-se que, já no próximo ano, algumas alterações introduzidas no regulamento permitam que essa amplitude e esse significado sejam maiores. Ao mesmo tempo que agradece a quantos deram o seu valioso contributo para mais este grande êxito da nossa iniciativa — desde os pequenos concorrentes até ao Ministério da Educação Nacional, à Fundação Calouste Gulbenkian, à sr.ª D. Sylvia Ferreira, à Casa A. Ferreira (Sino), aos directores de estabelecimentos de ensino, aos elementos dos júris das duas modalidades, a todas as firmas que connosco colaboraram, à Casa da Imprensa, etc. — o «Diário de Lisboa» publica neste suplemento alguns dos trabalhos premiados no concurso.

Trabalho de João Telhado Pereira
(9 anos)

OS MELHORES CONCORRENTES NAS DUAS MODALIDADES

MODALIDADE PLÁSTICA

Bolsas de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian (3000$00): **Maria de Fátima Figueiredo Sá, 12 anos, Escola Preparatória Dr. Oliveira Salazar (Viseu); Ilda Martins Areias, 10 anos, Escola Preparatória Pedro de Santarém, Secção Feminina (Lisboa); Bento Manuel Grossinho Dias, 8 anos, Escola Beiral (Lisboa); Maria Luísa Mendes Paula, 8 anos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); João Telhado Pereira, 9 anos, Colégio Valsassina (Lisboa); trabalho colectivo de José António Sarmento e Angelino da Silva, ambos de 12 anos, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Rogério Carvalhas, 11 anos, Colégio Valsassina (Lisboa); Paulo Jorge Lavareda, 6 anos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Elsa Cristina Faustino, 5 anos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Francisca Maria Leal Tavares, 6 anos, Reguengos de Monsaraz.**

Bolsas de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian (2000$00): **Teresa Ascensão Gomes Valente de Oliveira, 10 anos, Ciclo Preparatório da TV (S. Martinho do Gândara); Maria Manuela Carvalho dos Santos, 8 anos, Escola-Piloto (Mem Martins); João José Caeiro Ramalho, 12 anos, Escola Comercial (Estremoz); Maria da Graça de Sousa Pinheiro, 6 anos, Jardim Infantil Cantinho Escolar (Porto); Anastácio da Conceição Cabeças Pereira, 13 anos, Posto n.º 454 do Ciclo Preparatório da TV (Estremoz); Maria Madalena de Salles Parente, 8 anos, Escola Beiral (Lisboa); Armando Manuel Guerreiro, 11 anos. Alto Estanqueiro — Vassa Barradios (Montijo); Maria Teresa Santos, 5 anos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e José Diogo Ramos Macau, 14 anos. Posto n.º 454 do Ciclo Preparatório da TV (Estremoz).**

Prémios Delfim Ferreira: **trabalho colectivo de Augusto, António, Arlindo, João e José, do Centro de Recuperação de Crianças da Senhora da Hora (Matosinhos), no valor de 4500$00; João Manuel Rodrigues, 10 anos, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto), no valor de 2000$00; Pedro José Rebelo Pacheco, 6 anos, Rua Paulo da Gama, 420-8.º C (Porto), no valor de 1000$00; Álvaro José Santana de Magalhães Freire, 11 anos, Escola Ramalho Ortigão (Porto), no valor de 1000$00; João Carlos, 11 anos, Escola Preparatória Ramalho Ortigão (Porto), no valor de 1000$00; Vítor Sampaio, 11 anos, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto), no valor de 500$00.**

Prémios A. Ferreira, Ld.ª (Sino): **1.º prémio de colagem (1500$00) — trabalho colectivo da turma H da Escola Preparatória Pedro Álvares Cabral (S. Tomé e Príncipe), alunos com 10 e 11 anos; 2.º prémio de colagem (250$00) — Maria Edite Rodrigues Borges, 11 anos, Posto n.º 41 da Telescola (Cerva); 1.º prémio de aguarela (1500$00) — Maria Susana Ribeirinha Cardoso de Carvalho, 5 anos, Rua Gil Eanes, 41, 2.º (Vila Nova de Gaia); 2.º prémio de aguarela (250$00); Francisca Maria Leal Tavarea dos Santos, 6 anos (Reguengos de Monsaraz), primeiro prémio de guacho (1500$00) — José Mendes Carvalheiro, 14 anos, Escola Preparatória D. António da Costa (Almada); segundo prémio de guacho (250$00) — Carlos Alberto Lourenço Morais, 13 anos, Ciclo Preparatório de Sá da Bandeira (Santarém).**

MODALIDADE LITERÁRIA

Bolsas de Estudo da Fundação Calouste Gulbenkian (3000$00): **Maria da Assunção Clériguinho Inverno, 13 anos, Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho (Lisboa); Olívio Augusto Mota Amador, 7 anos, Rua João Villaret, 23, 1.º-dt.º (Lisboa); Pedro Lóio, 12 anos, Liceu Padre António Vieira (Lisboa); Luís Miguel Soares de Mello, 9 anos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Manuel Beleza Moreira Chicau, 11 anos, Externato Paula Vicente (Moura); José Alberto da Assunção Alho, 8 anos, Quinta da Carocha (Beja); Madalena dos Santos Lopes Loureiro, 10 anos, Rua Alexandre Herculano, 5, rés-do-chão, esq.º (Amadora), e Maria de Lurdes Esteves Manso, 12 anos, Escola Preparatória General João de Almeida (Guarda).**

Bolsas de estudo da Fundação Calouste Gulbenkian (2000$0): **José Manuel Pires Ribeiro, 11 anos, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Paula Maria Marques Teixeira, 11 anos, Escola Preparatória D. Miguel de Almeida (Abrantes); Maria Cristina Pires Machado Moura Antunes, 7 anos, Bairro das Parreiras (Águeda) e Maria Luísa Correia de Almeida Campos, 12 anos, Rua Luz Soriano, 66 (Porto).**

Trabalhos premiados

UM MENINO QUE NÃO TEVE NATAL

Um menino, coitadinho, não teve Natal porque os pais dele eram muito pobres.

Ele levantou-se muito cedo para ver se tinha presentes dentro do sapatinho que tinha posto á noite na chaminé. Que infelicidade! O sapatinho não tinha nada!

Começou a chorar muito alto que até acordou o pai e a mãe.

— João! Vai á cozinha saber porque é que o menino está a chorar.

O pai levantou-se e foi ter com o filho.

— Porque estás a chorar? — O pai Natal não me deu nada Os outros meninos meus amigos, com certeza vão receber prendas do pai Natal, e eu não... Eu não tenho nada...n...a...d...a.

O pai teve muita pena dele e foi ao quarto falar com a mãe e depois saiu muito triste.

— Anda cá, meu filho, não chores! — gritou a mãe. — Olha que está muito frio. Anda para a cama. O teu pai foi falar com o pai Natal.

O menino com maus modos e a esfregar os olhos, fez a vontade á mãe. Deitou-se e adormeceu...

Quando acordou era muito tarde e o pai ainda não tinha chegado a casa. A mãe já andava muito aflita, mas lá ia tratando da lida da casa naquele dia triste, sem festa nenhuma, sem árvore de Natal, sem brinquedos, sem nada.

Era já noite quando o pai bateu á porta. Entrou a cair, completamente bêbado.

— Ai homem, como tu vens! — ralhou a mãe.

— Não me empurres... Que queres, mulher, andei todo o dia á procura do pai Natal... mas... só encontrei colegas que me pagaram copos de vinho. Ainda bem... para esquecer as tristezas. Tive um Natal alegre... muito alegre...

A mãe não disse nada e o menino começou a chorar...

VDAENA DOS SANTOS LOPES LOUREIRO

(10 anos)

O SAPATINHO

Este ano
quero pôr o sapatinho
pelo João que é meu vizinho
pelo o João
que pede pão
pede água, dinheiro, lápis papel
que pede tudo
O João que não tem pai
e é pobrezinho
disse-me que é mentira
o sapatinho.

OLIVIO AUGUSTO MOTA AMADOR
(7 anos)

JESUS NO MUNDO

Uma lata
Não de prata
Mas de lata
Para o menino
Não de ouro
Mas de carne.

Uma noite
Não de sonho
Mas de frio
Para o menino
Não de ouro
Mas de carne.

Um destino
Que é do homem,
Afinal!
Para o menino
Não de ouro
Mas de carne.

MARIA DA ASSUNÇÃO CLERIGUINHO INVERNO

(13 anos)

OS BOIS

Em todos os presépios que representam o nascimento de Jesus, verifico que está sempre um boi, dizem que foi este animal, que com o seu bafo deu o calor ao menino, não seria uma boa acção, se todos os anos por altura do Natal, este animal não o obrigassem a trabalhar como todos os lavradores fazem.

Seria pois uma retribuição dos homens ao animal que tão bom foi para Jesus.

Como seria até bonito se neste dia, todos os lavradores dessem uma refeição melhorada aos seus bois e os levassem a dar uma volta ao adro da igreja com uma coroa de flores ao pescoço.

MARIA LUISA CORREIA DE ALMEIDA CAMPOS

(12 anos)

Uma pedra, duas pedras...

Uma pedra, duas pedras, um berço feito de pedra para um Menino.

Aqui a gruta, além a estrela, entre nós Jesus.

E era um pedra, duas pedras..., um filho que nasce, um beijo de mãe.

Era muito o frio, tortuosos os caminhos, pobres as gentes.

Uma pedra, duas pedras... um Menino.

Uma pedra, duas pedras..., um menino. No chão, presentes dos pobres e dos ricos: era ouro, leite, ovos e alguns cordeiros.

Naquele dia, amanheceu mais cedo.

Para os fortes magos, para os guardadores de rebanhos também, tinha nascido um menino diferente — tinham-lho dito.

Para os outros, era um menino qualquer.

Choraria Jesus quando nasceu?

Uma pedra... duas pedras...

MARIA DE JESUS ESTEVES MANSO

(12 anos)

IMPERLUZ
AV. ALM. REIS, 172-A - TELEFS. 533592/3

Cumprimentam os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes BOAS FESTAS e ANO NOVO cheio de prosperidades.

Rua Rodrigues Sampaio, 69, 1.º, dt.º
Tels. 53 65 69 - 4 46 02
LISBOA
PREDIAL ROBREL LIMITADA
PROPRIEDADES
COMPRA ■ VENDA ■ HIPOTECA
HIPOTECAS SOBRE AUTOMÓVEIS
Cumprimentam todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos a todos desejando FESTAS FELIZES e um NOVO ANO muito próspero.

na modalidade literária

Viagem maravilhosa

O meu palácio é muito grande, todo de cristal, e infalível aos choques. É mesmo tão grande que tenho de andar de trotineta lá dentro.

As salas são ligadas umas ás outras, por meio de arcos muito altos. As paredes são cravejadas de pedras preciosas e rubis.

Um dia, estava no jardim, sentado ao pé do lago, com minha mana Cláudia, quando um guarda me veio avisar da seguinte forma:

— Venho prevenir Vossa Excelência de que, lá fora, anda tudo á bulha, por causa da carne de bife ter subido. Os vendedores dizem que não têm dinheiro para comer, o povo, que não tem dinheiro para comprar. De maneira que é uma barafunda É melhor Vossa Excelência avisar alguém, antes que tenhamos também de nos meter no caso.

— Obrigado, Vicentino. Vou já tratar do caso.

Como também já estava com cagofes, tratei logo de ir buscar a minha trotineta, e fui a uma estação de serviço, onde me encheram um saco de plástico, bastante grande, cheio de gasóleo. Adaptei o saco ao motor, e fui para casa.

Dentro de uma cestinha, pus alguns bolinhos sortidos, sandes, gasosas e caixinhas de «chycletts». Depois de ter tudo pronto, tratei logo de me dirigir para a Lua, para falar com Nosso Senhor.

Saí do palácio e comecei o meu percurso Já ia bastante alto, quando olhei cá para baixo. Deu-me logo tonturas, mas o que sei dizer é que o panorama era lindíssimo. As casas pareciam formigas, montes e vales, sarapintados de verde. De vez em quando ia comendo qualquer coisa, e quando não ia a comer, ia a mastigar pastilhas elásticas, pois é o meu forte.

Com o que me vi aflito foi com os morquitos. Ia a 150 km á hora, e parecia que tinha luzes nos olhos, pois os mosquitos atraíam todos.

Assim que pousei na Lua parecia que me tinham tirado um peso de cima das costas, pois já não podia mais com os insuportáveis mosquitos.

A Lua é muito povoada de anõezinhos, que têm duas antenas na cabeça. Tinham aspecto de muito simpáticos, mas eu não percebia patavina do que eles queriam dizer. Nunca cheguei a aprender Lunistrunia, língua muito complicada.

É prateada, cheia de crateras pequeninas e outras monstruosas. Dirigi-me para a cratera do Natal, e fui falar com Nosso Senhor e disse-lhe o que se passava na Terra:

— Meu pai, não sei se já tens reparado, mas toda a Terra anda em bulha.

— Sim, sim, meu caro Luís! Pelo meu telescópio, tudo tenho observado—oh! tanta freguesia e todos a pedirem o mesmo.

— Os vendedores não querem fazer descontos, os fregueses não têm dinheiro para pagar. Logo a carne de bife havia de ter subido nesta altura, Meu Deus!

— Ah! Ah! Ah! Tudo mudado meu velho, já não estamos em altura de fazer descontos.

— Às vezes as pessoas não têm dinheiro para comer, mas para fumar, nem se fala, para isso há habilidade

— Eu só fumo Kart.

— Tem graça que eu também. Um cigarrilho.

— Vamos embora.

Cada um puxou de um maço e toca de fumar cada um a sua cigarrada.

— Bom, mas por causa dos bifes não há problemas, pois vou mandar lá abaixo, meu Filho Jesus, e tudo há-de mudar. Mas, agora vamos jantar, pois estou com uma traça danada.

— Ó faneca, isso é para já.

O jantar estava delicioso. Maionese e em seguida, bifes com ovos a cavalo. No fim de tudo, um doce regional da Lua. Tremeliques-Fernicoques era o nome do doce.

Nosso Senhor falou em seguida com Jesus:

—Escuta, meu filho, tens de ir á Terra, para pôres os homens em paz, e quando lá chegares, vais logo para as palhinhas.

Jesus chegou á Terra, deitou-se nas palhinhas mas tudo fez muito contrariado. Dormiu na gruta, e depois foi fazer a distribuição dos presentes, pôs os homens em paz, e quando pôde, ó picas, toca de ir para a Lua, para contar tudo ao Pai, mas antes, esqueceu-se de dar corda ao burro, e o malandro não andava.

— Que diabo tem este burro, que não anda nem por nada? Ah! Esqueci-me de lhe dar corda... Pronto, já está.

Jesus, andou, andou, até que chegou á Lua todo contente e foi contar ao Pai, tudo que tinha feito na Terra.

Jesus jantou, e depois foi para a cama.

Durante um ano nunca mais lhe foram dizer para ir á Terra, mas no mesmo mês que tinha ido no ano anterior, uma menina loira, lhe contou o mesmo fado, e teve que voltar á Terra.

PAULA MARIA MARQUES TEIXEIRA

(11 anos)

LINDO MENINO

Lindo menino que estás nas palhinhas,
Olha para mim
Que eu gosto de ti.

Lindo Menino que vais crescer,
Olha para mim
Que eu gosto de ti.

Lindo Menino que vais sofrer,
Olha para mim
Que eu gosto de ti.
Lindo Menino que vais morrer,
Olha para mim
Que fico sem ti.

MANUEL BELEZA MOREIRA CHICAU

(11 anos)

Natal dos Sobreviventes

Sobreviventes
fontes sem água
força sem esperança
caras esvaídas em sangue
em sangue da saudade
lazigos sem cruz
mortais sem paz e sem Natal
Cena guerreira
que sufoca as esperanças de viver
é guerra e só guerra

Vitórias relembradas
derrotas presentes
antigas fontes lacrimais
hoje, já secas pelo desespero
heróis frustrados
corpos incógnitos
crianças soldados
crianças órfãs
que passam em terras manchadas de sangue vitorioso
agora de sangue rebelde mas derrotado
tudo consequências jamais esquecidas
de uma luta desesperante sem Natal

a guerra

PEDRO LÓIO

Eurocar
AUTO ZÉ CARLOS
AUTOMOVEIS DE ALUGUER, LDA.
CAR-HIRE SYSTEM
DRIVE YOURSELF ★ COITURE SANS CHAUFFEUR
Escritório: Avenida Barbosa du Bocage, 1
Telefs. 76 19 87 - 76 98 48 LISBOA
Serviço Nocturno: Rua Jorge Colaço, 10, 2.º Dt.º
Telef. 71 27 73 LISBOA

Snack-Bar
Pastelaria
Charcutaria
BUZINA
ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LDA.
Rua Rodrigo da Fonseca, 206-B — Telef. 68 14 24
LISBOA
Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e um Ano Novo de prosperidades. 1969/1970

CASA M. L. FERREIRA
RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A
(Junto ao Largo)
RÁDIO — TELEVISÃO
TODOS OS ARTIGOS
ELÉCTRICOS PARA USO
DOMÉSTICO

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes NATAL feliz e ANO NOVO muito próspero.

O MELHOR BRINDE
NÃO COMPRE ARTIGOS DE PAPELARIA
SEM CONSULTAR OS PREÇOS DA
PAPELARIA FERROS, LDA.
64 — RUA DE S. JULIÃO — 66
TELEFONES 32 46 15 - 32 37 77 LISBOA
Desejam aos seus Ex.mos Clientes, Amigos e Fornecedores Festas Felizes e Ano Novo muito próspero.

OUTROS CLASSIFICADOS NA MODALIDADE LITERÁRIA

6 ANOS

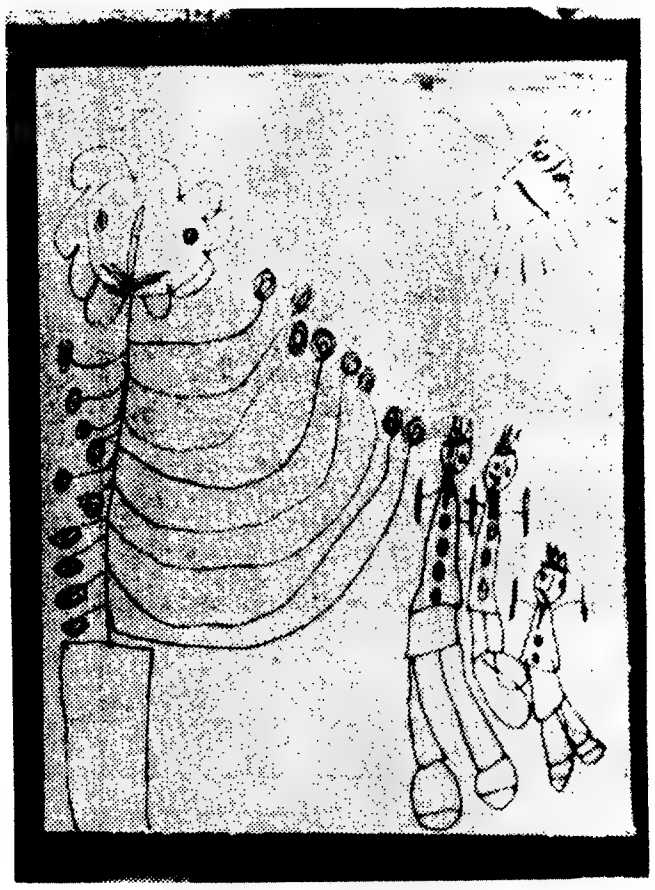
Vasco Bettencourt, Externato O Lar da Criança (Lisboa).

7 ANOS

Guilherme Luís Alves, Carmelo, Rua de Angola, 5 (Estremoz); António Simão Leal, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Anabela Gomes Ferreira, Colégio «O Ninho» (Parede).

8 ANOS

Maria do Ó Mendes Godinho de Alvarenga, Quinta de Monchique; Madalena Parreira de Salles Parente, Largo Conde Ottolini, 14-3.º, dir. (Lisboa); Isabel Maria dos Santos Janota Barrocas; e Maria João Laranja Pestana Teixeira, Colégio «O Ninho» (Parede).



Trabalho de Elsa Cristina Faustino (5 anos)

9 ANOS

Carlos Miguel, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Dias Afonso, Escola n.º 95; Maria Emília Biscoito, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Madalena Simões Proença, Escola Feminina n.º 2 (Tomar); Maria Isabel Perestrello Nogueira da Costa, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Ana da Camara de Carvalho, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Alice Pipa, Avenida do Condestável, 43, 3.º, dto. (Tomar); Teresa Maria Faria Camas, Colégio «O Ninho» (Parede); Luís Fernando Figueiredo Moreira, Colégio «O Ninho» (Parede); e João Eduardo Marques Godinho, Escola Masculina n.º 1 (Tomar).

10 ANOS

Ana Cristina de Oliveira Gama Caldas, Escola Preparatória Paula Vicente (Lisboa); Maria Helena Brito de Almeida Oliveira, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); José Luís Sande de Freitas, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); António Miguel Ribeiro Dinis da Fonseca, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Fernando Manuel Quintela de B. Jacob, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Maria Helena Gonçalves, Escola n.º 95; Nuno Luís Monteiro Madureira Fernandes, Rua José Duro, 6, r/c., esq. (Lisboa); António Manuel Ferruolo, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Francisca Maria Serra Janeiro; Virgínia de Fátima Torres Borges, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); António Jorge Soares Calado, Escola Preparatória Dr. Oliveira Salazar (Viseu); José Carlos das Dores Zorrinha, Escola Preparatória Rafael Bordalo Pinheiro (Caldas da Rainha); Angelina Benta Prata, Escola n.º 95; Vítor Manuel Henriques da Silva Esteves, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); e Carlis Manuel da Rocha Sarmento, Escola dr. Oliveira Salazar (Viseu).

11 ANOS

Ana Maria Fernandes da Silva, Escola Preparatória Paula Vicente (Lisboa); José Manuel Martins Rodrigues, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); José Alberto Castro Borges, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Paulo Nuno Santos de Carvalho, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Fernando Augusto Alves Baptista, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Rui Duarte Ferreira Magins de Moura Leal, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); André Luís Bastos de Figueiredo, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Vanda Costa Brotas Gonçalves (Lisboa); Isabel Maria Martins Vicente, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); António Antunes Pereira de Bastos, Posto 605-13 da Telescola (Tomar); Luís Mauricio Santos Barros, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Anabela Oliveira Pombo (Abrantes); Carlos Manuel Rodrigues Rosa, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Luís Filipe Gonçalves Jacinto Palma, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa) Pedro João de Rocha Sarmento, Escola Preparatória Dr. Oliveira Salazar (Viseu); Carlis Fernando Pedreda Basto, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); José Pedro Bernardo Saraiva Antunes, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Maria Luzia Baeta Leitão; Teresa Lubélia Vaz de Figueiredo e Silva, Escola Preparatória Dr. Oliveira Salazar (Viseu); José Manuel Penaforte Vicente, Colégio «O Ninho» (Parede); Carlos Augusto Marques Mendes, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Manuel Carlos Xavier, Escola Preparatória de S. Rosendo (Santo Tirso); António José da Costa Ferreira, Escola Preparatória S. Rosendo (Santo Tirso); Maria Manuela de Andrade Ferreira, Escola Preparatória de S. Rosendo (Santo Tirso); António Manuel Leonnetti Terra da Motta, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Miguel Carlos Ferreira de Salles Parente, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Paulo Nuno Santo Carvalho, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 15, 5.º, esq. (Lisboa).

Trabalho de Maria Luísa Paula (8 anos)

MAIS DUZENTOS PREMIADOS NA MODALIDADE PLÁSTICA

3 ANOS

Inês Maria Lobo, Rua Latino Coelho, 8, 1.º, esq. (Lisboa); e Maria João Fernandes Costa Maia, Liceu Francês (Lisboa).

4 ANOS

Candida Carolina da P. Santos, Colégio O Ninho (Parede); Maria Cristina Balesteiros, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Paulo Jorge Rosado, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Isabel Maria Grossinho Dias, Escola Beiral (Lisboa); Filipa Vaz de Carvalho, Rua 4 de Infantaria, 40, 6.º, dt.º (Lisboa); e Maria do Céu da Conceição Neves, Colégio O Ninho (Parede).

5 ANOS

Maria João Ildefonso Lopes, Rua Francisco Sanches, 14, 3.º esq. (Lisboa); Maria Margarida Grossinho Dias, Escola Beiral (Lisboa); Eduardo Pais, Externato O Lar da Criança (Lisboa); João Pedro Almeida Henriques, Colégio Valsassina (Lisboa); Maria João Martins Santos, Avenida Sacadura Cabral, 32, 4.º, esq. (Lisboa); Zita Eneida Teixeira Turpin, Jardim Infantil Luso-Suíço (Lisboa); Paulo Fernando Delgado, Colégio Valsassina (Lisboa); Paulo Manuel Cobeira, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Irene Pinto dos Santos, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Maria Teresa Moreira dos Santos, Externato O Lar da Criança (Lisboa).

6 ANOS

F. Vasco Pipa, Avenida Condestável, 43, 3.º, dt.º (Tomar); António Vasco Machado, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Rita Avila de Melo, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Mafalda Cunha, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Isabel Maria Rolão Macedo, Avenida Mouzinho de Albuquerque, 15, 5.º, esq. (Lisboa).

7 ANOS

José Julio Lourenço Lopes, Escola Masculina n.º 1 (Tomar); Rui Miguel Fernandes Costa Maia, Liceu Francês (Lisboa); Maria Teresa Varela Maia Lobo, Rua Latino Coelho, 8 (Lisboa); Margarida Silveiro Marques Jorge, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Jorge Rodrigues, Colégio Valsassina (Lisboa); Maria Teresa Pacheco de Carvalho, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Sofia Alves Raimei-

Trabalho de Maria de Fátima Figueiredo Sá (12 anos)

CLASSIFICADOS NA MODALIDADE LITERÁRIA

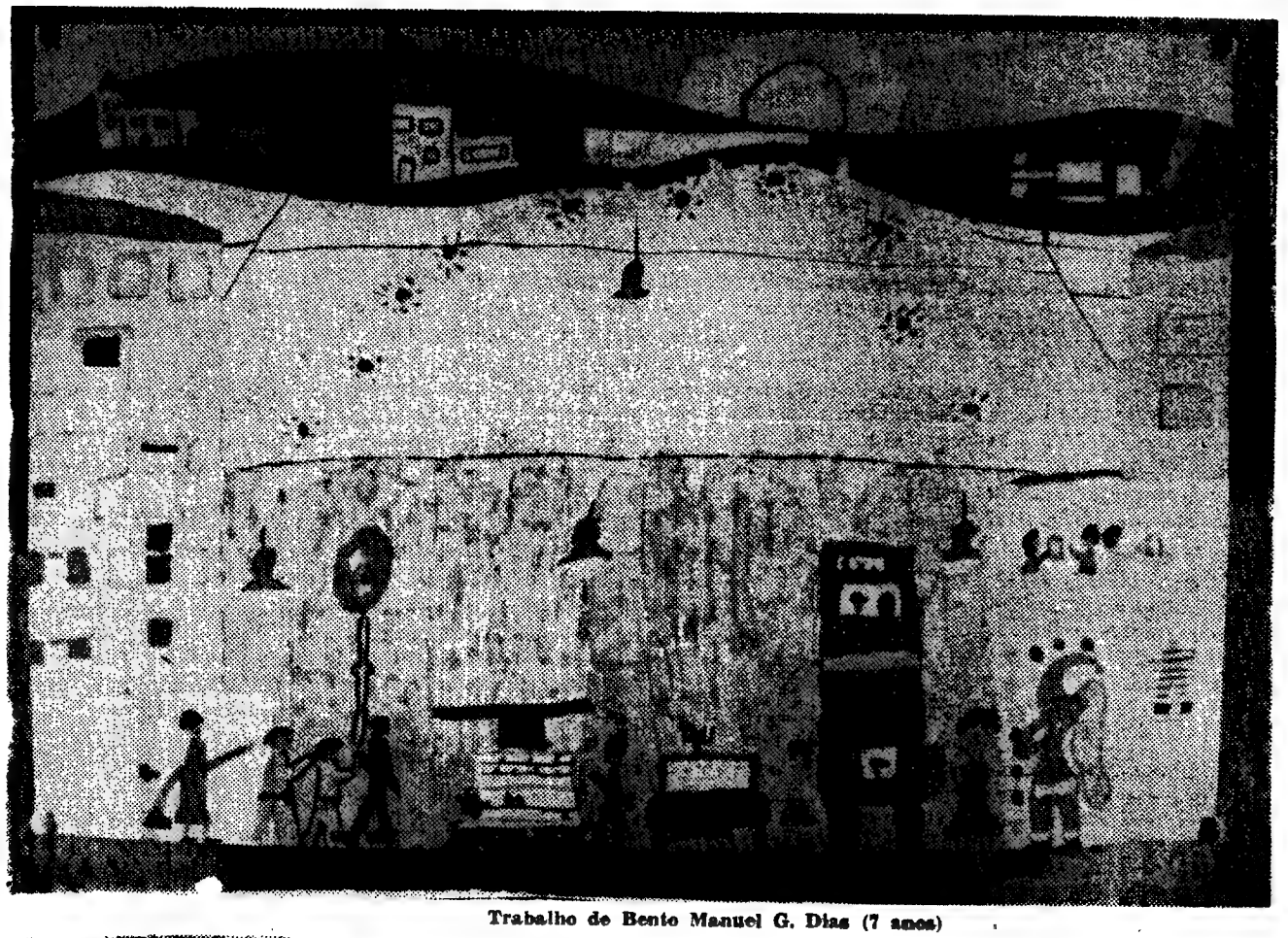
Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); e Maria Isabel Antunes Lopes Duro, Escola Piloto (Mem Martins)

12 ANOS

Aníbal Cesar Baptista Lopes, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Carlos Jorge de Almeida Rosa Peixeiro, Rua da Lavoura, n.º 7 (Beja); Rui Miguel Graça e Silva Pereira, Liceu de Abrantes; Rosa Arminda Bastos Marques, Liceu D. Maria II (Braga); Maria Cristina Baptista Mendes; Vítor Manuel da Luz dos Santos, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Ana Leonor (Lisboa); Maria José Nunes Cardoso de Castro, Externato Liceal (Monção); Maria Fernanda Pereira Carrão, Posto 605/13 da Telescola (Tomar); Ana Luísa de Araujo, Liceu Nacional (Funchal); Maria de Fátima Cardoso, Posto 605/13 da Telescola (Tomar); Fernando Augusto Barradas, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); e Luís Manuel Camacho, Escola Comercial (Moura)

14 ANOS

Maria do Rosário Martins Pinho, Escola Preparatória D. Miguel de Almeida; Ana Maria Rodrigues da Cunha, Liceu Nacional D. Maria II



Trabalho de Bento Manuel G. Dias (7 anos)

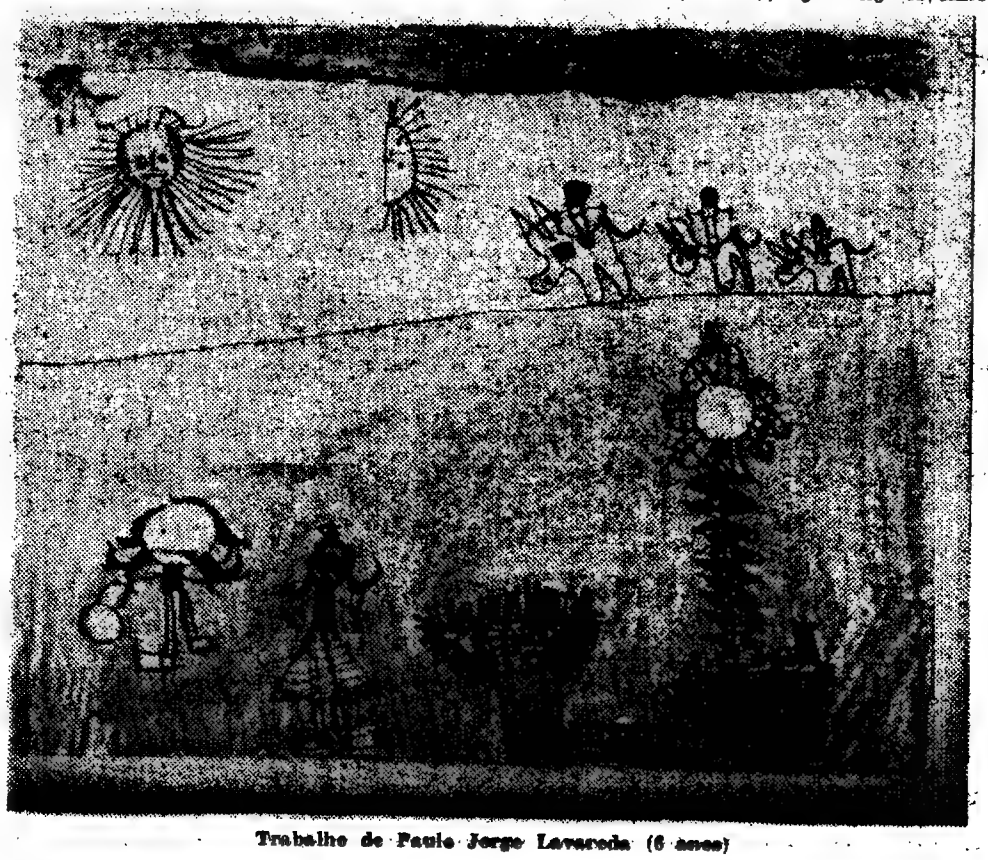
Trabalho de Francisca Maria Leal Tavares dos Santos (6 anos)

CLASSIFICADOS NA MODALIDADE PLÁSTICA

Maria Rosa Henriques, Posto n.º 605/13 da Telescola (Tomar); Alfredo Manuel Branco Calamo Silvestre, Posto da Telescola n.º 605/13 (Tomar); Fausto Manuel de Almeida Costa, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); José Elso Viegas de Sousa Melo, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Francisco Manuel Patrício Esteves, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Maria Helena Ribeiro Sumares, Liceu Nacional (Funchal); Maria de Lurdes da Cruz Gonçalves, Escola D. Miguel de Almeida; Fernando Jorge Dias Novais, Escola Preparatória D. Dinis (Leiria); Carlos Manuel Pinto Lopes Dantas, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); e António Manuel Pontes Roque, Escola Preparatória Francisco de Arruda (Lisboa).

13 ANOS

Maria Berta de Moura Torres Moura, Colégio Nossa Senhora da Esperança (Porto); Álvaro João Silva Canas da Cunha, Rua S. João de Brito, 12 (Linda-a-Velha); Helena Elelvina de Lemos Carvalhão Buescu, Liceu Rainha D. Leonor (Lisboa); Lígia Esteves dos Santos, Liceu Rainha D. (Braga); Isabel Maria Pereira Caetano, Posto 605/13 da Telescola (Tomar); Alfredo Augusto dos Santos de Almeida, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); e Manuel Domingues Luís, Escola Comercial (Pombal).



Trabalho de Paulo Jorge Lavareda (6 anos)

ras Carvalho, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); António André Godinho Pereira, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); Maria João Carvalho, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria João Rodrigues, Externato O Lar da Criança (Lisboa); André Pipa, Avenida Condestável, 43, 3.º, dt.º (Tomar); Álvaro Serrão Beirão, Jardim Luso-Suíço (Lisboa); Paula Maria de Sousa Alcantara Carreira, Rua da Telheira, 70, r/c. (Porto); Trabalho Colectivo de Francisco Cunha Reis e José António Martins, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Júlio Avelino Vieira da Rocha, Rua Álvaro Castelões, 139 (Porto).

8 ANOS

Bento Manuel Grossinho Dias, Escola Beiral (Lisboa) — quatro prémios; Maria Madalena de Sales Parente, Escola Beiral (Lisboa) — dois prémios; Maria Luísa Mendes Paula, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Margarida Maria Baleizão Fraguedas, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); José Luís Rosado Amaro, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Maria Rita Nunes de Oliveira, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Mafalda Vaz de Carvalho, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Theotónia Pereira, Externato O Lar da Criança (Lisboa) — dois prémios; Júlia Costa Cabral, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria de Fátima Nunes Frazão, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Francisco José Pestana de Passos Águas, Rua Escola do Exército, 66, 1.º, esq.º (Lisboa); Jorge Manuel Veloso Pinto, Avenida Circular, Nova Praceta C. D., 2.º, dt.º (Torres Vedras); Hugo Dias Correia, Colégio Valsassina (Lisboa); José Luís Pinto de Sousa, Colégio Valsassina (Lisboa); Maria de Lourdes Velez, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Pedro Léon, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Trabalho colectivo de João Luís Barros da Costa, João Pedro Estrela Conde e Nuno Miguel Vieira, Jardim Infantil Luso-Suíço (Lisboa); Alexandra Maria Januário F. de Barros, Externato Feminino Santa Joana Princesa (Lisboa); João Carvalhosa, Externato O Lar da Criança (Lisboa); e Ida de Sousa Dias, Escola Feminina da Mata (Castelo Branco).

9 ANOS

Maria Margarida Gaspar C. Marinho Falcão, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); Alina Maria Santos M. Villalva, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); José Eduardo Bettencourt, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria João Marques Godinho, Recreio-Clube Thomarense (Tomar); Tiago Ferreira de Cima, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Luís Miguel Soares de Melo; Manuel José Alves Severino, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria João Dias José, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Fernando Palva Brandão, Externato O Lar da Criança (Lisboa); João Barreto, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Maria Hermínia Serrano Gonçalves, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Isabel Maria da Conceição Lemos, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); Trabalho colectivo de Magin Léon, Teresa Quina e Leonor Colaço, Externato O Lar da Criança (Lisboa); Pedro Miguel Correia Pereira, Externato Santa Joana Princesa (Lisboa); Henrique Graça, Colégio Valsassina (Lisboa); Luís Teixeira, Colégio Val-

(Continua na página seguinte)

PREMIADOS NA MODALIDADE PLÁSTICA

(Continuação da pág. anterior)

sassina (Lisboa); Luís Filipe Silva Gomes, Colégio Valsassina (Lisboa); Pedro Luís Sande Taborda Nunes de Oliveira, Círculo Cultural de Estremoz (Estremoz); Trabalho colectivo de Helena Baltasar Silvia e Maria Paula Monteiro, Jardim Infantil Luso-Suiço (Lisboa); e Trabalho colectivo de raparigas e rapazes da 3.ª classe do Jardim Infantil Luso-Suiço (Lisboa).

10 ANOS

Luís Manuel Castro, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Luís Miguel Pestana, Externato O Lar da Criança (Lisboa); José Manuel Rodrigues, Escola Preparatória Manuel da Maia (Lisboa); Maria Lucinda Ponce Passos, Posto n.º 569 (Logarim); Maria Lourdes Albuquerque Peres, Escola Preparatória Dr. Oliveira Salazar (Viseu); Humberto Jordão Henriques, Posto n.º 1045 do Ciclo Preparatório T. V. (Santa Catarina); Maria Manuela da Silva Costa, Posto n.º 210 do Ciclo Preparatório T. V. (S. Martinho da Gandara); Teresa Maria Perdigão Peixoto, Externato O Lar da Criança (Lisboa); João Paulo de Lacerda e Oliveira Santos, Alameda D. Afonso Henriques, 47, 1.º, esq. (Lisboa); Vítor José Garrido Camilo, Posto 464 do Ciclo Preparatório T. V. (Estremoz); José Eduardo Falcato Alves Rebocho, Posto 454 do Ciclo Preparatório T. V. (Estremoz); Maria Antónia Aires Parreira, Posto 454 do Ciclo Preparatório T. V. (Estremoz); e Trabalho colectivo de Américo Eduardo Freitas Pratas, Fernando Figueiredo Matos, José Mário Lopes de Resende Gomes, José Manuel Baptista de Oliveira Moeda e José Francisco Ralhetas Comprido.

11 ANOS

José Pereira Guerreiro, Escola Preparatória D. António da Costa (Almada); Trabalho colectivo de Carlos Ribeiro, António Manuel Santos e José Adelino, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Manuel Francisco da Silva Lopes, Posto n.º 741/5 (Sandim); Miguel Parreira de Sales Parente, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa) — dois prémios; Maria Adelaide Silva, Externato Sá de Miranda (Lisboa); Margarida Nunes Gomes, Posto de Recepção 165 (Ruilhe, Braga); António Manuel Quaresma Tavares, Porto 365 do Ciclo Preparatório T. V. (Coja); Paulo Jorge Pereira Duarte, Escola Preparatória D. António da Costa (Almada); Elisa Ramos Carvalho, Posto 8 do Ciclo Preparatório da T. V. (Vilarandelo); Adélio Fernandes Couto, Posto 1000/24 do Ciclo Preparatório da T.V. (Calde de Rei); José Joaquim de Barros Oliveira, Posto de Recepção n.º 19 (Vila Verde); António Baptista Alves, Posto 1030 do Ciclo Preparatório da T. V. (Souto); e Trabalho colectivo de Maria do Céu Martins Ferreira Marques e Maria Antonieta Franco da Silva, Escola Industrial e Comercial (Caldas da Rainha).

Trabalho de Rogério Carvalhas (11 anos)

12 ANOS

Maria Teresa Roque dos Santos, Escola Conde de Castelo Melhor (Pombal); Maria Helena Ribeiro Soares, Liceu Nacional do Funchal (Funchal); Trabalho colectivo de António Carvalho e Afonso Hierro, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Adão Francisco Dias Pereira Vaz, Escola Elementar Ramalho Ortigão (Porto); João Paulo Leal Araujo Alves, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Trabalho colectivo de António Cerejeira, Duarte Cunhal e Carlos Almeida, Colégio Valsassina (Lisboa); Carlos Ferreira de Azevedo Silva, Escola Preparatória Ramalho Ortigão (Porto); Trabalho colectivo de Daniel da Costa Ferreira, Manuel da Costa Ferreira e Manuel Araujo da Silva, Posto de Recepção n.º 31 (Faria, Barcelos); Anabela Castro Coelho Inácio Escola Feminina n.º 140 (Lisboa); José Pedro Vaz de Sousa, Ciclo Preparatório da TV, Posto n.º 82 (Monção); Amélia Helena de Oliveira Salazar, Ciclo Preparatório da TV, Posto n.º 235 (Vilar, Cadaval); Ema dos Santos Monteiro Nunes, Escola Feminina n.º 140 (Lisboa); José Manuel Jaleca Gordinho, Ciclo Preparatório da TV, Posto n.º 454 (Estremoz); Teresina Ribeiro Alves, Escola Industrial e Comercial (Castelo Branco); Maria Manuela Pinto Correia, Escola Preparatória D. António da Costa (Almada); Maria Helena Silva, Externato Sá de Miranda (Lisboa); Antonio Abel Baptista Martins, Escola Preparatória Manuel da Maia (Lisboa); João Manuel Vicente Lucas, Escola Masculina do Bairro do Rodrigo (Covilhã); Anastácio Cabeças Pereira, Posto de Recepção n.º 454 (Estremoz); António Rodrigo Sabido, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); João Pedro Pinto, Colégio Valsassina (Lisboa); e Tabalho colectivo de Lídia Maria Santana Cardoso e Maria da Anunciação Costa Correia, Escola Comercial e Industrial (Caldas da Rainha).

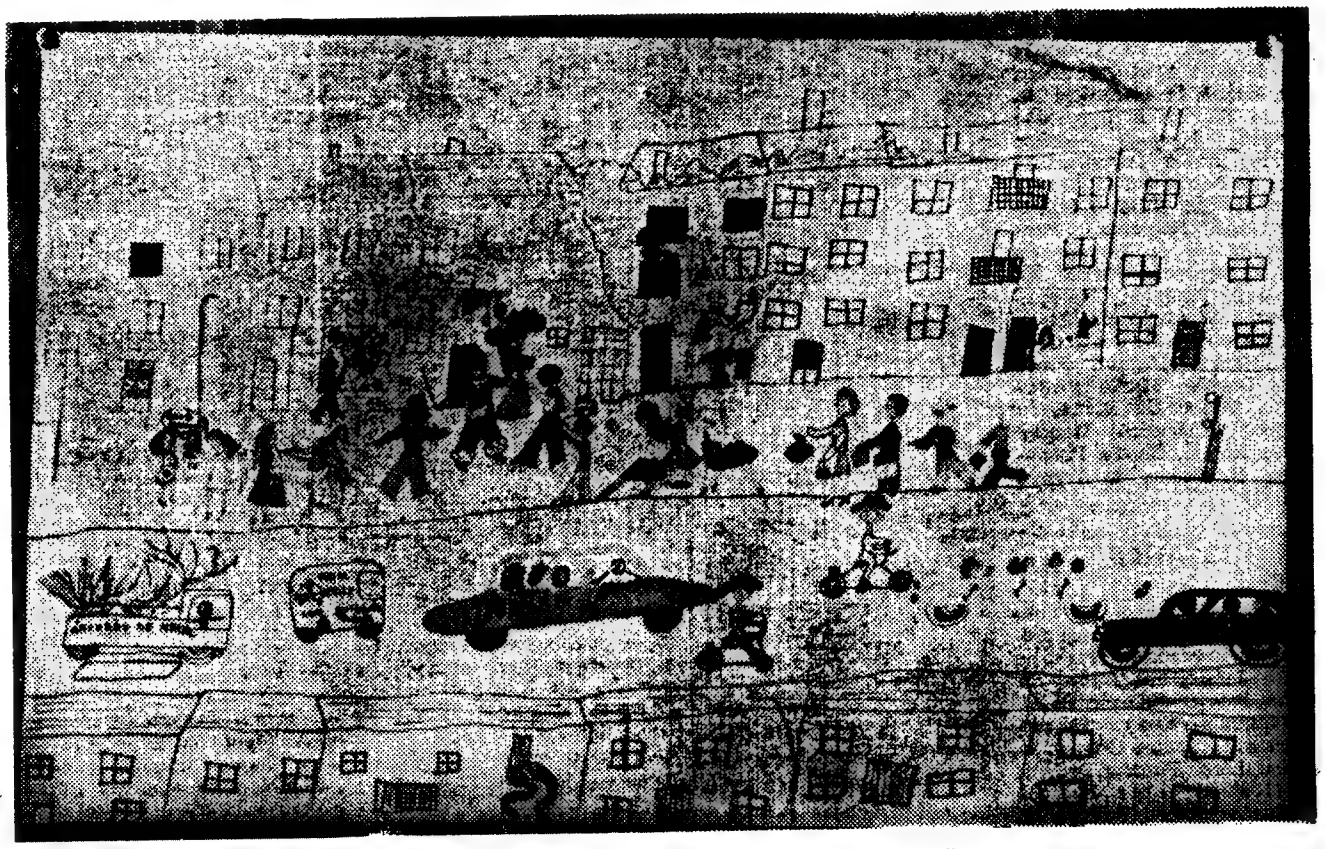
13 ANOS

Joaquim Castro, Escola Preparatória Ramalho Ortigão (Porto); Armindo de Sousa e Silva, Escola Preparatória Julio Brandão (Vila Nova de Famalicão); Manuel João Azevedo Pinto, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Maximino José Teixeira Cerqueira, Escola Preparatória Gomes Teixeira (Porto); Arménio de Melo Moreira, Escola Industrial e Comercial (Viseu); José Luís Zuzarte de Brito, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Carlos Alberto de Jesus Francisco, Escola Preparatória Pedro de Santarém (Lisboa); Manuel Simões Pereira, Escola Preparatória Nuno Gonçalves (Lisboa); Vítor Manuel Serras Gonçalves, Escola Preparatória Afonso de Paiva (Castelo Branco); Fernando Manuel da Cunha Costa, Escola Industrial e Comercial (Viseu); João Paulo Valente Guerreiro Vaz, Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis (Porto); Trabalho colectivo de Osvaldo Almeida, João Frederico de Valsassina Heitor, Jorge Palma e Eduardo Costa, Escola Valsassina (Lisboa); e Trabalho colectivo de Eduardo Jorge Rafael de Jesus Alves e Carlos Alberto da Silva Caleiros, Instituto Adolfo Coelho da Casa Pia (Lisboa).

Trabalho conjunto de José António Sarmento e Angelino da Silva (ambos de 12 anos)

14 ANOS

Vítor Manuel da Costa Ribeiro, Escola Industrial e Comercial (Viseu); José Manuel Silva Marques, Escola Preparatória Manuel da Maia (Lisboa); Maria Antonieta Soares Sampaio, Escola Marquesa de Alorna (Lisboa); Jaime dos Santos Murtinheira, Colégio de Santo Agostinho (Viseu); José Vicente Pernas Cota, Posto de Recepção n.º 454, Ciclo Preparatório da TV (Estremoz); Fernando José Quintas Carreira, Escola Preparatória D. António da Costa (Almada); e Trabalho colectivo de rapazes das 2.ª e 3.ª classes, Jardim Infantil Luso-Suíço (Lisboa).



Trabalho de Ilda Maria D. Martins Areias (10 anos)

A LUSÁFRICA

COMPRA, VENDA E HIPOTECA
DE PROPRIEDADES

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos a quem deseja um Natal muito Feliz e um Novo Ano cheio de prosperidades.

Escritório: Calçada do Carmo, 6-2.º, Esq.º
(Angulo do Rossio) — Telef. 32 45 24
Lisboa (Portugal)

JOSÉ RODRIGUES DOS SANTOS

Sócio-Gerente
de ACTIVIDADES HOTELEIRAS, LDA.,
proprietários do Snack-Bar «BUZINA»

Apresenta a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos os melhores votos da época, a todos desejando Festas Felizes e um Novo Ano muito próspero.

RUA RODRIGO DA FONSECA, 206
Telef. 68 14 34 1969/1970

Fetil – Fábrica de Fechos Metálicos, Lda.

FECHOS E APLICAÇÕES PARA MALAS DE SENHORA
NIQUELAGEM E DOURAGEM A OURO
Av. Gomes Pereira, 70-A, Dt. — Tel. 70 19 21 — LISBOA
Desejam a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos, Festas Felizes e um NOVO ANO muito próspero. 1969/1970

Orlando & Almeida, Lda.

Deseja a todos os seus clientes, fornecedores e amigos um FELIZ ANO NOVO
RUA DE ARROIOS, 179-A E 186-B

Teleg. MOLDURACIONAL Tel. 664312

A Moldura Nacional, Lda.

Cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos desejando-lhes Boas Festas e um Novo Ano repleto de prosperidades.

Largo do Conde Barão, 43 a 46 — LISBOA

FLORINDO M. COELHO

AUTOMÓVEIS E FURGONETAS
DE VÁRIAS MARCAS E MODELOS

Deseja a todos os seus Ex.mos Clientes e Amigos Boas-Festas e Novo Ano Feliz
Rua António Pedro, 38 e 46, 3.º-Dt.º — LISBOA
T. 44 846

A BISELADORA, LDA.

FABRICA DE BISELAGEM E ESPELHAGEM
REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68 LISBOA
Cumprimentam os seus estimados Clientes e Amigos, desejando-lhes felizes Festas e prosperidades no próximo ano.

VERDADEIRA alta fidelidade para os verdadeiros apreciadores

Celestion
Altifalantes de alta fidelidade

Ferroflapa
Gravadores de alta fidelidade e profissionais

Garrard
Gira-discos de alta fidelidade

MICRO
Braços de alta fidelidade para gira-discos

PIONEER
Gravadores - Tuners e Amplificadores "Stereo", Altifalantes e Colunas de alta fidelidade

Selmer
Amplificadores e Altifalantes para Guitarras e Violas baixo e para conjuntos musicais

SHURE
Cápsulas para braços de gira-discos

RUALDO
TUBO PARA ELECTRÓNICA, ACESSÓRIOS RÁDIO E TV
R. D. José, 9-11-13-15 Lisboa-6
Telefone FPC 5 57 20

FILIAL NO PORTO:
R. de St.ª Catarina, 686-692
Telefs. 25436/7 — P O R T O

Figueiroa Rego, Lda.

RUA DA PRATA, 209 a 213
RUA DA ASSUNÇÃO, 34 a 38
L I S B O A

Aos seus Ex.mos Clientes e Amigos desejam Boas Festas e um Novo Ano muito próspero.

Automóveis

ALUGUER S/ CONDUTOR — L. St.ª Bárbara, 5-B — Telefone 53 46 57

O seu proprietário, António de Oliveira e Sousa, cumprimenta os seus Ex.mos Clientes e Amigos, desejando-lhes Festas Felizes e um ANO NOVO muito próspero. 1969/70

XVI ANIVERSÁRIO

1954 1970

COMUNICADO

F. FERNANDES & COSTA, LDA., Agência Mediadora de Propriedades e Colocação de Capitais, com sede na Av. Almirante Reis, 104-2.º, em Lisboa, comunica aos seus estimados Clientes, Amigos e ao Público em geral, que os seus escritórios encontram-se encerrados no próximo dia 2 de Janeiro para reunião e confraternização de todos os seus colaboradores, por motivo de passagem de mais um aniversário da sua fundação.

A Gerência
JOSÉ DA SILVA COSTA

TEM PRÉDIO?
TEM CARRO?
ENTÃO TEM DINHEIRO
CONSULTE JÁ A
ORCOSI
Telefs. 367111 323172
Rua 1.º de Dezembro, 15

TINTAS
MARILINA
Rua de S. Paulo, 216, 1.º
LISBOA
DESEJA A TODOS OS SEUS ESTIMADOS CLIENTES E AMIGOS
FELIZ
ANO NOVO

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

HIPOTECAS
sobre
PROPRIEDADES
E AUTOMOVEIS
ROBREL
R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 4 46 02 - 53 65 69

PREFERIDO PELO DESPORTISTA

100% impermeável debaixo de água

CAUNY

Os 365 dias do ano CAUNY estará ao seu serviço

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR
A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Júlio Rocha

FABRICANTE DE MAPLES E SOFAS-CAMAS
R. S. Lázaro 43-47—LISBOA
Cumprimento os seus estimados Clientes e Amigos desejando-lhes Festas Felizes e prosperidades no próximo ano

---

AUTOMOTORA DE «FIM DE SEMANA» entre Vila Real de Santo António-Guadiana e Barreiro

A C.P. informa que as estações do Ramal de Lagos passam a vender bilhetes para a automotora especial que circula aos sábados e domingos de Vila Real de Santo António - Guadiana a Barreiro, e volta, com ligação em Tunes e no Barreiro, respectivamente, ás circulações e carreiras normais.

O preço, por passageiro, dessas estações a Lisboa (Terreiro do Paço), e volta, é de 110$00.

«O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS»
E AS FIRMAS NOSSAS COLABORADORAS

O êxito conseguido, uma vez mais, pelo nosso concurso «O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS», deve-se em grande parte à preciosa ajuda da Fundação Calouste Gulbenkian, da viúva do industrial Delfim Ferreira e da firma A. Ferreira (SINO), bem como à gentileza de firmas amigas, cujo nome mais uma vez registamos, agradecendo de novo a estupenda colaboração que nos prestaram com a oferta dos seus magníficos produtos.

Fábrica de chocolates REGINA, LDA.
Rua Sá de Miranda, 2
Telef. 63 00 75 — LISBOA-3
UMA DAS MAIS ANTIGAS FÁBRICAS DE CHOCOLATES E «DROPS»
Completamente remodelada
A MARCA QUE MARCA

Editorial Ibis
R. Henrique Paiva Couceiro, 18 Arm.-9
VENDA NOVA — AMADORA
Telefs.: 932101 e 933410
Colecção de livros para crianças, adolescentes e adultos
LIVROS POLICIAIS, DE «COW-BOYS» E DE AMOR

LAFOREST, LDA.
Av. da Liberdade, 140-2.º
LISBOA
Canetas BIC o esferográfico que está sempre na vanguarda
SILVER MATCH
O isqueiro a gás que mais se vende no Mundo

Companhia Industrial de Portugal e Colónias
Rua Jardim do Tabaco, 74
Telef. 86 61 51 — LISBOA - 2
MASSAS / BOLACHAS / FARINHAS / MASSAS ALIMENTÍCIAS — As mais modernas instalações fabris
FIGO-BAR

C. DREYDEL
Praça dos Restauradores, 13-3.º
Telef. 30638 — LISBOA-2
Representante em Portugal das afamadas meias e peugas das Marcas C. D. BERSKMEIRE e SETTER SET

Fomento Eborense, Lda. — Évora
O maior armazém do Alentejo com Torrefacção e moagem de cafés e fábricas de bolachas e biscoitos e de chocolates

Au Petit Peintre
R de S Nicolau, 104
Telef. 32 37 67 — LISBOA-2
PAPELARIAS E ARTIGOS ESCOLARES PARA DESENHO E PINTURA

Editorial Minerva
LIVREIROS — EDITORES
Telef. 32 25 35
R. Luz Soriano, 31 — LISBOA-2
OS MAIS VARIADOS LIVROS DE CULTURA E RECREIO

Walter Schmidt
Rua Fialho de Almeida, 40-A
Telef 51074 — LISBOA-1
Representante de grandes marcas estrangeiras, entre as quais a STAEDTLER uma das principais fábricas alemãs de lápis e estojos de desenho

Livraria Portugal
Rua do Carmo, 70
Telef. 30582 — LISBOA-2
LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS — LIVROS DE ESTUDO, DE RECREIO E DE CULTURA

A. GAMA REIS MR. CORK
WONDERFUL COLLECTION OF CORK SPECIALITIES
4-R. Escola Politécnica-10
LISBON (PORTUGAL)
Phone 32 58 58 Telegraruji Isolawes

Rajá
CHOCOLATES
DROPS
GELADOS

CICLO AREEIRO
AVENIDA GAGO COUTINHO, 3-A e 3-B
Telefones 72 68 70 e 71 03 42 — Lisboa-5
DEPOSITÁRIO DA AFAMADA BICICLETA NACIONAL VILAR
Representante exclusivo das motoretas PERFECTA o maior sortido de óleos, acessórios, pneus, etc.

CASA FERREIRA
Rua da Rosa, 185
Telef. 32 32 27 — LISBOA-2
Todos os materiais nacionais e estrangeiros para pintores, desenhadores alunos de Belas-Artes e estudantes
Filial: Rua da Vitória, 44

Livraria ROMANO TORRES
Rua Alexandre Herculano, 70
Telef. 68 22 96 — LISBOA-2
Editora da célebre colecção SALGARI
Os melhores livros para recreio e cultura

Confeitaria Arcádia
Praça da Liberdade, 63
PORTO
A casa especialisada em bombons procurados por todo o País

Sociedade de Cristais
Rua do Almada, 25 a 29
PORTO
Afamada em artigos de espelhos de bolso, carteira e «toilette»

Mendes Pereira Herd. Lda.
«CISNE»
C. Grande, 390 — Tel. 790001
Fábrica dos conceituados produtos CISNE, em colas, guaches, tintas para escrever e carimbar e almofadas para carimbo e aguarelas
ARTIGOS PARA ESCRITÓRIO

Livraria Clássica Editora
— de —
A. M. Teixeira & C.ª, Filhos Ld.ª
Praça dos Restauradores, 17 — LISBOA — CASA EDITORA, onde se encontram todos os livros nacionais e estrangeiros — As suas edições são consideradas das melhores do País

Fábricas Triunfo
(S. A. R. L.)
COIMBRA — Telef. 22081
Unica fábrica no centro do País com moagem e descasque de arroz — Produção de massas alimentícias, bolachas e biscoitos — Confeitaria e alimentos para animais
Depósitos em Abrantes, Faro e Porto — Em Lisboa: Rua do Comércio, 3 — Telef. 328056
LISBOA-2

FÁBRICA DE CONFEITARIA
AGUIAR
Rua Sousa Pinto, 214
VALONGO — Tel. 941207
Fábrica de bolachas e biscoitos e única com secção especializada em biscoito regional
Os produtos AGUIAR São das crianças deliciar
Distrib. exclusivo em Lisboa e arredores: Rua 5 de Outubro, 3
AMADORA

OFEREÇA AOS SEUS FILHOS OS LIVROS INESQUECÍVEIS DA SUA JUVENTUDE
●
A VENDA NAS BOAS LIVRARIAS
●

BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS
LUISA ALCOTT
● MULHERZINHAS
● BOAS ESPOSAS
ANNE BRONTE
● MISS GREY
ELIZABETH GASKELL
● INFÂNCIA E AMORES DE GARET BROWNE
GEORGE SAND
● A PEQUENA FADETTE
JANE AUSTEN
● A ABADIA DE NORTHANGER
VICTOR HUGO
● COSETTE
HECTOR MALOT
● SEM FAMÍLIA
BERTHE BERNAGE
● BRIGITTE
● O ROMANCE DE ISABEL
E DEZENAS DE OUTROS TÍTULOS

BIBLIOTECA DOS RAPAZES
ALEXANDRE DUMAS
● O VISCONDE DE BRAGELONNE
● OS TRÊS MOSQUETEIROS
● VENTE ANOS DEPOIS
● ROBIN DOS BOSQUES
CERVANTES
● DOM QUIXOTE
LESAGE
● GIL BRÁS DE SANTILHANA
FERNÃO MENDES PINTO
● NO RASTO DO CORSÁRIO
RAFAEL SABATINI
● SCARAMOUCHE
VICTOR HUGO
● GAVROCHE
DANIEL DEFOE
● ROBINSON CRUSOÉ
HEARMAN MELVILLE
● MOBY DICK
JEAN RIVERAIN
● MARCO POLO
C. S. FORESTER
● A GRANDE EPOPEIA DO MARINHEIRO HORNBLOWEH
E DEZENAS DE OUTROS TÍTULOS

EDIÇÕES INFANTIS
COM ILUSTRAÇÕES A CORES:
● CONTOS DE ANDERSEN
LEWIS CARROL
● ALICE NO PAIS DAS MARAVILHAS
● O NATAL VISTO PELAS CRIANÇAS
ARTHUR HAULOT
● RU-RU NA LUA
PAPINIANO CARLOS
● A MENINA GOTINHA DE ÁGUA
M. ILINE
● QUEM PROCURA SEMPRE ALCANÇA
CHARLES DICKENS
● A ESPINHA MÁGICA
ALVES REDOL
● CONSTANTINO GUARDADOR DE VACAS E DE SONHOS
GOMES LEAL
● HISTÓRIA DE JESUS PARA AS CRIANCINHAS LEREM
ALBERTO MANZI
● GROGH, HISTÓRIA DE UM CASTOR

PORTUGÁLIA EDITORA
25 anos ao serviço da Juventude

Philips Portuguesa
(S. A. R. L.)
Rua Joaquim A. de Aguiar, 66
Telef. 683121-9 — LISBOA-1
PHILIPS
Toda a gama de material eléctrico — Doméstico — Som e imagem — Transistores — gira-discos — máquinas de barbear
A única a lançar os jogos transistorizados para a juventude — 3 mod. — Filial no Norte: Rua Fernandes Tomás, 160 — Telef. 2 74 47 — PORTO

Livraria Bertrand
Rua Garrett, 73
Telef. 320535 — LISBOA-2
Das mais antigas editoras / Livros nacionais e estrangeiros / Departamento próprio para encomendas
Almanaque Bertrand 1967
Selecções Reader's Digest

Livraria Civilização
PORTO
AS MELHORES OBRAS DOS MELHORES ESCRITORES
Pagamentos suaves

RADIO TRIUNFO
Praça do Município, 309
Telef. 21445 — PORTO
FILIAL EM LISBOA:
CASA MELODIA
Rua do Carmo, 23
Tel. 327683 — LISBOA-2
Discos Melodia e toda a gama de aparelhagem de som, imagem, gravação e receptores eléctricos e de pilhas

SENHOR ESTUDANTE!
Prefira as COLAS e GOUACHES SINO
e veja se dentro está um tubo com 1 senha
Está, podera dar-lhe: 1 Bicicleta, ou 1 Bola, ou 1 Par de patins, ou 1 Lego, etc.—além dos Sinos e emblemas dos Clubes.
A. FERREIRA, LDA.
233 — RUA JUNQUEIRA — 233

LIVROS BRASIL
A maior editora em Portugal de livros brasileiros de cultura e recreio

Marques & Neves, Lda.
Rua Conselheiro Costa Braga, 477 a 513 — MATOSINHOS
CASA ESPECIALIZADA EM LATAS DE CONSERVA

AMBAR
Rua Manuel Pinto de Azevedo, 363 — PORTO

Luciano Matos
Rua Sá da Bandeira, 42 a 46
PORTO

AC. BRITO
Rua D. António Barroso, 270
CASA ESPECIALIZADA EM SABONETES

Couto, Lda.
Largo de S. Domingos, 109
CASA ACREDITADA da pasta medicinal COUTO

Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto
AS MELHORES MARCAS DO VINHO DO PORTO

A roupa do bebé

Uma jovem, feliz, à espera de um filho e mostrando aos amigos a roupa que já tem preparada. Uma imagem vulgar e tranquila a que se seguiria uma das maiores atrocidades de que há memória. Claro, a jovem é Sharon Tate.

Actualidades

A neta de Mauriac

Actriz francesa, lançada por Bresson, casada com Goddard, Anne Wiazemsky não é qualquer uma. Nasceu princesa, tem um avô que se chama François Mauriac, académico de França, e um tio que

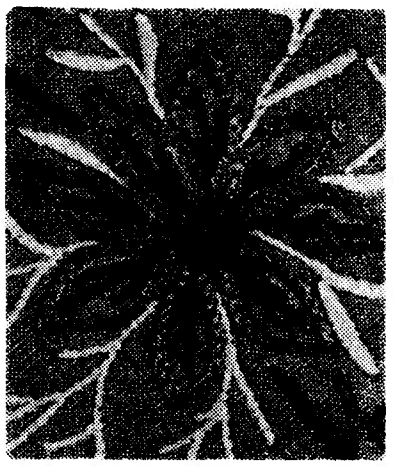
A mulher emancipada

A emancipação feminina está a adquirir em Estocolmo aspectos na verdade curiosos. Nas fotografias, duas mulheres. Primeiro Gunilha Melchersson à frente de uma banda, durante a guarda ao palácio real, depois Ingrid Pedersen, que é piloto de aviação das carreiras Anchorage - Estocolmo.

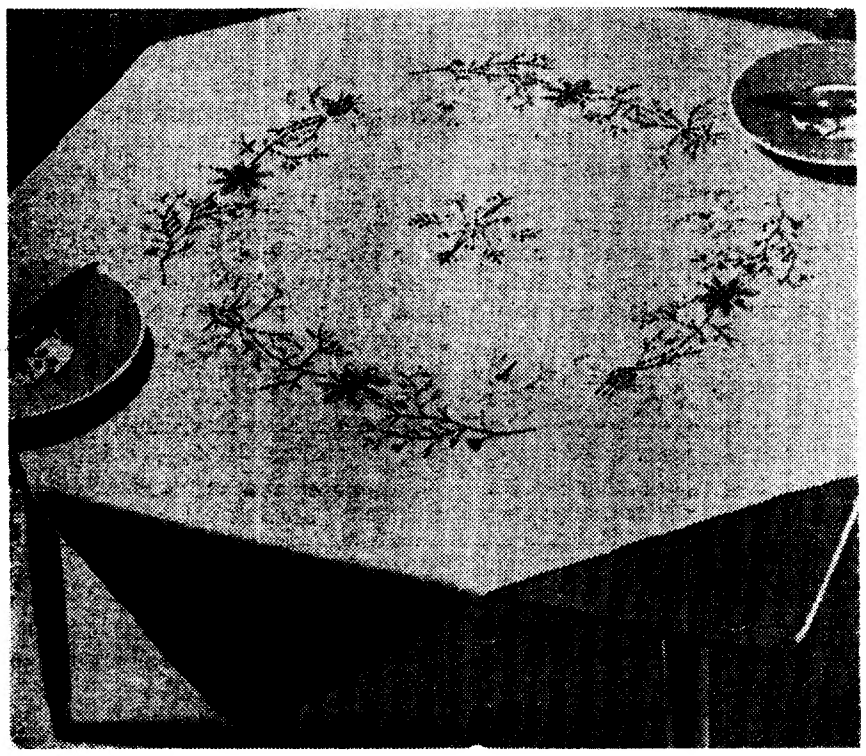
Um anjo no inferno

Morreu um homem, Karl Menke, que foi guarda num campo de concentração nazi, há 25 anos. Nesse campo havia 500 italianos prisioneiros, e depois da guerra Menke foi várias vezes visitá-los a Itália. Chamavam-lhe pai Menke e tinham razão em chamar-lhe assim, porque ele era um anjo no inferno. Ele renunciava por vezes à própria ração, dando-a aos prisioneiros mais necessitados, roubava de noite margarina para eles, vestia-se por vezes de internado para os ajudar, ou para substituir algum que se achava demasiado doente. Um caso raro? Um caso raro, mas que por isso mesmo merece ser lembrado. Os italianos prisioneiros no lager de Lichplatz nunca o esquecerão. Eles foram prisioneiros em todo o caso felizes, decerto os únicos no Terceiro Reich.

Toalha de mesa



Toalha de linho azul-claro bordada, a ponto pé de flor ponto de cadeia, ponto baixo e ponto de nó, com algodão «perlé» Ancora branco, azul-médio e azul-escuro. Um pormenor ampliado faz-nos saber que se trata de um bordado que sendo muito vistoso não oferece dificuldades na execução. As leitoras que desejarem reproduzi-lo podem adquirir o seu desenho, no tamanho natural, mediante a quantia de 10$00 enviada em selos de correio á Página da Mulher — «Diário de Lisboa», Rua da Rosa 57, 2.º, Lisboa.



Você sabe que é Long John...

Agentes distribuidores exclusivos:
Vinalda, Lda.
Rua Sousa Martins, 9-B – Lisboa
Telefs. PPC 54997-58528

O CASO DO FILHO ÚNICO

MUITO SE TEM DITO e escrito contra o filho unico. Egoista, indisciplinado, ingrato para com os pais, pouco preparado para enfrentar a vida, sempre agarrado ás saias da mãe, casando tarde, cheio de complexos, o filho unico não tem sido poupado. Todos denunciavam esta calamidade, já considerada como egoismo da parte dos pais. Psicólogos e psiquiatras haviam de resto dado a sua convicção geral, a certeza que traz a ciência. «O filho unico tem logo de início um «handicap: não possui as mesmas possibilidades dos outros», escreveu Maurice Porot. E Fernand Cortez: «Hoje nas cidades, a educação de uma criança só pode ser harmoniosa e completa se ela tiver irmãos e irmãs. Ao filho unico falta sempre o companheiro de brinquedos, o interlocutor da mesma idade, esse egoismo suplementar que depende a sua autonomia e fornece a noção do meu e do teu.»

Esta posição parecia válida. O filho unico, pensava-se pois, sofre com o isolamento, com a falta de contactos. E um indivíduo que cresce «in vitro», sem afrontar no âmbito da família, na competição com os irmãos, a problemática que a vida inevitàvelmente há-de pôr diante de si. Os mesmos mestres asseguraram conhecer um filho unico «á distancia».

Mas eis que a reabilitação do filho único está a processar-se. Recentemente, o «New York Times» publicou uma constatação surpreendente e inédita. O conhecido jornal dizia no seu artigo que os três heróis da «Apolo 8» não têm irmãos nem irmãs, e que 21 dos 26 cosmonautas já colocados em órbita pelos especialistas de Cabo Kennedy são filhos únicos ou filhos primogénitos (que durante alguns anos foram únicos.) E isto porquê? Pela simples razão de que os pais darem mais atenção e maiores responsabilidades ao filho único ou ao primogénito. Melhor preparados, el-los com um espírito de competição que lhes abre as portas do êxito. Todas as considerações feitas no referido artigo são, pois, contrárias às da psicologia.

Segundo esta nova tendência, a «maldição» seria afinal uma «bênção». G. P. Guasch, autor de «L'École des Parents», assegura que as relações entre o filho único e os pais favorecem uma certa prematuridade intelectual, factor essencial dos êxitos da criança na escola. «O filho único é ordenado, asseado, menos violento e com melhores condições de desenvolvimento intelectual do que os seus companheiros pertencentes a famílias numerosas». Alguns especialistas chegam ao ponto de estudar o filho único segundo a sua situação familiar: filho desejado, ou não, de pais desunidos, ou não, de mãe demasiado jovem, filho único devido á vontade egoista dos pais, e não, etc. Segundo Robert Diatkine, director de um centro de saúde mental, o ambiente familiar ou sociocultural é mais importante do que o facto de se ser, ou não, filho único. «O filho de uma família numerosa é que constitui problema, porque esse tipo de núcleo apresenta um grave inconveniente: a mãe tem uma relação com os filhos e(conjunto), sem individualizar a relação com cada um deles em particular.

Borman, Anders e Lovell, os três astronautas que no dia de Natal de 1968 entraram pela primeira vez em órbita lunar, são todos eles filhos únicos

AS RECEITAS DA LEITORA

Sopa-creme de natas

INGREDIENTES — 2 gemas de ovos; 2 cubos de caldo de galinha; 1 chávena de natas frescas; 2 colheres, das de sopa, de sagu; 1 colher, das de sopa, de salsa picada; sal e pimenta, q. b.; 1 litro e 1/2 de água.

PREPARAÇÃO — Põe-se a água ao lume com os cubos de caldo de galinha. Deixa-se ferver durante 5 minutos. Passa-se por um pano. Leva-se de novo ao lume e quando ferver deita-se-lhe o sagu em chuva. Quando o sagu estiver cozido e transparente adiciona-se o sal necessário e pimenta. No momento de servir juntam-se-lhes as gemas desfeitas numa chávena de caldo morno, as natas e a salsa picada.

Galinha recheada

INGREDIENTES — 1 galinha viva; 2 colheres, das de sopa, de Vaqueiro; 3 colheres, das de sopa, de vinho branco; 2 dentes de alhos; sal e pimenta.

PREPARAÇÃO — Mata-se a galinha cortando-se-lhe o pescoço rente à cabeça ou pelo meio. Depena-se, tira-se a parte interior do pescoço deixando-se a pele inteira e pelo interior desta faz-se sair o papo. Dá-se um golpe na parte inferior do ventre e por ele se tiram as vísceras. Lava-se a galinha e unta-se por dentro com os alhos pisados com sal, pimenta e margarina. Enchem-se as cavidades do papo e do ventre com o seguinte recheio:

INGREDIENTES PARA O RECHEIO — 125 g de carne de vitela, magra; 125 g de carne de porco; 125 g de presunto; 1 gema de ovo; 1 pão pequeno; 1 cebola; 1 colher, das de sopa, de margarina; 1 chávena de leite; 2 colheres, das de sopa, de vinho do Porto; sumo de meio limão; sal, pimenta e raspa de noz moscada.

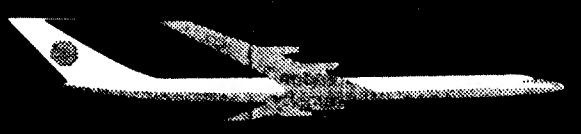
PREPARAÇÃO — Passam-se na máquina de moer a carne de porco e a de vitela e o pão. Numa caçarola refoga-se a cebola picada com a margarina. Junta-se o picado, o leite, os têmperos todos e o presunto cortado em pequenos cubos. Depois de recheada a galinha cozem-se os orifícios todos, põe-se num tabuleiro, unta-se com a mistura dos alhos prèviamente feita, rega-se com o vinho branco e leva-se a assar no forno. Serve-se enfeitada com agriões e rabanetes.

Bolo de Natal

INGREDIENTES — 6 ovos; 200 g de açúcar; 200 g de margarina; 200 g de chocolate ralado; 200 g de farinha; 1 colher, das de chá, de fermento em pó.

PREPARAÇÃO — Bate-se a margarina com o açúcar. Juntam-se as gemas e o chocolate e mexe-se. Mistura-se-lhe a farinha com o fermento e, por fim, as claras batidas em castelo mexendo levemente e pouco. Deita-se em fôrma untada e leva-se acozer durante 40 minutos em forno médio. Cobre-se depois de ter arrefecido com «glace» branco feito com a mistura de 400 gramas de açúcar inglês — «Icing sugar» — e 3 claras batidas em castelo, adicionadas de algumas gotas de sumo de limão.

para o Brasil
quem voa viaja pela VARIG



com
28,75%
de desconto

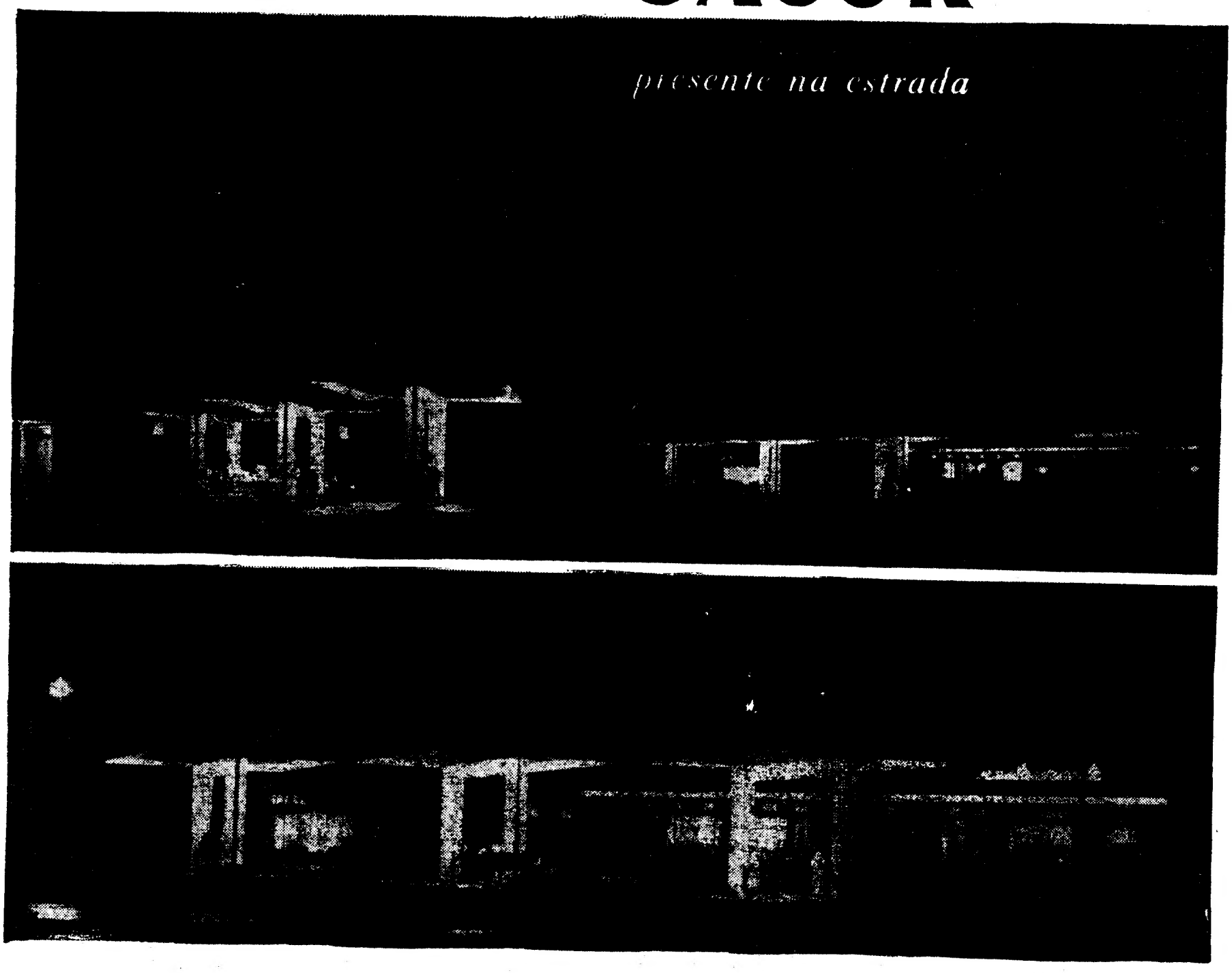
Em vigor desde 15 de Setembro, as nossas tarifas de classe económica para o Brasil oferecem uma redução de 28,75%.
Isto significa que a sua oportunidade de realizar a viagem que sempre imaginou foi aumentada exactamente nessa proporção: 28,75%.
Estas condições são válidas para portugueses ou brasileiros com Carteira de Residência em Portugal
Viage pela VARIG, com o impecável serviço de bordo dos nossos jactos internacionais.

Ida e Volta de Lisboa para:	Preço Normal	Novas tarifas* excursão com taxa incluida
Rio de Janeiro	20.862$70	14.868$10
São Paulo	21.454$90	15.290$40
Recife	19.070$50	13.590$90
Brasília	20.862$70	14.868$10
Belo Horizonte	20.862$70	14.868$10
Porto Alegre	22.649$70	16.989$90

*As condições especiais relativas às novas TARIFAS DE EXCURSÃO poderão ser reconhecidas em sua Agência IATA de Viagens ou na VARIG.

VARIG
Linhas Aéreas Brasileiras

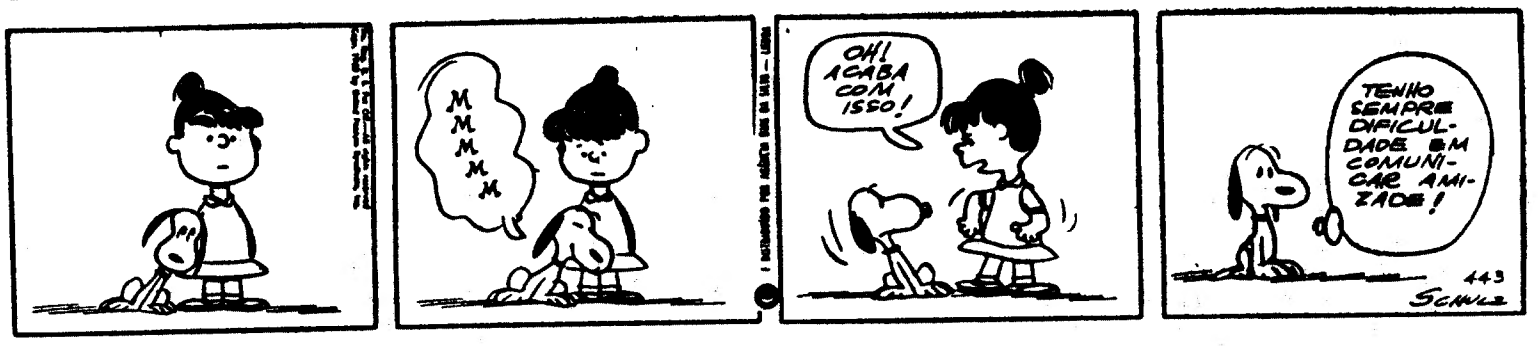
SACOR



A SACOR tem o prazer de anunciar que, para cumprir o permanente programa de melhoramento e ampliação da sua rede de abastecimento e assistência rodoviária no País - 317 estações de serviço e postos de abastecimento no fim de 1968 -, estabeleceu no decorrer do ano de 1969 mais os seguintes 24 posições de venda:

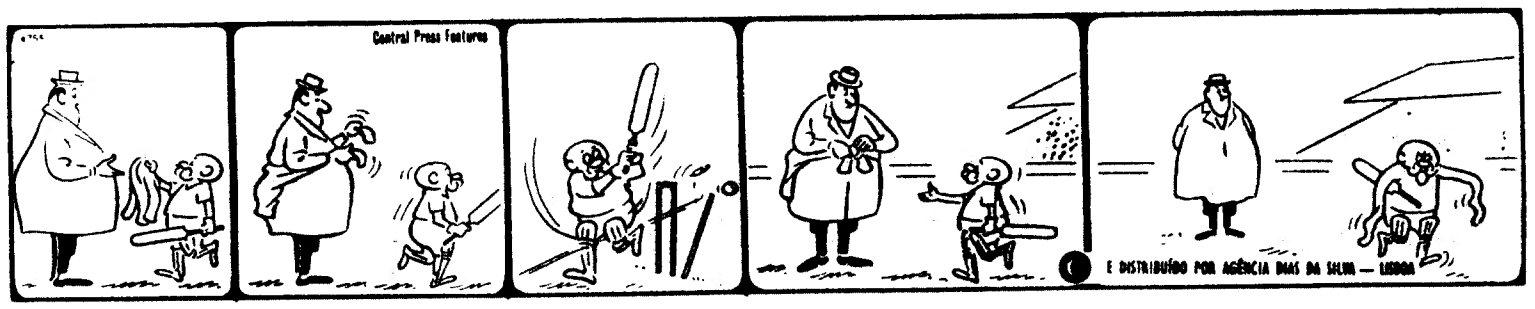
BEJA (Rua 5 de Outubro) — Costa & Silva, Lda. • CANIÇAL (Madeira) — José da Nóbrega • CASAIS DE SANTA TEREZA (Alcobaça) — Conc.: Paramos & Merino, Lda. • COIMBRA (Av. Fernão Magalhães) — Conc.: Sociedade Filantrópica Académica • COIMBRA (Rua dos Combatentes da Grande Guerra, 98) — Automóveis do Mondego, Lda. • CORUJEIRA (Vila da Feira) — Conc.: Amorins, Santos & Silva, Lda. • LAGES (Horta) — João Germano de Deus • LISBOA (Rua dos Industriais, 27-C) — Auto Bernardino • (Rua de Infantaria, 85-C) — Auto Pelicano, Lda. • (Rua Manuel da Maia, 22-A) — ELFE - Empresa Comercial e Industrial de Automóveis e Acessórios, Lda. • MONTE GORDO (Vila R. St.º António) — Conc.: Jorge Roque & Morgado, Lda. • PONTE DA BARCA — Conc.: José Carneiro Bouças • PONTE DE SOR — Auto Reparadora Ouriense, Lda. • PONTES (Setúbal) — Conc.: Leonel do Rosário Jorge • PORTO (Rua Marechal Saldanha, 294) — Auto Cabines, Lda. • (Rua Júlio Dinis, 844) — Garagem Bragança, Lda. • (Rua Paulo da Gama, 470) — Estação de Serviço da Pastelaria • SABUGAL — David Alexandre • SANTA CRUZ (Horta) — João Germano de Deus • SANTA CRUZ DA GRACIOSA (Angra do Heroísmo) — Gregório & Lobão, Lda. • S. CRISTÓVÃO (Montemor-o-Novo) — Francisco João Maçarico • SERPA — Conc.: António Malveiro e José F. Malveiro • SESIMBRA (Cais) — Deocleciano Lúcio Rodrigues • VIATODOS (Barcelos) — Manuel F. da Silva e José Barbosa.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Alto cargo criado na PAA

Com a preocupação de atender aos problemas afectos aos desenvolvimento da aviação comercial, a «Pan American» acaba de criar um novo cargo: o de «senior» vice-presidente e director-geral para os serviços de transportes, tendo sido escolhido o sr. Richard S. Mitchell, que terá a função de administrar todos os processos e operações específicas do cargo, incluindo a supervisão da introdução e do programa internacional da entrada ao serviço dos superjactos 747.

O sr .Mitchell é um veterano da aviação, com mais de 40 anos de serviço, além da sua activa participação nas industrias espaciais, tendo sido mesmo director da Divisão dos Serviços Espaciais da «PAA».

As carreiras da «PAA» para Moscovo

A «PAA» está a realizar já dois voos semanais entre Nova York e Moscovo, com os seus superjactos, no decorrer deste Inverno, além de servir a capital da U. R. S. S. nos seus voos de volta ao mundo.

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

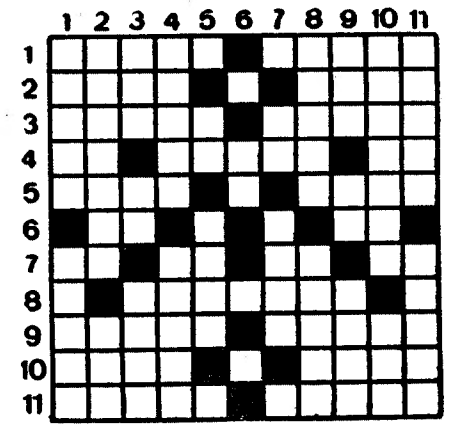
PROBLEMA N.º 5403

HORIZONTAIS: 1 — Vírgulas dobradas. Afia. 2 — Aquele que. Rezem. 3 — Dar urros. Fio de latão. 4 — Érbio (s. q.). Alentado. Prefixo de privação. 5 — Bosque. Dama nas cartas de jogar. 6 — Nota musical. Pronome pessoal. 7 — Basta. Utensílio doméstico. Artigo indefinido. Apelido. 8 — Rasparam. 9 — Anuncia. Aliado. 10 — Voz de macho (pl.). Tempo do verbo ser. Superfície plana delimitada. 11 — Queimar. Tribos indígenas brasileiras.

VERTICAIS: 1 — Do lado de cá. Cova para apanhar feras. 2 — Batera. Reles. 3 — Preposição. Pronome pessoal. Cursos de água natural e abundante. 4 — A essência. Impinge. 5 — Letra grega. Cobertura. 6 — Estrépito de desmoronamento. 7 — Preposição latina que designa movimento. Sara. 8 — Interstícios da pele. Sugar o leite materno. 9 — Pedra de altar. Ribeira da Ásia Russa. Rio de Portugal. 10 — Acabamentos. Prefixo que designa terra. 11 — Suave. Levas á singa.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5402

HORIZONTAIS: 1 — Ab. Pardo. Cá. 2 — Car. Duo. Mil. 3 — Aleo. Móni. 4 — Tempestades. 5 — Azo. Noa. Ema. 6 — Raimu. Ralai. 7 — A. Sanarão. 8 — Ecoem. 9 — Mie. Ira. Uma. 10 — Aa. Croas. Or. 11 — Trair. Acoaro.

VERTICAIS: 1 — Acatara. Mar. 2 — BELEZA. Ciar. 3 — Remoia. É. A. 4 — Op. MÃE. Si. 5 — Ad. Enunciar. 6 — Russo. Aoro. 7 — DO. Tarreara. 8 — Má. Aam. CC. 9 — Modelo. 10 — Cinema. AMOR. 11 — Alisais. Aro.

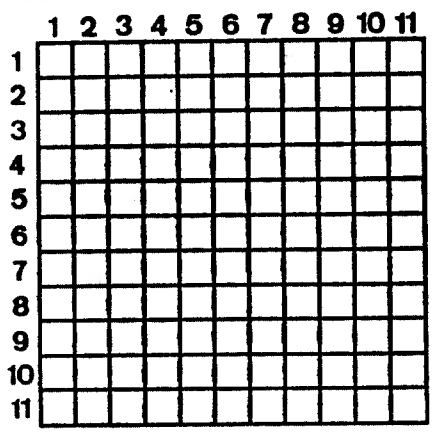
Provérbio: A BELEZA É MÃE DO AMOR.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9246

HORIZONTAIS: 1 — Nome de peixe. Insecto roedor. 2 — Gostar muito de. Fecham as asas para descer mais depressa. 3 — Freguesia do concelho de Penafiel. Piedosa. Naquele lugar. 4 — Caminhar. Vila e concelho do distrito de Portalegre. Amónio (s. q.). 5 — Grande fala. Ligara. 6 — Suspiros. Mil quinhentos e cinco em romana. 7 — Progenitores. Ilha situada no Pequeno Belt. 8 — Governanta. Giboia. Em as. 9 — Praça. Folha de videira. Abreviatura de Santíssimo. 10 — Par data em. Derribo. 11 — Grande cão de fila. Patrões.

VERTICAIS: 1 — Cidade de França. Aguardente de medronho. 2 — Estimara. Plantio de amieiros. 3 — Chefe etíope. Casta. Pasta. 4 — Grama (abrev.). Tombas. Sustento. 5 — Vantagens. Botequim. 6 — Irmão da mãe. Colocar. 7 — Peixe do Algarve. Pedra de altar. 8 — Reis. Vaga. Falda. 9 — Camareira. Grão-duque de todas as Russias que escolheu Moscovo para sua capital. Antes do meio-dia. 10 — Guardar segredo. Pegada. 11 — Acarinha. Restos mortais.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9245

HORIZONTAIS: 1 — Facas. Amaça. 2 — Ero. Olá. Fan. 3 — Idas. Raso. 4 — Terem. Tinar. 5 — Aramo. Imola. 6 — Roa. 7 — Alforge. 8 — Pavio. Aarão. 9 — Alfa. Zara. 10 — Gás. Lua. Dor. 11 — Arada. Brasa.

VERTICAIS: 1 — Feita. Apaga. 2 — Ardera. Alar. 3 — Coana. Avisa. 4 — Sem. Zio. 5 — Só. Morfa. Lá. 6 — Zi. Oó. Tu. 7 — Aa. Tiara. Ab. 8 — Rim. Jaz. 9 — Asaro. Erado. 10 — Casada. Aros. 11 — Amora. Seara.

LIVROS NOVOS

«A ARTE DA GUERRA DO MAR»

do Padre Fernando Oliveira

Padre Fernando Oliveira foi um dos mais truculentos portugueses de quinhentos. Sacerdote, navegador, guerreiro, considerado herege pela Inquisição, feito prisioneiro por piratas argelinos, e, ao mesmo tempo, estudioso da gramática, da composição literária e dos arquivos da Universidade de Coimbra, este padre Fernando Oliveira tem, por via das edições do Ministério da Marinha, reabilitada a sua obra, na Colecção Documentos.

«A Arte da Guerra do Mar» é uma obra notável de divulgação e de ofício, pois como o próprio autor explica **«para a realizar, tomou muito trabalho, andando por muitas partes do mar de Espanha e França, Itália, Inglaterra e algumas de terra de mouros, vendo suas taracenas e praticando com seus carpinteiros e aprendendo seus estilos e modos dessa carpintaria e fábrica».**

É curioso, aliás, referir que, já em 1555, como se escreve no prefácio desta sua edição de «A Arte da Guerra do Mar», **«com inaudito desassombro, para ser tão ostensivamente manifestado no seu tempo e por indivíduo da sua melindrosa situação social, o nosso autor condenava energicamente as guerras movidas pelos cristãos, aos infiéis ou indígenas e, também, considerava odiosa prática de escravizar, como então se admitia sem reserva, mesmo entre os povos julgados na vanguarda da civilização».**

«O SENTIDO ÉPICO E TRÁGICO DA VIDA NA LITERATURA JAPONESA»

por Armando Martins Janeira

Armando Martins Janeira, orientalista de larga projecção, escritor e diplomata que muito tem prestigiado o País além-fronteiras, em especial no Oriente, contribuindo para o desenvolvimento do intercambio luso-nipónico, acaba de publicar, no Japão, mais uma obra notável, profundo e clarificador estudo comparativo da mentalidade e da cultura japonesas em face do pensamento ocidental — «The Epic an the Iragic Sense of Lifé in Japanese Literature — A Comparative Essay Japanese and Western Culture».

Escritor — ensaista, dramaturgo, historiador —, a cuja valiosa obra a crítica vem prestado relevantes homenagens e que tem brilhante colaboração no «Diário de Lisboa», este seu valioso trabalho, baseado numa série de conferências na Universidade Japonesa de Ayama Gakuin foi divulgado pela Associação Cultural do Nipon e, escrito em inglês, tem agora a maior expansão — pois trata-se, na verdade, de um livro que, pelo seu interesse, adquire amplitude internacional.

Em «O Sentido Épico e Trágico da Vida na Literatura Japonesa» depara-se-nos, através de uma acuidade analítica, penetrante, esclarecedora, um vasto panorama que permite o elucidativo confronto da alma e do pensamento nipónico com as determinantes, os valores e os rumos da cultura do Ocidente, desde as fontes da cultura grega e salientando o seu efeito, quando colocado o problema ante a ideia e as doutrinas cristã e budista; depois, os mitos, seus significados e sua expressão no Oriente e no Ocidente, reflectida na novelística e na dramaturgia dos tempos modernos; e, ainda, como o título também inculca, o sentido trágico da vida, com o cómico que sempre se lhe associa, o ideal artístico e o esteticismo e os factores típicamente japoneses, salientando, também, a influência do Ocidente, que perdura na literatura moderna do Nipon.

Obra aliciante, de enlevo e motividade, revela a vasta e profunda cultura de Armando Martins Janeira, o requinte da sua sensibilidade, um espírito aberto ás meditações e aos fenómenos da vida que nos cerca e o conhecimento da alma japonesa.

O livro, em elegante edição, com uma esvoaçante sugestão de fulgurante exotismo, é apresentado pela importante editorial Charles E. Tuttle Company, de Tóquio — e faz jus a uma difusora tradução em português.